

Português, de 2000 a 2018

Tópicos	Nº Questões	Porcentagem
Literatura	138	38,02%
Gramática	132	36,36%
Interpretação	93	25,62%
Total	363	100%

Português, de 2010 a 2018

Tópicos	Nº Questões	Porcentagem
Literatura	72	46,15%
Gramática	45	28,85%
Interpretação	39	25,00%
Total	156	100%

GRUPO EXATAS

Sumário

1	Gramática - 2000 a 2009	3
1.1	Gabarito - Gramática - 2000 a 2009	30
2	Gramática - 2010 a 2018	31
2.1	Gabarito - Gramática - 2010 a 2018	49
3	Interpretação - 2000 a 2009	50
3.1	Gabarito - Interpretação - 2000 a 2009	66
4	Interpretação - 2010 a 2018	67
4.1	Gabarito - Interpretação - 2010 a 2018	80
5	Literatura - 2000 a 2009	81
5.1	Gabarito - Literatura - 2000 a 2009	100
6	Literatura - 2010 a 2018	101
6.1	Gabarito - Literatura - 2010 a 2018	123

1 Gramática - 2000 a 2009

1. (2000) Você pode dar um rolê de bike, lapidar o estilo a bordo de um skate, curtir o sol tropical, levar sua gata para surfar.

Considerando-se a variedade linguística que se pretendeu reproduzir nesta frase, é correto afirmar que a expressão proveniente de variedade diversa é

- (a) "dar um rolê de bike".
- (b) "lapidar o estilo".
- (c) "a bordo de um skate".
- (d) "curtir o sol tropical".
- (e) "levar sua gata para surfar".

Texto para a questão 2

Na planície avermelhada, os juazeiros alargavam duas manchas verdes. Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos. Ordinariamente andavam pouco, mas como haviam repousado bastante na areia do rio seco, a viagem progredira bem três léguas. Fazia horas que procuravam uma sombra. A folhagem dos juazeiros apareceu longe, através dos galhos pelados da caatinga rala.

(Graciliano Ramos, Vidas secas)

2. (2000) Reestruturando-se o terceiro período do texto, mantém-se o sentido original apenas em:

- (a) A viagem progredira bem três léguas, uma vez que haviam repousado bastante na areia do rio seco, dado que ordinariamente andavam pouco.
- (b) Haviam repousado bastante na areia do rio seco; a viagem progredira bem três léguas porque ordinariamente andavam pouco.
- (c) Porque haviam repousado bastante na areia do rio seco, ordinariamente andavam pouco, e a viagem progredira bem três léguas.
- (d) Ainda que ordinariamente andassem pouco, a viagem progredira bem três léguas, pois haviam repousado bastante na areia do rio seco.
- (e) Em virtude de andarem ordinariamente pouco e de haverem repousado bastante na areia do rio seco, a viagem progredira bem três léguas.

3. (2000)

O caso triste, e digno da memória
Que do sepulcro os homens desenterra,
Aconteceu da mísera e mesquinha
Que depois de ser morta foi rainha.

Para o correto entendimento destes versos de Camões, é necessário saber que o sujeito do verbo desenterra é

- (a) os homens(por licença poética).
- (b) ele(oculto).
- (c) o primeiro que.
- (d) o caso triste.
- (e) sepulcro.

Texto para a questão 4

Na planície avermelhada, os juazeiros alargavam duas manchas verdes. Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos. Ordinariamente andavam pouco, mas como haviam repousado bastante na areia do rio seco, a viagem progredira bem três léguas. Fazia horas que procuravam uma sombra. A folhagem dos juazeiros apareceu longe, através dos galhos pelados da caatinga rala.

(Graciliano Ramos, Vidas secas)

4. (2000) Tendo em vista a relação, neste texto, entre o vocabulário e os efeitos de sentido, é INCORRETO afirmar que

- (a) o adjetivo "avermelhada" retrata o rigor do clima.
- (b) "rio seco", "galhos pelados", "caatinga rala" caracterizam um espaço hostil aos viajantes.
- (c) as palavras empregadas pelo narrador reproduzem as das personagens.
- (d) os nomes dos viajantes substituem-se por um adjetivo substantivado - "os infelizes".
- (e) a expressão "o dia inteiro" equivale a "todo o dia".

Texto para a questão 5

As duas manas Lousadas! Secas, escuras e gárrulas como cigarras, desde longos anos, em Oliveira, eram elas as esquadrihadoras de todas as vidas, as espalhadoras de todas as maledicências, as teceadeiras de todas as intrigas. E na desditosa cidade, não existia nódoa, pecha, bule rachado, coração dorido, algibeira arrasada, janela entreaberta, poeira a um canto, vulto a uma esquina, bolo encomendado nas Matildes, que seus olhinhos furantes de azeviche sujo não descortinassem e que sua solta língua, entre os dentes ralos, não comentasse com malícia estridente.

(Eça de Queirós, A ilustre Casa de Ramires)

5. (2000) Há, no texto, analogia entre o sentido da expressão "gárrulas como cigarras" e o sentido de
- (a) "tecedeiras de todas as intrigas".
 - (b) "olhinhos furantes".
 - (c) "azeviche sujo".
 - (d) "sua solta língua".
 - (e) "entre os dentes ralos".

Texto para a questão 6

A explosão dos computadores pessoais, as "infovias", as grandes redes - a Internet e a World Wide Web - atropelaram o mundo. Tornaram as leis antiquadas, reformularam a economia, reordenaram prioridades, redefiniram os locais de trabalho, desafiaram constituições, mudaram o conceito de realidade e obrigaram as pessoas a ficar sentadas, durante longos períodos de tempo, diante de telas de computadores, enquanto o CD-Rom trabalha. Não há dúvida de que vivemos a revolução da informação e, diz o professor do MIT, Nicholas Negroponte, revoluções não são sutis.

(Jornal do Brasil, 13/02/96)

6. (2000) As aspas foram usadas em "infovias" pela mesma razão por que foram usadas em:
- (a) Mesmo quando a punição foi confirmada, o "Alemão", seu apelido no Grêmio, não esmoreceu.
 - (b) ... fica fácil entender por que há cada vez mais pessoas preconizando a "fujimorização" do Brasil.
 - (c) O Paralamas, que normalmente sai "carregado" de prêmios, só venceu em edição.
 - (d) A renda média "per capita" da América latina baixou para 25% em 1995.
 - (e) A torcida gritava "olé" a cada toque de seus jogadores.

Texto para a questão 7

Ossian o bardo é triste como a sombra
Que seus cantos povoa. O Lamartine
É monótono e belo como a noite,
Como a lua no mar e o som das ondas...
Mas pranteia uma eterna monodia,
Tem na lira do gênio uma só corda;
Fibra de amor e Deus que um sopro agita:

Se desmaia de amor a Deus se volta,
Se pranteia por Deus de amor suspira.
Basta de Shakespeare. Vem tu agora,
Fantástico alemão, poeta ardente
Que ilumina o clarão das gotas pálidas
Do nobre Johannisberg! Nos teus romances
Meu coração deleita-se... Contudo,
Parece-me que vou perdendo o gosto,
(. . .)

(Álvares de Azevedo, Lira dos vinte anos)

7. (2000) "Fibra de amor e Deus que um sopro agita:" (verso 7)
Os dois pontos no final deste verso introduzem uma
- (a) citação.
 - (b) explicação.
 - (c) enumeração.
 - (d) gradação.
 - (e) concessão.

Texto para a questão 8

Sinha Vitória falou assim, mas Fabiano resmungou, franziu a testa, achando a frase extravagante. Aves matarem bois e cabras, que lembrança! Olhou a mulher, desconfiado, julgou que ela estivesse tresvariando.

(Graciliano Ramos, Vidas secas)

8. (2000) O prefixo assinalado em "tresvariando" traduz idéia de
- (a) substituição.
 - (b) contiguidade.
 - (c) privação.
 - (d) inferioridade.
 - (e) intensidade.

Texto para a questão 9

Essa vida por aqui
é coisa familiar;
mas diga-me retirante,
sabe benditos rezar?
sabe cantar excelências,
defuntos encomendar?
sabe tirar ladainhas,
sabe mortos enterrar?

(João Cabral de Melo Neto, Morte e vida severina)

9. (2000) O número de sílabas métricas (ou poéticas) dos versos do excerto é o mesmo do seguinte provérbio:

- (a) A bom entendedor/ meia palavra basta.
- (b) Água mole em pedra dura/ tanto bate até que fura.
- (c) Quem semeia vento/ colhe tempestades.
- (d) Quem dorme com cães/ amanhece com pulgas.
- (e) Cabeça de vadio/ hospedaria do diabo.

Texto para a questão 10

Óbito do autor

Algum tempo hesitei se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim, isto é, se poria em primeiro lugar o meu nascimento ou a minha morte. Suposto o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método: a primeira é que eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor, para quem a campa foi outro berço; a segunda é que o escrito ficaria assim mais galante e mais novo.

(Machado de Assis, Memórias póstumas de Brás Cubas, Capítulo primeiro)

10. (2000) A metáfora presente em "a campa foi outro berço" baseia-se

- (a) na relação abstrato/concreto que há em campa/berço.
- (b) no sentido conotativo que assume a palavra campa.
- (c) na relação de similaridade estabelecida entre campa e berço.
- (d) no sentido denotativo que tem a palavra berço.
- (e) na relação todo/parte que existe em campa/berço.

Texto para a questão 11

As duas manas Lousadas! Secas, escuras e gárrulas como cigarras, desde longos anos, em Oliveira, eram elas as esquadrihadoras de todas as vidas, as espalhadoras de todas as maledicências, as tece-deiras de todas as intrigas. E na desditosa cidade, não existia nódoa, pecha, bule rachado, coração dorido, algibeira arrasada, janela entreaberta, poeira a um canto, vulto a uma esquina, bolo encomendado nas Matildes, que seus olhinhos furantes de azeviche sujo não descortinassem e que sua solta língua, entre os dentes ralos, não comentasse com malícia estridente.

(Eça de Queirós, A ilustre Casa de Ramires)

11. (2000) No texto, o emprego de artigos definidos e a omissão de artigos indefinidos têm como efeito, respectivamente,

- (a) atribuir às personagens traços negativos de caráter; apontar Oliveira como cidade onde tudo acontece.
- (b) acentuar a exclusividade do comportamento típico das personagens; marcar a generalidade das situações que são objeto de seus comentários.
- (c) definir a conduta das duas irmãs como criticável; colocá-las como responsáveis pela maioria dos acontecimentos na cidade.
- (d) particularizar a maneira de ser das manas Lousadas; situá-las numa cidade onde são famosas pela maledicência.
- (e) associar as ações das duas irmãs; enfatizar seu livre acesso a qualquer ambiente na cidade.

12. (2000) Um dos recursos expressivos de Guimarães Rosa consiste em deslocar palavras da classe gramatical a que elas pertencem.

Destas frases de "Sorôco, sua mãe, sua filha", a única em que isso NÃO ocorre é:

- (a) "...os mais detrás quase que corriam. Foi o de não sair mais da memória".
- (b) "...não queria dar-se em espetáculo, mas representava de outroras grandezas".
- (c) "...mas depois puxando pela voz ela pegou a cantar".
- (d) "...sem jurisprudência, de motivo nem lugar, nenhum, mas pelo antes, pelo depois".
- (e) "...ela batia com a cabeça, nos docementes".

Texto para a questão 13

Sinha Vitória falou assim, mas Fabiano resmungou, franziu a testa, achando a frase extravagante. Aves matarem bois e cabras, que lembrança! Olhou a mulher, desconfiado, julgou que ela estivesse tresvariando.

(Graciliano Ramos, Vidas secas)

13. (2000) Uma das características do estilo de Vidas secas é o uso do discurso indireto livre, que ocorre no trecho

- (a) "Sinha Vitória falou assim".
- (b) "Fabiano resmungou".

- (c) "franziu a testa".
- (d) "que lembrança".
- (e) "olhou a mulher".

Texto para a questão 14

As duas manas Lousadas! Secas, escuras e gárrulas como cigarras, desde longos anos, em Oliveira, eram elas as esquadrihadoras de todas as vidas, as espalhadoras de todas as maledicências, as tece-deiras de todas as intrigas. E na desditosa cidade, não existia nódoa, pecha, bule rachado, coração do-rido, algibeira arrasada, janela entreaberta, poeira a um canto, vulto a uma esquina, bolo encomen-dado nas Matildes, que seus olhinhos furantes de azeviche sujo não descortinassem e que sua solta língua, entre os dentes ralos, não comentasse com malícia estridente.

(Eça de Queirós, A ilustre Casa de Ramires)

14. (2000) A correlação de tempos que, neste texto, se verifica entre as formas verbais existia, descortinas-se comentasse, mantém-se apenas em:
- (a) não existe; não descortinem; não comente.
 - (b) não existiu; não teriam descortinado; não teria comentado.
 - (c) não existira; não tinham descortinado; não tinha comentado.
 - (d) não existirá; não tiverem descortinado; não tiver comentado.
 - (e) não existiria; não descortinavam; não comentava.

Texto para a questão 15

Óbito do autor Algum tempo hesitei se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim, isto é, se poria em primeiro lugar o meu nascimento ou a minha morte. Suposto o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método: a primeira é que eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor, para quem a campa foi outro berço; a segunda é que o escrito ficaria assim mais galante e mais novo.

(Machado de Assis, Memórias póstumas de Brás Cubas, Capítulo primeiro)

15. (2000) No texto, o particípio suposto expressa uma idéia de

- (a) causa.
- (b) finalidade.
- (c) tempo.
- (d) concessão.
- (e) conformidade

16. (2001) A única frase que NÃO apresenta desvio em relação à regência (nominal e verbal) recomendada pela norma culta é:
- (a) O governador insistia em afirmar que o assunto principal seria "as grandes questões nacionais", com o que discordavam líderes pefelistas.
 - (b) Enquanto Cuba monopolizava as atenções de um clube, do qual nem sequer pediu para integrar, a situação dos outros países passou despercebida.
 - (c) Em busca da realização pessoal, profissionais escolhem a dedo aonde trabalhar, priorizando à empresas com atuação social.
 - (d) Uma família de sem-teto descobriu um sofá deixado por um morador não muito consciente com a limpeza da cidade.
 - (e) O roteiro do filme oferece uma versão de como conseguimos um dia preferir a estrada à casa, a paixão e o sonho à regra, a aventura à repetição.
17. (2001) Considerando-se a relação lógica existente entre os dois segmentos dos provérbios adiante citados, o espaço pontilhado NÃO poderá ser corretamente preenchido pela conjunção mas, apenas em:
- (a) Morre o homem, (...) fica a fama.
 - (b) Reino com novo rei, (...) povo com nova lei.
 - (c) Por fora bela viola, (...) por dentro pão bolorento.
 - (d) Amigos, amigos! (...) negócios à parte.
 - (e) A palavra é de prata, (...) o silêncio é de ouro.

Texto para a questão 18

Só os roçados da morte
compensam aqui cultivar,
e cultivá-los é fácil:
simples questão de plantar;
não se precisa de limpa,
de adubar nem de regar;
as estiagens e as pragas
fazem-nos mais prosperar;
e dão lucro imediato;
nem é preciso esperar
pela colheita: recebe-se
na hora mesma de semear.

(João Cabral de Melo Neto, Morte e vida severina)

18. (2001) Substituindo-se os dois-pontos por uma conjunção, em "(...) pela colheita: recebe-se (...)"; mantém-se o sentido do texto APENAS em "(...) pela colheita,
- (a) embora se receba (...)".
 - (b) ou se recebe (...)".
 - (c) ainda que se receba (...)".
 - (d) já que se recebe (...)".
 - (e) portanto se recebe (...)".

Texto para a questão 19

Um dos traços marcantes do atual período histórico é (...) o papel verdadeiramente despótico da informação. (...) As novas condições técnicas deveriam permitir a ampliação do conhecimento do planeta, dos objetos que o formam, das sociedades que o habitam e dos homens em sua realidade intrínseca. Todavia, nas condições atuais, as técnicas da informação são principalmente utilizadas por um punhado de atores em função de seus objetivos particulares. Essas técnicas da informação (por enquanto) são apropriadas por alguns Estados e por algumas empresas, aprofundando assim os processos de criação de desigualdades. É desse modo que a periferia do sistema capitalista acaba se tornando ainda mais periférica, seja porque não dispõe totalmente dos novos meios de produção, seja porque lhe escapa a possibilidade de controle.

O que é transmitido à maioria da humanidade é, de fato, uma informação manipulada que, em lugar de esclarecer, confunde.

(Milton Santos, Por uma outra globalização)

19. (2001) No contexto em que ocorrem, estão em relação de oposição os segmentos transcritos em:
- (a) novas condições técnicas / técnicas da informação.
 - (b) punhado de atores / objetivos particulares.
 - (c) ampliação do conhecimento / informação manipulada.
 - (d) apropriadas por alguns Estados / criação de desigualdades.
 - (e) atual período histórico / periferia do sistema capitalista.

Texto para a questão 20

Só os roçados da morte
compensam aqui cultivar,
e cultivá-los é fácil:
simples questão de plantar;
não se precisa de limpa,
de adubar nem de regar;
as estiagens e as pragas
fazem-nos mais prosperar;
e dão lucro imediato;
nem é preciso esperar
pela colheita: recebe-se
na hora mesma de semear.

(João Cabral de Melo Neto, Morte e vida severina)

20. (2001) O mesmo processo de formação da palavra sublinhada em "não se precisa de limpa" ocorre em:
- (a) "no mesmo ventre crescido".
 - (b) "iguais em tudo e na sina".
 - (c) "jamais o cruzei a nado".
 - (d) "na minha longa descida".
 - (e) "todo o velho contagia".

Texto para a questão 21

Um dos traços marcantes do atual período histórico é (...) o papel verdadeiramente despótico da informação. (...) As novas condições técnicas deveriam permitir a ampliação do conhecimento do planeta, dos objetos que o formam, das sociedades que o habitam e dos homens em sua realidade intrínseca. Todavia, nas condições atuais, as técnicas da informação são principalmente utilizadas por um punhado de atores em função de seus objetivos particulares. Essas técnicas da informação (por enquanto) são apropriadas por alguns Estados e por algumas empresas, aprofundando assim os processos de criação de desigualdades. É desse modo que a periferia do sistema capitalista acaba se tornando ainda mais periférica, seja porque não dispõe totalmente dos novos meios de produção, seja porque lhe escapa a possibilidade de controle.

O que é transmitido à maioria da humanidade é, de fato, uma informação manipulada que, em lugar de esclarecer, confunde.

(Milton Santos, Por uma outra globalização)

21. (2001) Observe os sinônimos indicados entre parênteses:
- (I) "o papel verdadeiramente despótico(=tirânico) da informação";

- (II) "dos homens em sua realidade intrínseca (=inerente)";
- (III) "são apropriadas(=adequadas) por alguns Estados".

Considerando-se o texto, a equivalência sinonímica está correta APENAS em:

- (a) I.
(b) II.
(c) III.
(d) I e II.
(e) I e III.

Texto para a questão 22

(...) e tudo ficou sob a guarda de Dona Plácida, suposta, e, a certos respeitos, verdadeira dona da casa.

Custou-lhe muito a aceitar a casa; farejara a intenção, e doía-lhe o ofício; mas afinal cedeu. Creio que chorava, a princípio: tinha nojo de si mesma. Ao menos, é certo que não levantou os olhos para mim durante os primeiros dois meses; falava-me com eles baixos, séria, carrancuda, às vezes triste. Eu queria angariá-la, e não me dava por ofendido, tratava-a com carinho e respeito; forcejava por obter-lhe a benevolência, depois a confiança. Quando obtive a confiança, imaginei uma história patética dos meus amores com Virgília, um caso anterior ao casamento, a resistência do pai, a dureza do marido, e não sei que outros toques de novela. Dona Plácida não rejeitou uma só página da novela; aceitou-as todas. Era uma necessidade da consciência. Ao cabo de seis meses quem nos visse a todos três juntos diria que Dona Plácida era minha sogra.

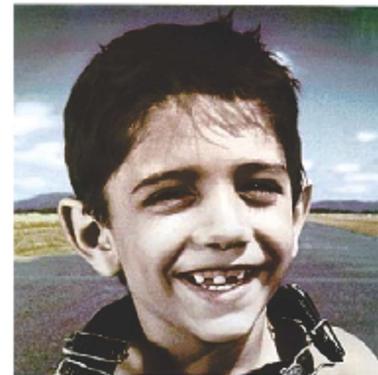
Não fui ingrato; fiz-lhe um pecúlio de cinco contos, - os cinco contos achados em Botafogo, - como um pão para a velhice. Dona Plácida agradeceu-me com lágrimas nos olhos, e nunca mais deixou de rezar por mim, todas as noites, diante de uma imagem da Virgem, que tinha no quarto. Foi assim que lhe acabou o nojo.

(Machado de Assis, Memórias póstumas de Brás Cubas)

22. (2001) O recurso da gradação, presente em "obter-lhe a benevolência, depois a confiança", também ocorre em:
- (a) "A ostentação da riqueza e da elegância se torna mais do que vulgar: obscena".

- (b) "Sentindo a deslocação do ar e a crepitação dos gravetos, Baleia despertou".
- (c) "(...) o passado de Rezende era só imitação do passado, uma espécie de carbono (...)".
- (d) "Um caso desses pode acontecer em qualquer ambiente de trabalho, num banco, numa repartição, numa igreja, num time de futebol".
- (e) "Não admiro os envolvidos, nem os desdenho".

Texto para a questão 23



Business Intercontinental da Iberia.
Mais espaço entre as poltronas.

Viajar virou sinônimo de relaxar. Principalmente quando você tem à sua disposição uma poltrona de design ergonômico com maior capacidade para reclinar e 132 cm de espaço entre a sua poltrona e a da frente. Além disso, você conta com mais de 300 salas VIP em aeroportos no mundo todo e pode acumular e utilizar pontos no seu programa de milhagens voando com qualquer linha aérea da aliança oneworld. Business Intercontinental da Iberia. Sorria.

23. (2001) Entre os recursos de persuasão empregados no texto verbal do anúncio, só NÃO ocorre o uso de
- (a) termos técnicos.
(b) trocadilhos.
(c) apelo direto ao leitor.
(d) enumeração acumulativa de vantagens.
(e) expressões em inglês.

Texto para a questão 24

(...) e tudo ficou sob a guarda de Dona Plácida, suposta, e, a certos respeitos, verdadeira dona da casa.

Custou-lhe muito a aceitar a casa; farejara a intenção, e doía-lhe o ofício; mas afinal cedeu. Creio que chorava, a princípio: tinha nojo de si mesma. Ao menos, é certo que não levantou os olhos para mim durante os primeiros dois meses; falava-me com eles baixos, séria, carrancuda, às vezes triste. Eu queria angariá-la, e não me dava por ofendido, tratava-a com carinho e respeito; forcejava por obter-lhe a benevolência, depois a confiança. Quando obtive a confiança, imaginei uma história patética dos meus amores com Virgília, um caso anterior ao casamento, a resistência do pai, a dureza do marido, e não sei que outros toques de novela. Dona Plácida não rejeitou uma só página da novela; aceitou-as todas. Era uma necessidade da consciência. Ao cabo de seis meses quem nos visse a todos três juntos diria que Dona Plácida era minha sogra.

Não fui ingrato; fiz-lhe um pecúlio de cinco contos, - os cinco contos achados em Botafogo, - como um pão para a velhice. Dona Plácida agradeceu-me com lágrimas nos olhos, e nunca mais deixou de rezar por mim, todas as noites, diante de uma imagem da Virgem, que tinha no quarto. Foi assim que lhe acabou o nojo.

(Machado de Assis, Memórias póstumas de Brás Cubas)

24. (2001) Em relação a "Custou-lhe muito a aceitar a casa", as formas verbais farejara e doía expressam, respectivamente,
- (a) posterioridade e simultaneidade.
 - (b) simultaneidade e anterioridade.
 - (c) posterioridade e anterioridade.
 - (d) anterioridade e simultaneidade.
 - (e) simultaneidade e posterioridade.
25. (2001) A frase em que os vocábulos sublinhados pertencem à mesma classe gramatical, exercem a mesma função sintática e têm significado diferente é:
- (a) Curta o curta: aproveite o feriado para assistir ao festival de curta-metragem.
 - (b) O novo novo: será que tudo já não foi feito antes?
 - (c) O carro popular a 12.000 reais está longe de ser popular.
 - (d) É trágico verificar que, na televisão brasileira, só o trágico é que faz sucesso.
 - (e) O Brasil será um grande parceiro e não apenas um parceiro grande.
26. (2001) A única frase em que as formas verbais estão corretamente empregadas é:
- (a) Especialistas temem que órgãos de outras espécies podem transmitir vírus perigosos.
 - (b) Além disso, mesmo que for adotado algum tipo de ajuste fiscal imediato, o Brasil ainda estará muito longe de tornar-se um participante ativo do jogo mundial.
 - (c) O primeiro-ministro e o presidente devem ser do mesmo partido, embora nenhum fará a sociedade em que eu acredito.
 - (d) A inteligência é como um tigre solto pela casa e só não causará problema se o suprir de carne e o manter na jaula.
 - (e) O nome secreto de Deus era o princípio ativo da criação, mas dizê-lo por completo equivalia a um sacrilégio, ao pecado de saber mais do que nos convinha.
27. (2001) A única frase que NÃO apresenta desvio em relação à concordância verbal recomendada pela norma culta é:
- (a) A lista brasileira de sítios arqueológicos, uma vez aceita pela Unesco, aumenta as chances de preservação e sustentação por meio do ecoturismo.
 - (b) Nenhum dos parlamentares que vinham defendendo o colega nos últimos dias inscreveram-se para falar durante os trabalhos de ontem.
 - (c) Segundo a assessoria, o problema do atraso foi resolvido em pouco mais de uma hora, e quem faria conexão para outros Estados foram alojados em hotéis de Campinas.
 - (d) Eles aprendem a andar com a bengala longa, o equipamento que os auxilia a ir e vir de onde estiver para onde entender.
 - (e) Mas foram nas montagens do Kirov que ele conquistou fama, especialmente na cena "Reino das Sombras", o ponto alto desse trabalho.
28. (2002) As aspas marcam o uso de uma palavra ou expressão de variedade linguística diversa da que foi usada no restante da frase em:
- (a) Essa visão desemboca na busca ilimitada do lucro, na apologia do empresário privado como o "grande herói" contemporâneo.
 - (b) Pude ver a obra de Machado de Assis de vários ângulos, sem participar de nenhuma visão "oficialista".

- (c) Nas recentes discussões sobre os "fundamentos" da economia brasileira, o governo deu ênfase ao equilíbrio fiscal.
- (d) O prêmio Darwin, que "homenageia" mortes estúpidas, foi instituído em 1993.
- (e) Em fazendas de Minas e Santa Catarina, quem aprecia o campo pode curtir o frio, ouvindo "causos" à beira da fogueira.
29. (2002) A frase que está de acordo com a norma escrita culta é:
- (a) O colégio onde estudei foi essencial na construção de grande parte dos valores que acredito.
- (b) Acho que esta acusação é uma das tantas coisas ridículas que sou obrigado a me defender.
- (c) Há uma sensação que tudo, ou quase tudo, vai ser diferente.
- (d) A boa escola seria a que submetesse seus alunos à maior quantidade de experimentações e pesquisas.
- (e) Nós já estamos próximos de um consenso que o atual modelo está falido.

Texto para a questão 30

Sua história tem pouca coisa de notável. Fora Leonardo algibebe¹ em Lisboa, sua pátria; aborrecera-se porém do negócio, e viera ao Brasil. Aqui chegando, não se sabe por proteção de quem, alcançou o emprego de que o vemos empossado, e que exercia, como dissemos, desde tempos remotos. Mas viera com ele no mesmo navio, não sei fazer o quê, uma certa Maria da hortaliça, quitandeira das praças de Lisboa, saloia² rechonchuda e bonitota. O Leonardo, fazendo-se-lhe justiça, não era nesse tempo de sua mocidade mal apessoado, e sobretudo era maganão³. Ao sair do Tejo, estando a Maria encostada à borda do navio, o Leonardo fingiu que passava distraído por junto dela, e com o ferrado sapatão assentou-lhe uma valente pisadela no pé direito. A Maria, como se já esperasse por aquilo, sorriu-se como envergonhada do gracejo, e deu-lhe também em ar de disfarce um tremendo beliscão nas costas da mão esquerda. Era isto uma declaração em forma, segundo os usos da terra: levaram o resto do dia de namoro cerrado; ao anoitecer passou-se a mesma cena de pisadela e beliscão, com a diferença de serem desta vez um pouco mais fortes; e no dia seguinte estavam os dois amantes tão extremosos e familiares, que pareciam sê-lo de muitos anos.

(Manuel Antônio de Almeida, *Memórias de um sargento de milícias*)

Glossário:

¹algibebe: mascate, vendedor ambulante.

²salóia: aldeã das imediações de Lisboa.

³maganão: brincalhão, jovial, divertido.

30. (2002) O trecho "fazendo-se-lhe justiça" mantém com o restante do período em que aparece uma relação de
- (a) causa.
- (b) consequência.
- (c) tempo.
- (d) contradição.
- (e) condição.
31. (2002) Na posição em que se encontram, as palavras assinaladas nas frases abaixo geram ambiguidade, EXCETO em:
- (a) Pagar o FGTS já custa R\$13,3 bi, diz o consultor.
- (b) Pais rejeitam menos crianças de proveta.
- (c) Consigo me divertir também aprendendo coisas antigas.
- (d) É um equívoco imaginar que a universidade do futuro será aquela que melhor lidar com as máquinas.
- (e) Não se eliminará o crime com burocratas querendo satisfazer o apetite por sangue do público.

Texto para a questão 32

A característica da relação do adulto com o velho é a falta de reciprocidade que se pode traduzir numa tolerância sem o calor da sinceridade. Não se discute com o velho, não se confrontam opiniões com as dele, negando-lhe a oportunidade de desenvolver o que só se permite aos amigos: a alteridade, a contradição, o afrontamento e mesmo o conflito. Quantas relações humanas são pobres e banais porque deixamos que o outro se expresse de modo repetitivo e porque nos desviamos das áreas de atrito, dos pontos vitais, de tudo o que em nosso confronto pudesse causar o crescimento e a dor! Se a tolerância com os velhos é entendida assim, como uma abdicação do diálogo, melhor seria dar-lhe o nome de banimento ou discriminação.

(Ecléa Bosi, *Memória e sociedade - Lembranças de velhos*)

32. (2002) A frase em que a palavra sublinhada preserva o sentido com que foi empregada no texto é:

- (a) Na mais sumária relação das virtudes humanas não deixará de constar a sinceridade.
- (b) Sobretudo os pobres sentem o peso do que seja banimento ou discriminação.
- (c) É por vezes difícil a discriminação entre tolerância e menosprezo.
- (d) Enfrentar a contradição é sempre um grande passo para o nosso crescimento.
- (e) Se traduzir é difícil, mais difícil é o diálogo entre pessoas que se mascaram na mesma língua.

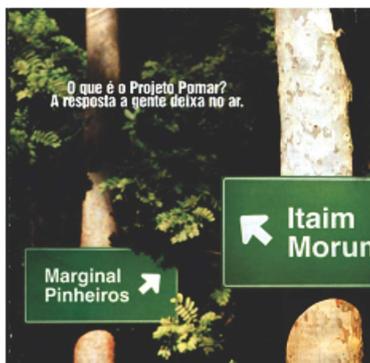
Texto para a questão 33

A característica da relação do adulto com o velho é a falta de reciprocidade que se pode traduzir numa tolerância sem o calor da sinceridade. Não se discute com o velho, não se confrontam opiniões com as dele, negando-lhe a oportunidade de desenvolver o que só se permite aos amigos: a alteridade, a contradição, o afrontamento e mesmo o conflito. Quantas relações humanas são pobres e banais porque deixamos que o outro se expresse de modo repetitivo e porque nos desviamos das áreas de atrito, dos pontos vitais, de tudo o que em nosso confronto pudesse causar o crescimento e a dor! Se a tolerância com os velhos é entendida assim, como uma abdicação do diálogo, melhor seria dar-lhe o nome de banimento ou discriminação.

(Ecléa Bosi, *Memória e sociedade - Lembranças de velhos*)

33. (2002) O termo alteridadeliga-se, pelo radical e pelo sentido, a uma palavra que aparece no trecho:
- (a) falta de reciprocidade.
 - (b) não se confrontam opiniões.
 - (c) que o outro se expresse.
 - (d) nos desviamos das áreas de atrito.
 - (e) abdicação do diálogo.

Texto para a questão 34



Reflorestar as margens dos rios Pinheiros e Tietê, arborizar praças, ruas e escolas, criar novos parques, melhorar a qualidade do ar e da vida das pessoas, aumentar a consciência ecológica dos adultos e das futuras gerações. (...) Logo, logo você vai ver o Pomar em cada canto da cidade. Projeto Pomar. Concreto aqui, só os resultados.

(Adaptado de ISTOÉ, 19/9/2001)

34. (2002) Considerando-se o contexto deste anúncio, o tipo de efeito de sentido que ocorre na expressão "deixa no ar" também se verifica em:
- (a) Reflorestar as margens dos rios Pinheiros e Tietê.
 - (b) Melhorar a qualidade do ar.
 - (c) Consciência ecológica dos adultos e das futuras gerações.
 - (d) Em cada canto da cidade.
 - (e) Concreto aqui, só os resultados.

Texto para a questão 35

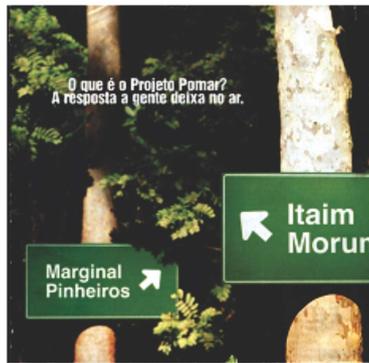
- Mandaram ler este livro...

Se o tal do livro for fraquinho, o desprazer pode significar um precipitado mas decisivo adeus à literatura; se for estimulante, outros virão sem o peso da obrigação.

As experiências com que o leitor se identifica não são necessariamente as mais familiares, mas as que mostram o quanto é vivo um repertório de novas questões. Uma leitura proveitosa leva à convicção de que as palavras podem constituir um movimento profundamente revelador do próximo, do mundo, de nós mesmos. Tal convicção faz caminhar para uma outra, mais ampla, que um antigo pensador romano assim formulou: Nada do que é humano me é alheio.

(Cláudio Ferraretti, *inédito*)

35. (2002) Mantém-se o sentido da frase "se for estimulante" em:
- (a) conquanto seja estimulante.
 - (b) desde que seja estimulante.
 - (c) ainda que seja estimulante.
 - (d) porquanto é estimulante.
 - (e) posto que é estimulante.
36. (2002)



Reflorestar as margens dos rios Pinheiros e Tietê, arborizar praças, ruas e escolas, criar novos parques, melhorar a qualidade do ar e da vida das pessoas, aumentar a consciência ecológica dos adultos e das futuras gerações. (...) Logo, logo você vai ver o Pomar em cada canto da cidade. Projeto Pomar. Concreto aqui, só os resultados.

(Adaptado de ISTOÉ, 19/9/2001)

Considerando-se o contexto deste anúncio, o tipo de efeito de sentido que ocorre na expressão "deixa no ar" também se verifica em:

- (a) Reflorestar as margens dos rios Pinheiros e Tietê.
- (b) Melhorar a qualidade do ar.
- (c) Consciência ecológica dos adultos e das futuras gerações.
- (d) Em cada canto da cidade.
- (e) Concreto aqui, só os resultados.

Texto para a questão 37

Eu te amo

Ah, se já perdemos a noção da hora,
Se juntos já jogamos tudo fora,
Me conta agora como hei de partir...
Se, ao te conhecer, dei pra sonhar, fiz tantos des-
varios,
Rompi com o mundo, queimei meus navios,
Me diz pra onde é que inda posso ir...
(...)
Se entornaste a nossa sorte pelo chão,
Se na bagunça do teu coração
Meu sangue errou de veia e se perdeu...
(...)
Como, se nos amamos como dois pagãos,
Teus seios inda estão nas minhas mãos,
Me explica com que cara eu vou sair...

Não, acho que estás só fazendo de conta,
Te dei meus olhos pra tomares conta,
Agora conta como hei de partir...

(Tom Jobim - Chico Buarque)

37. (2003) Neste texto, em que predomina a linguagem culta, ocorre também a seguinte marca da linguagem coloquial:
- (a) emprego de hei no lugar de tenho.
 - (b) falta de concordância quanto à pessoa nas formas verbais estás, tomares e conta.
 - (c) emprego de verbos predominantemente na segunda pessoa do singular.
 - (d) redundância semântica, pelo emprego repetido da palavra conta na última estrofe.
 - (e) emprego das palavras bagunça e cara.
38. (2003) Entre as mensagens abaixo, a única que está de acordo com a norma escrita culta é:
- (a) Confira as receitas incríveis preparadas para você. [Clica aqui!](#)
 - (b) Mostra que você tem bom coração. Contribua para a campanha do agasalho!
 - (c) Cura-te a ti mesmo e seja feliz!
 - (d) Não subestime o consumidor. Venda produtos de boa procedência.
 - (e) Em caso de acidente, não siga viagem. Pede o apoio de um policial.

Texto para a questão 39

Zôo

Uma cascavel, nas encolhas*. Sua massa infame.
Crime: prenderam, na gaiola da cascavel, um ratinho branco. O pobrinho se comprime num dos cantos do alto da parede de tela, no lugar mais longe que pôde. Olha para fora, transido, arrepiado, não ousando choramingar. Periodicamente, treme. A cobra ainda dorme.

*

Meu Deus, que pelo menos a morte do ratinho branco seja instantânea!

*

Tenho de subornar um guarda, para que liberte o ratinho branco da jaula da cascavel. Talvez ainda não seja tarde.

*

Mas, ainda que eu salve o ratinho branco, outro terá de morrer em seu lugar. E, deste outro, terei sido eu o culpado.

(*) **nas encolhas** = retraída, imóvel

(Fragmentos extraídos de **Ave, palavra**, de Guimarães Rosa)

39. (2003) Neste texto, o parágrafo em que ocorrem elementos descritivos expressos por meio de frases nominais é o

- (a) primeiro.
- (b) segundo.
- (c) terceiro.
- (d) quarto.
- (e) quinto.

Texto para a questão 40

Eu te amo

Ah, se já perdemos a noção da hora,
Se juntos já jogamos tudo fora,
Me conta agora como hei de partir...
Se, ao te conhecer, dei pra sonhar, fiz tantos des-
varios,
Rompí com o mundo, queimei meus navios,
Me diz pra onde é que inda posso ir...
(...)
Se entornaste a nossa sorte pelo chão,
Se na bagunça do teu coração
Meu sangue errou de veia e se perdeu...
(...)
Como, se nos amamos como dois pagãos,
Teus seios inda estão nas minhas mãos,
Me explica com que cara eu vou sair...
Não, acho que estás só fazendo de conta,
Te dei meus olhos pra tomares conta,
Agora conta como hei de partir...

(Tom Jobim - Chico Buarque)

40. (2003) O prefixo assinalado em "desvario" expressa

- (a) negação.
- (b) cessação.
- (c) ação contrária.
- (d) separação.
- (e) intensificação.

Texto para a questão 41

História estranha

Um homem vem caminhando por um parque quando de repente se vê com sete anos de idade. Está com quarenta, quarenta e poucos. De repente dá com ele mesmo chutando uma bola perto de um banco onde está a sua babá fazendo tricô. Não tem a menor dúvida de que é ele mesmo. Reconhece a sua própria cara, reconhece o banco e a babá. Tem uma vaga lembrança daquela cena. Um dia ele estava jogando bola no parque quando de repente aproximou-se um homem e... O homem aproximou-se dele mesmo. Ajoelha-se, põe as mãos nos seus ombros e olha nos seus olhos. Seus olhos se enchem de lágrimas. Sente uma coisa no peito. Que coisa é a vida. Que coisa pior ainda é o tempo. Como eu era inocente. Como os meus olhos eram limpos. O homem tenta dizer alguma coisa, mas não encontra o que dizer. Apenas abraça a si mesmo, longamente. Depois sai caminhando, chorando, sem olhar para trás.

O garoto fica olhando para a sua figura que se afasta. Também se reconheceu. E fica pensando, aborrecido: quando eu tiver quarenta, quarenta e poucos anos, como eu vou ser sentimental!

(Luis Fernando Verissimo, **Comédias para se ler na escola**)

41. (2003) O discurso indireto livre é empregado na seguinte passagem:

- (a) Que coisa é a vida. Que coisa pior ainda é o tempo.
- (b) Reconhece a sua própria cara, reconhece o banco e a babá. Tem uma vaga lembrança daquela cena.
- (c) Um homem vem caminhando por um parque quando de repente se vê com sete anos de idade.
- (d) O homem tenta dizer alguma coisa, mas não encontra o que dizer. Apenas abraça a si mesmo, longamente.
- (e) O garoto fica olhando para a sua figura que se afasta.

42. (2003) Dos verbos assinalados, só está corretamente empregado o que aparece na frase:

- (a) A atual administração quer crescer a arrecadação do IPTU em 40%.
- (b) A economia latino-americana se modernizou sem que a estrutura de renda da região acompanhou as transformações.

- (c) Se fazer previsões sobre a situação econômica já era difícil antes das eleições, agora ficou ainda mais complicado.
- (d) A indústria ficará satisfeita só quando vender metade do estoque e transpor o obstáculo dos juros.
- (e) Por mais que os leitores se apropriam de um livro, no final, livro e leitor tornam-se uma só coisa.

Texto para a questão 43

Os leitores estarão lembrados do que o compadre dissera quando estava a fazer castelos no ar a respeito do afilhado, e pensando em dar-lhe o mesmo ofício que exercia, isto é, daquele arranjei-me, cuja explicação prometemos dar. Vamos agora cumprir a promessa.

Se alguém perguntasse ao compadre por seus pais, por seus parentes, por seu nascimento, nada saberia responder, porque nada sabia a respeito. Tudo de que se recordava de sua história reduzia-se a bem pouco. Quando chegara à idade de dar acordo da vida achou-se em casa de um barbeiro que dele cuidava, porém que nunca lhe disse se era ou não seu pai ou seu parente, nem tampouco o motivo por que tratava da sua pessoa. Também nunca isso lhe dera cuidado, nem lhe veio a curiosidade de indagá-lo.

Esse homem ensinara-lhe o ofício, e por inaudito milagre também a ler e a escrever. Enquanto foi aprendiz passou em casa do seu... mestre, em falta de outro nome, uma vida que por um lado se parecia com a do fâmulos*, por outro com a do filho, por outro com a do agregado, e que afinal não era senão vida de enjeitado, que o leitor sem dúvida já adivinhou que ele o era. A troco disso dava-lhe o mestre sustento e morada, e pagava-se do que por ele tinha já feito.

(*)fâmulos: empregado, criado

(Manuel Antônio de Almeida, **Memórias de um sargento de milícias**)

43. (2003) No excerto, temos derivação imprópria ou conversão (emprego de uma palavra fora de sua classe normal) no seguinte trecho:
- (a) fazer castelos no ar.
- (b) daquele arranjei-me.
- (c) dar acordo da vida.

- (d) nem tampouco o motivo.
- (e) por inaudito milagre.

Texto para a questão 44

Uma flor, o Quincas Borba. Nunca em minha infância, nunca em toda a minha vida, achei um menino mais gracioso, inventivo e travesso. Era a flor, e não já da escola, senão de toda a cidade. A mãe, viúva, com alguma cousa de seu, adorava o filho e trazia-o animado, aseado, enfeitado, com um vistoso pajem atrás, um pajem que nos deixava gazejar a escola, ir caçar ninhos de pássaros, ou perseguir lagartixas nos morros do Livramento e da Conceição, ou simplesmente arruar, à toa, como dous peraltas sem emprego. E de imperador! Era um gosto ver o Quincas Borba fazer de imperador nas festas do Espírito Santo. De resto, nos nossos jogos pueris, ele escolhia sempre um papel de rei, ministro, general, uma supremacia, qualquer que fosse. Tinha garbo o traquinas, e gravidade, certa magnificência nas atitudes, nos meneios. Quem diria que... Suspendamos a pena; não adiantemos os sucessos. Vamos de um salto a 1822, data da nossa independência política, e do meu primeiro cativo pessoal.

(Machado de Assis, **Memórias póstumas de Brás Cubas**)

44. (2004) Embora pertença à modalidade escrita da língua, este texto apresenta marcas de oralidade, que têm finalidades estilísticas. Dos procedimentos verificados no texto e indicados abaixo, o único que constitui marca típica da modalidade escrita é:
- (a) uso de frase elíptica em "Uma flor, o Quincas Borba".
- (b) repetição de palavras como "nunca" e "pajem".
- (c) interrupção da frase em "Quem diria que...".
- (d) emprego de frase nominal, como em "E de imperador!"
- (e) uso das formas imperativas "suspendamos" e "não adiantemos".

Texto para a questão 45

Uma flor, o Quincas Borba. Nunca em minha infância, nunca em toda a minha vida, achei um menino mais gracioso, inventivo e travesso. Era a flor, e não já da escola, senão de toda a cidade. A mãe, viúva, com alguma cousa de seu, adorava o filho e trazia-o animado, aseado, enfeitado, com um vistoso pajem atrás, um pajem que nos deixava gazejar a escola, ir caçar ninhos de pássaros, ou perseguir lagartixas nos morros do Livramento e da Conceição, ou simplesmente arruar, à toa, como

dous peraltas sem emprego. E de imperador! Era um gosto ver o Quincas Borba fazer de imperador nas festas do Espírito Santo. De resto, nos nossos jogos pueris, ele escolhia sempre um papel de rei, ministro, general, uma supremacia, qualquer que fosse. Tinha garbo o traquinas, e gravidade, certa magnificência nas atitudes, nos meneios. Quem diria que... Suspendamos a pena; não adiantemos os sucessos. Vamos de um salto a 1822, data da nossa independência política, e do meu primeiro cativo pessoal.

(Machado de Assis, **Memórias póstumas de Brás Cubas**)

45. (2004) Em "Era a flor, e não já da escola, senão de toda a cidade.", a palavra assinalada pode ser substituída, sem que haja alteração de sentido, por:
- (a) mas sim.
 - (b) de outro modo.
 - (c) exceto.
 - (d) portanto.
 - (e) ou.

Texto para a questão 46

Olhar para o céu noturno é quase um privilégio em nossa atribulada e iluminada vida moderna. (...) Companhias de turismo deveriam criar "excursões noturnas", em que grupos de pessoas são transportados até pontos estratégicos para serem instruídos por um astrônomo sobre as maravilhas do céu noturno. Seria o nascimento do "turismo astronômico", que complementaria perfeitamente o novo turismo ecológico. E por que não?

Turismo astronômico ou não, talvez a primeira impressão ao observarmos o céu noturno seja uma enorme sensação de paz, de permanência, de profunda ausência de movimento, fora um eventual avião ou mesmo um satélite distante (uma estrela que se move!). Vemos incontáveis estrelas, emitindo sua radiação eletromagnética, perfeitamente indiferentes às atribulações humanas.

Essa visão pacata dos céus é completamente diferente da visão de um astrofísico moderno. As inócentes estrelas são verdadeiras fornalhas nucleares, produzindo uma quantidade enorme de energia a cada segundo. A morte de uma estrela modesta como o Sol, por exemplo, virá acompanhada de uma explosão que chegará até a nossa vizinhança, transformando tudo o que encontrar pela frente em poeira cósmica. (O leitor não precisa se preocupar muito. O Sol ainda produzirá energia "docilmente" por mais uns 5 bilhões de anos.)

(Marcelo Gleiser, **Retalhos cósmicos**)

46. (2004) Transpondo-se corretamente para a voz **ativa** a oração "para serem instruídos por um astrônomo (...)", obtém-se:
- (a) para que sejam instruídos por um astrônomo (...).
 - (b) para um astrônomo os instruírem (...).
 - (c) para que um astrônomo lhes instruissem (...).
 - (d) para um astrônomo instruí-los (...).
 - (e) para que fossem instruídos por um astrônomo (...).

Texto para a questão 47

O OLHAR TAMBÉM PRECISA APRENDER A ENXERGAR

Há uma historinha adorável, contada por Eduardo Galeano, escritor uruguaio, que diz que um pai, morador lá do interior do país, levou seu filho até a beira do mar. O menino nunca tinha visto aquela massa de água infinita. Os dois pararam sobre um morro. O menino, segurando a mão do pai, disse a ele: "Pai, me ajuda a olhar". Pode parecer uma espécie de fantasia, mas deve ser a exata verdade, representando a sensação de faltarem não só palavras mas também capacidade para entender o que é que estava se passando ali.

Agora imagine o que se passa quando qualquer um de nós pára diante de uma grande obra de arte visual: como olhar para aquilo e construir seu sentido na nossa percepção? Só com auxílio mesmo. Não quer dizer que a gente não se emocione apenas por ser exposto a um clássico absoluto, um Picasso ou um Niemeyer ou um Caravaggio. Quer dizer apenas que a gente pode ver melhor se entender a lógica da criação.

(Luís Augusto Fischer, **Folha de S. Paulo**)

47. (2004) A frase "Não quer dizer que a gente não se emocione apenas por ser exposto a um clássico absoluto" é pouco clara. Mantendo-se a coerência com a linha de argumentação do texto, uma frase mais clara seria: "Não quer dizer que
- (a) algum de nós se emocione pelo simples fato de estar diante de uma obra clássica".
 - (b) a primeira aparição de um clássico absoluto venha logo a nos emocionar".
 - (c) nos emocionemos já na primeira reação diante de um clássico indiscutível".

- (d) o simples contato com um clássico absoluto não possa nos emocionar”.
- (e) tão-somente em nossa relação com um clássico absoluto deixemos de nos emocionar”.

Texto para a questão 48

Uma flor, o Quincas Borba. Nunca em minha infância, nunca em toda a minha vida, achei um menino mais gracioso, inventivo e travesso. Era a flor, e não já da escola, senão de toda a cidade. A mãe, viúva, com alguma cousa de seu, adorava o filho e trazia-o amimado, asseado, enfeitado, com um vistoso pajem atrás, um pajem que nos deixava gazejar a escola, ir caçar ninhos de pássaros, ou perseguir lagartixas nos morros do Livramento e da Conceição, ou simplesmente arruar, à toa, como dous peraltas sem emprego. E de imperador! Era um gosto ver o Quincas Borba fazer de imperador nas festas do Espírito Santo. De resto, nos nossos jogos pueris, ele escolhia sempre um papel de rei, ministro, general, uma supremacia, qualquer que fosse. Tinha garbo o traquinas, e gravidade, certa magnificência nas atitudes, nos meneios. Quem diria que... Suspendamos a pena; não adiantemos os sucessos. Vamos de um salto a 1822, data da nossa independência política, e do meu primeiro cativo pessoal.

(Machado de Assis, **Memórias póstumas de Brás Cubas**)

48. (2004) Na frase "(...) data da nossa independência política, e do meu primeiro cativo pessoal", ocorre o mesmo recurso expressivo de natureza semântica que em:
- (a) Meu coração/ Não sei por que/ Bate feliz, quando te vê.
- (b) Há tanta vida lá fora,/ Aqui dentro, sempre./ Como uma onda no mar.
- (c) Brasil, meu Brasil brasileiro,/ Meu mulato inzoneiro,/ Vou cantar-te nos meus versos.
- (d) Se lembra da fogueira,/ Se lembra dos balões,/ Se lembra dos luars, dos sertões?
- (e) Meu bem querer/ É segredo, é sagrado,/ Está sacramentado/ Em meu coração.

Texto para a questão 49

Uma flor, o Quincas Borba. Nunca em minha infância, nunca em toda a minha vida, achei um menino mais gracioso, inventivo e travesso. Era a flor, e não já da escola, senão de toda a cidade. A

mãe, viúva, com alguma cousa de seu, adorava o filho e trazia-o amimado, asseado, enfeitado, com um vistoso pajem atrás, um pajem que nos deixava gazejar a escola, ir caçar ninhos de pássaros, ou perseguir lagartixas nos morros do Livramento e da Conceição, ou simplesmente arruar, à toa, como dous peraltas sem emprego. E de imperador! Era um gosto ver o Quincas Borba fazer de imperador nas festas do Espírito Santo. De resto, nos nossos jogos pueris, ele escolhia sempre um papel de rei, ministro, general, uma supremacia, qualquer que fosse. Tinha garbo o traquinas, e gravidade, certa magnificência nas atitudes, nos meneios. Quem diria que... Suspendamos a pena; não adiantemos os sucessos. Vamos de um salto a 1822, data da nossa independência política, e do meu primeiro cativo pessoal.

(Machado de Assis, **Memórias póstumas de Brás Cubas**)

49. (2004) A enumeração de substantivos expressa gradação ascendente em
- (a) "menino mais gracioso, inventivo e travesso".
- (b) "trazia-o amimado, asseado, enfeitado".
- (c) "gazejar a escola, ir caçar ninhos de pássaros, ou perseguir lagartixas".
- (d) "papel de rei, ministro, general".
- (e) "tinha garbo (...), e gravidade, certa magnificência".

Texto para a questão 50

Olhar para o céu noturno é quase um privilégio em nossa atribulada e iluminada vida moderna. (...) Companhias de turismo deveriam criar "excursões noturnas", em que grupos de pessoas são transportados até pontos estratégicos para serem instruídos por um astrônomo sobre as maravilhas do céu noturno. Seria o nascimento do "turismo astronômico", que complementaria perfeitamente o novo turismo ecológico. E por que não? Turismo astronômico ou não, talvez a primeira impressão ao observarmos o céu noturno seja uma enorme sensação de paz, de permanência, de profunda ausência de movimento, fora um eventual avião ou mesmo um satélite distante (uma estrela que se move!). Vemos incontáveis estrelas, emitindo sua radiação eletromagnética, perfeitamente indiferentes às atribulações humanas. Essa visão pacata dos céus é completamente diferente da visão de um astrofísico moderno. As inocentes estrelas são verdadeiras fornalhas nucleares, produzindo uma quantidade enorme de energia a cada segundo. A morte de uma estrela modesta como o Sol, por exemplo, virá acompanhada de

uma explosão que chegará até a nossa vizinhança, transformando tudo o que encontrar pela frente em poeira cósmica. (O leitor não precisa se preocupar muito. O Sol ainda produzirá energia "docilmente" por mais uns 5 bilhões de anos.)

(Marcelo Gleiser, **Retalhos cósmicos**)

50. (2004) Na frase "O Sol ainda produzirá energia (...)", o advérbio ainda tem o mesmo sentido que em:
- (a) Ainda lutando, nada conseguirá.
 - (b) Há ainda outras pessoas envolvidas no caso.
 - (c) Ainda há cinco minutos ela estava aqui.
 - (d) Um dia ele voltará, e ela estará ainda à sua espera.
 - (e) Sei que ainda serás rico.

Texto para a questão 51

O filme **Cazuza - O tempo não pára** me deixou numa espécie de felicidade pensativa. Tento explicar por quê.

Cazuza mordeu a vida com todos os dentes. A doença e a morte parecem ter-se vingado de sua paixão exagerada de viver. É impossível sair da sala de cinema sem se perguntar mais uma vez: o que vale mais, a preservação de nossas forças, que garantiria uma vida mais longa, ou a livre procura da máxima intensidade e variedade de experiências?

Digo que a pergunta se apresenta "mais uma vez" porque a questão é hoje trivial e, ao mesmo tempo, persecutória. (...) Obedecemos a uma proliferação de regras que são ditadas pelos progressos da prevenção. Ninguém imagina que comer bamba, fumar, tomar pinga, transar sem camisinha e combinar, sei lá, nitratos com Viagra seja uma boa idéia. De fato não é. À primeira vista, parece lógico que concordemos sem hesitação sobre o seguinte: não há ou não deveria haver prazeres que valham um risco de vida ou, simplesmente, que valham o risco de encurtar a vida. De que adiantaria um prazer que, por assim dizer, cortasse o galho sobre o qual estou sentado?

Os jovens têm uma razão básica para desconfiar de uma moral prudente e um pouco avara que sugere que escolhamos sempre os tempos suplementares. É que a morte lhes parece distante, uma coisa com a qual a gente se preocupará mais tarde, muito mais tarde. Mas sua vontade de caminhar na corda bamba e sem rede não é apenas a inconsciência de quem pode esquecer que "o tempo não pára". É

também (e talvez sobretudo) um questionamento que nos desafia: para disciplinar a experiência, será que temos outras razões que não sejam só a decisão de durar um pouco mais?

(Contardo Calligaris, **Folha de S. Paulo**)

51. (2005) Embora predomine no texto a linguagem formal, é possível identificar nele marcas de coloquialidade, como as expressões assinaladas em:
- (a) "mordeu a vida" e "moral prudente e um pouco avara".
 - (b) "sem se perguntar mais uma vez" e "não deveria haver prazeres".
 - (c) "parece lógico" e "que não sejam só a decisão".
 - (d) "e combinar, sei lá, nitratos" e "a gente se preocupa".
 - (e) "que valham um risco de vida" e "(e talvez sobretudo) um questionamento".

Texto para as questões 52 e 53

O filme **Cazuza - O tempo não pára** me deixou numa espécie de felicidade pensativa. Tento explicar por quê.

Cazuza mordeu a vida com todos os dentes. A doença e a morte parecem ter-se vingado de sua paixão exagerada de viver. É impossível sair da sala de cinema sem se perguntar mais uma vez: o que vale mais, a preservação de nossas forças, que garantiria uma vida mais longa, ou a livre procura da máxima intensidade e variedade de experiências?

Digo que a pergunta se apresenta "mais uma vez" porque a questão é hoje trivial e, ao mesmo tempo, persecutória. (...) Obedecemos a uma proliferação de regras que são ditadas pelos progressos da prevenção. Ninguém imagina que comer bamba, fumar, tomar pinga, transar sem camisinha e combinar, sei lá, nitratos com Viagra seja uma boa idéia. De fato não é. À primeira vista, parece lógico que concordemos sem hesitação sobre o seguinte: não há ou não deveria haver prazeres que valham um risco de vida ou, simplesmente, que valham o risco de encurtar a vida. De que adiantaria um prazer que, por assim dizer, cortasse o galho sobre o qual estou sentado?

Os jovens têm uma razão básica para desconfiar de uma moral prudente e um pouco avara que sugere que escolhamos sempre os tempos suplementares. É que a morte lhes parece distante, uma coisa com a qual a gente se preocupará mais tarde, muito mais tarde. Mas sua vontade de caminhar na corda

bamba e sem rede não é apenas a inconsciência de quem pode esquecer que "o tempo não pára". É também (e talvez sobretudo) um questionamento que nos desafia: para disciplinar a experiência, será que temos outras razões que não sejam só a decisão de durar um pouco mais?

(Contardo Calligaris, **Folha de S. Paulo**)

52. (2005) Considere as seguintes frases:

- (I) O autor do texto assistiu ao filme sobre Cazuza.
- (II) O filme provocou-lhe uma viva e complexa reação.
- (III) Sua reação mereceu uma análise.

O período em que as frases acima estão articuladas de modo correto e coerente é:

- (a) Tendo assistido ao filme sobre Cazuza, este provocou o autor do texto numa reação tão viva e complexa que lhe mereceu uma análise.
- (b) Mereceu uma análise, a viva e complexa reação, provocadas pelo filme que o autor do texto assistiu sobre Cazuza.
- (c) A reação que provocou no autor do texto o filme sobre Cazuza foi tão viva e complexa que mereceu uma análise.
- (d) Foi viva e complexa a reação, que aliás mereceu uma análise, provocado pelo filme sobre Cazuza, que o autor assistiu.
- (e) O filme sobre Cazuza que foi assistido pelo autor provocou-lhe uma reação viva e complexa, que a sua análise foi merecida.

53. (2005) Entre as frases "Cazuza mordeu a vida com todos os dentes" e "A doença e a morte parecem ter-se vingado de sua paixão exagerada de viver" estabelece-se um vínculo que pode ser corretamente explicitado com o emprego de

- (a) desde que.
- (b) tanto assim que.
- (c) uma vez que.
- (d) à medida que.
- (e) apesar de que.

Texto para a questão 54

"Assim, pois, o sacristão da Sé, um dia, ajudando à missa, viu entrar a dama, que devia ser sua colaboradora na vida de Dona Plácida. Viu-a outros

dias, durante semanas inteiras, gostou, disse-lhe alguma graça, pisou-lhe o pé, ao acender os altares, nos dias de festa. Ela gostou dele, acercaram-se, amaram-se. Dessa conjunção de luxúrias vadias brotou Dona Plácida. É de crer que Dona Plácida não falasse ainda quando nasceu, mas se falasse podia dizer aos autores de seus dias: - Aqui estou. Para que me chamastes? E o sacristão e a sacristã naturalmente lhe responderiam: - Chamamos-te para queimar os dedos nos tachos, os olhos na costura, comer mal, ou não comer, andar de um lado para outro, na faina, adoecendo e sarando, com o fim de tornar a adoecer e sarar outra vez, triste agora, logo desesperada, amanhã resignada, mas sempre com as mãos no tacho e os olhos na costura, até acabar um dia na lama ou no hospital; foi para isso que te chamamos, num momento de simpatia".

(Machado de Assis, **Memórias póstumas de Brás Cubas**)

54. (2005) Dos verbos no infinitivo que ocorrem na resposta do sacristão e da sacristã, o único que deve ser entendido, necessariamente, em dois sentidos diferentes é:

- (a) "queimar".
- (b) "comer".
- (c) "andar".
- (d) "adoecer".
- (e) "sorar".

Texto para a questão 55

"Assim, pois, o sacristão da Sé, um dia, ajudando à missa, viu entrar a dama, que devia ser sua colaboradora na vida de Dona Plácida. Viu-a outros dias, durante semanas inteiras, gostou, disse-lhe alguma graça, pisou-lhe o pé, ao acender os altares, nos dias de festa. Ela gostou dele, acercaram-se, amaram-se. Dessa conjunção de luxúrias vadias brotou Dona Plácida. É de crer que Dona Plácida não falasse ainda quando nasceu, mas se falasse podia dizer aos autores de seus dias: - Aqui estou. Para que me chamastes? E o sacristão e a sacristã naturalmente lhe responderiam: - Chamamos-te para queimar os dedos nos tachos, os olhos na costura, comer mal, ou não comer, andar de um lado para outro, na faina, adoecendo e sarando, com o fim de tornar a adoecer e sarar outra vez, triste agora, logo desesperada, amanhã resignada, mas sempre com as mãos no tacho e os olhos na costura, até acabar um dia na lama ou no hospital; foi para isso que te chamamos, num momento de simpatia".

(Machado de Assis, **Memórias póstumas de Brás Cubas**)

55. (2005) A palavra assinalada no trecho "que devia ser sua colaboradora na vida de Dona Plácida" mantém uma relação sinonímica com a palavra dia(s) em:

- (a) "um dia, (...) viu entrar a dama".
- (b) "Viu-a outros dias".
- (c) "ao acender os altares, nos dias de festa".
- (d) "podia dizer aos autores de seus dias".
- (e) "até acabar um dia na lama".

Texto para a questão 56

O filme **Cazuza - O tempo não pára** me deixou numa espécie de felicidade pensativa. Tento explicar por quê.

Cazuza mordeu a vida com todos os dentes. A doença e a morte parecem ter-se vingado de sua paixão exagerada de viver. É impossível sair da sala de cinema sem se perguntar mais uma vez: o que vale mais, a preservação de nossas forças, que garantiria uma vida mais longa, ou a livre procura da máxima intensidade e variedade de experiências?

Digo que a pergunta se apresenta "mais uma vez" porque a questão é hoje trivial e, ao mesmo tempo, persecutória. (...) Obedecemos a uma proliferação de regras que são ditadas pelos progressos da prevenção. Ninguém imagina que comer banha, fumar, tomar pinga, transar sem camisinha e combinar, sei lá, nitratos com Viagra seja uma boa idéia. De fato não é. À primeira vista, parece lógico que concordemos sem hesitação sobre o seguinte: não há ou não deveria haver prazeres que valham um risco de vida ou, simplesmente, que valham o risco de encurtar a vida. De que adiantaria um prazer que, por assim dizer, cortasse o galho sobre o qual estou sentado?

Os jovens têm uma razão básica para desconfiar de uma moral prudente e um pouco avara que sugere que escolhamos sempre os tempos suplementares. É que a morte lhes parece distante, uma coisa com a qual a gente se preocupará mais tarde, muito mais tarde. Mas sua vontade de caminhar na corda bamba e sem rede não é apenas a inconsciência de quem pode esquecer que "o tempo não pára". É também (e talvez sobretudo) um questionamento que nos desafia: para disciplinar a experiência, será que temos outras razões que não sejam só a decisão de durar um pouco mais?

(Contardo Calligaris, **Folha de S. Paulo**)

56. (2005) As opções de vida que se caracterizam pela "preservação de nossas forças" e pela "procura da máxima intensidade e variedade de experiências" estão metaforizadas no texto, respectivamente, pelas expressões:

- (a) "regras" e "moral prudente".
- (b) "galho" e "corda bamba".
- (c) "dentes" e "rede".
- (d) "prazeres" e "progressos da prevenção".
- (e) "risco de vida" e "tempos suplementares".

Texto para a questão 57

"Assim, pois, o sacristão da Sé, um dia, ajudando à missa, viu entrar a dama, que devia ser sua colaboradora na vida de Dona Plácida. Viu-a outros dias, durante semanas inteiras, gostou, disse-lhe alguma graça, pisou-lhe o pé, ao acender os altares, nos dias de festa. Ela gostou dele, acercaram-se, amaram-se. Dessa conjunção de luxúrias vadias brotou Dona Plácida. É de crer que Dona Plácida não falasse ainda quando nasceu, mas se falasse podia dizer aos autores de seus dias: - Aqui estou. Para que me chamastes? E o sacristão e a sacristã naturalmente lhe responderiam: - Chamamos-te para queimar os dedos nos tachos, os olhos na costura, comer mal, ou não comer, andar de um lado para outro, na faina, adoecendo e sarando, com o fim de tornar a adoecer e sarar outra vez, triste agora, logo desesperada, amanhã resignada, mas sempre com as mãos no tacho e os olhos na costura, até acabar um dia na lama ou no hospital; foi para isso que te chamamos, num momento de simpatia".

(Machado de Assis, **Memórias póstumas de Brás Cubas**)

57. (2005) Consideradas no contexto em que ocorrem, constituem um caso de antítese as expressões

- (a) "disse-lhe alguma graça- "pisou-lhe o pé".
- (b) "acercaram-se- "amaram-se".
- (c) "os dedos nos tachos- "os olhos na costura".
- (d) "logo desesperada- "amanhã resignada".
- (e) "na lama- "no hospital".

Texto para a questão 58

ESCREVO-LHE ESTA CARTA...

Um ano depois, programa de alfabetização no Acre apresenta resultados acima da média e, como prova final, bilhetes comoventes

Repleto de adultos recém-alfabetizados, o Teatro Plácido de Castro, na capital do Acre, Rio Branco, quase veio abaixo com a leitura do bilhete escrito pela dona de casa Sebastiana Costa para o marido: "Manoel, eu fui para aula. Se quiser comida quente. Foi eu que escrevi." Atordoada com os aplausos, a franzina Sebastiana desceu do palco com a cabeça baixa e os ombros encurvados. Casada há trinta anos e mãe de oito filhos, ela só descontraíu um pouco quando a ministra do Meio Ambiente, Marina Silva, comentou que o bilhete não precisava ser interpretado como um desaforo, embora passasse um sentimento de libertação. Alfabetizada apenas aos dezessete anos, a ministra Marina conhece como poucos o drama daqueles que não são capazes de decifrar o letreiro de um ônibus ou de rabiscar uma simples mensagem.

(Revista **ISTOÉ**)

58. (2005) O título "Escrevo-lhe esta carta..."

- (a) contém ironia, uma vez que o bilhete citado no texto não é propriamente uma carta.
- (b) resulta de um procedimento intertextual, pois retoma uma expressão frequente na linguagem das cartas.
- (c) refere-se também ao texto do autor da reportagem, redigido por ele como se fosse uma carta.
- (d) termina com reticências para deixar subentendido o sarcasmo do autor da reportagem.
- (e) imita a variedade linguística que caracteriza o bilhete reproduzido na reportagem.

Texto para a questão 59

"Assim, pois, o sacristão da Sé, um dia, ajudando à missa, viu entrar a dama, que devia ser sua colaboradora na vida de Dona Plácida. Viu-a outros dias, durante semanas inteiras, gostou, disse-lhe alguma graça, pisou-lhe o pé, ao acender os altares, nos dias de festa. Ela gostou dele, acercaram-se, amaram-se. Dessa conjunção de luxúrias vadias brotou Dona Plácida. É de crer que Dona Plácida não falasse ainda quando nasceu, mas se falasse podia dizer aos autores de seus dias: - Aqui estou. Para que me chamastes? E o sacristão e a sacristã naturalmente lhe responderiam: - Chamamos-te para queimar os dedos nos tachos, os olhos na costura, comer mal, ou não comer, andar de um lado para outro, na faina, adoecendo e sarando, com o fim de tornar a adoecer e sarar outra vez, triste agora, logo desesperada, amanhã resignada, mas sempre com as mãos no tacho e os olhos na costura, até acabar um dia na lama ou no hospital;

foi para isso que te chamamos, num momento de simpatia".

(Machado de Assis, **Memórias póstumas de Brás Cubas**)

59. (2005) No trecho "pisou-lhe o pé", o pronome lhe assume valor possessivo, tal como ocorre em uma das seguintes frases, também extraídas de **Memórias póstumas de Brás Cubas**:

- (a) "falei-lhe do marido, da filha, dos negócios, de tudo".
- (b) "mas enfim contei-lhe o motivo da minha ausência".
- (c) "se o relógio parava, eu dava-lhe corda".
- (d) "Procure-me, disse eu, poderei arranjar-lhe alguma coisa".
- (e) "envolvida numa espécie de mantéu, que lhe disfarçava as ondulações do talhe".

Texto para a questão 60

Ele se aproximou e com voz cantante de nordestino que a emocionou, perguntou-lhe:

- E se me desculpe, senhorinha, posso convidar a passear?

- Sim, respondeu atabalhoadamente com pressa antes que ele mudasse de idéia.

- E, se me permite, qual é mesmo a sua graça?

- Macabéa.

- Maca - o quê?

- Bea, foi ela obrigada a completar.

- Me desculpe mas até parece doença, doença de pele.

- Eu também acho esquisito mas minha mãe botou ele por promessa a Nossa Senhora da Boa Morte se eu vingasse, até um ano de idade eu não era chamada porque não tinha nome, eu preferia continuar a nunca ser chamada em vez de ter um nome que ninguém tem mas parece que deu certo - parou um instante retomando o fôlego perdido e acrescentou desanimada e com pudor - pois como o senhor vê eu vinguei... pois é...

- Também no sertão da Paraíba promessa é questão de grande dívida de honra. Eles não sabiam como se passeia. Andaram sob a chuva grossa e pararam diante da vitrine de uma loja de ferragem onde estavam expostos atrás do vidro canos, latas, parafusos grandes e pregos. E Macabéa, com medo de que o silêncio já significasse uma ruptura, disse ao recém-namorado:

- Eu gosto tanto de parafuso e prego, e o senhor? Da segunda vez em que se encontraram caía uma chuva fininha que ensopava os ossos. Sem nem ao menos se darem as mãos caminhavam na chuva que na cara de Macabéa parecia lágrimas escorrendo.

Clarice Lispector, **A hora da estrela**.

60. (2006) No trecho "mas minha mãe botou ele por promessa", o pronome pessoal foi empregado em registro coloquial. É o que também se verifica em:
- (a) - E se me desculpe, senhorinha, posso convidar a passear?"
 - (b) - E, se me permite, qual é mesmo a sua graça?"
 - (c) - Eu gosto tanto de parafuso e prego, e o senhor?"
 - (d) - Me desculpe mas até parece doença, doença de pele."
 - (e) - (...) pois como o senhor vê eu vinguei... pois é..."

Texto para a questão 61

Ele se aproximou e com voz cantante de nordestino que a emocionou, perguntou-lhe:

- E se me desculpe, senhorinha, posso convidar a passear?
- Sim, respondeu atabalhoadamente com pressa antes que ele mudasse de idéia.
- E, se me permite, qual é mesmo a sua graça?
- Macabéa.
- Maca - o quê?
- Bea, foi ela obrigada a completar.
- Me desculpe mas até parece doença, doença de pele.
- Eu também acho esquisito mas minha mãe botou ele por promessa a Nossa Senhora da Boa Morte se eu vingasse, até um ano de idade eu não era chamada porque não tinha nome, eu preferia continuar a nunca ser chamada em vez de ter um nome que ninguém tem mas parece que deu certo - parou um instante retomando o fôlego perdido e acrescentou desanimada e com pudor - pois como o senhor vê eu vinguei... pois é...
- Também no sertão da Paraíba promessa é questão de grande dívida de honra. Eles não sabiam como se passeia. Andaram sob a chuva grossa e pararam diante da vitrine de uma loja de ferragem onde estavam expostos atrás do vidro canos, latas, parafusos grandes e pregos. E Macabéa, com medo de que o silêncio já significasse uma ruptura, disse ao recém-namorado:
- Eu gosto tanto de parafuso e prego, e o senhor? Da segunda vez em que se encontraram caía uma chuva fininha que ensopava os ossos. Sem nem ao menos se darem as mãos caminhavam na chuva que na cara de Macabéa parecia lágrimas escorrendo.

Clarice Lispector, **A hora da estrela**.

61. (2006) No trecho "Sem nem ao menos se darem as mãos caminhavam na chuva", o segmento sublinhado pode ser corretamente substituído por: "Sem que nem ao menos se
- (a) dêem as mãos".
 - (b) davam as mãos".
 - (c) deram as mãos".
 - (d) dessem as mãos".
 - (e) dariam as mãos".

Texto para a questão 62

o Kramer apaixonou-se por uma corista que se chamava Olga. por algum motivo nunca conseguiam encontrar-se. ele gritava passando pela casa de Olga, manhãzinha (ela dormia): Olga, Olga, hoje estou de folga! mas nunca se viam e penso que ele sabia que se efetivamente se deitasse com ela o sonho terminaria. sábio Kramer. nunca mais o vi. há sonhos que devem permanecer nas gavetas, nos cofres, trancados até o nosso fim. e por isso passíveis de serem sonhados a vida inteira.

Hilda Hilst, **Estar sendo. Ter sido**.

Observações:

O emprego sistemático de minúscula na abertura de período é opção estilística da autora.

Corista = atriz / bailarina que figura em espetáculo de teatro musicado.

62. (2006) Considere as seguintes afirmações:
- (I) Kramer apaixonou-se por uma corista.
 - (II) Kramer e a corista jamais se encontraram.
 - (III) Talvez Kramer julgasse ter sido melhor assim.
- As afirmações acima estão articuladas de modo coerente e correto no seguinte período:
- (a) Talvez Kramer tenha julgado ter sido melhor que ele e a corista por quem se apaixonou jamais se houvessem encontrado.
 - (b) Muito embora Kramer se apaixonou por uma corista, jamais se encontraram, mesmo porque ele julgaria ter sido melhor assim.
 - (c) Jamais se encontraram Kramer e a corista por quem se apaixonou, pois talvez Kramer julgava que é melhor ser assim.
 - (d) Quando se apaixonou por uma corista, ainda que ambos jamais se encontraram, Kramer talvez tenha achado que assim seria melhor.
 - (e) Desde que Kramer se apaixonou e julgou melhor assim, ele e a corista jamais teriam se encontrado.

63. (2006) A televisão tem de ser vista um prisma crítico, principalmente as telenovelas, audiência é significativa. Temos de procurar saber elas prendem tanto os telespectadores. Preenchem de modo correto as lacunas acima, respectivamente,
- (a) a nível de/ as quais a/ por que.
 - (b) sobre/ que/ porquê.
 - (c) sob/ cuja/ por que.
 - (d) em nível de/ cuja a/ porque.
 - (e) sob/ cuja a/ porque.

Texto para a questão 64

É impossível colocar em série exata os fatos da infância porque há aquelas que já acontecem permanentes, que vêm para ficar e doer, que nunca mais são esquecidos, que são sempre trazidos tempo afora, como se fossem dagora. É a carga. Há os outros, miúdos fatos, incolores e quase sem som - que mal se deram, a memória os atira nos abismos do esquecimento. Mesmo próximos eles viram logo passado remoto. Surgem às vezes, na lembrança, como se fossem uma incongruência. Só aparentemente sem razão, porque não há associação de ideias que seja ilógica. O que assim parece, em verdade, liga-se e harmoniza-se no subconsciente pelas raízes subterrâneas - raízes lógicas! - de que emergem os pequenos caules isolados - aparentemente ilógicos! só aparentemente! - às vezes chegados à memória vindos do esquecimento, que é outra função ativa dessa mesma memória.

Pedro Nava, **Baú de ossos**.

64. (2006) O valor sintático-semântico do vocábulo sublinhado no trecho "Há os outros, (...) que malse deram", corresponde ao do mesmo termo em:
- (a) Vou aceitar o cargo, apesar de falar mal o português.
 - (b) Meu livro foi mal acolhido pelos críticos de plantão.
 - (c) Mal sabia eu o que me esperava atrás daquela porta.
 - (d) Em público, ela mal olha para mim.
 - (e) Mal entrei em casa, o telefone tocou.

Texto para a questão 65

o Kramer apaixonou-se por uma corista que se chamava Olga. por algum motivo nunca conseguiam

encontrar-se. ele gritava passando pela casa de Olga, manhãzinha (ela dormia): Olga, Olga, hoje estou de folga! mas nunca se viam e penso que ele sabia que se efetivamente se deitasse com ela o sonho terminaria. sábio Kramer. nunca mais o vi. há sonhos que devem permanecer nas gavetas, nos cofres, trancados até o nosso fim. e por isso passíveis de serem sonhados a vida inteira.

Hilda Hilst, **Estar sendo. Ter sido**.

Observações:

O emprego sistemático de minúscula na abertura de período é opção estilística da autora.

Corista = atriz / bailarina que figura em espetáculo de teatro musicado.

65. (2006) No trecho "há sonhos que devem permanecer nas gavetas, nos cofres, trancados até o nosso fim.", o recurso de estilo que **NÃO** ocorre é a
- (a) redundância.
 - (b) inversão.
 - (c) gradação.
 - (d) metáfora.
 - (e) enumeração.

Texto para a questão 66

Ele se aproximou e com voz cantante de nordestino que a emocionou, perguntou-lhe:

- E se me desculpe, senhorinha, posso convidar a passear?

- Sim, respondeu atabalhoadamente com pressa antes que ele mudasse de idéia.

- E, se me permite, qual é mesmo a sua graça?

- Macabéa.

- Maca - o quê?

- Bea, foi ela obrigada a completar.

- Me desculpe mas até parece doença, doença de pele.

- Eu também acho esquisito mas minha mãe botou ele por promessa a Nossa Senhora da Boa Morte se eu vingasse, até um ano de idade eu não era chamada porque não tinha nome, eu preferia continuar a nunca ser chamada em vez de ter um nome que ninguém tem mas parece que deu certo - parou um instante retomando o fôlego perdido e acrescentou desanimada e com pudor - pois como o senhor vê eu vinguei... pois é...

- Também no sertão da Paraíba promessa é questão de grande dívida de honra. Eles não sabiam como se passeia. Andaram sob a chuva grossa e pararam diante da vitrine de uma loja de ferragem onde estavam expostos atrás do vidro canos, latas, parafusos grandes e pregos. E Macabéa, com medo de

que o silêncio já significasse uma ruptura, disse ao recém-namorado:

- Eu gosto tanto de parafuso e prego, e o senhor? Da segunda vez em que se encontraram caía uma chuva fininha que ensopava os ossos. Sem nem ao menos se darem as mãos caminhavam na chuva que na cara de Macabéa parecia lágrimas escorrendo.

Clarice Lispector, **A hora da estrela**.

66. (2006) No trecho que vai de "Eu também acho esquisito" a "eu vinguei... pois é...", o autor se vale, para traduzir o estado emocional de Macabéa, do seguinte recurso expressivo:

- (a) omissão de vírgulas entre orações.
- (b) emprego reiterado de frases nominais.
- (c) falta de rigor na concordância verbal.
- (d) eliminação da maioria dos conectivos entre as orações.
- (e) uso de regências verbais inadequadas.

Texto para a questão 67

É impossível colocar em série exata os fatos da infância porque há aquelas que já acontecem permanentes, que vêm para ficar e doer, que nunca mais são esquecidos, que são sempre trazidos tempo afora, como se fossem dagora. É a carga. Há os outros, miúdos fatos, incolores e quase sem som - que mal se deram, a memória os atira nos abismos do esquecimento. Mesmo próximos eles viram logo passado remoto. Surgem às vezes, na lembrança, como se fossem uma incongruência. Só aparentemente sem razão, porque não há associação de ideias que seja ilógica. O que assim parece, em verdade, liga-se e harmoniza-se no subconsciente pelas raízes subterrâneas - raízes lógicas! - de que emergem os pequenos caules isolados - aparentemente ilógicos! só aparentemente! - às vezes chegados à memória vindos do esquecimento, que é outra função ativa dessa mesma memória.

Pedro Nava, **Baú de ossos**.

67. (2006) O que Pedro Nava afirma no final do texto ajuda a compreender o título do livro **Esquecer para lembrar**, de Carlos Drummond de Andrade, título que contém

- (a) um paradoxo apenas aparente, já que designa uma das operações próprias da memória.
- (b) uma contradição insuperável, justificada apenas pelo valor poético que alcança.

- (c) uma explicação para a dificuldade de se organizar de modo sistemático os fatos lembrados.
- (d) uma fina ironia, pois a antítese entre os dois verbos dá a entender o inverso do que nele se afirma.
- (e) uma metáfora, já que o tempo do esquecimento e o tempo da lembrança não podem ser simultâneos.

68. (2006) Os verbos estão corretamente empregados apenas na frase:

- (a) No cerne de nossas heranças culturais se encontram os idiomas que as transmitem de geração em geração e que assegurem a pluralidade das civilizações.
- (b) Se há episódios traumáticos em nosso passado, não poderemos avançar a não ser que os encaramos.
- (c) Estresse e ambiente hostil são apenas alguns dos fatores que possam desencadear uma explosão de fúria.
- (d) A exigência interdisciplinar impõe a cada especialista que transcenda sua própria especialidade e que tome consciência de seus próprios limites.
- (e) O que hoje talvez possa vir a tornar-se uma técnica para prorrogar a vida, sem dúvida amanhã possa vir a tornar-se uma ameaça.

Texto para a questão 69

Um homem precisa viajar. Por sua conta, não por meio de histórias, imagens, livros ou TV. Precisa viajar por si, com seus olhos e pés, para entender o que é seu. Para um dia plantar as suas próprias árvores e dar-lhes valor. Conhecer o frio para conhecer o calor. E o oposto. Sentir a distância e o desabrigo para estar bem sob o próprio teto. Um homem precisa viajar para lugares que não conhece para quebrar essa arrogância que nos faz ver o mundo como o imaginamos, e não simplesmente como é ou pode ser; que nos faz professores e doutores do que não vimos, quando deveríamos ser alunos, e simplesmente ir ver.

Amyr Klink, **Mar sem fim**.

69. (2006) Na frase "que nos faz professores e doutores do que não vimos", o pronome sublinhado retoma a expressão antecedente

- (a) "para lugares".
- (b) "o mundo".
- (c) "um homem".
- (d) "essa arrogância".

(e) "como o imaginamos".

Texto para a questão 70

O anúncio luminoso de um edifício em frente, acendendo e apagando, dava banhos intermitentes de sangue na pele de seu braço repousado, e de sua face. Ela estava sentada junto à janela e havia luar; e nos intervalos desse banho vermelho ela era toda pálida e suave.

Na roda havia um homem muito inteligente que falava muito; havia seu marido, todo bovino; um pintor louro e nervoso; uma senhora recentemente desquitada, e eu. Para que recensear a roda que falava de política e de pintura? Ela não dava atenção a ninguém. Quieta, às vezes sorrindo quando alguém lhe dirigia a palavra, ela apenas mirava o próprio braço, atenta à mudança da cor. Senti que ela fruía nisso um prazer silencioso e longo. "Muito!", disse quando alguém lhe perguntou se gostara de um certo quadro - e disse mais algumas palavras; mas mudou um pouco a posição do braço e continuou a se mirar, interessada em si mesma, com um ar sonhador.

Rubem Braga, "A mulher que ia navegar".

70. (2007) "‘Muito!’, disse quando alguém lhe perguntou se gostara de um certo quadro." Se a pergunta a que se refere o trecho fosse apresentada em discurso direto, a forma verbal correspondente a "gostara" seria
- (a) gostasse.
 - (b) gostava.
 - (c) gostou.
 - (d) gostará.
 - (e) gostaria.

Texto para a questão 71

Das vãs sutilezas

Os homens recorrem por vezes a sutilezas fúteis e vãs para atrair nossa atenção. (...) Aprovo a atitude daquele personagem a quem apresentaram um homem que com tamanha habilidade atirava um grão de alpiste que o fazia passar pelo buraco de uma agulha sem jamais errar o golpe. Tendo pedido ao outro que lhe desse uma recompensa por essa habilidade excepcional, atendeu o solicitado, de maneira prazenteira e justa a meu ver, mandando entregar-lhe três medidas de alpiste a fim de que pudesse continuar a exercer tão nobre arte. É

prova irrefutável da fraqueza de nosso julgamento apaixonarmo-nos pelas coisas só porque são raras e inéditas, ou ainda porque apresentam alguma dificuldade, muito embora não sejam nem boas nem úteis em si.

Montaigne, **Ensaíos**.

71. (2007) A expressão sublinhada no trecho "...ou ainda porque apresentam alguma dificuldade, muito embora não sejam nem boas nem úteis em si" pode ser substituída, sem prejuízo para o sentido, por
- (a) desde que.
 - (b) contanto que.
 - (c) uma vez que.
 - (d) a não ser que.
 - (e) se bem que.

Texto para a questão 72

Sinal fechado

(...)

- Me perdoe a pressa, é a alma dos nossos negócios...

- Oh, não tem de quê, eu também só ando a cem...

(...)

- Tanta coisa que eu tinha a dizer, mas eu sumi na poeira das ruas...

- Eu também tenho algo a dizer, mas me foge à lembrança...

-Por favor, telefone, eu preciso beber alguma coisa rapidamente...

- Pra semana...

- O sinal...

- Eu procuro você...

- Vai abrir! Vai abrir!

- Prometo, não esqueço...

- Por favor, não esqueça...

- Não esqueço, não esqueço...

- Adeus...



Paulinho da Viola.

Juarez Machado

72. (2007) O uso reiterado das reticências na letra da canção denota o propósito de marcar, na escrita,

- (a) as interrupções que ocorreram na breve e apressada conversa.
- (b) a ausência de interesse das personagens em dialogar.
- (c) a supressão de falas que poderiam parecer agressivas.
- (d) a enumeração de acontecimentos que deram origem ao encontro.
- (e) as omissões de fatos relevantes que as personagens decidem ocultar.

Texto para a questão 73

Das vãs sutilezas

Os homens recorrem por vezes a sutilezas fúteis e vãs para atrair nossa atenção. (...) Aprovo a atitude daquele personagem a quem apresentaram um homem que com tamanha habilidade atirava um grão de alpiste que o fazia passar pelo buraco de uma agulha sem jamais errar o golpe. Tendo pedido ao outro que lhe desse uma recompensa por essa habilidade excepcional, atendeu o solicitado, de maneira prazenteira e justa a meu ver, mandando entregar-lhe três medidas de alpiste a fim de que pudesse continuar a exercer tão nobre arte. É prova irrefutável da fraqueza de nosso julgamento apaixonarmo-nos pelas coisas só porque são raras e inéditas, ou ainda porque apresentam alguma dificuldade, muito embora não sejam nem boas nem úteis em si.

Montaigne, **Ensaio**.

73. (2007) O texto revela, em seu desenvolvimento, a seguinte estrutura:

- (a) formulação de uma tese; ilustração dessa tese por meio de uma narrativa; reiteração e expansão da tese inicial.
- (b) formulação de uma tese; refutação dessa tese por meio de uma narrativa; formulação de uma nova tese, inspirada pela narrativa.
- (c) desenvolvimento de uma narrativa; formulação de tese inspirada nos fatos dessa narrativa; demonstração dessa tese.
- (d) segmento narrativo introdutório; desenvolvimento da narrativa; formulação de uma hipótese inspirada nos fatos narrados.
- (e) segmento dissertativo introdutório; desenvolvimento de uma descrição; rejeição da tese introdutória.

74. (2007) Quanto à concordância verbal, a frase inteiramente correta é:

- (a) Cada um dos participantes, ao inscrever-se, deverão receber as orientações necessárias.
- (b) Os que prometem ser justos, em geral, não conseguem sê-lo sem que se prejudiquem.
- (c) Já deu dez horas e a entrega das medalhas ainda não foram feitas.
- (d) O que se viam era apenas destroços, cadáveres e ruas completamente destruídas.
- (e) Devem ter havido acordos espúrios entre prefeitos e vereadores daqueles municípios.

Texto para a questão 75

Há muitas, quase infinitas maneiras de ouvir música. Entretanto, as três mais frequentes distinguem-se pela tendência que em cada uma delas se torna dominante: ouvir com o corpo, ouvir emotivamente, ouvir intelectualmente.

Ouvir com o corpo é empregar no ato da escuta não apenas os ouvidos, mas a pele toda, que também vibra ao contato com o dado sonoro: é sentir em estado bruto. É bastante frequente, nesse estágio da escuta, que haja um impulso em direção ao ato de dançar.

Ouvir emotivamente, no fundo, não deixa de ser ouvir mais a si mesmo que propriamente a música. É usar da música a fim de que ela desperte ou reforce algo já latente em nós mesmos. Sai-se da sensação bruta e entra-se no campo dos sentimentos.

Ouvir intelectualmente é dar-se conta de que a música tem, como base, estrutura e forma. Referir-se à música a partir dessa perspectiva seria atentar para a materialidade de seu discurso: o que ele comporta, como seus elementos se estruturam, qual a forma alcançada nesse processo.

Adaptado de J. Jota de Moraes, **O que é música.**

75. (2008) Considere as seguintes afirmações:

- (I) Ouvir música com o corpo é senti-la em estado bruto.
- (II) Ao ouvir-se música emotivamente, sai-se do estado bruto.

Essas afirmações articulam-se de maneira clara e coerente no período:

- (a) Com o corpo, ouve-se música sentindo-a em estado bruto, ocorrendo o mesmo se ouvi-la emotivamente.
- (b) Sai do estado bruto quem ouve música com o corpo, no caso de quem a sente de modo emotivo.
- (c) Para sentir a música emotivamente, quem sai do estado bruto é quem a ouve com o corpo.
- (d) Sai para o estado emotivo de ouvir música aquele que a ouvia no estado bruto do corpo.
- (e) Quem ouve música de modo emotivo deixa de senti-la no estado bruto, próprio de quem a ouve com o corpo.

Texto para a questão 76

No início do século XVI, Maquiavel escreveu **O Príncipe** - uma célebre análise do poder político, apresentada sob a forma de lições, dirigidas ao

príncipe Lorenzo de Médicis. Assim justificou Maquiavel o caráter professoral do texto:

Não quero que se repute presunção o fato de um homem de baixo e ínfimo estado discorrer e regular sobre o governo dos príncipes; pois assim como os [cartógrafos] que desenham os contornos dos países se colocam na planície para considerar a natureza dos montes, e para considerar a das planícies ascendem aos montes, assim também, para conhecer bem a natureza dos povos, é necessário ser príncipe, e para conhecer a dos príncipes é necessário ser do povo.

Tradução de Lívio Xavier, adaptada.

76. (2008) Está redigido com clareza, coerência e correção o seguinte comentário sobre o texto:

- (a) Temendo ser qualificado de presunçoso, Maquiavel achou por bem defrontar sua autoridade intelectual, tipo um cartógrafo habilitado a desenhar os contrastes de uma região.
- (b) Maquiavel, embora identificando-se como um homem de baixo estado, não deixou de justificar sua autoridade diante do príncipe, em cujos ensinamentos lhe poderiam ser de grande valia.
- (c) Manifestando uma compreensão dialética das relações de poder, Maquiavel não hesita em ministrar ao príncipe, já ao justificar o livro, uma objetiva lição de política.
- (d) Maquiavel parece advertir aos poderosos de que não se menospreze as lições de quem sabe tanto analisar quanto ensinar o comportamento de quem mantenha relações de poder.
- (e) Maquiavel, apesar de jamais ter sido um governante em seu livro tão perspicaz, soube se investir nesta função, e assim justificar-se diante de um príncipe autêntico.

Texto para as questões 77 e 78

S. Paulo, 13-XI-42

Murilo

São 23 horas e estou honestissimamente em casa, imagine! Mas é doença que me prende, irmão pequeno. Tomei com uma gripe na semana passada, depois, desensarado, com uma chuva, domingo último, e o resultado foi uma sinusitezinha infernal que me inutilizou mais esta semana toda. E eu com tanto trabalho! Faz quinze dias que não faço nada, com o desânimo de após-gripe, uma molera invencível, e as dores e tratamento atroz. Nesta noite de hoje me senti mais animado e andei trabalhandinho por aí. (...)

Quanto a suas reservas a palavras do poema que

lhe mandei, gostei da sua habilidade em pegar todos os casos "propositais". Sim senhor, seu poeta, você até está ficando escritor e estilista. Você tem toda a razão de não gostar do "nariz furão", de "comichona", etc. Mas lhe juro que o gosto consciente aí é da gente não gostar sensitivamente. As palavras são postas de propósito pra não gostar, devido à elevação declamatória do coral que precisa ser um bocado bárbara, brutal, insatisfatória e lancinante. Carece botar um pouco de insatisfação no prazer estético, não deixar a coisa muito bem-feitinha.(...) De todas as palavras que você recusou só uma continua me desagradando "lar fechadinho", em que o carinhoso do diminutivo é um desfalecimento no grandioso do coral.

Mário de Andrade, **Cartas a Murilo Miranda**.

77. (2008) "... estou honestissimamente em casa, imagine! Mas é doença que me prende, irmão pequeno."

No trecho acima, o termo grifado indica que o autor da carta pretende

- (a) revelar a acentuada sinceridade com que se dirige ao leitor.
 - (b) descrever o lugar onde é obrigado a ficar em razão da doença.
 - (c) demarcar o tempo em que permanece impossibilitado de sair.
 - (d) usar a doença como pretexto para sua voluntária inatividade.
 - (e) enfatizar sua forçada resignação com a permanência em casa.
78. (2008) No texto, as palavras "sinusitezinha" e "trabalhandinho" exprimem, respectivamente,
- (a) delicadeza e raiva.
 - (b) modéstia e desgosto.
 - (c) carinho e desdém.
 - (d) irritação e atenuação.
 - (e) euforia e ternura.
79. (2008) A frase em que todos os vocábulos grifados estão corretamente empregados é:

- (a) Descobriu-se, há instantes, a verdadeira razão por que a criança se recusava à frequentar a escola.
- (b) Não se sabe, de fato, porquê o engenheiro preferiu destruir o pátio a adaptá-lo às novas normas.

- (c) Disse-nos, já a várias semanas, que explicaria o porque da decisão tomada às pressas naquela reunião.
- (d) Chegava tarde, porque precisava percorrer a pé uma distância de dois à três quilômetros.
- (e) Não prestou contas à associação de moradores, não compareceu à audiência e até hoje não disse por quê.

Texto para a questão 80

S. Paulo, 13-XI-42

Murilo

São 23 horas e estou honestissimamente em casa, imagine! Mas é doença que me prende, irmão pequeno. Tomei com uma gripe na semana passada, depois, desensarado, com uma chuva, domingo último, e o resultado foi uma sinusitezinha infernal que me inutilizou mais esta semana toda. E eu com tanto trabalho! Faz quinze dias que não faço nada, com o desânimo de após-gripe, uma moleza invencível, e as dores e tratamento atrozes. Nesta noite de hoje me senti mais animado e andei trabalhandinho por aí. (...)

Quanto a suas reservas a palavras do poema que lhe mandei, gostei da sua habilidade em pegar todos os casos "propositais". Sim senhor, seu poeta, você até está ficando escritor e estilista. Você tem toda a razão de não gostar do "nariz furão", de "comichona", etc. Mas lhe juro que o gosto consciente aí é da gente não gostar sensitivamente. As palavras são postas de propósito pra não gostar, devido à elevação declamatória do coral que precisa ser um bocado bárbara, brutal, insatisfatória e lancinante. Carece botar um pouco de insatisfação no prazer estético, não deixar a coisa muito bem-feitinha.(...) De todas as palavras que você recusou só uma continua me desagradando "lar fechadinho", em que o carinhoso do diminutivo é um desfalecimento no grandioso do coral.

Mário de Andrade, **Cartas a Murilo Miranda**.

80. (2008) No trecho "...o gosto consciente aí é da gente não gostar sensitivamente", apresenta-se um jogo de idéias contrárias, que também ocorre em
- (a) "dores e tratamento atrozes".
 - (b) "reservas a palavras do poema".
 - (c) "insatisfação no prazer estético".
 - (d) "a coisa muito bem-feitinha".
 - (e) "o carinhoso do diminutivo".

Texto para a questão 81

Vestindo água, só saído o cimo do pescoço, o burrinho tinha de se enqueixar para o alto, a salvar também de fora o focinho. Uma peitada. Outro tacar de patas. Chu-áa! Chu-áa... - ruge o rio, como chuva deitada no chão. Nenhuma pressa! Outra remada, vagarosa. No fim de tudo, tem o pátio, com os cochos, muito milho, na Fazenda; e depois o pasto: sombra, capim e sossego... Nenhuma pressa. Aqui, por ora, este poço doido, que barulha como um fogo, e faz medo, não é novo: tudo é ruim e uma só coisa, no caminho: como os homens e os seus modos, costumeira confusão. É só fechar os olhos. Como sempre. Outra passada, na massa fria. E ir sem afã, à voga surda, amigo da água, bem com o escuro, filho do fundo, poupando forças para o fim. Nada mais, nada de graça; nem um arranco, fora de hora. Assim.

João Guimarães Rosa. O burrinho pedrês,
Sagarana.

81. (2009) Como exemplos da expressividade sonora presente neste excerto, podemos citar a onomatopéia, em "Chu-áa! Chu-áa...", e a fusão de onomatopéia com aliteração, em
- (a) "vestindo água".
 - (b) "ruge o rio".
 - (c) "poço doido".
 - (d) "filho do fundo".
 - (e) "fora de hora".

Texto para a questão 82

Belo Horizonte, 28 de julho de 1942.

Meu caro Mário,
Estou te escrevendo rapidamente, se bem que haja muitíssima coisa que eu quero te falar (a respeito da Conferência, que acabei de ler agora). Vem-me uma vontade imensa de desabafar com você tudo o que ela me fez sentir. Mas é longo, não tenho o direito de tomar seu tempo e te chatear.

Fernando Sabino

82. (2009) No texto, o conectivo "se bem que" estabelece relação de
- (a) conformidade.
 - (b) condição.
 - (c) concessão.
 - (d) alternância.
 - (e) consequência.

Texto para a questão 83

Artistas, costureiras, soldadores e desenhistas manejam ferro, madeira, isopor e tecido. No galpão do boi Garantido, o do coração vermelho, todos se esmeram (nunca usam o verbo caprichar) para preparar um espetáculo que supere o do rival. No ano passado, foi o Caprichoso, o da estrela azul, o ganhador da disputa de bois-bumbá do famoso Festival de Parintins, que todo final de junho atrai cerca de cem mil pessoas para a doce ilha situada na margem direita do rio Amazonas. No curral da torcida caprichosa, "alegoristas", passistas e percussionistas preferem não dizer que uma nova vitória está garantida. Dizem, sim, com todas as letras, que está assegurada.

Fernanda Pompeu. **Caprichada e garantida.**

83. (2009) De acordo com o texto, a escolha das palavras "esmeram" (linha 3) e "assegurada" (linha 13) é motivada pelo
- (a) despreparo dos habitantes de Parintins.
 - (b) antagonismo entre os dois grupos.
 - (c) desejo de falar difícil.
 - (d) entrosamento entre as duas equipes.
 - (e) sentido irônico contido nesses dois termos.

Texto para a questão 84

Eu amo a rua. Esse sentimento de natureza toda íntima não vos seria revelado por mim se não julgasse, e razões não tivesse para julgar, que este amor assim absoluto e assim exagerado é partilhado por todos vós. Nós somos irmãos, nós nos sentimos parecidos e iguais; nas cidades, nas aldeias, nos povoados, não porque soframos, com a dor e os desprazeres, a lei e a polícia, mas porque nos une, nivela e agremia o amor da rua. É este mesmo o sentimento imperturbável e indissolúvel, o único que, como a própria vida, resiste às idades e às épocas. Tudo se transforma, tudo varia - o amor, o ódio, o egoísmo. Hoje é mais amargo o riso, mais dolorosa a ironia. Os séculos passam, deslizam, levando as coisas fúteis e os acontecimentos notáveis. Só persiste e fica, legado das gerações cada vez maior, o amor da rua.

João do Rio. **A alma encantadora das ruas.**

84. (2009) Prefixos que têm o mesmo sentido ocorrem nas seguintes palavras do texto:
- (a) íntima / agremia.

- (b) resiste / deslizam.
(c) desprazeres / indissolúvel.
(d) imperturbável / transforma.
(e) revelado / persiste.
85. (2009) Dos termos sublinhados nas frases abaixo, o **único que está inadequado** ao contexto ocorre em:
- (a) O mundo está na iminência de enfrentar o recrudescimento da fome devido à escassez de alimentos.
(b) Para atender a todos os interessados no concurso, foi preciso dilatar o prazo das inscrições.
(c) Ao fazer cópias de músicas e filmes pela internet, é preciso ter cuidado para não infringir a lei.
(d) O município que se tornou símbolo da emigração brasileira para os EUA tenta se adaptar ao movimento migratório inverso.
(e) A cobrança de juros excessivos, com o objetivo de aferir lucro exagerado, desestimula o crescimento da produção.

Texto para a questão 86

Eu amo a rua. Esse sentimento de natureza toda íntima não vos seria revelado por mim se não julgasse, e razões não tivesse para julgar, que este amor assim absoluto e assim exagerado é partilhado por todos vós. Nós somos irmãos, nós nos sentimos parecidos e iguais; nas cidades, nas aldeias, nos povoados, não porque soframos, com a dor e os desprazeres, a lei e a polícia, mas porque nos une, nivela e agremia o amor da rua. É este mesmo o sentimento imperturbável e indissolúvel, o único que, como a própria vida, resiste às idades e às épocas. Tudo se transforma, tudo varia - o amor, o ódio, o egoísmo. Hoje é mais amargo o riso, mais dolorosa a ironia. Os séculos passam, deslizam, levando as coisas fúteis e os acontecimentos notáveis. Só persiste e fica, legado das gerações cada vez maior, o amor da rua.

João do Rio. **A alma encantadora das ruas.**

86. (2009) Em "nas cidades, nas aldeias, nos povoados" (linha 6), "hoje é mais amargo o riso, mais dolorosa a ironia" (linhas 12 e 13) e "levando as coisas fúteis e os acontecimentos notáveis" (linhas 13 e 14), ocorrem, respectivamente, os seguintes recursos expressivos:

- (a) eufemismo, antítese, metonímia.
(b) hipérbole, gradação, eufemismo.
(c) metáfora, hipérbole, inversão.
(d) gradação, inversão, antítese.
(e) metonímia, hipérbole, metáfora.

Texto para a questão 87

Artistas, costureiras, soldados e desenhistas manejam ferro, madeira, isopor e tecido. No galpão do boi Garantido, o do coração vermelho, todos se esmeram (nunca usam o verbo caprichar) para preparar um espetáculo que supere o do rival. No ano passado, foi o Caprichoso, o da estrela azul, o ganhador da disputa de bois-bumbá do famoso Festival de Parintins, que todo final de junho atrai cerca de cem mil pessoas para a doce ilha situada na margem direita do rio Amazonas. No curral da torcida caprichosa, "alegoristas", passistas e percussionistas preferem não dizer que uma nova vitória está garantida. Dizem, sim, com todas as letras, que está assegurada.

Fernanda Pompeu. Caprichada e garantida.

87. (2009) As marcas linguísticas e o modo de organização do discurso que caracterizam o texto são, respectivamente,
- (a) verbos no presente e no passado; descritivo-narrativo.
(b) substantivos e adjetivos; descritivo-dissertativo.
(c) substantivos; narrativo-dissertativo.
(d) frases nominais; apenas narrativo.
(e) adjetivos substantivados; apenas descritivo.

1.1 Gabarito - Gramática - 2000 a 2009

(1) B	(16) E	(31) D	(46) D	(61) D	(76) C
(2) D	(17) B	(32) D	(47) D	(62) A	(77) E
(3) C	(18) D	(33) C	(48) B	(63) C	(78) D
(4) C	(19) C	(34) E	(49) E	(64) E	(79) E
(5) D	(20) C	(35) B	(50) D	(65) B	(80) C
(6) B	(21) D	(36) A	(51) D	(66) A	(81) B
(7) B	(22) A	(37) E	(52) C	(67) A	(82) C
(8) E	(23) B	(38) D	(53) B	(68) D	(83) B
(9) B	(24) D	(39) A	(54) A	(69) D	(84) C
(10) C	(25) E	(40) E	(55) D	(70) C	(85) E
(11) B	(26) E	(41) A	(56) B	(71) E	(86) D
(12) C	(27) A	(42) C	(57) D	(72) A	(87) A
(13) D	(28) E	(43) B	(58) B	(73) A	
(14) A	(29) D	(44) E	(59) E	(74) B	
(15) D	(30) E	(45) A	(60) D	(75) E	

2 Gramática - 2010 a 2018

1. (2010) A única frase que segue as normas da língua escrita padrão é:
 - (a) A janela propiciava uma vista para cuja beleza muito contribuía a mata no alto do morro.
 - (b) Em pouco tempo e gratuitamente, prepare-se para a universidade que você se inscreveu.
 - (c) Apesar do rigor da disciplina, militares se mobilizam no sentido de voltar a cujos postos estavam antes de se licenciarem.
 - (d) Sem pretender passar por herói, aproveito para contar coisas as quais fui testemunha nos idos de 1968 e que hoje tanto se fala.
 - (e) Sem muito sacrifício, adotou um modo de vida a qual o permitia fazer o regime recomendado pelo médico.

Texto para a questão 2

Belo Horizonte, 28 de julho de 1942.

Meu caro Mário,

Estou te escrevendo rapidamente, se bem que haja muitíssima coisa que eu quero te falar (a respeito da Conferência, que acabei de ler agora). Vem-me uma vontade imensa de desabafar com você tudo o que ela me fez sentir. Mas é longo, não tenho o direito de tomar seu tempo e te chatear.

Fernando Sabino

2. (2010) Neste trecho de uma carta de Fernando Sabino a Mário de Andrade, o emprego de linguagem informal é bem evidente em
 - (a) "se bem que haja".
 - (b) "que acabei de ler agora".
 - (c) "Vem-me uma vontade".
 - (d) "tudo o que ela me fez sentir".
 - (e) "tomar seu tempo e te chatear".

Texto para a questão 3

Leia esta notícia científica:

Há 1,5 milhão de anos, ancestrais do homem moderno deixaram pegadas quando atravessaram um campo lamacento nas proximidades do Ileret, no norte do Quênia. Uma equipe internacional de pesquisadores descobriu essas marcas recentemente e mostrou que elas são muito parecidas

com as do "Homo sapiens": o arco do pé é alongado, os dedos são curtos, arqueados e alinhados. Também, o tamanho, a profundidade das pegadas e o espaçamento entre elas refletem a altura, o peso e o modo de caminhar atual. Anteriormente, houve outras descobertas arqueológicas, como, por exemplo, as feitas na Tanzânia, em 1978, que revelaram pegadas de 3,7 milhões de anos, mas com uma anatomia semelhante à de macacos. Os pesquisadores acreditam que as marcas recém-descobertas pertenceram ao "Homo erectus".

Revista FAPESP, nº 157, março de 2009.

Adaptado.

3. (2010) No trecho "semelhante à de macacos", fica subentendida uma palavra já empregada na mesma frase. Um recurso linguístico desse tipo também está presente no trecho assinalado em:
 - (a) A água não é somente herança de nossos predecessores; ela é, sobretudo, um empréstimo às futuras gerações.
 - (b) Recorrer à exploração da miséria humana, infelizmente, está longe de ser um novo ingrediente no cardápio da tevê aberta à moda brasileira.
 - (c) Ainda há quem julgue que os recursos que a natureza oferece à humanidade são, de certo modo, inesgotáveis.
 - (d) A prática do patrimonialismo acaba nos levando à cultura da tolerância à corrupção.
 - (e) Já está provado que a concentração de poluentes em área para não fumantes é muito superior à recomendada pela OMS.
4. (2010) Em qual destas frases a vírgula foi empregada para marcar a omissão do verbo?
 - (a) Ter um apartamento no térreo é ter as vantagens de uma casa, além de poder desfrutar de um jardim.
 - (b) Compre sem susto: a loja é virtual; os direitos, reais.
 - (c) Para quem não conhece o mercado financeiro, procuramos usar uma linguagem livre do economês.
 - (d) A sensação é de estar perdido: você não vai encontrar ninguém no Jalapão, mas vai ver a natureza intocada.
 - (e) Esta é a informação mais importante para a preservação da água: sabendo usar, não vai faltar.

Texto para a questão 5

Desde pequeno, tive tendência para personificar as coisas. Tia Tula, que achava que mormaço fazia mal, sempre gritava: "Vem pra dentro, menino, olha o mormaço!" Mas eu ouvia o mormaço com M maiúsculo. Mormaço, para mim, era um velho que pegava crianças! Ia pra dentro logo. E ainda hoje, quando leio que alguém se viu perseguido pelo clamor público, vejo com estes olhos o Sr. Clamor Público, magro, arquejante, de preto, brandindo um guarda-chuva, com um gogó protuberante que se abaixa e levanta noexcitamento da perseguição. E já estava devidamente grandezinho, pois devia contar uns trinta anos, quando me fui, com um grupo de colegas, a ver o lançamento da pedra fundamental da ponte Uruguaiana-Libres, ocasião de grandes solenidades, com os presidentes Justo e Getúlio, e gente muita, tanto assim que fomos alojados os do meu grupo num casarão que creio fosse a Prefeitura, com os demais jornalistas do Brasil e Argentina. Era como um alojamento de quartel, com breve espaço entre as camas e todas as portas e janelas abertas, tudo com os alegres incômodos e duvidosos encantos de uma coletividade democrática. Pois lá pelas tantas da noite, como eu pressentisse, em meu entredormir, um vulto junto à minha cama, sentei-me estremunhado e olhei atônito para um tipo de chiru*, ali parado, de bigodes caídos, pala pendente e chapéu descido sobre os olhos. Diante da minha muda interrogação, ele resolveu explicar-se, com a devida calma:

- Pois é! Não vê que eu sou o sereno...

Mário Quintana, **As cem melhores crônicas brasileiras.**

Glossário:

estremunhado: mal acordado.

chiru: que ou aquele que tem pele morena, traços acabocladados (regionalismo: Sul do Brasil).

5. (2010) Considerando que "silepse é a concordância que se faz não com a forma gramatical das palavras, mas com seu sentido, com a ideia que elas representam", indique o fragmento em que essa figura de linguagem se manifesta.
- (a) "olha o mormaço".
 - (b) "pois devia contar uns trinta anos".
 - (c) "fomos alojados os do meu grupo".
 - (d) "com os demais jornalistas do Brasil".
 - (e) "pala pendente e chapéu descido sobre os olhos".

Texto para a questão 6

[José Dias] Teve um pequeno legado no testamento, uma apólice e quatro palavras de louvor. Copiou as palavras, encaixilhou-as e pendurou-as no quarto, por cima da cama. "Esta é a melhor apólice", dizia ele muita vez. Com o tempo, adquiriu certa autoridade na família, certa audiência, ao menos; não abusava, e sabia opinar obedecendo. Ao cabo, era amigo, não direi ótimo, mas nem tudo é ótimo neste mundo. E não lhe suponhas alma subalterna; as cortesias que fizesse vinham antes do cálculo que da índole. A roupa durava-lhe muito; ao contrário das pessoas que enxovalham depressa o vestido novo, ele trazia o velho escovado e liso, cerzido, abotoado, de uma elegância pobre e modesta. Era lido, posto que de atropelo, o bastante para divertir ao serão e à sobremesa, ou explicar algum fenômeno, falar dos efeitos do calor e do frio, dos polos e de Robespierre. Contava muita vez uma viagem que fizera à Europa, e confessava que a não sermos nós, já teria voltado para lá; tinha amigos em Lisboa, mas a nossa família, dizia ele, abaixo de Deus, era tudo.

Machado de Assis, **Dom Casmurro.**

6. (2010) Considerado o contexto, qual das expressões sublinhadas foi empregada em sentido metafórico?
- (a) "Teve um pequeno legado".
 - (b) "Esta é a melhor apólice".
 - (c) "certa audiência, ao menos".
 - (d) "ao cabo, era amigo".
 - (e) "o bastante para divertir".

Texto para a questão 7

Todo o barbeiro é tagarela, e principalmente quando tem pouco que fazer; começou portanto a puxar conversa com o freguês. Foi a sua salvação e fortuna. O navio a que o marujo pertencia viajava para a Costa e ocupava-se no comércio de negros; era um dos combóis que traziam fornecimento para o Valongo, e estava pronto a largar.

- Ó mestre! disse o marujo no meio da conversa, você também não é sangrador?

- Sim, eu também sangro...

- Pois olhe, você estava bem bom, se quisesse ir conosco... para curar a gente a bordo; morreu-se ali que é uma praga.

- Homem, eu da cirurgia não entendo **muito**...

- Pois já não disse que sabe também sangrar?

- Sim...

- Então já sabe até demais.

No dia seguinte saiu o nosso homem pela barra fora:

a fortuna tinha-lhe dado o meio, cumpria sabê-lo aproveitar; de oficial de barbeiro dava um salto mortal a **médico** de navio negreiro; restava unicamente saber fazer render a nova posição. Isso ficou por sua conta.

Por um feliz acaso logo nos primeiros dias de viagem adoeceram dois marinheiros; chamou-se o médico; ele fez tudo o que sabia... sangrou os doentes, e em pouco tempo estavam bons, perfeitos. Com isto ganhou imensa reputação, e começou a ser estimado.

Chegaram com feliz viagem ao seu destino; tomaram o seu carregamento de gente, e voltaram para o Rio. Graças à lanceta do nosso homem, nem um só negro morreu, o que muito contribuiu para aumentar-lhe a sólida reputação de entendedor do riscado.

Manuel Antônio de Almeida, **Memórias de um sargento de milícias**.

7. (2011) A linguagem de cunho popular que está presente tanto na fala das personagens quanto no discurso do narrador do romance de Manuel Antônio de Almeida, está mais bem exemplificada em:
- (a) "quando tem pouco que fazer"; "cumpria sabê-lo aproveitar".
 - (b) "Foi a sua salvação"; "a que o marujo pertencia".
 - (c) "saber fazer render a nova posição"; "Chegaram com feliz viagem ao seu destino".
 - (d) "puxar conversa"; "entendedor do riscado".
 - (e) "adoeceram dois marinheiros"; "sólida reputação".

Texto para a questão 8

Já na segurança da calçada, e passando por um trecho em obras que atravança nossos passos, lanço à queima-roupa:

- Você conhece alguma cidade mais feia do que São Paulo?

- Agora você me pegou, retruca, rindo. Hã, deixa eu ver... Lembro-me de La Paz, a capital da Bolívia, que me pareceu bem feia. Dizem que Bogotá é muito feiosa também, mas não a conheço. Bem, São Paulo, no geral, é feia, mas as pessoas têm uma disposição para o trabalho aqui, uma vibração empreendedora, que dá uma feição muito particular à cidade. Acordar cedo em São Paulo e ver as pessoas saindo para trabalhar é algo que me toca. Acho emocionante ver a garra dessa gente.

R. Moraes e R. Linsker. **Estrangeiros em casa: uma caminhada pela selva urbana de São Paulo**. National Geographic Brasil. Adaptado.

8. (2011) Ao reproduzir um diálogo, o texto incorpora marcas de oralidade, tanto de ordem léxica, caso da palavra "garra", quanto de ordem gramatical, como, por exemplo,
- (a) "lanço à queima-roupa".
 - (b) "Agora você me pegou".
 - (c) "deixa eu ver".
 - (d) "Bogotá é muito feiosa".
 - (e) "é algo que me toca".

Texto para a questão 9

A questão racial parece um desafio do presente, mas trata-se de algo que existe desde há muito tempo. Modifica-se ao acaso das situações, das formas de sociabilidade e dos jogos das forças sociais, mas reitera-se continuamente, modificada, mas persistente. Esse é o enigma com o qual se defrontam uns e outros, intolerantes e tolerantes, discriminados e preconceituosos, segregados e arrogantes, subordinados e dominantes, em todo o mundo. Mais do que tudo isso, a questão racial revela, de forma particularmente evidente, nuançada e estridente, como funciona a fábrica da sociedade, compreendendo identidade e alteridade, diversidade e desigualdade, cooperação e hierarquização, dominação e alienação.

Octavio Ianni. *Dialética das relações sociais. Estudos avançados*, n. 50, 2004.

9. (2011) As palavras do texto cujos prefixos traduzem, respectivamente, ideia de anterioridade e contiguidade são
- (a) "persistente" e "alteridade".
 - (b) "discriminados" e "hierarquização".
 - (c) "preconceituosos" e "cooperação".
 - (d) "subordinados" e "diversidade".
 - (e) "identidade" e "segregados".

Texto para a questão 10

A ROSA DE HIROXIMA

Pensem nas crianças
Mudas telepáticas
Pensem nas meninas
Cegas inexatas
Pensem nas mulheres
Rotas alteradas

Pensem nas feridas
Como rosas cálidas
Mas oh não se esqueçam
Da rosa da rosa
Da rosa de Hiroxima
A rosa hereditária
A rosa radioativa
Estúpida e inválida
A rosa com cirrose
A antirrosa atômica
Sem cor sem perfume
Sem rosa sem nada.

Vinicius de Moraes, **Antologia poética**.

10. (2011) Dentre os recursos expressivos presentes no poema, podem-se apontar a sinestesia e a aliteração, respectivamente, nos versos
- (a) 2 e 17.
 - (b) 1 e 5.
 - (c) 8 e 15.
 - (d) 9 e 18.
 - (e) 14 e 3.

Texto para a questão 11

Todo o barbeiro é tagarela, e principalmente quando tem pouco que fazer; começou portanto a puxar conversa com o freguês. Foi a sua salvação e fortuna. O navio a que o marujo pertencia viajava para a Costa e ocupava-se no comércio de negros; era um dos combóis que traziam fornecimento para o Valongo, e estava pronto a largar.

- Ó mestre! disse o marujo no meio da conversa, você também não é sangrador?

- Sim, eu também sangro...

- Pois olhe, você estava bem bom, se quisesse ir conosco... para curar a gente a bordo; morre-se ali que é uma praga.

- Homem, eu da cirurgia não entendo **muito**...

- Pois já não disse que sabe também sangrar?

- Sim...

- Então já sabe até demais.

No dia seguinte saiu o nosso homem pela barra fora: a fortuna tinha-lhe dado o meio, cumpria sabê-lo aproveitar; de oficial de barbeiro dava um salto mortal a **médico** de navio negreiro; restava unicamente saber fazer render a nova posição. Isso ficou por sua conta.

Por um feliz acaso logo nos primeiros dias de viagem adoeceram dois marinheiros; chamou-se o médico; ele fez tudo o que sabia... sangrou os doentes, e em pouco tempo estavam bons, perfeitos.

Com isto ganhou imensa reputação, e começou a ser estimado.

Chegaram com feliz viagem ao seu destino; tomaram o seu carregamento de gente, e voltaram para o Rio. Graças à lanceta do nosso homem, nem um só negro morreu, o que muito contribuiu para aumentar-lhe a sólida reputação de entendedor do riscado.

Manuel Antônio de Almeida, Memórias de um sargento de milícias.

11. (2011) Para expressar um fato que seria consequência certa de outro, pode-se usar o pretérito imperfeito do indicativo em lugar do futuro do pretérito, como ocorre na seguinte frase:
- (a) "era um dos combóis que traziam fornecimento para o Valongo".
 - (b) "você estava bem bom, se quisesse ir conosco".
 - (c) "Pois já não disse que sabe também sangrar?".
 - (d) "de oficial de barbeiro dava um salto mortal a **médico** de navio negreiro".
 - (e) "logo nos primeiros dias de viagem adoeceram dois marinheiros".

Texto para a questão 12

Todas as variedades linguísticas são estruturadas, e correspondem a sistemas e subsistemas adequados às necessidades de seus usuários. Mas o fato de estar a língua fortemente ligada à estrutura social e aos sistemas de valores da sociedade conduz a uma avaliação distinta das características das suas diversas modalidades regionais, sociais e estilísticas. A língua padrão, por exemplo, embora seja uma entre as muitas variedades de um idioma, é sempre a mais prestigiosa, porque atua como modelo, como norma, como ideal linguístico de uma comunidade. Do valor normativo decorre a sua função coercitiva sobre as outras variedades, com o que se torna uma ponderável força contrária à variação.

Celso Cunha. **Nova gramática do português contemporâneo**. Adaptado.

12. (2012) Considere as seguintes afirmações sobre os quatro períodos que compõem o texto:
- (I) Tendo em vista as relações de sentido constituídas no texto, o primeiro período estabelece uma causa cuja consequência aparece no segundo período.
 - (II) O uso de orações subordinadas, tal como ocorre no terceiro período, é muito comum em textos dissertativos.

- (III) Por formarem um parágrafo tipicamente dissertativo, os quatro períodos se organizam em uma sequência constituída de introdução, desenvolvimento e conclusão.
- (IV) O procedimento argumentativo do texto é dedutivo, isto é, vai do geral para o particular.

Está correto apenas o que se afirma em

- (a) I e II.
(b) I e III.
(c) III e IV.
(d) I, II e IV.
(e) II, III e IV.

Texto para a questão 13

Não era e não podia o pequeno reino lusitano ser uma potência colonizadora à feição da antiga Grécia. O surto marítimo que enche sua história do século XV não resultara do extravasamento de nenhum excesso de população, mas fora apenas provocado por uma burguesia comercial sedenta de lucros, e que não encontrava no reduzido território pátrio satisfação à sua desmedida ambição. A ascensão do fundador da Casa de Avis ao trono português trouxe esta burguesia para um primeiro plano. Fora ela quem, para se livrar da ameaça castelhana e do poder da nobreza, representado pela Rainha Leonor Teles, cingira o Mestre de Avis com a coroa lusitana. Era ela, portanto, quem devia merecer do novo rei o melhor das suas atenções. Esgotadas as possibilidades do reino com as pródigas dádivas reais, restou apenas o recurso da expansão externa para contentar os insaciáveis companheiros de D. João I.

Caio Prado Júnior, **Evolução política do Brasil**. Adaptado.

13. (2012) O pronome "ela" da frase "Era ela, portanto, quem devia merecer do novo rei o melhor das suas atenções", refere-se a
- (a) "desmedida ambição".
(b) "Casa de Avis".
(c) "esta burguesia".
(d) "ameaça castelhana".
(e) "Rainha Leonor Teles".

Texto para a questão 14

Passaram-se semanas. Jerônimo tomava agora, todas as manhãs, uma xícara de café bem grosso, à moda da Ritinha, e tragava dois dedos de parati "pra cortar a friagem".

Uma transformação, lenta e profunda, operava-se nele, dia a dia, hora a hora, reviscerando-lhe o corpo e alando-lhe os sentidos, num trabalho misterioso e surdo de crisálida. A sua energia afrouxava lentamente: fazia-se contemplativo e amoroso. A vida americana e a natureza do Brasil patenteavam-lhe agora aspectos imprevisíveis e sedutores que o comoviam; esquecia-se dos seus primitivos sonhos de ambição, para idealizar felicidades novas, picantes e violentas; tornava-se liberal, imprevidente e franco, mais amigo de gastar que de guardar; adquiria desejos, tomava gosto aos prazeres, e volvia-se preguiçoso, resignando-se, vencido, às imposições do sol e do calor, muralha de fogo com que o espírito eternamente revoltado do último tamoio entrincheirou a pátria contra os conquistadores aventureiros.

E assim, pouco a pouco, se foram reformando todos os seus hábitos singelos de aldeão português: e Jerônimo abraçara-se. (...)

E o curioso é que, quanto mais ia ele caindo nos usos e costumes brasileiros, tanto mais os seus sentidos se apuravam, posto que em detrimento das suas forças físicas. Tinha agora o ouvido menos grosseiro para a música, compreendia até as intenções poéticas dos sertanejos, quando cantam à viola os seus amores infelizes; seus olhos, dantes só voltados para a esperança de tornar à terra, agora, como os olhos de um marujo, que se habituaram aos largos horizontes de céu e mar, já se não revoltavam com a turbulenta luz, selvagem e alegre, do Brasil, e abriam-se amplamente defronte dos maravilhosos despenhadeiros ilimitados e das cordilheiras sem fim, donde, de espaço a espaço, surge um monarca gigante, que o sol veste de ouro e ricas pedrarias refulgentes e as nuvens toucam de alvos turbantes de cambraia, num luxo oriental de arábicos príncipes voluptuosos.

Aluísio Azevedo, **O cortiço**.

14. (2012) Destes comentários sobre os trechos sublinhados, o único que está correto é:
- (a) "tragava dois dedos de parati"(L. 3): expressão típica da variedade linguística predominante no discurso do narrador.
(b) "pra cortar a friagem"(L. 3 e 4): essa expressão está entre aspas, no texto, para indicar que se trata do uso do discurso indireto livre.

- (c) "patenteavam-lhe agora aspectos imprevistos" (L. 10 e 11): assume o sentido de "registravam oficialmente".
- (d) "posto que em detrimento das suas forças físicas" (L. 26 e 27): equivale, quanto ao sentido, a "desde que em favor".
- (e) "tornava-se (...) imprevidente" (L. 13 e 14) e "resignando-se (...) às imposições do sol" (L. 16 e 17): trata-se do mesmo prefixo, apresentando, portanto, idêntico sentido.

Texto para a questão 15

Leia o seguinte trecho de uma entrevista concedida pelo ministro do Supremo Tribunal Federal, Joaquim Barbosa:

Entrevistador: - O protagonismo do STF dos últimos tempos tem usurpado as funções do Congresso?

Entrevistado: - Temos uma Constituição muito boa, mas excessivamente detalhista, com um número imenso de dispositivos e, por isso, suscetível a fomentar interpretações e toda sorte de litígios. Também temos um sistema de jurisdição constitucional, talvez único no mundo, com um rol enorme de agentes e instituições dotadas da prerrogativa ou de competência para trazer questões ao Supremo. É um leque considerável de interesses, de visões, que acaba causando a intervenção do STF nas mais diversas questões, nas mais diferentes áreas, inclusive dando margem a esse tipo de acusação. Nossas decisões não deveriam passar de duzentas, trezentas por ano. Hoje, são analisados cinquenta mil, sessenta mil processos. É uma insanidade.

Veja, 15/06/2011.

15. (2012) No trecho "dotadas da prerrogativa ou de competência", a presença de artigo antes do primeiro substantivo e a sua ausência antes do segundo fazem que o sentido de cada um desses substantivos seja, respectivamente,
- (a) figurado e próprio.
- (b) abstrato e concreto.
- (c) específico e genérico.
- (d) técnico e comum.
- (e) lato e estrito.

Texto para a questão 16

Não era e não podia o pequeno reino lusitano ser uma potência colonizadora à feição da antiga Grécia. O surto marítimo que enche sua história do século XV não resultara do extravasamento de nenhum excesso de população, mas fora apenas provocado por uma burguesia comercial sedenta de lucros, e que não encontrava no reduzido território pátrio satisfação à sua desmedida ambição. A ascensão do fundador da Casa de Avis ao trono português trouxe esta burguesia para um primeiro plano. Fora ela quem, para se livrar da ameaça castelhana e do poder da nobreza, representado pela Rainha Leonor Teles, cingira o Mestre de Avis com a coroa lusitana. Era ela, portanto, quem devia merecer do novo rei o melhor das suas atenções. Esgotadas as possibilidades do reino com as pródigas dádivas reais, restou apenas o recurso da expansão externa para contentar os insaciáveis companheiros de D. João I.

Caio Prado Júnior, **Evolução política do Brasil**. Adaptado.

16. (2012) No contexto, o verbo "enche" indica
- (a) habitualidade no passado.
- (b) simultaneidade em relação ao termo "ascensão".
- (c) ideia de atemporalidade.
- (d) presente histórico.
- (e) anterioridade temporal em relação a "reino lusitano"

Texto para a questão 17

RECEITA DE MULHER

As muito feias que me perdoem
Mas beleza é fundamental. É preciso
Que haja qualquer coisa de flor em tudo isso
Qualquer coisa de dança, qualquer coisa de
[haute couture*
Em tudo isso (ou então
Que a mulher se socialize elegantemente em azul,
[como na República Popular Chinesa).
Não há meio-termo possível. É preciso Que tudo
isso seja belo. É preciso que súbito
Tenha-se a impressão de ver uma garça apenas
[pousada e que um rosto
Adquira de vez em quando essa cor só encontrável
no
[terceiro minuto da aurora.

Vinicius de Moraes.

* "haute couture": alta costura.

Ata

17. (2012) Tendo em vista o contexto, o modo verbal predominante no excerto e a razão desse uso são:
- (a) indicativo; expressar verdades universais.
 - (b) imperativo; traduzir ordens ou exortações.
 - (c) subjuntivo; indicar vontade ou desejo.
 - (d) indicativo; relacionar ações habituais.
 - (e) subjuntivo; sugerir condições hipotéticas.

Texto para a questão 18

V - O samba

À direita do terreiro, adumbra-se* na escuridão um maciço de construções, ao qual às vezes recortam no azul do céu os trêmulos vislumbres das labaredas fustigadas pelo vento.

(...)

É aí o quartel ou quadrado da fazenda, nome que tem um grande pátio cercado de senzalas, às vezes com alpendrada corrida em volta, e um ou dois portões que o fecham como praça d'armas.

Em torno da fogueira, já esbarrondada pelo chão, que ela cobriu de brasido e cinzas, dançam os pretos o samba com um frenesi que toca o delírio. Não se descreve, nem se imagina esse desesperado saracoteio, no qual todo o corpo estremece, pula, sacode, gira, bamboleia, como se quisesse desgrudar-se.

Tudo salta, até os criulinhos que esperneiam no cangote das mães, ou se enrolam nas saias das raparigas. Os mais taludos viram cambalhotas e pincham à guisa de sapos em roda do terreiro. Um desses corta jaca no espinhaço do pai, negro fornido, que não sabendo mais como desconjuntar-se, atirou consigo ao chão e começou de rabanar como um peixe em seco. (...)

José de Alencar, **Til**.

(*) "adumbra-se" = delinea-se, esboça-se.

18. (2013) Para adequar a linguagem ao assunto, o autor lança mão também de um léxico popular, como atestam todas as palavras listadas na alternativa
- (a) saracoteio, brasido, rabanar, senzalas.
 - (b) esperneiam, senzalas, pincham, delírio.
 - (c) saracoteio, rabanar, cangote, pincham.
 - (d) fazenda, rabanar, cinzas, esperneiam.
 - (e) delírio, cambalhotas, cangote, fazenda.

Texto para a questão 19

Acredito que o mau tempo haja concorrido para que os sabadoyleanos hoje não estivessem na casa de José Mindlin, em São Paulo, gozando das delícias do cuscuz paulista aqui amavelmente prometido. Depois do almoço, visita aos livros dialogantes, na expressão de Drummond, não sabemos se no rigoroso sistema de vigilância de Plínio Doyle, mas de qualquer forma com as gentilezas das reuniões cariocas. Para o amigo de São Paulo as saudações afetuosas dos ausentes-presentes, que neste instante todos nos voltamos para o seu palácio, aquele que se iria desvestir dos ares aristocráticos para receber camaradescamente os descamisados da Rua Barão de Jaguaribe. Guarde, amigo Mindlin, para breve o cuscuz da tradição bandeirante, que hoje nos conformamos com os biscoitos à la Plínio Doyle.

Rio, 20-11-1976.

Signatários: Carlos Drummond de Andrade, Gilberto de Mendonça Teles, Plínio Doyle e outros.

Cartas da biblioteca Guita e José Mindlin.

Adaptado.

"sabadoyleanos": frequentadores do sabadoyle, nome dado ao encontro de intelectuais, especialmente escritores, realizado habitualmente aos sábados, na casa do bibliófilo Plínio Doyle, situada no Rio de Janeiro.

19. (2013) As expressões "ares aristocráticos" e "descamisados" relacionam-se, respectivamente,
- (a) aos "sabadoyleanos" e a Plínio Doyle.
 - (b) a José Mindlin e a seus amigos cariocas.
 - (c) a "gentilezas" e a "camaradescamente".
 - (d) aos signatários do documento e aos amigos de São Paulo.
 - (e) a "reuniões cariocas" e a "tradição bandeirante".

Texto para a questão 20

A essência da teoria democrática é a supressão de qualquer imposição de classe, fundada no postulado ou na crença de que os conflitos e problemas humanos - econômicos, políticos, ou sociais - são solucionáveis pela educação, isto é, pela cooperação voluntária, mobilizada pela opinião pública esclarecida. Está claro que essa opinião pública terá de ser formada à luz dos melhores conhecimentos

existentes e, assim, a pesquisa científica nos campos das ciências naturais e das chamadas ciências sociais deverá se fazer a mais ampla, a mais vigorosa, a mais livre, e a difusão desses conhecimentos, a mais completa, a mais imparcial e em termos que os tornem acessíveis a todos.

Anísio Teixeira, **Educação é um direito.**
Adaptado.

20. (2013) Dos seguintes comentários linguísticos sobre diferentes trechos do texto, o único correto é:
- (a) Os prefixos das palavras "imposição" e "imparcial" têm o mesmo sentido.
 - (b) As palavras "postulado" e "crença" foram usadas no texto como sinônimas.
 - (c) A norma-padrão condena o uso de "essa", no trecho "essa opinião", pois, nesse caso, o correto seria usar "esta".
 - (d) A vírgula empregada no trecho "e a difusão desses conhecimentos, a mais completa" indica que, aí, ocorre a elipse de um verbo.
 - (e) O pronome sublinhado em "que os tornem" tem como referente o substantivo "termos".

Texto para a questão 21

Vivendo e...

Eu sabia fazer pipa e hoje não sei mais. Duvido que se hoje pegasse uma bola de gude conseguisse equilibrá-la na dobra do dedo indicador sobre a unha do polegar, quanto mais jogá-la com a precisão que tinha quando era garoto. (...)

Juntando-se as duas mãos de um determinado jeito, com os polegares para dentro, e assoprando pelo buraquinho, tirava-se um silvo bonito que inclusive variava de tom conforme o posicionamento das mãos. Hoje não sei mais que jeito é esse. Eu sabia a fórmula de fazer cola caseira. Algo envolvendo farinha e água e muita confusão na cozinha, de onde éramos expulsos sob ameaças. Hoje não sei mais. A gente começava a contar depois de ver um relâmpago e o número a que chegasse quando ouvia a trovoadas, multiplicado por outro número, dava a distância exata do relâmpago. Não me lembro mais dos números. (...)

Lembro o orgulho com que consegui, pela primeira vez, cuspir corretamente pelo espaço adequado entre os dentes de cima e a ponta da língua de modo que o cuspe ganhasse distância e pudesse ser mirado. Com prática, conseguia-se controlar a trajetória elíptica da cusparada com uma mínima margem de erro. Era puro instinto. Hoje o mesmo

feito requereria complicados cálculos de balística, e eu provavelmente só acertaria a frente da minha camisa. Outra habilidade perdida.

Na verdade, deve-se revisar aquela antiga frase. É vivendo e Não falo daquelas coisas que deixamos de fazer porque não temos mais as condições físicas e a coragem de antigamente, como subir em bonde andando - mesmo porque não há mais bondes andando. Falo da sabedoria desperdiçada, das artes que nos abandonaram. Algumas até úteis. Quem nunca desejou ainda ter o cuspe certo de garoto para acertar em algum alvo contemporâneo, bem no olho, e depois sair correndo? Eu já.

Luís F. Veríssimo, **Comédias para se ler na escola.**

21. (2013) Considere as seguintes substituições propostas para diferentes trechos do texto:
- (I) "o número a que chegasse" (L. 14-15) = o número a que alcançasse.
 - (II) "Lembro o orgulho" (L. 18) = Recordo-me do orgulho.
 - (III) "coisas que deixamos de fazer" (L. 28-29) = coisas que nos descartamos.
 - (IV) "não há mais bondes" (L. 31) = não existe mais bondes.

A correção gramatical está preservada apenas no que foi proposto em

- (a) I.
- (b) II.
- (c) III.
- (d) II e IV.
- (e) I, III e IV.

Texto para a questão 22

V - O samba

À direita do terreiro, adumbra-se* na escuridão um maciço de construções, ao qual às vezes recortam no azul do céu os trêmulos vislumbres das labaredas fustigadas pelo vento.

(...)

É aí o quartel ou quadrado da fazenda, nome que tem um grande pátio cercado de senzalas, às vezes com alpendrada corrida em volta, e um ou dois portões que o fecham como praça d'armas.

Em torno da fogueira, já esbarrondada pelo chão, que ela cobriu de brasido e cinzas, dançam os pretos o samba com um frenesi que toca o delírio. Não se

descreve, nem se imagina esse desesperado saracoteio, no qual todo o corpo estremece, pula, sacode, gira, bamboleia, como se quisesse desgrudar-se. Tudo salta, até os criulinhos que esperneiam no cangote das mães, ou se enrolam nas saias das raparigas. Os mais taludos viram cambalhotas e pincham à guisa de sapos em roda do terreiro. Um desses corta jaca no espinhaço do pai, negro fornido, que não sabendo mais como desconjuntar-se, atirou consigo ao chão e começou de rabanar como um peixe em seco. (...)

José de Alencar, **Til**.

(*) "adumbra-se" = delinea-se, esboça-se.

22. (2013) Na composição do texto, foram usados, reiteradamente,

- (I) sujeitos pospostos;
- (II) termos que intensificam a ideia de movimento;
- (III) verbos no presente histórico.

Está correto o que se indica em

- (a) I, apenas.
- (b) II, apenas.
- (c) III, apenas.
- (d) I e II, apenas.
- (e) I, II e III.

Texto para a questão 23

A civilização "pós-moderna" culminou em um progresso inegável, que não foi percebido antecipadamente, em sua inteireza. Ao mesmo tempo, sob o "mau uso" da ciência, da tecnologia e da capacidade de invenção nos precipitou na miséria moral inexorável. Os que condenam a ciência, a tecnologia e a invenção criativa por essa miséria ignoram os desafios que explodiram com o capitalismo monopolista de sua terceira fase.

Em páginas secas premonitórias, E. Mandel * apontara tais riscos. O "livre jogo do mercado" (que não é e nunca foi "livre") rasgou o ventre das vítimas: milhões de seres humanos nos países ricos e uma carrada maior de milhões nos países pobres. O centro acabou fabricando a sua periferia intrínseca e apossou-se, como não sucedeu nem sob o regime colonial direto, das outras periferias externas, que abrangem quase todo o "resto do mundo".

Florestan Fernandes, Folha de S. Paulo,
27/12/1993.

(*) Ernest Ezra Mandel (1923-1995): economista e militante político belga.

23. (2014) No trecho "nos precipitou na miséria moral inexorável" (L. 4-5), a palavra sublinhada pode ser substituída, sem prejuízo para o sentido do texto, por

- (a) inelutável.
- (b) inexequível.
- (c) inolvidável.
- (d) inominável.
- (e) impensável.

Texto para a questão 24

A civilização "pós-moderna" culminou em um progresso inegável, que não foi percebido antecipadamente, em sua inteireza. Ao mesmo tempo, sob o "mau uso" da ciência, da tecnologia e da capacidade de invenção nos precipitou na miséria moral inexorável. Os que condenam a ciência, a tecnologia e a invenção criativa por essa miséria ignoram os desafios que explodiram com o capitalismo monopolista de sua terceira fase.

Em páginas secas premonitórias, E. Mandel * apontara tais riscos. O "livre jogo do mercado" (que não é e nunca foi "livre") rasgou o ventre das vítimas: milhões de seres humanos nos países ricos e uma carrada maior de milhões nos países pobres. O centro acabou fabricando a sua periferia intrínseca e apossou-se, como não sucedeu nem sob o regime colonial direto, das outras periferias externas, que abrangem quase todo o "resto do mundo".

Florestan Fernandes, Folha de S. Paulo,
27/12/1993.

(*) Ernest Ezra Mandel (1923-1995): economista e militante político belga.

24. (2014) O emprego de aspas em uma dada expressão pode servir, inclusive, para indicar que ela

- (I) foi utilizada pelo autor com algum tipo de restrição;
- (II) pertence ao jargão de uma determinada área do conhecimento;
- (III) contém sentido pejorativo, não assumido pelo autor.

Considere as seguintes ocorrências de emprego de aspas presentes no texto:

- A. "pós-moderna" (L. 1);
- B. "mau uso" (L. 3);
- C. "livre jogo do mercado" (L. 10);

- D. "livre" (L. 11);
E. "resto do mundo" (L. 16).

As modalidades I, II e III de uso de aspas, elencadas acima, verificam-se, respectivamente, em

- (a) A, C e E.
(b) B, C e D.
(c) C, D e E.
(d) A, B e E.
(e) B, D e A.
25. (2014) Leia o seguinte texto, que faz parte de um anúncio de um produto alimentício:

EM RESPEITO A SUA NATUREZA, SÓ
TRABALHAMOS COM O MELHOR DA
NATUREZA

Selecionamos só o que a natureza tem de melhor para levar até a sua casa. Porque faz parte da natureza dos nossos consumidores querer produtos saborosos, nutritivos e, acima de tudo, confiáveis.

www.destakjornal.com.br, 13/05/2013. Adaptado.

Procurando dar maior expressividade ao texto, seu autor

- (a) serve-se do procedimento textual da sinonímia.
(b) recorre à reiteração de vocábulos homônimos.
(c) explora o caráter polissêmico das palavras.
(d) mescla as linguagens científica e jornalística.
(e) emprega vocábulos iguais na forma, mas de sentidos contrários.

Texto para a questão 26

Ora nesse tempo Jacinto concebera uma ideia... Este Príncipe concebera a ideia de que o "homem só é superiormente feliz quando é superiormente civilizado". E por homem civilizado o meu camarada entendia aquele que, robustecendo a sua força pensante com todas as noções adquiridas desde Aristóteles, e multiplicando a potência corporal dos seus órgãos com todos os mecanismos inventados desde Teramenes, criador da roda, se torna um magnífico Adão, quase onipotente, quase onisciente, e apto portanto a recolher [...] todos os gozos e todos os proveitos que resultam de Saber e Poder... [...] Este conceito de Jacinto impressionara os nossos camaradas de cenáculo, que [...] estavam largamente preparados a acreditar que a

felicidade dos indivíduos, como a das nações, se realiza pelo ilimitado desenvolvimento da Mecânica e da erudição. Um desses moços [...] reduzira a teoria de Jacinto [...] a uma forma algébrica:

$$\left. \begin{array}{l} \text{Suma ciência} \\ \times \\ \text{Suma potência} \end{array} \right\} = \text{Suma felicidade}$$

E durante dias, do Odeon à Sorbona, foi louvada pela mocidade positiva a Equação Metafísica de Jacinto.

Eça de Queirós, **A cidade e as serras**.

26. (2014) Sobre o elemento estrutural "oni", que forma as palavras do texto "onipotente" e "onisciente", só **NÃO** é correto afirmar:
- (a) Equivale, quanto ao sentido, ao pronome "todos(as)", usado de forma reiterada no texto.
(b) Possui sentido contraditório em relação ao advérbio "quase", antecedente.
(c) Trata-se do prefixo "oni", que tem o mesmo sentido em ambas as palavras.
(d) Entra na formação de outras palavras da língua portuguesa, como "onipresente" e "onívoro".
(e) Deve ser entendido em sentido próprio, em "onipotente", e, em sentido figurado, em "onisciente".

Texto para a questão 27

Revelação do subúrbio

Quando vou para Minas, gosto de ficar de pé, contra a
[vidraça do carro*,
vendo o subúrbio passar.
O subúrbio todo se condensa para ser visto de-
pressa,
com medo de não repararmos suficientemente
em suas luzes que mal têm tempo de brilhar.
A noite come o subúrbio e logo o devolve,
ele reage, luta, se esforça,
até que vem o campo onde pela manhã repontam
laranjais
e à noite só existe a tristeza do Brasil.

Carlos Drummond de Andrade, **Sentimento do Mundo**, 1940.

(*)carro : vagão ferroviário para passageiros.

27. (2014) Para a caracterização do subúrbio, o poeta lança mão, principalmente, da(o)
- (a) personificação.
 - (b) paradoxo.
 - (c) eufemismo.
 - (d) sinestesia.
 - (e) silepse.

Texto para a questão 28

Revelação do subúrbio

Quando vou para Minas, gosto de ficar de pé, contra a
[vidraça do carro*,
vendo o subúrbio passar.
O subúrbio todo se condensa para ser visto de-
pressa,
com medo de não repararmos suficientemente
em suas luzes que mal têm tempo de brilhar.
A noite come o subúrbio e logo o devolve,
ele reage, luta, se esforça,
até que vem o campo onde pela manhã repontam
laranjais
e à noite só existe a tristeza do Brasil.

Carlos Drummond de Andrade, **Sentimento do Mundo**, 1940.

(*)carro : vagão ferroviário para passageiros.

28. (2014) Considerando no contexto, dentre os mais de dez verbos no presente, empregados no poema, exprimem ideia, respectivamente, de habitualidade e continuidade
- (a) "gosto" e "repontam".
 - (b) "condensa" e "esforça".
 - (c) "vou" e "existe".
 - (d) "têm" e "devolve".
 - (e) "reage" e "luta".

TEXTO PARA A QUESTÃO 29

O OPERÁRIO NO MAR

Na rua passa um operário. Como vai firme! Não tem blusa. No conto, no drama, no discurso político, a dor do operário está na sua blusa azul, de pano grosso, nas mãos grossas, nos pés enormes, nos desconfortos enormes. Esse é um homem comum, apenas mais escuro que os outros,

e com uma significação estranha no corpo, que carrega desígnios e segredos. Para onde vai ele, pisando assim tão firme? Não sei. A fábrica ficou lá atrás. Adiante é só o campo, com algumas árvores, o grande anúncio de gasolina americana e os fios, os fios, os fios. O operário não lhe sobra tempo de perceber que eles levam e trazem mensagens, que contam da Rússia, do Araguaia, dos Estados Unidos. Não ouve, na Câmara dos Deputados, o líder opositor vociferando. Caminha no campo e apenas repara que ali corre água, que mais adiante faz calor. Para onde vai o operário? Teria vergonha de chamá-lo meu irmão. Ele sabe que não é, nunca foi meu irmão, que não nos entenderemos nunca. E me despreza... Ou talvez seja eu próprio que me despreze a seus olhos. Tenho vergonha e vontade de encará-lo: uma fascinação quase me obriga a pular a janela, a cair em frente dele, sustar-lhe a marcha, pelo menos implorar-lhe que suste a marcha. Agora está caminhando no mar. Eu pensava que isso fosse privilégio de alguns santos e de navios. Mas não há nenhuma santidade no operário, e não vejo rodas nem hélices no seu corpo, aparentemente banal. Sinto que o mar se acovardou e deixou-o passar. Onde estão nossos exércitos que não impediram o milagre? Mas agora vejo que o operário está cansado e que se molhou, não muito, mas se molhou, e peixes escorrem de suas mãos. Vejo-o que se volta e me dirige um sorriso úmido. A palidez e confusão do seu rosto são a própria tarde que se decompõe. Daqui a um minuto será noite e estaremos irremediavelmente separados pelas circunstâncias atmosféricas, eu em terra firme, ele no meio do mar. Único e precário agente de ligação entre nós, seu sorriso cada vez mais frio atravessa as grandes massas líquidas, choca-se contra as formações salinas, as fortalezas da costa, as medusas, atravessa tudo e vem beijar-me o rosto, trazer-me uma esperança de compreensão. Sim, quem sabe se um dia o compreenderei?

Carlos Drummond de Andrade, **Sentimento do mundo**.

29. (2015) Dentre estas propostas de substituição para diferentes trechos do texto, a única que NÃO está correta do ponto de vista da norma-padrão é:
- (a) "Para onde vai ele, (...)" = Aonde vai ele, (...)?
 - (b) "O operário não lhe sobra tempo de perceber" = Ao operário não lhe sobra tempo de perceber.
 - (c) "Teria vergonha de chamá-lo meu irmão" = Teria vergonha de chamá-lo de meu irmão.
 - (d) "Tenho vergonha e vontade de encará-lo" = Tenho vergonha e vontade de o encarar.

- (e) "quem sabe se um dia o compreenderei" = quem sabe um dia compreenderei-o.

TEXTO PARA A QUESTÃO 30

Tornando da malograda espera do tigre, alcançou o capanga um casal de velhinhos, que seguiam diante dele o mesmo caminho, e conversavam acerca de seus negócios particulares. Das poucas palavras que apanhara, percebeu Jão Fera que destinavam eles uns cinquenta mil-réis, tudo quanto possuíam, à compra de mantimentos, a fim de fazer um moquirão*, com que pretendiam abrir uma boa roça.

- Mas chegará, homem? perguntou a velha.

- Há de se espichar bem, mulher!

Uma voz os interrompeu:

- Por este preço dou eu conta da roça!

- Ah! É nhô Jão!

Conheciam os velhinhos o capanga, a quem tinham por homem de palavra, e de fazer o que prometia. Aceitaram sem mais hesitação; e foram mostrar o lugar que estava destinado para o roçado.

Acompanhou-os Jão Fera; porém, mal seus olhos descobriram entre os utensílios a enxada, a qual ele esquecera um momento no afã de ganhar a soma precisa, que sem mais deu costas ao par de velhinhos e foi-se deixando-os embasbacados.

José de Alencar, Til.

* moquirão = mutirão (mobilização coletiva para auxílio mútuo, de caráter gratuito).

30. (2015) Considerada no contexto, a palavra sublinhada no trecho "mal seus olhos descobriram entre os utensílios a enxada" (L. 17-18) expressa ideia de

- (a) tempo.
- (b) qualidade.
- (c) intensidade.
- (d) modo.
- (e) negação.

TEXTO PARA A QUESTÃO 31

E Jerônimo via e escutava, sentindo ir-se-lhe toda a alma pelos olhos enamorados.

Naquela mulata estava o grande mistério, a síntese das impressões que ele recebeu chegando aqui: ela era a luz ardente do meio-dia; ela era o calor vermelho das sestas da fazenda; era o aroma quente dos trevos e das baunilhas, que o atordoara nas matas brasileiras; era a palmeira virginal e esquiva que se não torce a nenhuma outra planta; era o veneno e era o açúcar gostoso; era o sapoti mais doce

que o mel e era a castanha do caju, que abre feridas com o seu azeite de fogo; ela era a cobra verde e traiçoeira, a lagarta viscosa, a muriçoca doida, que esvoaçava havia muito tempo em torno do corpo dele, assanhando-lhe os desejos, acordando-lhe as fibras embambecidas pela saudade da terra, picando-lhe as artérias, para lhe cuspir dentro do sangue uma centelha daquele amor setentrional, uma nota daquela música feita de gemidos de prazer, uma larva daquela nuvem de cantáridas que zumbiam em torno da Rita Baiana e espalhavam-se pelo ar numa fosforescência afrodisíaca.

Aluísio Azevedo, O cortiço.

31. (2015) O conceito de hiperônimo (vocábulo de sentido mais genérico em relação a outro) aplica-se à palavra "planta" em relação a "palmeira", "trevos", "baunilha" etc., todas presentes no texto. Tendo em vista a relação que estabelece com outras palavras do texto, constitui também um hiperônimo a palavra

- (a) "alma".
- (b) "impressões".
- (c) "fazenda".
- (d) "cobra".
- (e) "saudade".

TEXTO PARA A QUESTÃO 32

Tornando da malograda espera do tigre, alcançou o capanga um casal de velhinhos, que seguiam diante dele o mesmo caminho, e conversavam acerca de seus negócios particulares. Das poucas palavras que apanhara, percebeu Jão Fera que destinavam eles uns cinquenta mil-réis, tudo quanto possuíam, à compra de mantimentos, a fim de fazer um moquirão*, com que pretendiam abrir uma boa roça.

- Mas chegará, homem? perguntou a velha.

- Há de se espichar bem, mulher!

Uma voz os interrompeu:

- Por este preço dou eu conta da roça!

- Ah! É nhô Jão!

Conheciam os velhinhos o capanga, a quem tinham por homem de palavra, e de fazer o que prometia. Aceitaram sem mais hesitação; e foram mostrar o lugar que estava destinado para o roçado.

Acompanhou-os Jão Fera; porém, mal seus olhos descobriram entre os utensílios a enxada, a qual ele esquecera um momento no afã de ganhar a soma precisa, que sem mais deu costas ao par de velhinhos e foi-se deixando-os embasbacados.

José de Alencar, Til.

* moquirão = mutirão (mobilização coletiva para auxílio mútuo, de caráter gratuito).

32. (2015) Considere os seguintes comentários sobre diferentes elementos linguísticos presentes no texto:

- (I) Em "alcançou o capanga um casal de velhinhos" (L. 1-2), o contexto permite identificar qual é o sujeito, mesmo este estando posposto.
- (II) O verbo sublinhado no trecho "que seguiam diante dele o mesmo caminho" (L. 2-3) poderia estar no singular sem prejuízo para a correção gramatical.
- (III) No trecho "que destinavam eles uns cinquenta mil-réis" (L. 5), pode-se apontar um uso informal do pronome pessoal reto "eles", como na frase "Você tem visto eles por aí?".

Está correto o que se afirma em

- (a) I, apenas.
- (b) II, apenas.
- (c) III, apenas.
- (d) I e II, apenas.
- (e) I, II e III.

TEXTO PARA A QUESTÃO 33

Capítulo CVII Bilhete

"Não houve nada, mas ele suspeita alguma coisa; está muito sério e não fala; agora saiu. Sorriu uma vez somente, para Nhonhô, depois de o fitar muito tempo, carrancudo. Não me tratou mal nem bem. Não sei o que vai acontecer; Deus queira que isto passe. Muita cautela, por ora, muita cautela."

Capítulo CVIII Que se não entende

Eis aí o drama, eis aí a ponta da orelha trágica de Shakespeare. Esse retalhinho de papel, garatujado em partes, machucado das mãos, era um documento de análise, que eu não farei neste capítulo, nem no outro, nem talvez em todo o resto do livro. Poderia eu tirar ao leitor o gosto de notar por si mesmo a frieza, a perspicácia e o ânimo dessas poucas linhas traçadas à pressa; e por trás delas a tempestade de outro cérebro, a raiva dissimulada, o desespero que se constrange e medita, porque tem de resolver-se na lama, ou no sangue, ou nas lágrimas?

Machado de Assis, Memórias póstumas de Brás Cubas.

33. (2015) Ao comentar o bilhete de Virgília, o narrador se vale, principalmente, do seguinte recurso retórico:

- (a) Hipérbato: transposição ou inversão da ordem natural das palavras de uma oração, para efeito estilístico.
- (b) Hipérbole: ênfase expressiva resultante do exagero da significação linguística.
- (c) Preterição: figura pela qual se finge não querer falar de coisas sobre as quais se está, todavia, falando.
- (d) Sinédoque: figura que consiste em tomar a parte pelo todo, o todo pela parte; o gênero pela espécie, a espécie pelo gênero; o singular pelo plural, o plural pelo singular etc.
- (e) Eufemismo: palavra, locução ou aceção mais agradável, empregada em lugar de outra menos agradável ou grosseira.

TEXTO PARA A QUESTÃO 34

Como sabemos, o efeito de um livro sobre nós, mesmo no que se refere à simples informação, depende de muita coisa além do valor que ele possa ter. Depende do momento da vida em que o lemos, do grau do nosso conhecimento, da finalidade que temos pela frente. Para quem pouco leu e pouco sabe, um compêndio de ginásio pode ser a fonte reveladora. Para quem sabe muito, um livro importante não passa de chuva no molhado. Além disso, há as afinidades profundas, que nos fazem afinar com certo autor (e portanto aproveitá-lo ao máximo) e não com outro, independente da valia de ambos.

Antonio Candido, "Dez livros para entender o Brasil". Teoria e debate. Ed. 45, 01/07/2000.

34. (2015) Constitui recurso estilístico do texto

- (I) a combinação da variedade culta da língua escrita, que nele é predominante, com expressões mais comuns na língua oral;
- (II) a repetição de estruturas sintáticas, associada ao emprego de vocabulário corrente, com feição didática;
- (III) o emprego dominante do jargão científico, associado à exploração intensiva da intertextualidade.

Está correto apenas o que se indica em

- (a) I.
- (b) II.

- (c) I e II.
(d) III.
(e) I e III.

Texto para a questão 35.

Omolu espalhou a bexiga na cidade. Era uma vingança contra a cidade dos ricos. Mas os ricos tinham a vacina, que sabia Omolu de vacinas? Era um pobre deus das florestas d'África. Um deus dos negros pobres. Que podia saber de vacinas? Então a bexiga desceu e assolou o povo de Omolu. Tudo que Omolu pôde fazer foi transformar a bexiga de negro em alastrim, bexiga branca e tola. Assim mesmo morrera negro, morrera pobre. Mas Omolu dizia que não fora o alastrim que matara. Fora o lazareto*, Omolu só queria com o alastrim marcar seus filhinhos negros. O lazareto é que os matava. Mas as macumbas pediam que ele levasse a bexiga da cidade, levasse para os ricos latifundiários do sertão. Eles tinham dinheiro, léguas e léguas de terra, mas não sabiam tampouco da vacina. O Omolu diz que vai pro sertão. E os negros, os ogãs, as filhas e pais de santo cantam:

Ele é mesmo nosso pai
e é quem pode nos ajudar...

Omolu promete ir. Mas para que seus filhos negros não o esqueçam avisa no seu cântico de despedida:
Ora, adeus, ó meus filhinhos,
Qu'eu vou e torno a vortá...

E numa noite que os atabaques batiam nas macumbas, numa noite de mistério da Bahia, Omolu pulou na máquina da Leste Brasileira e foi para o sertão de Juazeiro. A bexiga foi com ele.

Jorge Amado, Capitães da Areia

*lazareto: estabelecimento para isolamento sanitário de pessoas atingidas por determinadas doenças.

35. (2016) Das propostas de substituição para os trechos sublinhados nas seguintes frases do texto, a única que faz, de maneira adequada, a correção de um erro gramatical presente no discurso do narrador é:
- (a) "Assim mesmo morrera negro, morrera pobre." : havia morrido negro, havia morrido pobre.
(b) "Mas Omolu dizia que não fora o alastrim que matara." : Omolu dizia, no entanto, que não fora.
(c) "Eles tinham dinheiro, léguas e léguas de terra, mas não sabiam tampouco da vacina." : mas tão pouco sabiam da vacina.

- (d) "Mas para que seus filhos negros não o esqueçam [...]." : não lhe esqueçam.
(e) "E numa noite que os atabaques batiam nas macumbas [...]." : numa noite em que os atabaques.

Texto para a questão 36.

CONFIDÊNCIAS DO ITABIRANO

Alguns anos vivi em Itabira.
Principalmente nasci em Itabira.
Por isso sou triste, orgulhoso: de ferro.
Noventa por cento de ferro nas calçadas.
Oitenta por cento de ferro nas almas.
E esse alheamento do que na vida é porosidade e comunicação.

A vontade de amar, que me paralisa o trabalho,
vem de Itabira, de suas noites brancas, sem mulheres
e sem horizontes.
E o hábito de sofrer, que tanto me diverte,
é doce herança itabirana.

De Itabira trouxe prendas que ora te ofereço:
este São Benedito do velho santeiro Alfredo Duval;
esta pedra de ferro, futuro aço do Brasil;
este couro de anta, estendido no sofá da sala de visitas;
este orgulho, esta cabeça baixa...

Tive ouro, tive gado, tive fazendas.
Hoje sou funcionário público.
Itabira é apenas uma fotografia na parede.
Mas como dói!

Carlos Drummond de Andrade, Sentimento do Mundo

36. (2016) Na última estrofe, a expressão que justifica o uso da conjunção sublinhada no verso "Mas como dói!" é:
- (a) "Hoje".
(b) "funcionário público".
(c) "apenas".
(d) "fotografia".
(e) "parede".

TEXTO PARA A QUESTÃO 37

A adoção do cardápio indígena introduziu nas cozinhas e zonas de serviço das moradas brasileiras equipamentos desconhecidos no Reino. Instalou nos alpendres roceiros a prensa de espremer mandioca ralada para farinha. Nos inventários paulistas é comum a menção de tal fato. No inventário de Pedro Nunes, por exemplo, efetuado em 1623, fala-se num sítio nas bandas do Ipiranga "com seu alpendre e duas camarinhas no dito alpendre com a prensa no dito sítio" que deveria comprimir nos tipitis toda a massa proveniente do mandiocal também inventariado. Mas a farinha não exigia somente a prensa - pedia, também, raladores, cochos de lavagem e forno ou fogão. Era normal, então, a casa de fazer farinha, no quintal, ao lado dos telheiros e próxima à cozinha.

Carlos A. C. Lemos, Cozinhas, etc.

37. (2017) Além de "tipitis", constituem contribuição indígena para a língua portuguesa do Brasil as seguintes palavras empregadas no texto:

- (a) "cardápio" e "roceiros".
- (b) "alpendre" e "fogão".
- (c) "mandioca" e "Ipiranga".
- (d) "sítio" e "forno".
- (e) "prensa" e "quintal".

TEXTO PARA A QUESTÃO 38

Nasceu o dia e expirou.

Já brilha na cabana de Araquém o fogo, companheiro da noite. Correm lentas e silenciosas no azul do céu, as estrelas, filhas da lua, que esperam a volta da mãe ausente. Martim se embala docemente; e como a alva rede que vai e vem, sua vontade oscila de um a outro pensamento. Lá o espera a virgem loura dos castos afetos; aqui lhe sorri a virgem morena dos ardentes amores.

Iracema recosta-se langue ao punho da rede; seus olhos negros e fúlgidos, ternos olhos de sabiá, buscam o estrangeiro, e lhe entram n'alma. O cristão sorri; a virgem palpita; como o saí, fascinado pela serpente, vai declinando o lascivo talhe, que se debruça enfim sobre o peito do guerreiro.

José de Alencar, Iracema.

38. (2017) É correto afirmar que, no texto, o narrador

- (a) prioriza a ordem direta da frase, como se pode verificar nos dois primeiros parágrafos do texto.

- (b) usa o verbo "correr" (2º parágrafo) com a mesma acepção que se verifica na frase "Travam das armas os rápidos guerreiros, e correm ao campo" (também extraída do romance Iracema).
- (c) recorre à adjetivação de caráter objetivo para tornar a cena mais real.
- (d) emprega, a partir do segundo parágrafo, o presente do indicativo, visando dar maior vivacidade aos fatos narrados, aproximando-os do leitor.
- (e) atribui, nos trechos "aqui lhe sorri" e "lhe entram n'alma", valor possessivo ao pronome "lhe".

TEXTO PARA A QUESTÃO 39

Evidentemente, não se pode esperar que Dostoiévski seja traduzido por outro Dostoiévski, mas desde que o tradutor procure penetrar nas peculiaridades da linguagem primeira, aplique-se com afino e faça com que sua criatividade orientada pelo original permita, paradoxalmente, afastar-se do texto para ficar mais próximo deste, um passo importante será dado. Deixando de lado a fidelidade mecânica, frase por frase, tratando o original como um conjunto de blocos a serem transpostos, e transgredindo sem receio, quando necessário, as normas do "escrever bem", o tradutor poderá trazê-lo com boa margem de fidelidade para a língua com a qual está trabalhando. Boris Schnaiderman, Dostoiévski Prosa Poesia.

39. (2017) O prefixo presente na palavra "transpostos" tem o mesmo sentido do prefixo que ocorre em

- (a) ultrapassado.
- (b) retrocedido.
- (c) infracolocado.
- (d) percorrido.
- (e) introvertido.

TEXTO PARA A QUESTÃO 40 CAPÍTULO LIII

.....

Virgília é que já se não lembrava da meia dobra; toda ela estava concentrada em mim, nos meus olhos, na minha vida, no meu pensamento; - era o que dizia, e era verdade.

Há umas plantas que nascem e crescem depressa; outras são tardias e pecas. O nosso amor era daquelas; brotou com tal ímpeto e tanta seiva, que,

dentro em pouco, era a mais vasta, folhuda e exuberante criatura dos bosques.

Não lhes poderei dizer, ao certo, os dias que durou esse crescimento. Lembra-me, sim, que, em certa noite, abotoou-se a flor, ou o beijo, se assim lhe quiserem chamar, um beijo que ela me deu, trêmula, - coitadinha, - trêmula de medo, porque era ao portão da chácara. Uniu-nos esse beijo único, - breve como a ocasião, ardente como o amor, prólogo de uma vida de delícias, de terrores, de remorsos, de prazeres que rematavam em dor, de aflições que desabrochavam em alegria, - uma hipocrisia paciente e sistemática, único freio de uma paixão sem freio, - vida de agitações, de cóleras, de desesperos e de ciúmes, que uma hora pagava à farta e de sobra; mas outra hora vinha e engolia aquela, como tudo mais, para deixar à tona as agitações e o resto, e o resto do resto, que é o fastio e a saciedade: tal foi o livro daquele prólogo.

Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas*.

40. (2017) Dentre os recursos expressivos empregados no texto, tem papel preponderante a
- (a) metonímia (uso de uma palavra fora do seu contexto semântico normal, com base na relação de contiguidade existente entre ela e o referente).
 - (b) hipérbole (ênfase expressiva resultante do exagero da significação linguística).
 - (c) alegoria (seqüência de metáforas logicamente ordenadas).
 - (d) sinestesia (associação de palavras ou expressões em que ocorre combinação de sensações diferentes numa só impressão).
 - (e) prosopopeia (atribuição de sentimentos humanos ou de palavras a seres inanimados ou a animais).

TEXTO PARA A QUESTÃO 41

Uma obra de arte é um desafio; não a explicamos, ajustamo-nos a ela. Ao interpretá-la, fazemos uso dos nossos próprios objetivos e esforços, dotamo-la de um significado que tem sua origem nos nossos próprios modos de viver e de pensar. Numa palavra, qualquer gênero de arte que, de fato, nos afete, torna-se, deste modo, arte moderna.

As obras de arte, porém, são como altitudes inacessíveis. Não nos dirigimos a elas diretamente, mas contornamo-las. Cada geração as vê sob um ângulo diferente e sob uma nova visão; nem se deve

supor que um ponto de vista mais recente é mais eficiente do que um anterior. Cada aspecto surge na sua altura própria, que não pode ser antecipada nem prolongada; e, todavia, o seu significado não está perdido porque o significado que uma obra assume para uma geração posterior é o resultado de uma série completa de interpretações anteriores.

Arnold Hauser, *Teorias da arte*. Adaptado.

41. (2018) No trecho "Numa palavra, qualquer gênero de arte que, de fato, nos afete, torna-se, deste modo, arte moderna" (L. 5-6), as expressões sublinhadas podem ser substituídas, sem prejuízo do sentido do texto, respectivamente, por
- (a) realmente; portanto.
 - (b) invariavelmente; ainda.
 - (c) com efeito; todavia.
 - (d) com segurança; também.
 - (e) possivelmente; até.

TEXTOS PARA A QUESTÃO 42

Este último capítulo é todo de negativas. Não alcancei a celebridade do emplasto, não fui ministro, não fui califa, não conheci o casamento. Verdade é que, ao lado dessas faltas, coube-me a boa fortuna de não comprar o pão com o suor do meu rosto. Mais; não padeci a morte de dona Plácida, nem a semidemência do Quincas Borba. Somadas umas coisas e outras, qualquer pessoa imaginará que não houve mingua nem sobra, e, conseqüentemente, que saí quite com a vida. E imaginará mal; porque ao chegar a este outro lado do mistério, achei-me com um pequeno saldo, que é a derradeira negativa deste capítulo de negativas: - Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria.

Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas*.

Não sei por que até hoje todo o mundo diz que tinha pena dos escravos. Eu não penso assim. Acho que se fosse obrigada a trabalhar o dia inteiro não seria infeliz. Ser obrigada a ficar à toa é que seria castigo para mim. Mamãe às vezes diz que ela até deseja que eu fique preguiçosa; a minha esperteza é que a amofina. Eu então respondo: "Se eu fosse preguiçosa não sei o que seria da senhora, meu pai e meus irmãos, sem uma empregada em casa".

Helena Morley, *Minha vida de menina*.

42. (2018) Nos dois textos, obtém-se ênfase por meio do emprego de um mesmo recurso expressivo, como se pode verificar nos seguintes trechos:

- (a) "Este último capítulo é todo de negativas" / "Eu não penso assim".
- (b) "Não alcancei a celebridade do emplasto, não fui ministro, não fui califa, não conheci o casamento" / "Não sei por que até hoje todo o mundo diz que tinha pena dos escravos".
- (c) "Verdade é que, ao lado dessas faltas, coube-me a boa fortuna de não comprar o pão com o suor do meu rosto" / "Ser obrigada a ficar à toa é que seria castigo para mim".
- (d) "qualquer pessoa imaginará que não houve minguagem nem sobra" / "Mamãe às vezes diz que ela até deseja que eu fique preguiçosa".
- (e) "Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria" / "Acho que se fosse obrigada a trabalhar o dia inteiro não seria infeliz".

TEXTO PARA A QUESTÃO 43

O rumor crescia, condensando-se; o zunzum de todos os dias acentuava-se; já se não destacavam vozes dispersas, mas um só ruído compacto que enchia todo o cortiço. Começavam a fazer compras na venda; ensarilhavam-se* discussões e rezingas**; ouviam-se gargalhadas e pragas; já se não falava, gritava-se. Sentia-se naquela fermentação sanguínea, naquela gula viçosa de plantas rasteiras que mergulham os pés vigorosos na lama preta e nutriente da vida, o prazer animal de existir, a triunfante satisfação de respirar sobre a terra. Da porta da venda que dava para o cortiço iam e vinham como formigas; fazendo compras. Duas janelas do Miranda abriram-se. Apareceu numa a Isaura, que se dispunha a começar a limpeza da casa.

- Nhá Dunga! gritou ela para baixo, a sacudir um pano de mesa; se você tem cuscuz de milho hoje, bata na porta, ouviu?

Aluísio Azevedo, **O cortiço**.

* ensarilhar-se: emaranhar-se.

** rezinga: resmungo.

43. (2018) Constitui marca do registro informal da língua o trecho
- (a) "mas um só ruído compacto" (L. 2-3).
- (b) "ouviam-se gargalhadas" (L. 5).
- (c) "o prazer animal de existir" (L. 8-9).
- (d) "gritou ela para baixo" (L. 14).
- (e) "bata na porta" (L. 15).

TEXTO PARA A QUESTÃO DE 44

Sarapalha

- Ô calorão, Primo!... E que dor de cabeça excomungada!
- É um instantinho e passa... É só ter paciência....
- É... passa... passa... passa... Passam umas mulheres vestidas de cor de água, sem olhos na cara, para não terem de olhar a gente... Só ela é que não passa, Primo Argemiro!... E eu já estou cansado de procurar, no meio das outras... Não vem!... Foi, rio abaixo, com o outro... Foram p?r?os infernos!...
- Não foi, Primo Ribeiro. Não foram pelo rio... Foi trem-de-ferro que levou...
- Não foi no rio, eu sei... No rio ninguém não anda... Só a maleita é quem sobe e desce, olhando seus mosquitinhos e pondo neles a benção... Mas, na estória... Como é mesmo a estória, Primo? Como é?...
- O senhor bem que sabe, Primo... Tem paciência, que não é bom variar...
- Mas, a estória, Primo!... Como é?... Conta outra vez...
- O senhor já sabe as palavras todas de cabeça... "Foi o moço-bonito que apareceu, vestido com roupa de dia-de-domingo e com a viola enfeitada de fitas... E chamou a moça p'ra ir se fugir com ele" ...
- Espera, Primo, elas estão passando... Vão umas atrás das outras... Cada qual mais bonita... Mas eu não quero, nenhuma!... Quero só ela... Luísa...
- Prima Luísa...
- Espera um pouco, deixa ver se eu vejo... Me ajuda, Primo! Me ajuda a ver...
- Não é nada, Primo Ribeiro... Deixa disso!
- Não é mesmo não...
- Pois então?!
- Conta o resto da estória!...
- ..."Então, a moça, que não sabia que o moço-bonito era o capeta, ajuntou suas roupinhas melhores numa trouxa, e foi com ele na canoa, descendo o rio..."

Guimarães Rosa, **Sagarana**.

44. (2018) No texto de *Sarapalha*, constitui exemplo de personificação o seguinte trecho:
- (a) "No rio ninguém não anda" (L. 10).
- (b) "só a maleita é quem sobe e desce" (L. 10-11).
- (c) "O senhor já sabe as palavras todas de cabeça" (L. 17).
- (d) "e com a viola enfeitada de fitas" (L. 19).

- (e) "ajuntou suas roupinhas melhores numa trouxa" (L. 32).

TEXTO PARA A QUESTÃO 45

Os bens e o sangue

VIII

(...)

Ó filho pobre, e descorçoado*, e finito
ó inapto para as cavahadas e os trabalhos brutais
com a faca, o formão, o couro... Ó tal como
quiséramos
para tristeza nossa e consumação das eras,
para o fim de tudo que foi grande!

Ó desejado,

ó poeta de uma poesia que se furta e se expande
à maneira de um lago de pez** e resíduos letais...
És nosso fim natural e somos teu adubo,
tua explicação e tua mais singela virtude...
Pois carecia que um de nós nos recusasse
para melhor servir-nos. Face a face
te contemplamos, e é teu esse primeiro
e úmido beijo em nossa boca de barro e de sarro.

Carlos Drummond de Andrade, **Claro enigma**.

* "descorçoado": assim como "desacorçoado", é uma variante de uso popular da palavra "desacoroçoado", que significa "desanimado".
** "pez": piche.

45. (2018) Considere o tipo de relação estabelecida pela preposição "para" nos seguintes trechos do poema:

- I. "ó inapto para as cavahadas e os trabalhos brutais".
- II. "Ó tal como quiséramos para tristeza nossa e consumação das eras".
- III. "para o fim de tudo que foi grande".
- IV. "para melhor servir-nos".

A preposição "para" introduz uma oração com ideia de finalidade apenas em

- (a) I.
- (b) I e II.
- (c) III.
- (d) III e IV.
- (e) IV.

2.1 Gabarito - Gramática - 2010 a 2018

(1) A	(9) C	(17) C	(25) C	(33) C	(41) A
(2) E	(10) C	(18) C	(26) E	(34) C	
(3) E	(11) B	(19) B	(27) A	(35) E	(42) C
(4) B	(12) E	(20) D	(28) C	(36) C	
(5) C	(13) C	(21) B	(29) E	(37) C	(43) E
(6) B	(14) B	(22) E	(30) A	(38) D	(44) B
(7) D	(15) C	(23) A	(31) B	(39) A	
(8) C	(16) D	(24) A	(32) D	(40) C	(45) E

3 Interpretação - 2000 a 2009

Texto para as questões 1 e 2

A explosão dos computadores pessoais, as "infovias", as grandes redes - a Internet e a World Wide Web - atropelaram o mundo. Tornaram as leis antiquadas, reformularam a economia, reordenaram prioridades, redefiniram os locais de trabalho, desafiaram constituições, mudaram o conceito de realidade e obrigaram as pessoas a ficar sentadas, durante longos períodos de tempo, diante de telas de computadores, enquanto o CD-Rom trabalha. Não há dúvida de que vivemos a revolução da informação e, diz o professor do MIT, Nicholas Negroponte, revoluções não são sutis.

(Jornal do Brasil, 13/02/96)

- (2000) No texto, a expressão que sintetiza os efeitos da revolução operada pela informática é
 - "atropelaram o mundo".
 - "tornaram as leis antiquadas".
 - "reformularam a economia".
 - "redefiniram os locais de trabalho".
 - "desafiaram constituições".
- (2000) A expressão "revoluções não são sutis" indica
 - a natureza efêmera das revoluções.
 - a negação dos benefícios decorrentes das revoluções.
 - a natureza precária das revoluções.
 - o caráter radical das revoluções.
 - o traço progressista das revoluções.

Texto para a questão 3

Essa vida por aqui
é coisa familiar;
mas diga-me retirante,
sabe benditos rezar?
sabe cantar excelências,
defuntos encomendar?
sabe tirar ladainhas,
sabe mortos enterrar?

(João Cabral de Melo Neto, Morte e vida
severina)

- (2000) Neste contexto, o verso "defuntos encomendar" significa

- ordenar a morte de alguém.
- lavar e vestir o defunto.
- matar alguém.
- preparar a urna funerária.
- orar pelo defunto.

Texto para as questões 4 e 5

(...) e tudo ficou sob a guarda de Dona Plácida, suposta, e, a certos respeitos, verdadeira dona da casa.

Custou-lhe muito a aceitar a casa; farejara a intenção, e doía-lhe o ofício; mas afinal cedeu. Creio que chorava, a princípio: tinha nojo de si mesma. Ao menos, é certo que não levantou os olhos para mim durante os primeiros dois meses; falava-me com eles baixos, séria, carrancuda, às vezes triste. Eu queria angariá-la, e não me dava por ofendido, tratava-a com carinho e respeito; forcejava por obter-lhe a benevolência, depois a confiança. Quando obtive a confiança, imaginei uma história patética dos meus amores com Virgília, um caso anterior ao casamento, a resistência do pai, a dureza do marido, e não sei que outros toques de novela. Dona Plácida não rejeitou uma só página da novela; aceitou-as todas. Era uma necessidade da consciência. Ao cabo de seis meses quem nos visse a todos três juntos diria que Dona Plácida era minha sogra.

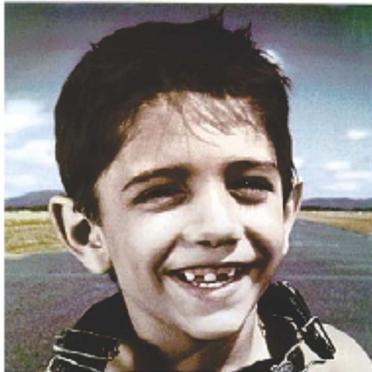
Não fui ingrato; fiz-lhe um pecúlio de cinco contos, - os cinco contos achados em Botafogo, - como um pão para a velhice. Dona Plácida agradeceu-me com lágrimas nos olhos, e nunca mais deixou de rezar por mim, todas as noites, diante de uma imagem da Virgem, que tinha no quarto. Foi assim que lhe acabou o nojo.

(Machado de Assis, Memórias póstumas de Brás Cubas)

- (2001) A expressão que retrata de modo mais depreciativo o comportamento de Dona Plácida é
 - "farejara".
 - "doía".
 - "tinha nojo".
 - "não levantou os olhos".
 - "falava-me (...), carrancuda".
- (2001) Para obter o que lhe convinha, a personagem Brás Cubas usou a estratégia de
 - fingir que se ofendia com algumas reações de Dona Plácida.

- (b) sugerir a Dona Plácida que iria, no futuro, constituir-lhe um pecúlio.
- (c) simular que ignorava algumas reações de Dona Plácida.
- (d) dissimular a mágoa que Dona Plácida lhe causara.
- (e) expor a Dona Plácida seus sentimentos mais autênticos.

Texto para as questões 6 e 7



Business Intercontinental da Iberia.
Mais espaço entre as poltronas.

Viajar virou sinônimo de relaxar. Principalmente quando você tem à sua disposição uma poltrona de design ergonômico com maior capacidade para reclinar e 132 cm de espaço entre a sua poltrona e a da frente. Além disso, você conta com mais de 300 salas VIP em aeroportos no mundo todo e pode acumular e utilizar pontos no seu programa de milhagens voando com qualquer linha aérea da aliança oneworld. Business Intercontinental da Iberia. Sorria.

6. (2001) Neste anúncio, a imagem fotográfica associa-se mais diretamente à palavra sorria e à expressão
- (a) "mais de 300 salas VIP".
 - (b) "acumular e utilizar pontos".
 - (c) "Mais espaço entre as poltronas".
 - (d) "aeroportos no mundo todo".
 - (e) "programa de milhagens".
7. (2001) No mesmo anúncio, a relação entre o texto verbal e a imagem fotográfica caracteriza-se principalmente
- (a) pelo sarcasmo.

- (b) pelo sentimentalismo.
- (c) pela incoerência.
- (d) pelo humor.
- (e) pelo sensacionalismo.

Texto para a questão 8

Um dos traços marcantes do atual período histórico é (...) o papel verdadeiramente despótico da informação. (...) As novas condições técnicas deveriam permitir a ampliação do conhecimento do planeta, dos objetos que o formam, das sociedades que o habitam e dos homens em sua realidade intrínseca. Todavia, nas condições atuais, as técnicas da informação são principalmente utilizadas por um punhado de atores em função de seus objetivos particulares. Essas técnicas da informação (por enquanto) são apropriadas por alguns Estados e por algumas empresas, aprofundando assim os processos de criação de desigualdades. É desse modo que a periferia do sistema capitalista acaba se tornando ainda mais periférica, seja porque não dispõe totalmente dos novos meios de produção, seja porque lhe escapa a possibilidade de controle.

O que é transmitido à maioria da humanidade é, de fato, uma informação manipulada que, em lugar de esclarecer, confunde.

(Milton Santos, Por uma outra globalização)

8. (2001) Deduz-se corretamente do texto que
- (a) a humanidade, por mais que avance tecnologicamente, não será capaz de superar o egoísmo.
 - (b) o crescente avanço da técnica terminará por superar o atraso das relações políticas.
 - (c) é da natureza do progresso que, a cada avanço tecnológico, corresponda um retrocesso político.
 - (d) o alcance universal do progresso técnico está em oposição à sua utilização para fins particulares.
 - (e) é próprio da informação atualizada que ela seja acessível somente às minorias mais ricas.

Texto para as questões 9, 10 e 11

- Mandaram ler este livro...

Se o tal do livro for fraquinho, o desprazer pode significar um precipitado mas decisivo adeus à literatura; se for estimulante, outros virão sem o peso da obrigação.

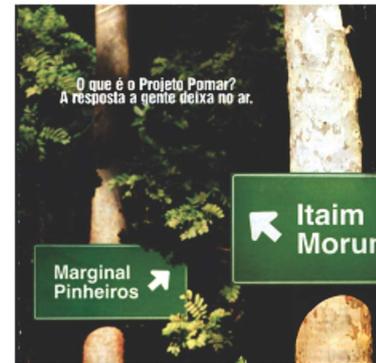
As experiências com que o leitor se identifica não são necessariamente as mais familiares, mas as que mostram o quanto é vivo um repertório de novas

questões. Uma leitura proveitosa leva à convicção de que as palavras podem constituir um movimento profundamente revelador do próximo, do mundo, de nós mesmos. Tal convicção faz caminhar para uma outra, mais ampla, que um antigo pensador romano assim formulou: Nada do que é humano me é alheio.

(Cláudio Ferraretti, inédito)

9. (2002) De acordo com o texto, a identificação do leitor com o que lê ocorre sobretudo quando
- (a) ele sabe reconhecer na obra o valor consagrado pela tradição da crítica literária.
 - (b) ele já conhece, com alguma intimidade, as experiências representadas numa obra.
 - (c) a obra expressa, em fórmulas sintéticas, a sabedoria dos antigos humanistas.
 - (d) a obra o introduz num campo de questões cuja vitalidade ele pode reconhecer.
 - (e) a obra expressa convicções tão verdadeiras que se furtam à discussão.
10. (2002) O sentido da frase *Nada do que é humano me é alheio* é equivalente ao desta outra construção:
- (a) O que não diz respeito ao Homem não deixa de me interessar.
 - (b) Tudo o que se refere ao Homem diz respeito a mim.
 - (c) Como sou humano, não me alheio a nada.
 - (d) Para ser humano, mantenho interesse por tudo.
 - (e) A nada me sinto alheio que não seja humano.
11. (2002) De acordo com o texto, a convicção despertada por uma leitura proveitosa é, precisamente, a de que
- (a) sempre existe a possibilidade de as palavras serem profundamente reveladoras.
 - (b) as palavras constituem sempre um movimento de profunda revelação.
 - (c) é muito fácil encontrar palavras que sejam profundamente reveladoras.
 - (d) as palavras sempre caminham na direção do outro, do mundo, de cada um de nós.
 - (e) nenhuma palavra será viva se não provocar o imediato prazer do leitor.

Texto para a questão 12



Reflorestar as margens dos rios Pinheiros e Tietê, arborizar praças, ruas e escolas, criar novos parques, melhorar a qualidade do ar e da vida das pessoas, aumentar a consciência ecológica dos adultos e das futuras gerações. (...) Logo, logo você vai ver o Pomar em cada canto da cidade. Projeto Pomar. Concreto aqui, só os resultados.

(Adaptado de ISTOÉ, 19/9/2001)

12. (2002) Considerada no contexto do anúncio, a imagem pretende indicar, principalmente,
- (a) a integração da cidade com a natureza.
 - (b) a confusão do trânsito urbano.
 - (c) a ausência de consciência ecológica típica das cidades grandes.
 - (d) a sofisticação representada pelos bairros mencionados nas placas.
 - (e) a impossibilidade de conjugar urbanização e arborização.

Texto para as questões 13 e 14

A característica da relação do adulto com o velho é a falta de reciprocidade que se pode traduzir numa tolerância sem o calor da sinceridade. Não se discute com o velho, não se confrontam opiniões com as dele, negando-lhe a oportunidade de desenvolver o que só se permite aos amigos: a alteridade, a contradição, o afrontamento e mesmo o conflito. Quantas relações humanas são pobres e banais porque deixamos que o outro se expresse de modo repetitivo e porque nos desviamos das áreas de atrito, dos pontos vitais, de tudo o que em nosso confronto pudesse causar o crescimento e a dor! Se a tolerância com os velhos é entendida assim, como uma abdicação do diálogo, melhor seria dar-lhe o nome de banimento ou discriminação.

(Ecléa Bosi, *Memória e sociedade - Lembranças de velhos*)

13. (2002) Na avaliação da autora, o que habitualmente caracteriza a relação do adulto com o velho é
- (a) o desinteresse do adulto pelo confronto de idéias, expressando uma tolerância que atua como discriminação do velho.
 - (b) uma sucessão de conflitos, motivada pela baixa tolerância e pela insinceridade recíprocas.
 - (c) a inconsequência dos diálogos, já que a um e a outro interessa apenas a reiteração de seus pontos de vista.
 - (d) o equívoco do adulto, que trata o velho sem considerar as diferenças entre a condição deste e a de um amigo mais próximo.
 - (e) a insinceridade das opiniões do adulto, nas quais se manifestam sua divergência e sua impaciência.
14. (2002) Considerando-se o sentido do conjunto do texto, é correto afirmar que
- (a) as palavras "crescimento" e "dor" são utilizadas de modo a constituírem um paradoxo.
 - (b) as palavras "alteridade", "contradição", "afrontamento" e "conflito" encadeiam-se numa progressão semântica.
 - (c) a expressão "abdicação do diálogo" tem significação oposta à da expressão "tolerância sem o calor da sinceridade".
 - (d) a expressão "o que só se permite" está empregada com o sentido de "o que nunca se falta".

- (e) a expressão "nos desviamos das áreas de atrito" está empregada com o sentido oposto ao da expressão "aparamos todas as arestas".

Texto para a questão 15

Antônio. Assim se chamava meu pai, vindo de Piracicaba, cidade do interior de São Paulo. (...) Foi saco de pancada quando pequeno, pois meu avô paterno levava ao exagero a filosofia do "quem dá o pão dá o ensino". No entanto nunca se referiu de maneira rancorosa a esses castigos, nem achou necessário desforrar-se em mim do tanto que havia apanhado. Quando as coisas não lhe agradavam, preferia gargalhar num jeito muito seu, que lembrava bola de pingue-pongue descendo lentamente uma escada. Duas vezes apenas botou de lado esse tipo de reação.

(Mário Lago, *Na rolança do tempo*)

15. (2002) O autor estabelece uma comparação entre
- (a) seu pai e seu avô, distinguindo o modo pelo qual cada um extravasava a euforia.
 - (b) seu pai e seu avô, buscando neles traços comuns de temperamento e de personalidade.
 - (c) a gargalhada de seu pai e a queda da bola de pingue-pongue, com base nos estímulos visuais provocados por ambas.
 - (d) a gargalhada de seu pai e a queda da bola de pingue-pongue, com base no mesmo efeito cômico que ambas provocam.
 - (e) a gargalhada de seu pai e a queda da bola de pingue-pongue, com base em impressões de ritmo e de andamento.

Texto para as questões 16, 17 e 18

Zôo

Uma cascavel, nas encolhas*. Sua massa infame. Crime: prenderam, na gaiola da cascavel, um ratinho branco. O pobrinho se comprime num dos cantos do alto da parede de tela, no lugar mais longe que pôde. Olha para fora, transido, arrepiado, não ousando choramingar. Periodicamente, treme. A cobra ainda dorme.

*

Meu Deus, que pelo menos a morte do ratinho branco seja instantânea!

*

Tenho de subornar um guarda, para que liberte o ratinho branco da jaula da cascavel. Talvez ainda não seja tarde.

*

Mas, ainda que eu salve o ratinho branco, outro terá de morrer em seu lugar. E, deste outro, terei sido eu o culpado.

(*) **nas encolhas** = retraída, imóvel

(Fragmentos extraídos de **Ave, palavra**, de Guimarães Rosa)

16. (2003) A situação do ratinho branco, preso na gaiola da cascavel, provocou no narrador
- (a) imediato sentimento de culpa, que o levou a declarar-se responsável pela situação.
 - (b) desejo imediato de intervenção, a fim de antecipar o previsível desfecho.
 - (c) reação espontânea e indignada, da qual veio a se arrepender mais tarde.
 - (d) compaixão e desejo de intervir, seguidos de uma reflexão moral.
 - (e) curiosidade e repulsa, a que se seguiu a indiferença diante do inevitável.
17. (2003) Por meio de frases como "A cobra ainda dorme", "Talvez ainda não seja tarde" e "ainda que eu salve o ratinho branco", o narrador
- (a) prolonga a tensão, alimentando expectativas.
 - (b) exprime a inevitabilidade dos fatos, ao empregar os verbos no presente.
 - (c) entrega-se a fantasias, desligando-se das circunstâncias presentes.
 - (d) formula hipóteses vagas, argumentando de modo abstrato.
 - (e) precipita a ação do tempo, apressando a narração dos fatos.
18. (2003) O último parágrafo permite inferir que a convicção final do narrador é a de que
- (a) a culpa maior está na omissão permanente.
 - (b) os atos bem-intencionados são inocentes.
 - (c) nenhuma escolha é isenta de responsabilidade.
 - (d) não há como discordar da lei do mais forte.

- (e) não há culpa em quem aperfeiçoa as leis da natureza.

Texto para as questões 19 e 20

Eu te amo

Ah, se já perdemos a noção da hora,
Se juntos já jogamos tudo fora,
Me conta agora como hei de partir...
Se, ao te conhecer, dei pra sonhar, fiz tantos des-
vários,
Rompi com o mundo, queimei meus navios,
Me diz pra onde é que inda posso ir...
(...)
Se entornaste a nossa sorte pelo chão,
Se na bagunça do teu coração
Meu sangue errou de veia e se perdeu...
(...)
Como, se nos amamos como dois pagãos,
Teus seios inda estão nas minhas mãos,
Me explica com que cara eu vou sair...
Não, acho que estás só fazendo de conta,
Te dei meus olhos pra tomares conta,
Agora conta como hei de partir...

(Tom Jobim - Chico Buarque)

19. (2003) O sentimento de perplexidade expresso nas frases "como hei de partir", "pra onde é que inda posso ir", "com que cara eu vou sair", deve-se ao fato de que a relação amorosa do sujeito
- (a) foi marcada por sucessivos desencontros, em virtude da intensidade da paixão.
 - (b) constituiu uma radical experiência de fusão com o outro, da qual não vê como sair.
 - (c) provocou a subordinação emocional da pessoa amada, de quem ele já não pode se livrar.
 - (d) ameaça jamais desfazer-se, agravando-se assim uma interdependência destrutiva.
 - (e) está-se esgotando, sem que os amantes saibam o que fazer para reacender a paixão.
20. (2003) Examinando-se aspectos construtivos deste texto, verifica-se que
- (a) todas as ocorrências da conjunção se expressam uma condição, com o sentido de no caso de.
 - (b) o emprego de como, no início da quarta estrofe, é uma retomada de "como hei de partir", da primeira estrofe.
 - (c) A repetição de conta, na última estrofe, reitera a mesma idéia do custo que a separação representa para o sujeito.

- (d) o emprego da vírgula depois de Não, na última estrofe, é facultativo, uma vez que a partícula negativa tem aqui o valor de uma simples ênfase.
- (e) o efeito dramático nele obtido nasce da reiterada oposição entre ações transcorridas no passado.

Texto para a questão 21

História estranha

Um homem vem caminhando por um parque quando de repente se vê com sete anos de idade. Está com quarenta, quarenta e poucos. De repente dá com ele mesmo chutando uma bola perto de um banco onde está a sua babá fazendo tricô. Não tem a menor dúvida de que é ele mesmo. Reconhece a sua própria cara, reconhece o banco e a babá. Tem uma vaga lembrança daquela cena. Um dia ele estava jogando bola no parque quando de repente aproximou-se um homem e... O homem aproximou-se dele mesmo. Ajoelha-se, põe as mãos nos seus ombros e olha nos seus olhos. Seus olhos se enchem de lágrimas. Sente uma coisa no peito. Que coisa é a vida. Que coisa pior ainda é o tempo. Como eu era inocente. Como os meus olhos eram limpos. O homem tenta dizer alguma coisa, mas não encontra o que dizer. Apenas abraça a si mesmo, longamente. Depois sai caminhando, chorando, sem olhar para trás.

O garoto fica olhando para a sua figura que se afasta. Também se reconheceu. E fica pensando, aborrecido: quando eu tiver quarenta, quarenta e poucos anos, como eu vou ser sentimental!

(Luis Fernando Verissimo, **Comédias para se ler na escola**)

21. (2003) A estranheza dessa história deve-se, basicamente, ao fato de que nela
- (a) há superposição de espaços sem que haja superposição de tempos.
- (b) a memória afetiva faz um quarentão se lembrar de uma cena da infância.
- (c) a narrativa é conduzida por vários narradores.
- (d) o tempo é representado como irreversível.
- (e) tempos distintos convergem e tornam-se simultâneos.
22. (2004)

Observe, ao lado, esta gravura de Escher:



Na linguagem verbal, exemplos de aproveitamento de recursos equivalentes aos da gravura de Escher encontram-se, com frequência

- (a) nos jornais, quando o repórter registra uma ocorrência que lhe parece extremamente intrigante.
- (b) nos textos publicitários, quando se comparam dois produtos que têm a mesma utilidade.
- (c) na prosa científica, quando o autor descreve com isenção e distanciamento a experiência de que trata.
- (d) na literatura, quando o escritor se vale das palavras para expor procedimentos construtivos do discurso.
- (e) nos manuais de instrução, quando se organiza com clareza uma determinada sequência de operações.
23. (2004)

CONTRA A MARÉ

A tribo dos que preferem ficar à margem da corrida dos bits e bytes não é minguada. Mas são os renitentes que fazem a tecnologia ficar mais fácil. Nesta nota jornalística, a expressão "contra a maré" liga-se, quanto ao sentido que ela aí assume, à palavra

- (a) tribo.
- (b) minguada.
- (c) renitentes.
- (d) tecnologia.
- (e) fácil.

Texto para as questões 24, 25 e 26

Olhar para o céu noturno é quase um privilégio em nossa atribulada e iluminada vida moderna. (...) Companhias de turismo deveriam criar "excursões noturnas", em que grupos de pessoas são transportados até pontos estratégicos para serem instruídos por um astrônomo sobre as maravilhas do céu noturno. Seria o nascimento do "turismo astronômico", que complementaria perfeitamente o novo turismo ecológico. E por que não? Turismo astronômico ou não, talvez a primeira impressão ao observarmos o céu noturno seja uma

enorme sensação de paz, de permanência, de profunda ausência de movimento, fora um eventual avião ou mesmo um satélite distante (uma estrela que se move!). Vemos incontáveis estrelas, emitindo sua radiação eletromagnética, perfeitamente indiferentes às atribuições humanas.

Essa visão pacata dos céus é completamente diferente da visão de um astrofísico moderno. As inocentes estrelas são verdadeiras fornalhas nucleares, produzindo uma quantidade enorme de energia a cada segundo. A morte de uma estrela modesta como o Sol, por exemplo, virá acompanhada de uma explosão que chegará até a nossa vizinhança, transformando tudo o que encontrar pela frente em poeira cósmica. (O leitor não precisa se preocupar muito. O Sol ainda produzirá energia "docilmente" por mais uns 5 bilhões de anos.)

(Marcelo Gleiser, **Retalhos cósmicos**)

24. (2004) O autor considera a possibilidade de se olhar para o céu noturno a partir de duas distintas perspectivas, que se evidenciam no confronto das expressões:

- (a) "maravilhas do céu noturno" / "sensação de paz".
- (b) "instruídos por um astrônomo" / "visão de um astrofísico".
- (c) "radiação eletromagnética" / "quantidade enorme de energia".
- (d) "poeira cósmica" / "visão de um astrofísico".
- (e) "ausência de movimento" / "fornalhas nucleares".

25. (2004) Considere as seguintes afirmações:

- (I) Na primeira frase do texto, os termos "atribulada" e "iluminada" caracterizam dois aspectos contraditórios e inconciliáveis do que o autor chama de "vida moderna".
- (II) No segundo parágrafo, o sentido da expressão "perfeitamente indiferentes às atribuições humanas" indica que já se desfez aquela "primeira impressão" e desapareceu a "sensação de paz".
- (III) No terceiro parágrafo, a expressão "estrela modesta", referente ao Sol, implica uma avaliação que vai além das impressões ou sensações de um observador comum.

Está correto apenas o que se afirma em

- (a) I.
- (b) II.

- (c) III.
- (d) I e II.
- (e) II e III.

26. (2004) De acordo com o texto, as estrelas

- (a) são consideradas "maravilhas do céu noturno" pelos observadores leigos, mas não pelos astrônomos.
- (b) possibilitam uma "visão pacata dos céus", impressão que pode ser desfeita pelas instruções de um astrônomo.
- (c) produzem, no observador leigo, um efeito encantatório, em razão de serem "verdadeiras fornalhas nucleares".
- (d) promovem um espetáculo noturno tão grandioso, que os moradores das cidades modernas se sentem privilegiados.
- (e) confundem-se, por vezes, com um avião ou um satélite, por se movimentarem do mesmo modo que estes.

Texto para as questões 27 e 28

O OLHAR TAMBÉM PRECISA APRENDER A ENXERGAR

Há uma historinha adorável, contada por Eduardo Galeano, escritor uruguaio, que diz que um pai, morador lá do interior do país, levou seu filho até a beira do mar. O menino nunca tinha visto aquela massa de água infinita. Os dois pararam sobre um morro. O menino, segurando a mão do pai, disse a ele: "Pai, me ajuda a olhar". Pode parecer uma espécie de fantasia, mas deve ser a exata verdade, representando a sensação de faltarem não só palavras mas também capacidade para entender o que é que estava se passando ali.

Agora imagine o que se passa quando qualquer um de nós pára diante de uma grande obra de arte visual: como olhar para aquilo e construir seu sentido na nossa percepção? Só com auxílio mesmo. Não quer dizer que a gente não se emocione apenas por ser exposto a um clássico absoluto, um Picasso ou um Niemeyer ou um Caravaggio. Quer dizer apenas que a gente pode ver melhor se entender a lógica da criação.

(Luís Augusto Fischer, **Folha de S. Paulo**)

27. (2004) Relacionando a história contada pelo escritor uruguaio com "o que se passa quando qualquer um de nós pára diante de uma grande obra de arte", o autor do texto defende a idéia de que
- (a) o belo natural e o belo artístico provocam distintas reações de nossa percepção.
 - (b) a educação do olhar leva a uma percepção compreensiva das coisas belas.
 - (c) o belo artístico é tanto mais intenso quanto mais espelhe o belo natural.
 - (d) a lógica da criação artística é a mesma que rege o funcionamento da natureza.
 - (e) a educação do olhar devolve ao adulto a espontaneidade da percepção das crianças.
28. (2004) Analisando-se a construção do texto, verifica-se que
- (a) há paralelismo de idéias entre os dois parágrafos, como, por exemplo, o que ocorre entre a frase do menino e a frase "Só com auxílio mesmo".
 - (b) a expressão "espécie de fantasia", no primeiro parágrafo, é retomada e traduzida em "lógica da criação", no segundo parágrafo.

- (c) a expressão "Agora imagine" tem como função assinalar a inteira independência do segundo parágrafo em relação ao primeiro.
- (d) a afirmação contida no título restringe-se aos casos dos artistas mencionados no final do texto.
- (e) as ocorrências da expressão "a gente" constituem traços da impessoalidade e da objetividade que marcam a linguagem do texto.

Texto para as questões 29, 30, 31 e 32

O filme **Cazuza - O tempo não pára** me deixou numa espécie de felicidade pensativa. Tento explicar por quê.

Cazuza mordeu a vida com todos os dentes. A doença e a morte parecem ter-se vingado de sua paixão exagerada de viver. É impossível sair da sala de cinema sem se perguntar mais uma vez: o que vale mais, a preservação de nossas forças, que garantiria uma vida mais longa, ou a livre procura da máxima intensidade e variedade de experiências?

Digo que a pergunta se apresenta "mais uma vez" porque a questão é hoje trivial e, ao mesmo tempo, persecutória. (...) Obedecemos a uma proliferação de regras que são ditadas pelos progressos da prevenção. Ninguém imagina que comer bamba, fumar, tomar pinga, transar sem camisinha e combinar, sei lá, nitratos com Viagra seja uma boa idéia. De fato não é. À primeira vista, parece lógico que concordemos sem hesitação sobre o seguinte: não há ou não deveria haver prazeres que valham um risco de vida ou, simplesmente, que valham o risco de encurtar a vida. De que adiantaria um prazer que, por assim dizer, cortasse o galho sobre o qual estou sentado?

Os jovens têm uma razão básica para desconfiar de uma moral prudente e um pouco avara que sugere que escolhamos sempre os tempos suplementares. É que a morte lhes parece distante, uma coisa com a qual a gente se preocupará mais tarde, muito mais tarde. Mas sua vontade de caminhar na corda bamba e sem rede não é apenas a inconsciência de quem pode esquecer que "o tempo não pára". É também (e talvez sobretudo) um questionamento que nos desafia: para disciplinar a experiência, será que temos outras razões que não sejam só a decisão de durar um pouco mais?

(Contardo Calligaris, **Folha de S. Paulo**)

29. (2005) A reação caracterizada como "uma espécie de felicidade pensativa" justifica-se, no texto, pelo fato de que o filme a que o autor assistiu

- (a) convenceu-o de que a experiência das paixões mais radicais não é incompatível com os "progressos da prevenção".
- (b) convenceu-o de que arriscar a vida não vale a pena porque é prudente nos pouparmos para viver os "tempos suplementares".
- (c) proporcionou-lhe um exemplo de prazer vital e intenso, ao mesmo tempo em que o fez refletir sobre o "risco de encurtar a vida".
- (d) proporcionou-lhe um prazer tão intenso que passou a defender a lucidez "de quem pode esquecer que o tempo não pára".
- (e) proporcionou-lhe um estado de grande satisfação e o fez concluir que é indefensável a tese da "preservação de nossas forças".
30. (2005) Considerando-se o contexto, traduz-se corretamente o sentido de uma frase do texto em:
- (a) "Cazuza mordeu a vida com todos os dentes" = Cazuza respondeu com ressentimento a todas as adversidades da vida.
- (b) "(...) uma moral prudente e um pouco avara que sugere que escolhamos sempre os tempos suplementares" = uma moral rígida e mesquinha que nos incita a um prazer excessivo.
- (c) "Obedecemos a uma proliferação de regras que são ditadas pelos progressos da prevenção" = Curvamo-nos aos inúmeros preceitos que nos deixam prevenidos em relação ao progresso.
- (d) "(...) cortasse o galho sobre o qual estou sentado" = privilegiasse o meu instinto de sobrevivência.
- (e) "(...) a questão é hoje trivial e, ao mesmo tempo, persecutória" = mesmo banalizada, a questão preocupa o tempo todo.
31. (2005) Quando o autor pergunta: "para disciplinar a experiência, será que temos outras razões que não sejam só a decisão de durar um pouco mais?", ele
- (a) refuta a validade das experiências que sejam vividas sem muita disciplina.
- (b) desconfia da decisão de quem disciplina uma experiência para fazê-la durar mais tempo.
- (c) considera que prolongar a vida pode ser o único motivo para vivermos com prudência.
- (d) duvida de que a disciplina de uma experiência nos leve à decisão de prolongarmos a vida.
- (e) questiona a idéia de que a experiência é a melhor base para a tomada de decisões.
32. (2005) Considere as seguintes afirmações:
- (I) Os trechos "mordeu a vida com todos os dentes" e "caminhar na corda bamba e sem rede" podem ser compreendidos tanto no sentido figurado quanto no sentido literal.
- (II) Na frase "De que adiantaria um prazer que (...) cortasse o galho sobre o qual estou sentado", o sentido da expressão sublinhada corresponde ao de "se está sentado".
- (III) Em "mais uma vez", no início do terceiro parágrafo, o autor empregou aspas para indicar a precisa retomada de uma expressão do texto.

Está correto o que se afirma em

- (a) I, somente.
- (b) I e II, somente.
- (c) II, somente.
- (d) II e III, somente.
- (e) I, II e III.

Texto para a questão 33

ESCREVO-LHE ESTA CARTA...

Um ano depois, programa de alfabetização no Acre apresenta resultados acima da média e, como prova final, bilhetes comoventes

Repleto de adultos recém-alfabetizados, o Teatro Plácido de Castro, na capital do Acre, Rio Branco, quase veio abaixo com a leitura do bilhete escrito pela dona de casa Sebastiana Costa para o marido: "Manoel, eu fui para aula. Se quiser comida quente. Foi eu que escrevi." Atordoada com os aplausos, a franzina Sebastiana desceu do palco com a cabeça baixa e os ombros encurvados. Casada há trinta anos e mãe de oito filhos, ela só descontraiu um pouco quando a ministra do Meio Ambiente, Marina Silva, comentou que o bilhete não precisava ser interpretado como um desaforo, embora passasse um sentimento de libertação. Alfabetizada apenas aos dezessete anos, a ministra Marina conhece como poucos o drama daqueles que não são capazes de decifrar o letreiro de um ônibus ou de rabiscar uma simples mensagem.

(Revista **ISTOÉ**)

33. (2005) O bilhete escrito por Sebastiana Costa tem linguagem simples, mas nem por isso o que dizem suas palavras deixa de conotar um significado mais profundo,
- (a) apontado pelo redator do texto, num comentário pessoal, em tom opinativo.
 - (b) indicado no comentário feito pela ministra do Meio Ambiente.
 - (c) esclarecido tão logo irrompem os intensos aplausos do público.
 - (d) evidenciado pela expressão corporal de Sebastiana, ao descer do palco.
 - (e) relacionado ao fato de o público ser composto por adultos recém-alfabetizados.

Texto para a questão 34

o Kramer apaixonou-se por uma corista que se chamava Olga. por algum motivo nunca conseguiam encontrar-se. ele gritava passando pela casa de Olga, manhãzinha (ela dormia): Olga, Olga, hoje estou de folga! mas nunca se viam e penso que ele sabia que se efetivamente se deitasse com ela o sonho terminaria. sábio Kramer. nunca mais o vi. há sonhos que devem permanecer nas gavetas, nos cofres, trancados até o nosso fim. e por isso passíveis de serem sonhados a vida inteira.

Hilda Hilst, **Estar sendo. Ter sido.****Observações:**

O emprego sistemático de minúscula na abertura de período é opção estilística da autora.

Corista = atriz / bailarina que figura em espetáculo de teatro musicado.

34. (2006) Na perspectiva do narrador, o Kramer é considerado sábio porque, como um bom sonhador,
- (a) anima-se com a possibilidade de uma feliz e prolongada realização de seu sonho.
 - (b) percebe que a realização de seu sonho acabaria sendo uma forma de negá-lo.
 - (c) avalia objetivamente as circunstâncias de que depende a plena realização de seu sonho.
 - (d) sabe que os sucessivos adiamentos da realização de seu sonho acabarão por fazê-lo desistir de sonhar.
 - (e) acredita que a impossibilidade de realização de um sonho leva a um mais rápido amadurecimento.

Texto para a questão 35

Um homem precisa viajar. Por sua conta, não por meio de histórias, imagens, livros ou TV. Precisa viajar por si, com seus olhos e pés, para entender o que é seu. Para um dia plantar as suas próprias árvores e dar-lhes valor. Conhecer o frio para conhecer o calor. E o oposto. Sentir a distância e o desabrigo para estar bem sob o próprio teto. Um homem precisa viajar para lugares que não conhece para quebrar essa arrogância que nos faz ver o mundo como o imaginamos, e não simplesmente como é ou pode ser; que nos faz professores e doutores do que não vimos, quando deveríamos ser alunos, e simplesmente ir ver.

Amyr Klink, **Mar sem fim.**

35. (2006) A repetição de "precisa viajar" acentua, no contexto, o valor daquelas experiências que
- (a) se traduzem na exploração de nossa plena capacidade imaginativa.
 - (b) concretizam o aprendizado das diferenças que formam a identidade pessoal.
 - (c) ratificam a convicção de quem julga conhecer o que apenas imaginou.
 - (d) acabam comprovando a importância de se viver tudo o que se planejou.

- (e) reforçam a simplicidade do prazer de um cotidiano sem surpresas.

Texto para as questões 36 e 37

É impossível colocar em série exata os fatos da infância porque há aquelas que já acontecem permanentes, que vêm para ficar e doer, que nunca mais são esquecidos, que são sempre trazidos tempo afora, como se fossem dagora. É a carga. Há os outros, miúdos fatos, incolores e quase sem som - que mal se deram, a memória os atira nos abismos do esquecimento. Mesmo próximos eles viram logo passado remoto. Surgem às vezes, na lembrança, como se fossem uma incongruência. Só aparentemente sem razão, porque não há associação de ideias que seja ilógica. O que assim parece, em verdade, liga-se e harmoniza-se no subconsciente pelas raízes subterrâneas - raízes lógicas! - de que emergem os pequenos caules isolados - aparentemente ilógicos! só aparentemente! - às vezes chegados à memória vindos do esquecimento, que é outra função ativa dessa mesma memória.

Pedro Nava, **Baú de ossos**.

36. (2006) Ao analisar os processos da memória, o autor manifesta a convicção de que
- (a) os fatos que não são lembrados com constância cairão para sempre nos abismos do esquecimento.
 - (b) é mais dolorosa a lembrança de fatos que pareciam para sempre esquecidos do que a dos fatos que não saem da memória.
 - (c) os fatos que pareciam inteiramente esquecidos podem de repente surgir na memória com o aspecto de uma associação imprópria.
 - (d) é mais prazerosa a memória assídua de fatos da infância do que a memória de fatos ocorridos mais recentemente.
 - (e) os fatos que, quando vividos, pareciam extravagantes costumam ser depois lembrados como inteiramente lógicos.
37. (2006) A expressão "O que assim parece" tem, no contexto, o sentido de
- (a) o que aparenta ser uma pura lembrança.
 - (b) o que aparenta ser uma associação de idéias.
 - (c) o que parece harmonizado no subconsciente.
 - (d) o que parece uma incongruência.
 - (e) o que aparece como se fosse lógico.

Texto para a questão 38

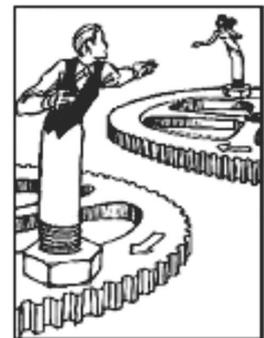
Sinal fechado

(...)

- Me perdoe a pressa, é a alma dos nossos negócios...
- Oh, não tem de quê, eu também só ando a cem...

(...)

- Tanta coisa que eu tinha a dizer, mas eu sumi na poeira das ruas...
- Eu também tenho algo a dizer, mas me foge à lembrança...
- Por favor, telefone, eu preciso beber alguma coisa rapidamente...
- Pra semana...
- O sinal...
- Eu procuro você...
- Vai abrir! Vai abrir!
- Prometo, não esqueço...
- Por favor, não esqueça...
- Não esqueço, não esqueço...
- Adeus...



Juarez Machado

Paulinho da Viola.

38. (2007) No trecho da canção de Paulinho da Viola e nos quadrinhos de Juarez Machado, representa-se um desencontro, cuja razão maior está
- (a) na eliminação dos desejos pessoais.
 - (b) nas imposições do cotidiano moderno.
 - (c) na falta de confiança no outro.
 - (d) na expectativa romântica das pessoas.
 - (e) no mecanismo egoísta das paixões.

Texto para as questões 39 e 40

O anúncio luminoso de um edifício em frente, acendendo e apagando, dava banhos intermitentes de sangue na pele de seu braço repousado, e de sua face. Ela estava sentada junto à janela e havia luar; e nos intervalos desse banho vermelho ela era toda

pálida e suave.

Na roda havia um homem muito inteligente que falava muito; havia seu marido, todo bovino; um pintor louro e nervoso; uma senhora recentemente desquitada, e eu. Para que recensear a roda que falava de política e de pintura? Ela não dava atenção a ninguém. Quieta, às vezes sorrindo quando alguém lhe dirigia a palavra, ela apenas mirava o próprio braço, atenta à mudança da cor. Senti que ela fruía nisso um prazer silencioso e longo. "Muito!", disse quando alguém lhe perguntou se gostara de um certo quadro - e disse mais algumas palavras; mas mudou um pouco a posição do braço e continuou a se mirar, interessada em si mesma, com um ar sonhador.

Rubem Braga, "A mulher que ia navegar".

39. (2007) O termo sublinhado no trecho "Senti que ela fruía nisso um prazer silencioso e longo" refere-se, no texto,
- (a) ao sorriso que ela dava quando lhe dirigiam a palavra.
 - (b) ao prazer silencioso e longo que ela fruía ao sorrir.
 - (c) à percepção do efeito das luzes do anúncio em seu braço.
 - (d) à falta de atenção aos que se encontravam ali reunidos.
 - (e) à alegria da roda de amigos que falavam de política e de pintura.
40. (2007) Entre os dois segmentos "nos intervalos desse banho vermelho" e "ela era toda pálida e suave", expressa-se um contraste que também ocorre entre
- (a) "O anúncio luminoso de um edifício" e "banhos intermitentes de sangue".
 - (b) "acendendo e apagando" e "banhos intermitentes de sangue".
 - (c) "acendendo e apagando" e "um edifício em frente".
 - (d) "Ela estava sentada junto à janela" e "havia luar".
 - (e) "banhos intermitentes de sangue" e "havia luar".

Texto para as questões 41, 42 e 43

Sou feliz pelos amigos que tenho. Um deles muito sofre pelo meu descuido com o vernáculo. Por alguns anos ele sistematicamente me enviava missivas eruditas com precisas informações sobre as regras da gramática, que eu não respeitava, e sobre

a grafia correta dos vocábulos, que eu ignorava. Fi-lo sofrer pelo uso errado que fiz de uma palavra no último "Quarto de Badulaques". Acontece que eu, acostumado a conversar com a gente das Minas Gerais, falei em "varreção- do verbo "varrer". De fato, tratava-se de um equívoco que, num vestibular, poderia me valer uma reprovação. Pois o meu amigo, paladino da língua portuguesa, se deu ao trabalho de fazer um xerox da página 827 do dicionário (...). O certo é "varrição", e não "varreção". Mas estou com medo de que os mineiros da roça façam troça de mim, porque nunca os ouvi falar de "varrição". E se eles rirem de mim não vai me adiantar mostrar-lhes o xerox da página do dicionário (...). Porque para eles não é o dicionário que faz a língua. É o povo. E o povo, lá nas montanhas de Minas Gerais, fala "varreção", quando não "barreção". O que me deixa triste sobre esse amigo oculto é que nunca tenha dito nada sobre o que eu escrevo, se é bonito ou se é feio. Toma a minha sopa, não diz nada sobre ela, mas reclama sempre que o prato está rachado.

Rubem Alves

<http://rubemalves.uol.com.br/quartodebadulaques>

41. (2007) Ao manifestar-se quanto ao que seja "correto" ou "incorreto" no uso da língua portuguesa, o autor revela sua preocupação em
- (a) atender ao padrão culto, em "fi-lo", e ao registro informal, em "varrição".
 - (b) corrigir formas condenáveis, como no caso de "barreção", em vez de "varreção".
 - (c) valer-se o tempo todo de um registro informal, de que é exemplo a expressão "missivas eruditas".
 - (d) ponderar sobre a validade de diferentes usos da língua, em diferentes contextos.
 - (e) negar que costume cometer deslizos quanto à grafia dos vocábulos.
42. (2007) O amigo é chamado de "paladino da língua portuguesa" porque
- (a) costuma escrever cartas em que aponta incorreções gramaticais do autor.
 - (b) sofre com os constantes descuidos dos leitores de "Quarto de Badulaques".
 - (c) julga igualmente válidas todas as variedades da língua portuguesa.
 - (d) comenta criteriosamente os conteúdos dos textos que o autor publica.
 - (e) é tolerante com os equívocos que poderiam causar reprovação no vestibular.

43. (2007) "Toma a minha sopa, não diz nada sobre ela, mas reclama sempre que o prato está rachado." Considerada no contexto, essa frase indica, em sentido figurado, que, para o autor,
- (a) a forma e o conteúdo são indissociáveis em qualquer mensagem.
 - (b) a forma é um acessório do conteúdo, que é o essencial.
 - (c) o conteúdo prescinde de qualquer forma para se apresentar.
 - (d) a forma perfeita é condição indispensável para o sentido exato do conteúdo.
 - (e) o conteúdo é impreciso, se a forma apresenta alguma imperfeição.
44. (2007) "Toma a minha sopa, não diz nada sobre ela, mas reclama sempre que o prato está rachado." Considerada no contexto, essa frase indica, em sentido figurado, que, para o autor,
- (c) privilegia determinado aspecto da obra musical, sem que isso implique a exclusão de outros.
 - (d) ocorre de modo a propiciar uma combinação harmoniosa e equilibrada dos três modos de recepção.
 - (e) subordina os modos de recepção aos diferentes propósitos dos compositores.
45. (2008) Nesse texto, o primeiro parágrafo e o conjunto dos demais articulam-se de modo a constituir, respectivamente,
- (a) uma proposição e seu esclarecimento.
 - (b) um tema e suas variações.
 - (c) uma premissa e suas contradições.
 - (d) uma declaração e sua atenuação.
 - (e) um paradoxo e sua superação.

Texto para as questões 44 e 45

Há muitas, quase infinitas maneiras de ouvir música. Entretanto, as três mais frequentes distinguem-se pela tendência que em cada uma delas se torna dominante: ouvir com o corpo, ouvir emotivamente, ouvir intelectualmente.

Ouvir com o corpo é empregar no ato da escuta não apenas os ouvidos, mas a pele toda, que também vibra ao contato com o dado sonoro: é sentir em estado bruto. É bastante frequente, nesse estágio da escuta, que haja um impulso em direção ao ato de dançar.

Ouvir emotivamente, no fundo, não deixa de ser ouvir mais a si mesmo que propriamente a música. É usar da música a fim de que ela desperte ou reforce algo já latente em nós mesmos. Sai-se da sensação bruta e entra-se no campo dos sentimentos.

Ouvir intelectualmente é dar-se conta de que a música tem, como base, estrutura e forma. Referir-se à música a partir dessa perspectiva seria atentar para a materialidade de seu discurso: o que ele comporta, como seus elementos se estruturam, qual a forma alcançada nesse processo.

Adaptado de J. Jota de Moraes, **O que é música.**

44. (2008) De acordo com o texto, quando uma tendência de ouvir se torna dominante, a audição musical
- (a) supõe a operação prévia da livre e consciente escolha de um dos três modos de recepção.
 - (b) estabelece uma clara hierarquia entre as obras musicais, com base no valor intrínseco de cada uma delas.

Texto para a questão 46

No início do século XVI, Maquiavel escreveu **O Príncipe** - uma célebre análise do poder político, apresentada sob a forma de lições, dirigidas ao príncipe Lorenzo de Médicis. Assim justificou Maquiavel o caráter professoral do texto:

Não quero que se repute presunção o fato de um homem de baixo e ínfimo estado discorrer e regular sobre o governo dos príncipes; pois assim como os [cartógrafos] que desenham os contornos dos países se colocam na planície para considerar a natureza dos montes, e para considerar a das planícies ascendem aos montes, assim também, para conhecer bem a natureza dos povos, é necessário ser príncipe, e para conhecer a dos príncipes é necessário ser do povo.

Tradução de Lívio Xavier, adaptada.

46. (2008) Ao justificar a autoridade com que pretende ensinar um príncipe a governar, Maquiavel compara sua missão à de um cartógrafo para demonstrar que
- (a) o poder político deve ser analisado tanto do ponto de vista de quem o exerce quanto do de quem a ele está submetido.
 - (b) é necessário e vantajoso que tanto o príncipe como o súdito exerçam alternadamente a autoridade do governante.
 - (c) um pensador, ao contrário do que ocorre com um cartógrafo, não precisa mudar de perspectiva para situar posições complementares.
 - (d) as formas do poder político variam, conforme sejam exercidas por representantes do povo ou por membros da aristocracia.
 - (e) tanto o governante como o governado, para bem compreenderem o exercício do poder, devem restringir-se a seus respectivos papéis.

Texto para a questão 47

A borboleta

Cada vez que o poeta cria uma borboleta, o leitor exclama: "Olha uma borboleta!" O crítico ajusta os nosóculos e, ante aquele pedaço esvoaçante de vida, murmura: - Ah!, sim, um lepidóptero...

Mário Quintana, **Caderno H**.

nosóculos = óculos sem hastes, ajustáveis ao nariz.

47. (2008) Depreende-se desse fragmento que, para Mário Quintana,

- (a) a crítica de poesia é meticulosa e exata quando acolhe e valoriza uma imagem poética.
- (b) uma imagem poética logo se converte, na visão de um crítico, em um referente prosaico.
- (c) o leitor e o poeta relacionam-se de maneira antagonica com o fenômeno poético.
- (d) o poeta e o crítico sabem reconhecer a poesia de uma expressão como "pedaço esvoaçante de vida".
- (e) palavras como "borboleta" ou "lepidóptero" mostram que há convergência entre as linguagens da ciência e da poesia.

Texto para a questão 48

Meses depois fui para o seminário de S. José. Se eu pudesse contar as lágrimas que chorei na véspera e na manhã, somaria mais que todas as vertidas desde Adão e Eva. Há nisto alguma exageração; mas é bom ser enfático, uma ou outra vez, para compensar este escrúpulo de exatidão que me aflige.

Machado de Assis, **Dom Casmurro**.

48. (2008) O "escrúpulo de exatidão" que, no trecho, o narrador contrapõe à exageração ocorre também na frase:
- (a) No momento em que nos contaram a anedota, quase estouramos de tanto rir.
 - (b) Dia a dia, mês a mês, ano a ano, até o fim dos tempos, não tirarei os olhos de ti.
 - (c) Como se sabe, o capitão os alertou milhares de vezes sobre os perigos do lugar.
 - (d) Conforme se vê nos registros, faltou às aulas trinta e nove vezes durante o curso.
 - (e) Com toda a certeza, os belíssimos presentes lhe custaram os olhos da cara.

Charge para as questões 49 e 50



Glaucio. Folha de S. Paulo, 30/05/08.

49. (2009) A crítica contida na charge visa, principalmente, ao
- ato de reivindicar a posse de um bem, o qual, no entanto, já pertence ao Brasil.
 - desejo obsessivo de conservação da natureza brasileira.
 - lançamento da campanha de preservação da floresta amazônica.
 - uso de slogan semelhante ao da campanha "O petróleo é nosso".
 - descompasso entre a reivindicação de posse e o tratamento dado à floresta.
50. (2009) O pressuposto da frase escrita no cartaz que compõe a charge é o de que a Amazônia está ameaçada de
- fragmentação.
 - estatização.
 - descentralização.
 - internacionalização.
 - partidarização.

Texto para a questão 51

Eu amo a rua. Esse sentimento de natureza toda íntima não vos seria revelado por mim se não julgasse, e razões não tivesse para julgar, que este amor assim absoluto e assim exagerado é partilhado por todos vós. Nós somos irmãos, nós nos sentimos parecidos e iguais; nas cidades, nas aldeias, nos povoados, não porque soframos, com a dor e os desprazeres, a lei e a polícia, mas porque nos une, nivela e agremia o amor da rua. É este mesmo o sentimento imperturbável e indissolúvel, o único que, como a própria vida, resiste às idades e às épocas. Tudo se transforma, tudo varia

- o amor, o ódio, o egoísmo. Hoje é mais amargo o riso, mais dolorosa a ironia. Os séculos passam, deslizam, levando as coisas fúteis e os acontecimentos notáveis. Só persiste e fica, legado das gerações cada vez maior, o amor da rua.

João do Rio. **A alma encantadora das ruas.**

51. (2009) No texto, observa-se que o narrador se
- equipara ao leitor, por meio de sentimentos diversos como o amor, o ódio e o egoísmo.
 - distancia do leitor, porque o amor à rua, assim como o ódio e o egoísmo, é passageiro.
 - identifica com o leitor, por meio de um sentimento perene, que é o amor à rua.
 - aproxima do leitor, por meio de sentimentos duradouros como o amor à rua e o ódio à polícia.
 - afasta do leitor, porque, ao contrário deste, valoriza as coisas fúteis.

Texto para as questões 52 e 53

Assim se explicam a minha estada debaixo da janela de Capitu e a passagem de um cavaleiro, um dandy, como então dizíamos. Montava um belo cavalo alazão, firme na sela, rédea na mão esquerda, a direita à cinta, botas de verniz, figura e postura esbeltas: a cara não me era desconhecida. Tinham passado outros, e ainda outros viriam atrás; todos iam às suas namoradas. Era uso do tempo namorar a cavalo. Relê Alencar: "Porque um estudante (dizia um dos seus personagens de teatro de 1858) não pode estar sem estas duas coisas, um cavalo e uma namorada". Relê Álvares de Azevedo. Uma das suas poesias é destinada a contar (1851) que residia em Catumbi, e, para ver a namorada no Catete, alugara um cavalo por três mil-réis...

Machado de Assis. **Dom Casmurro.**

52. (2009) As formas verbais "Tinham passado" (linha 6) e "viriam" (linha 7) traduzem idéia, respectivamente, de anterioridade e de posterioridade em relação ao fato expresso pela palavra
- "explicam".
 - "estada".
 - "passagem".
 - "dizíamos".
 - "montava".
53. (2009) Com a frase "como então dizíamos" (linha 3), o narrador tem por objetivo, principalmente,

- (a) comentar um uso linguístico de época anterior ao presente da narração.
- (b) criticar o uso de um estrangeirismo que caíra em desuso.
- (c) marcar o uso da primeira pessoa do plural.
- (d) registrar a passagem do cavaleiro diante da janela de Capitu.
- (e) condenar o modo como se falava no passado.
54. (2009) Em um poema escrito em louvor de **Iracema**, Manuel Bandeira afirma que, ao compor esse livro, Alencar "[...] escreveu o que é mais poema
Que romance, e poema menos
Que um mito, melhor que Vênus."
Segundo Bandeira, em **Iracema**,
- (a) Alencar parte da ficção literária em direção à narrativa mítica, dispensando referências a coordenadas e personagens históricas.
- (b) o caráter poemático dado ao texto predomina sobre a narrativa em prosa, sendo, por sua vez, superado pela constituição de um mito literário.
- (c) a mitologia tupi está para a mitologia clássica, predominante no texto, assim como a prosa está para a poesia.
- (d) ao fundir romance e poema, Alencar, involuntariamente, produziu uma lenda do Ceará, superior à mitologia clássica.
- (e) estabelece-se uma hierarquia de gêneros literários, na qual o termo superior, ou dominante, é a prosa romanesca, e o termo inferior, o mito.

3.1 Gabarito - Interpretação - 2000 a 2009

(1) A	(10) B	(19) B	(28) A	(37) D	(46) A
(2) D	(11) A	(20) B	(29) C	(38) B	(47) B
(3) E	(12) A	(21) E	(30) E	(39) C	(48) D
(4) A	(13) A	(22) D	(31) C	(40) E	(49) E
(5) C	(14) B	(23) C	(32) D	(41) D	(50) D
(6) C	(15) E	(24) E	(33) B	(42) A	(51) C
(7) D	(16) D	(25) C	(34) B	(43) B	(52) C
(8) D	(17) A	(26) B	(35) B	(44) C	(53) A
(9) D	(18) C	(27) B	(36) C	(45) A	(54) B

4 Interpretação - 2010 a 2018

Texto para as questões 1, 2 e 3

Desde pequeno, tive tendência para personificar as coisas. Tia Tula, que achava que mormaço fazia mal, sempre gritava: "Vem pra dentro, menino, olha o mormaço!" Mas eu ouvia o mormaço com M maiúsculo. Mormaço, para mim, era um velho que pegava crianças! Ia pra dentro logo. E ainda hoje, quando leio que alguém se viu perseguido pelo clamor público, vejo com estes olhos o Sr. Clamor Público, magro, arquejante, de preto, brandindo um guarda-chuva, com um gogó protuberante que se abaixa e levanta no excitação da perseguição. E já estava devidamente grandezinho, pois devia contar uns trinta anos, quando me fui, com um grupo de colegas, a ver o lançamento da pedra fundamental da ponte Uruguaiana-Libres, ocasião de grandes solenidades, com os presidentes Justo e Getúlio, e gente muita, tanto assim que fomos alojados os do meu grupo num casarão que creio fosse a Prefeitura, com os demais jornalistas do Brasil e Argentina. Era como um alojamento de quartel, com breve espaço entre as camas e todas as portas e janelas abertas, tudo com os alegres incômodos e duvidosos encantos de uma coletividade democrática. Pois lá pelas tantas da noite, como eu pressentisse, em meu entredormir, um vulto junto à minha cama, sentei-me estremunhado e olhei atônito para um tipo de chiru, ali parado, de bigodes caídos, pala pendente e chapéu descido sobre os olhos. Diante da minha muda interrogação, ele resolveu explicar-se, com a devida calma:
- Pois é! Não vê que eu sou o sereno...

Mário Quintana, **As cem melhores crônicas brasileiras.**

Glossário:

estremunhado: mal acordado.

chiru: que ou aquele que tem pele morena, traços acabocados (regionalismo: Sul do Brasil).

- (2010) No início do texto, o autor declara sua "tendência para personificar as coisas". Tal tendência se manifesta na personificação dos seguintes elementos:
 - Tia Tula, Justo e Getúlio.
 - mormaço, clamor público, sereno.
 - magro, arquejante, preto.
 - colegas, jornalistas, presidentes.
 - vulto, chiru, crianças.
- (2010) A caracterização ambivalente da "coletividade democrática" (L. 20 e 21), feita com humor pelo cronista, ocorre também na seguinte frase relativa à democracia:

- Meu ideal político é a democracia, para que todo homem seja respeitado como indivíduo, e nenhum, venerado. (A. Einstein)
- A democracia é a pior forma de governo, com exceção de todas as demais. (W. Churchill)
- A democracia é apenas a substituição de alguns corruptos por muitos incompetentes. (B. Shaw)
- É uma coisa santa a democracia praticada honestamente, regularmente, sinceramente. (Machado de Assis)
- A democracia se estabelece quando os pobres, tendo vencido seus inimigos, massacram alguns, banem os outros e partilham igualmente com os restantes o governo e as magistraturas. (Platão)

- (2010) No contexto em que ocorre, a frase "estava devidamente grandezinho, pois devia contar uns trinta anos" (L. 11 e 12) constitui

- recurso expressivo que produz incoerência, uma vez que não se usa o adjetivo "grande" no diminutivo.
- exemplo de linguagem regional, que se manifesta também em outras partes do texto, como na palavra "brandindo".
- expressão de nonsense (linguagem surreal, ilógica), que, por sinal, ocorre também quando o autor afirma ouvir o M maiúsculo de "mormaço".
- manifestação de humor irônico, o qual, aliás, corresponde ao tom predominante no texto.
- parte do sonho que está sendo narrado e que é revelado apenas no final do texto, principalmente no trecho "em meu entredormir".

Texto para a questão 4

Leia esta notícia científica:

Há 1,5 milhão de anos, ancestrais do homem moderno deixaram pegadas quando atravessaram um campo lamacento nas proximidades do Ileret, no norte do Quênia. Uma equipe internacional de pesquisadores descobriu essas marcas recentemente e mostrou que elas são muito parecidas com as do "Homo sapiens": o arco do pé é alongado, os dedos são curtos, arqueados e alinhados. Também, o tamanho, a profundidade das pegadas e o espaçamento entre elas refletem a altura, o peso e o modo de caminhar atual. Anteriormente, houve outras descobertas arqueológicas, como, por exemplo, as feitas na Tanzânia, em 1978, que revelaram

pegadas de 3,7 milhões de anos, mas com uma anatomia semelhante à de macacos. Os pesquisadores acreditam que as marcas recém-descobertas pertenceram ao "Homo erectus".

Revista FAPESP, nº 157, março de 2009.
Adaptado.

4. (2010) No texto, a sequência temporal é estabelecida principalmente pelas expressões:
- (a) "Há 1,5 milhão de anos"; "recentemente"; "anteriormente".
 - (b) "ancestrais"; "moderno"; "proximidades".
 - (c) "quando atravessaram"; "norte do Quênia"; "houve outras descobertas".
 - (d) "marcas recém-descobertas"; "em 1978"; "descobertas arqueológicas".
 - (e) "descobriu"; "mostrou"; "acreditam".

Texto para a questão 5

Todo o barbeiro é tagarela, e principalmente quando tem pouco que fazer; começou portanto a puxar conversa com o freguês. Foi a sua salvação e fortuna. O navio a que o marujo pertencia viajava para a Costa e ocupava-se no comércio de negros; era um dos combóis que traziam fornecimento para o Valongo, e estava pronto a largar.

- Ó mestre! disse o marujo no meio da conversa, você também não é sangrador?

- Sim, eu também sangro...

- Pois olhe, você estava bem bom, se quisesse ir conosco... para curar a gente a bordo; morre-se ali que é uma praga.

- Homem, eu da cirurgia não entendo **muito**...

- Pois já não disse que sabe também sangrar?

- Sim...

- Então já sabe até demais.

No dia seguinte saiu o nosso homem pela barra fora: a fortuna tinha-lhe dado o meio, cumpria sabê-lo aproveitar; de oficial de barbeiro dava um salto mortal a **médico** de navio negreiro; restava unicamente saber fazer render a nova posição. Isso ficou por sua conta.

Por um feliz acaso logo nos primeiros dias de viagem adoeceram dois marinheiros; chamou-se o médico; ele fez tudo o que sabia... sangrou os doentes, e em pouco tempo estavam bons, perfeitos. Com isto ganhou imensa reputação, e começou a ser estimado.

Chegaram com feliz viagem ao seu destino; tomaram o seu carregamento de gente, e voltaram para o Rio. Graças à lanceta do nosso homem, nem

um só negro morreu, o que muito contribuiu para aumentar-lhe a sólida reputação de entendedor do riscado.

Manuel Antônio de Almeida, **Memórias de um sargento de milícias**.

5. (2011) Das seguintes afirmações acerca de diferentes elementos linguísticos do texto, a única correta é:
- (a) A expressão sublinhada em "para curar a gente a bordo" (L. 12) deve ser entendida como pronome de tratamento de uso informal.
 - (b) A fórmula de tratamento (L. 14) com que o barbeiro se dirige ao marujo mantém o tom cerimonioso do início do diálogo.
 - (c) O destaque gráfico da palavra "**muito**" (L. 14) produz um efeito de sentido que é reforçado pelas reticências.
 - (d) O pronome possessivo usado nos trechos "saiu o nosso homem" (L. 18) e "lanceta do nosso homem" (L. 30) configura o chamado plural de modéstia.
 - (e) A palavra "fortuna", tal como foi empregada na linha 19, pode ser substituída por "bens", sem prejuízo para o sentido.

Texto para as questões 6 e 7

A questão racial parece um desafio do presente, mas trata-se de algo que existe desde há muito tempo. Modifica-se ao acaso das situações, das formas de sociabilidade e dos jogos das forças sociais, mas reitera-se continuamente, modificada, mas persistente. Esse é o enigma com o qual se defrontam uns e outros, intolerantes e tolerantes, discriminados e preconceituosos, segregados e arrogantes, subordinados e dominantes, em todo o mundo. Mais do que tudo isso, a questão racial revela, de forma particularmente evidente, nuançada e estridente, como funciona a fábrica da sociedade, compreendendo identidade e alteridade, diversidade e desigualdade, cooperação e hierarquização, dominação e alienação.

Octavio Ianni. *Dialética das relações sociais. Estudos avançados*, n. 50, 2004.

6. (2011) Segundo o texto, a questão racial configura-se como "enigma", porque
- (a) é presa de acirrados antagonismos sociais.
 - (b) tem origem no preconceito, que é de natureza irracional.
 - (c) encobre os interesses de determinados estratos sociais.

- (d) parece ser herança histórica, mas surge na contemporaneidade.
- (e) muda sem cessar, sem que, por isso, seja superada.

7. (2011) Conforme o texto, na questão racial, o funcionamento da sociedade dá-se a ver de modo

- (a) concentrado.
- (b) invertido.
- (c) fantasioso.
- (d) compartimentado.
- (e) latente.

Texto para as questões 8 e 9

Já na segurança da calçada, e passando por um trecho em obras que atravança nossos passos, lanço à queima-roupa:

- Você conhece alguma cidade mais feia do que São Paulo?

- Agora você me pegou, retruca, rindo. Hã, deixa eu ver... Lembro-me de La Paz, a capital da Bolívia, que me pareceu bem feia. Dizem que Bogotá é muito feiosa também, mas não a conheço. Bem, São Paulo, no geral, é feia, mas as pessoas têm uma disposição para o trabalho aqui, uma vibração empreendedora, que dá uma feição muito particular à cidade. Acordar cedo em São Paulo e ver as pessoas saindo para trabalhar é algo que me toca. Acho emocionante ver a garra dessa gente.

R. Moraes e R. Linsker. **Estrangeiros em casa: uma caminhada pela selva urbana de São Paulo**. National Geographic Brasil. Adaptado.

8. (2011) Os interlocutores do diálogo contido no texto compartilham o pressuposto de que

- (a) cidades são geralmente feias, mas interessantes.
- (b) o empreendedorismo faz de São Paulo uma bonita cidade.
- (c) La Paz é tão feia quanto São Paulo.
- (d) São Paulo é uma cidade feia.
- (e) São Paulo e Bogotá são as cidades mais feias do mundo.

9. (2011) No terceiro parágrafo do texto, a expressão que indica, de modo mais evidente, o distanciamento social do segundo interlocutor em relação às pessoas a que se refere é

- (a) "disposição para o trabalho".

- (b) "vibração empreendedora".
- (c) "feição muito particular".
- (d) "saindo para trabalhar".
- (e) "dessa gente".

Texto para as questões 10 e 11

Todas as variedades linguísticas são estruturadas, e correspondem a sistemas e subsistemas adequados às necessidades de seus usuários. Mas o fato de estar a língua fortemente ligada à estrutura social e aos sistemas de valores da sociedade conduz a uma avaliação distinta das características das suas diversas modalidades regionais, sociais e estilísticas. A língua padrão, por exemplo, embora seja uma entre as muitas variedades de um idioma, é sempre a mais prestigiosa, porque atua como modelo, como norma, como ideal linguístico de uma comunidade. Do valor normativo decorre a sua função coercitiva sobre as outras variedades, com o que se torna uma ponderável força contrária à variação.

Celso Cunha. **Nova gramática do português contemporâneo**. Adaptado.

10. (2012) Depreende-se do texto que uma determinada língua é um

- (a) conjunto de variedades linguísticas, dentre as quais uma alcança maior valor social e passa a ser considerada exemplar.
- (b) sistema de signos estruturado segundo as normas instituídas pelo grupo de maior prestígio social.
- (c) conjunto de variedades linguísticas cuja proliferação é vedada pela norma culta.
- (d) complexo de sistemas e subsistemas cujo funcionamento é prejudicado pela heterogeneidade social.
- (e) conjunto de modalidades linguísticas, dentre as quais algumas são dotadas de normas e outras não o são.

11. (2012) De acordo com o texto, em relação às demais variedades do idioma, a língua padrão se comporta de modo

- (a) inovador.
- (b) restritivo.
- (c) transigente.
- (d) neutro.
- (e) aleatório.

Texto para a questão 12

Leia o seguinte trecho de uma entrevista concedida pelo ministro do Supremo Tribunal Federal, Joaquim Barbosa:

Entrevistador: - O protagonismo do STF dos últimos tempos tem usurpado as funções do Congresso?

Entrevistado: - Temos uma Constituição muito boa, mas excessivamente detalhista, com um número imenso de dispositivos e, por isso, suscetível a fomentar interpretações e toda sorte de litígios. Também temos um sistema de jurisdição constitucional, talvez único no mundo, com um rol enorme de agentes e instituições dotadas da prerrogativa ou de competência para trazer questões ao Supremo. É um leque considerável de interesses, de visões, que acaba causando a intervenção do STF nas mais diversas questões, nas mais diferentes áreas, inclusive dando margem a esse tipo de acusação. Nossas decisões não deveriam passar de duzentas, trezentas por ano. Hoje, são analisados cinquenta mil, sessenta mil processos. É uma insanidade.

Veja, 15/06/2011.

12. (2012) Tendo em vista o contexto, a palavra do texto que sintetiza o teor da acusação referida na entrevista é
- (a) "usurpado".
 - (b) "detalhista".
 - (c) "fomentar".
 - (d) "litígios".
 - (e) "insanidade".

Texto para a questão 13

Passaram-se semanas. Jerônimo tomava agora, todas as manhãs, uma xícara de café bem grosso, à moda da Ritinha, e tragava dois dedos de parati "pra cortar a friagem".

Uma transformação, lenta e profunda, operava-se nele, dia a dia, hora a hora, reviscerando-lhe o corpo e alando-lhe os sentidos, num trabalho misterioso e surdo de crisálida. A sua energia afrouxava lentamente: fazia-se contemplativo e amoroso. A vida americana e a natureza do Brasil patenteavam-lhe agora aspectos imprevisíveis e sedutores que o comoviam; esquecia-se dos seus primitivos sonhos de ambição, para idealizar felicidades novas, picantes e violentas; tornava-se liberal, imprevidente e franco, mais amigo de gastar que de guardar; adquiria desejos, tomava gosto aos prazeres, e volvia-se preguiçoso, resignando-se, vencido,

às imposições do sol e do calor, muralha de fogo com que o espírito eternamente revoltado do último tamoio entrincheirou a pátria contra os conquistadores aventureiros.

E assim, pouco a pouco, se foram reformando todos os seus hábitos singelos de aldeão português: e Jerônimo abraçara-se. (...)

E o curioso é que, quanto mais ia ele caindo nos usos e costumes brasileiros, tanto mais os seus sentidos se apuravam, posto que em detrimento das suas forças físicas. Tinha agora o ouvido menos grosseiro para a música, compreendia até as intenções poéticas dos sertanejos, quando cantam à viola os seus amores infelizes; seus olhos, dantes só voltados para a esperança de tornar à terra, agora, como os olhos de um marujo, que se habituaram aos largos horizontes de céu e mar, já se não revoltavam com a turbulenta luz, selvagem e alegre, do Brasil, e abriam-se amplamente defronte dos maravilhosos despenhadeiros ilimitados e das cordilheiras sem fim, donde, de espaço a espaço, surge um monarca gigante, que o sol veste de ouro e ricas pedrarias refulgentes e as nuvens toucam de alvos turbantes de cambraia, num luxo oriental de arábicos príncipes voluptuosos.

Aluísio Azevedo, **O cortiço**.

13. (2012) Ao comparar Jerônimo com uma crisálida, o narrador alude, em linguagem literária, a fenômenos do desenvolvimento da borboleta, por meio das seguintes expressões do texto:
- (I) "transformação, lenta e profunda" (L. 5);
 - (II) "reviscerando" (L. 6);
 - (III) "alandando" (L. 7);
 - (IV) "trabalho misterioso e surdo" (L. 7).

Tais fenômenos estão corretamente indicados em

- (a) I, apenas.
- (b) I e II, apenas.
- (c) III e IV, apenas.
- (d) II, III e IV, apenas.
- (e) I, II, III e IV.

Texto para a questão 14

Não era e não podia o pequeno reino lusitano ser uma potência colonizadora à feição da antiga Grécia. O surto marítimo que encheu sua história do século XV não resultara do extravasamento de nenhum excesso de população, mas fora apenas provocado por uma burguesia comercial sedenta de lucros, e que não encontrava no reduzido território pátrio satisfação à sua desmedida ambição. A ascensão do fundador da Casa de Avis ao trono

português trouxe esta burguesia para um primeiro plano. Fora ela quem, para se livrar da ameaça castelhana e do poder da nobreza, representado pela Rainha Leonor Teles, cingira o Mestre de Avis com a coroa lusitana. Era ela, portanto, quem devia merecer do novo rei o melhor das suas atenções. Esgotadas as possibilidades do reino com as pródigas dádivas reais, restou apenas o recurso da expansão externa para contentar os insaciáveis companheiros de D. João I.

Caio Prado Júnior, **Evolução política do Brasil**. Adaptado.

14. (2012) Infere-se da leitura desse texto que Portugal não foi uma potência colonizadora como a antiga Grécia, porque seu
- (a) peso político-econômico, apesar de grande para o século, não era comparável ao dela.
 - (b) interesse, diferentemente do dela, não era conquistar o mundo.
 - (c) aparato bélico, embora considerável para a época, não era comparável ao dos gregos.
 - (d) objetivo não era povoar novas terras, mas comercializar produtos nelas obtidos.
 - (e) projeto principal era consolidar o próprio reino, libertando-se do domínio espanhol.

Texto para as questões 15 e 16

Vivendo e...

Eu sabia fazer pipa e hoje não sei mais. Duvido que se hoje pegasse uma bola de gude conseguisse equilibrá-la na dobra do dedo indicador sobre a unha do polegar, quanto mais jogá-la com a precisão que tinha quando era garoto. (...)

Juntando-se as duas mãos de um determinado jeito, com os polegares para dentro, e assoprando pelo buraquinho, tirava-se um silvo bonito que inclusive variava de tom conforme o posicionamento das mãos. Hoje não sei mais que jeito é esse. Eu sabia a fórmula de fazer cola caseira. Algo envolvendo farinha e água e muita confusão na cozinha, de onde éramos expulsos sob ameaças. Hoje não sei mais. A gente começava a contar depois de ver um relâmpago e o número a que chegasse quando ouvia a trovoadas, multiplicado por outro número, dava a distância exata do relâmpago. Não me lembro mais dos números. (...)

Lembro o orgulho com que consegui, pela primeira vez, cuspir corretamente pelo espaço adequado entre os dentes de cima e a ponta da língua de modo

que o cuspe ganhasse distância e pudesse ser mirado. Com prática, conseguia-se controlar a trajetória elíptica da cusparada com uma mínima margem de erro. Era puro instinto. Hoje o mesmo feito requereria complicados cálculos de balística, e eu provavelmente só acertaria a frente da minha camisa. Outra habilidade perdida.

Na verdade, deve-se revisar aquela antiga frase. É vivendo e Não falo daquelas coisas que deixamos de fazer porque não temos mais as condições físicas e a coragem de antigamente, como subir em bonde andando - mesmo porque não há mais bondes andando. Falo da sabedoria desperdiçada, das artes que nos abandonaram. Algumas até úteis. Quem nunca desejou ainda ter o cuspe certo de garoto para acertar em algum alvo contemporâneo, bem no olho, e depois sair correndo? Eu já.

Luís F. Veríssimo, **Comédias para se ler na escola**.

15. (2013) A palavra que o cronista omite no título, substituindo-a por reticências, ele a emprega no último parágrafo, na posição marcada com pontilhado. Tendo em vista o contexto, conclui-se que se trata da palavra
- (a) desanimando.
 - (b) crescendo.
 - (c) inventando.
 - (d) brincando.
 - (e) desaprendendo.
16. (2013) Um dos contrastes entre passado e presente que caracterizam o desenvolvimento do texto manifesta-se na oposição entre as seguintes expressões:
- (a) "precisão" (L. 4) / "fórmula" (L. 10).
 - (b) "muita confusão" (L. 12) / "distância exata" (L. 16).
 - (c) "trajetória elíptica" (L. 22) / "mínima margem de erro" (L. 23).
 - (d) "puro instinto" (L. 23-24) / "complicados cálculos" (L. 24-25).
 - (e) "habilidade perdida" (L. 26) / "artes que nos abandonaram" (L. 32-33).

Texto para as questões 17 e 18

A essência da teoria democrática é a supressão de qualquer imposição de classe, fundada no postulado ou na crença de que os conflitos e problemas humanos - econômicos, políticos, ou sociais - são solucionáveis pela educação, isto é, pela cooperação

voluntária, mobilizada pela opinião pública esclarecida. Está claro que essa opinião pública terá de ser formada à luz dos melhores conhecimentos existentes e, assim, a pesquisa científica nos campos das ciências naturais e das chamadas ciências sociais deverá se fazer a mais ampla, a mais vigorosa, a mais livre, e a difusão desses conhecimentos, a mais completa, a mais imparcial e em termos que os tornem acessíveis a todos.

Anísio Teixeira, **Educação é um direito.**
Adaptado.

17. (2013) De acordo com o texto, a sociedade será democrática quando
- (a) sua base for a educação sólida do povo, realizada por meio da ampla difusão do conhecimento.
 - (b) a parcela do público que detém acesso ao conhecimento científico e político passar a controlar a opinião pública.
 - (c) a opinião pública se formar com base tanto no respeito às crenças religiosas de todos quanto no conhecimento científico.
 - (d) a desigualdade econômica for eliminada, criando-se, assim, a condição necessária para que o povo seja livremente educado.
 - (e) a propriedade dos meios de comunicação e difusão do conhecimento se tornar pública.
18. (2013) No trecho "chamadas ciências sociais", o emprego do termo "chamadas" indica que o autor
- (a) vê, nas "ciências sociais", uma panaceia, não uma análise crítica da sociedade.
 - (b) considera utópicos os objetivos dessas ciências.
 - (c) prefere a denominação "teoria social" à denominação "ciências sociais".
 - (d) discorda dos pressupostos teóricos dessas ciências.
 - (e) utiliza com reserva a denominação "ciências sociais".

Texto para a questão 19

Ata

Acredito que o mau tempo haja concorrido para que os sabadoyleanos hoje não estivessem na casa de José Mindlin, em São Paulo, gozando das delícias do cuscuz paulista aqui amavelmente prometido. Depois do almoço, visita aos livros dialogantes, na expressão de Drummond, não sabemos se no rigoroso sistema de vigilância de

Plínio Doyle, mas de qualquer forma com as gentilezas das reuniões cariocas. Para o amigo de São Paulo as saudações afetuosas dos ausentes-presentes, que neste instante todos nos voltamos para o seu palácio, aquele que se iria desvestir dos ares aristocráticos para receber camaradescamente os descamisados da Rua Barão de Jaguaribe. Guarde, amigo Mindlin, para breve o cuscuz da tradição bandeirante, que hoje nos conformamos com os biscoitos à la Plínio Doyle.

Rio, 20-11-1976.

Signatários: Carlos Drummond de Andrade, Gilberto de Mendonça Teles, Plínio Doyle e outros.

Cartas da biblioteca Guita e José Mindlin.
Adaptado.

"sabadoyleanos": frequentadores do sabadoyle, nome dado ao encontro de intelectuais, especialmente escritores, realizado habitualmente aos sábados, na casa do bibliófilo Plínio Doyle, situada no Rio de Janeiro.

19. (2013) Da leitura do texto, depreende-se que
- (a) o anfitrião carioca, embora gentil, é cioso de sua biblioteca.
 - (b) o anfitrião paulista recebeu com honrarias os amigos cariocas, que visitaram a sua biblioteca.
 - (c) os cariocas não se sentiram à vontade na casa do paulista, a qual, na verdade, era uma mansão.
 - (d) os cariocas preferiram ficar no Rio de Janeiro, embora a recepção em São Paulo fosse convidativa.
 - (e) o fracasso da visita dos cariocas a São Paulo abalou a amizade dos bibliófilos.

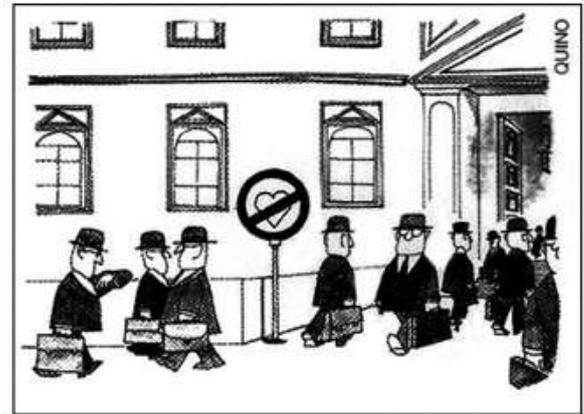
Texto para as questões 20 e 21



Equilíbrio, Folha de S. Paulo, 21/05/2013.

20. (2014) No texto, empregam-se, de modo mais evidente, dois recursos de intertextualidade: um, o próprio autor o torna explícito; o outro encontra-se em um dos trechos citados abaixo. Indique-o.

- (a) "Você é um horror!"
 (b) "E você, bêbado."
 (c) "Ilusão sua: amanhã, de ressaca, vai olhar no espelho e ver o alcoólatra machista de sempre."
 (d) "Vai repetir o porre até perder os amigos, o emprego, a família e o autorrespeito."
 (e) "Perco a piada, mas não perco a ferroada!"
21. (2014) A tirinha tematiza questões de gênero (masculino e feminino), com base na oposição entre
- (a) permanência e transitoriedade.
 (b) sinceridade e hipocrisia.
 (c) complacência e intolerância.
 (d) compromisso e omissão.
 (e) ousadia e recato.
23. (2015) Examine a figura.



<http://www.quino.com.ar/>

Texto para a questão 22

CAPÍTULO LXXI

O senão do livro

Começo a arrepender-me deste livro. Não que ele me canse; eu não tenho que fazer; e, realmente, expedir alguns magros capítulos para esse mundo sempre é tarefa que distrai um pouco da eternidade. Mas o livro é enfadonho, cheira a sepulcro, traz certa contração cadavérica; vício grave, e aliás ínfimo, porque o maior defeito deste livro és tu, leitor. Tu tens pressa de envelhecer, e o livro anda devagar; tu amas a narração direita e nutrida, o estilo regular e fluente, e este livro e o meu estilo são como os ébrios, guinam à direita e à esquerda, andam e param, resmungam, urram, gargalham, ameaçam o céu, escorregam e caem...

E caem! - Folhas misérrimas do meu cipreste, heis de cair, como quaisquer outras belas e vistosas; e, se eu tivesse olhos, dar-vos-ia uma lágrima de saudade. Esta é a grande vantagem da morte, que, se não deixa boca para rir, também não deixa olhos para chorar... Heis de cair.

Machado de Assis, **Memórias póstumas de Brás Cubas**.

22. (2014) No contexto, a locução "Heis de cair", na última linha do texto, exprime:
- (a) resignação ante um fato presente.
 (b) suposição de que um fato pode vir a ocorrer.
 (c) certeza de que uma dada ação irá se realizar.
 (d) ação intermitente e duradoura.
 (e) desejo de que algo venha a acontecer.

Os versos de Carlos Drummond de Andrade que mais adequadamente traduzem a principal mensagem da figura acima são:

- (a) Stop.
 A vida parou
 ou foi o automóvel?
- (b) As casas espiam os homens
 que correm atrás de mulheres.
 A tarde talvez fosse azul,
 não houvesse tantos desejos.
- (c) Um silvo breve. Atenção, siga.
 Dois silvos breves: Pare.
 Um silvo breve à noite: Acenda a lanterna.
 Um silvo longo: Diminua a marcha.
 Um silvo longo e breve: Motoristas a postos.
 (A este sinal todos os motoristas tomam lugar nos
 seus veículos para movimentá-los imediatamente.)
- (d) proibido passear sentimentos
 ternos ou *sopuadsasap*
 nesse museu do pardo indiferente
- (e) Sim, meu coração é muito pequeno.
 Só agora vejo que nele não cabem os homens.
 Os homens estão cá fora, estão na rua.

TEXTO PARA A QUESTÃO 24

Como sabemos, o efeito de um livro sobre nós, mesmo no que se refere à simples informação, depende de muita coisa além do valor que ele possa ter. Depende do momento da vida em que o lemos, do grau do nosso conhecimento, da finalidade que temos pela frente. Para quem pouco leu e pouco sabe, um compêndio de ginásio pode ser a fonte reveladora. Para quem sabe muito, um livro importante não passa de chuva no molhado. Além disso, há as afinidades profundas, que nos fazem afinar com certo autor (e portanto aproveitá-lo ao máximo) e não com outro, independente da valia de ambos.

Antonio Candido, "Dez livros para entender o Brasil". Teoria e debate. Ed. 45, 01/07/2000.

24. (2015) Traduz uma ideia presente no texto a seguinte afirmação:
- (a) O efeito de um livro sobre o leitor é condicionado pela quantidade de informações que o texto veicula.
 - (b) A recepção de um livro pode ser influenciada pela situação vivida pelo leitor.
 - (c) A verdadeira erudição não dispensa a leitura dos bons manuais escolares.
 - (d) A leitura de um livro a qual tem finalidades meramente práticas prejudica a assimilação do conhecimento.
 - (e) O reconhecimento do valor de um livro depende, primordialmente, dos sentimentos pessoais do leitor.

TEXTO PARA A QUESTÃO 25

O OPERÁRIO NO MAR

Na rua passa um operário. Como vai firme! Não tem blusa. No conto, no drama, no discurso político, a dor do operário está na sua blusa azul, de pano grosso, nas mãos grossas, nos pés enormes, nos desconfortos enormes. Esse é um homem comum, apenas mais escuro que os outros, e com uma significação estranha no corpo, que carrega desígnios e segredos. Para onde vai ele, pisando assim tão firme? Não sei. A fábrica ficou lá atrás. Adiante é só o campo, com algumas árvores, o grande anúncio de gasolina americana e os fios, os fios, os fios. O operário não lhe sobra tempo de perceber que eles levam e trazem mensagens, que contam da Rússia, do Araguaia, dos Estados Unidos. Não ouve, na Câmara dos Deputados, o líder

oposicionista vociferando. Caminha no campo e apenas repara que ali corre água, que mais adiante faz calor. Para onde vai o operário? Teria vergonha de chamá-lo meu irmão. Ele sabe que não é, nunca foi meu irmão, que não nos entenderemos nunca. E me despreza... Ou talvez seja eu próprio que me despreze a seus olhos. Tenho vergonha e vontade de encará-lo: uma fascinação quase me obriga a pular a janela, a cair em frente dele, sustar-lhe a marcha, pelo menos implorar-lhe que suste a marcha. Agora está caminhando no mar. Eu pensava que isso fosse privilégio de alguns santos e de navios. Mas não há nenhuma santidade no operário, e não vejo rodas nem hélices no seu corpo, aparentemente banal. Sinto que o mar se acovardou e deixou-o passar. Onde estão nossos exércitos que não impediram o milagre? Mas agora vejo que o operário está cansado e que se molhou, não muito, mas se molhou, e peixes escorrem de suas mãos. Vejo-o que se volta e me dirige um sorriso úmido. A palidez e confusão do seu rosto são a própria tarde que se decompõe. Daqui a um minuto será noite e estaremos irremediavelmente separados pelas circunstâncias atmosféricas, eu em terra firme, ele no meio do mar. Único e precário agente de ligação entre nós, seu sorriso cada vez mais frio atravessa as grandes massas líquidas, choca-se contra as formações salinas, as fortalezas da costa, as medusas, atravessa tudo e vem beijar-me o rosto, trazer-me uma esperança de compreensão. Sim, quem sabe se um dia o compreenderei?

Carlos Drummond de Andrade, Sentimento do mundo.

25. (2015) Atente para as seguintes afirmações relativas ao texto de Drummond, considerado no contexto da obra a que pertence:
- (I) A referência inicial aos modos de se representar o operário sugere uma crítica do poeta aos estereótipos presentes na literatura da época em que o texto foi escrito.
 - (II) O alcance simbólico da figura do operário depende, inclusive, do fato de que, no texto, ele é constituído por tensões que o fazem, ao mesmo tempo, comum e extraordinário, familiar e enigmático, próximo e longínquo etc.
 - (III) A imagem do operário que anda sobre o mar pode simbolizar a criação prodigiosa de um mundo novo - a "vida futura", igualmente anunciado em símbolos como o das "mãos dadas", o da "aurora", o do "sangue redentor", também presentes no livro.

Está correto o que se afirma em

- (a) I, apenas.
- (b) II, apenas.
- (c) I e II, apenas.
- (d) II e III, apenas.
- (e) I, II e III.

Examine este cartum para responder às questões 26 e 27.



Robert Mankoff, New Yorker/Veja.

26. (2016) Para obter o efeito de humor presente no cartum, o autor se vale, entre outros, do seguinte recurso:

- (a) utilização paródica de um provérbio de uso corrente.
- (b) emprego de linguagem formal em circunstâncias informais.
- (c) representação inverossímil de um convívio pacífico de cães e gatos.
- (d) uso do grotesco na caracterização de seres humanos e de animais.
- (e) inversão do sentido de um pensamento bastante repetido.

27. (2016) No contexto do cartum, a presença de numerosos animais de estimação permite que o juízo emitido pela personagem seja considerado

- (a) incoerente.
- (b) parcial.
- (c) anacrônico.
- (d) hipotético.
- (e) enigmático.

TEXTO PARA AS QUESTÕES DE 28 A 30

ARMA DA PROPAGANDA

O governo Médici não se limitou à repressão. Distinguiu claramente entre um setor significativo mas minoritário da sociedade, adversário do regime, e a massa da população que vivia um dia a dia de alguma esperança nesses anos de prosperidade econômica. A repressão acabou com o primeiro setor, enquanto a propaganda encarregou-se de, pelo menos, neutralizar gradualmente o segundo. Para alcançar este último objetivo, o governo contou com o grande avanço das telecomunicações no país, após 1964. As facilidades de crédito pessoal permitiram a expansão do número de residências que possuíam televisão: em 1960, apenas 9,5% das residências urbanas tinham televisão; em 1970, a porcentagem chegava o 40%. Por essa época, beneficiada pelo apoio do governo, de quem se transformou em portavoz, a TV Globo expandiu-se até se tornar rede nacional e alcançar praticamente o controle do setor. A propaganda governamental passou a ter um canal de expressão como nunca existira na história do país. A promoção do "Brasil grande potência" foi realizada a partir da Assessoria Especial de Relações Públicas (AERP), criada no governo Costa e Silva, mas que não chegou a ter importância nesse governo. Foi a época do "Ninguém segura este país", da marchinha Prá Frente, Brasil, que embalou a grande vitória brasileira na Copa do Mundo de 1970. Bóris Fausto, História do Brasil. Adaptado.

28. (2016) A frase que expressa uma ideia contida no texto é:

- (a) A marchinha "Prá Frente, Brasil" também contribuiu para o processo de neutralização da grande massa da população.
- (b) A repressão no Governo Médici foi dirigida a um setor que, além de minoritário, era também irrelevante no conjunto da sociedade brasileira.
- (c) O tricampeonato de futebol conquistado pelo Brasil em 1970 ajudou a mascarar inúmeras dificuldades econômicas daquele período.
- (d) Uma característica do governo Médici foi ter conseguido levar a televisão à maioria dos lares brasileiros.
- (e) A TV Globo foi criada para ser um veículo de divulgação das realizações dos governos militares.

29. (2016) A estratégia de dominação empregada pelo governo Médici, tal como descrita no texto, assemelha-se, sobretudo, à seguinte recomendação feita ao príncipe - ou ao governante - por um célebre pensador da política:

- (a) "Deve o príncipe fazer-se temer, de maneira que, se não se fizer amado, pelo menos evite o ódio, pois é fácil ser ao mesmo tempo temido e não odiado".
- (b) "O mal que se tiver que fazer, deve o príncipe fazê-lo de uma só vez; o bem, deve fazê-lo aos poucos (...)"
- (c) "Não se pode deixar ao tempo o encargo de resolver todas as coisas, pois o tempo tudo leva adiante e pode transformar o bem em mal e o mal em bem".
- (d) "Engana-se quem acredita que novos benefícios podem fazer as grandes personagens esquecerem as antigas injúrias (...)"
- (e) "Deve o príncipe, sobretudo, não tocar na propriedade alheia, porque os homens esquecem mais depressa a morte do pai que a perda do patrimônio".
30. (2016) Nos trechos "acabou com o primeiro setor" (L. 6) e "alcançar praticamente o controle do setor" (L. 18), a palavra sublinhada refere-se, respectivamente, a
- (a) aliados; população.
- (b) adversários; telecomunicações.
- (c) população; residências urbanas.
- (d) maiorias; classe média.
- (e) repressão; facilidades de critério.
- Texto para as questões 31 e 32.
- Seria ingenuidade procurar nos provérbios de qualquer povo uma filosofia coerente, uma arte de viver. É coisa sabida que a cada provérbio, por assim dizer, responde outro, de sentido oposto. A quem preconiza o sábio limite das despesas, porque "vintém poupado, vintém ganhado", replicara o vizinho farrista, com razão igual: "Da vida nada se leva". (...)
- Mais aconselhável procurarmos nos anexins não a sabedoria de um povo, mas sim o espelho de seus costumes peculiares, os sinais de seu ambiente físico e de sua história. As diferenças na expressão de uma sentença observáveis de uma terra para outra podem divertir o curioso e, às vezes, até instruir o etnógrafo.
- Povo marítimo, o português assinala semelhança grande entre pai e filho, lembrando que "filho de peixe, peixinho é". Já os húngaros, ao formularem a mesma verdade, não pensavam nem em peixe, nem em mar; ao olhar para o seu quintal, notaram que a "maçã não cai longe da árvore". Paulo Rónai, Como aprendi o português e outras aventuras.
31. (2016) No texto, a função argumentativa do provérbio "Da vida nada se leva" é expressar uma filosofia de vida contrária à que está presente em "vintém poupado, vintém ganhado". Também é contrário a esse último provérbio o ensinamento expresso em:
- (a) Mais vale pão hoje do que galinha amanhã.
- (b) A boa vida é mãe de todos os vícios.
- (c) De grão em grão a galinha enche o papo.
- (d) Devagar se vai longe.
- (e) É melhor prevenir do que remediar.
32. (2016) Considere as seguintes afirmações sobre os dois provérbios citados no terceiro parágrafo do texto.
- (I) A origem do primeiro, de acordo com o autor, está ligada à história do povo que o usa.
- (II) Em seu sentido literal, o segundo expressa costumes peculiares dos húngaros.
- (III) A observação das diferenças de expressão entre esses provérbios pode, segundo o pensamento do autor, ter interesse etnográfico.
- Está correto apenas o que se afirma em
- (a) I.
- (b) II.
- (c) III.
- (d) I e II.
- (e) I e III.

TEXTO PARA A QUESTÃO 33

A adoção do cardápio indígena introduziu nas cozinhas e zonas de serviço das moradas brasileiras equipamentos desconhecidos no Reino. Instalou nos alpendres roceiros a prensa de espremer mandioca ralada para farinha. Nos inventários paulistas é comum a menção de tal fato. No inventário de Pedro Nunes, por exemplo, efetuado em 1623, fala-se num sítio nas bandas do Ipiranga "com seu alpendre e duas camarinhas no dito alpendre com a prensa no dito sítio" que deveria comprimir nos tipitis toda a massa proveniente do mandiocal também inventariado. Mas a farinha não exigia somente a prensa - pedia, também, raladores, cochos de lavagem e forno ou fogão. Era normal, então, a casa de fazer farinha, no quintal, ao lado dos telheiros e próxima à cozinha.

Carlos A. C. Lemos, Cozinhas, etc.

33. (2017) Traduz corretamente uma relação espacial expressa no texto o que se encontra em:
- (a) A prensa é paralela aos tipitis.
 - (b) A casa de fazer farinha é adjacente aos telheiros.
 - (c) As duas camarinhas são transversais à cozinha.
 - (d) O alpendre é perpendicular às zonas de serviço.
 - (e) O mandiocal e o Ipiranga são equidistantes do sítio.

TEXTO PARA AS QUESTÕES DE 34 A 35

Evidentemente, não se pode esperar que Dostoiévski seja traduzido por outro Dostoiévski, mas desde que o tradutor procure penetrar nas peculiaridades da linguagem primeira, aplique-se com afinco e faça com que sua criatividade orientada pelo original permita, paradoxalmente, afastar-se do texto para ficar mais próximo deste, um passo importante será dado. Deixando de lado a fidelidade mecânica, frase por frase, tratando o original como um conjunto de blocos a serem transpostos, e transgredindo sem receio, quando necessário, as normas do "escrever bem", o tradutor poderá trazê-lo com boa margem de fidelidade para a língua com a qual está trabalhando. Boris Schnaiderman, Dostoiévski Prosa Poesia.

34. (2017) De acordo com o texto, a boa tradução precisa
- (a) evitar a transposição fiel dos conteúdos do texto original.

- (b) desconsiderar as características da linguagem primeira para poder atingir a língua de chegada.
- (c) desviar-se da norma-padrão tanto da língua original quanto da língua de chegada.
- (d) privilegiar a inventividade, ainda que em detrimento das peculiaridades do texto original.
- (e) buscar, na língua de chegada, soluções que correspondam ao texto original.

35. (2017) Tendo em vista que algumas das recomendações do autor, relativas à prática da tradução, fogem do senso comum, pode-se qualificá-las com o seguinte termo, de uso relativamente recente:

- (a) dubitativas.
- (b) contraintuitivas.
- (c) autocomplacentes.
- (d) especulativas.
- (e) aleatórias.

36. (2018) Examine o cartum.



Frank e Ernest – Bob Thaves. O Estado de S. Paulo, 22.08.2017.

O efeito de humor presente no cartum decorre, principalmente, da

- (a) semelhança entre a língua de origem e a local.
- (b) falha de comunicação causada pelo uso do aparelho eletrônico.
- (c) falta de habilidade da personagem em operar o localizador geográfico.
- (d) discrepância entre situar-se geograficamente e dominar o idioma local.
- (e) incerteza sobre o nome do ponto turístico onde as personagens se encontram.

TEXTO PARA A QUESTÃO 37

Uma obra de arte é um desafio; não a explicamos, ajustamo-nos a ela. Ao interpretá-la, fazemos uso dos nossos próprios objetivos e esforços, dotamo-la de um significado que tem sua origem nos nossos próprios modos de viver e de pensar. Numa palavra, qualquer gênero de arte que, de fato, nos afete, torna-se, deste modo, arte moderna.

As obras de arte, porém, são como altitudes inacessíveis. Não nos dirigimos a elas diretamente, mas contornamo-las. Cada geração as vê sob um ângulo diferente e sob uma nova visão; nem se deve supor que um ponto de vista mais recente é mais eficiente do que um anterior. Cada aspecto surge na sua altura própria, que não pode ser antecipada nem prolongada; e, todavia, o seu significado não está perdido porque o significado que uma obra assume para uma geração posterior é o resultado de uma série completa de interpretações anteriores.

Arnold Hauser, **Teorias da arte**. Adaptado.

37. (2018) De acordo com o texto, a compreensão do significado de uma obra de arte pressupõe
- (a) o reconhecimento de seu significado intrínseco.
 - (b) a exclusividade do ponto de vista mais recente.
 - (c) a consideração de seu caráter imutável.
 - (d) o acúmulo de interpretações anteriores.
 - (e) a explicação definitiva de seu sentido.

TEXTO PARA A QUESTÃO DE 38

Sarapalha

- Ô calorão, Primo!... E que dor de cabeça exco-mungada!
- É um instantinho e passa... É só ter paciência....
- É... passa... passa... passa... Passam umas mu-lheres vestidas de cor de água, sem olhos na cara, para não terem de olhar a gente... Só ela é que não passa, Primo Argemiro!... E eu já estou cansado de procurar, no meio das outras... Não vem!... Foi, rio abaixo, com o outro... Foram p?r?os infernos!...
- Não foi, Primo Ribeiro. Não foram pelo rio... Foi trem-de-ferro que levou...
- Não foi no rio, eu sei... No rio ninguém não anda... Só a maleita é quem sobe e desce, olhando seus mosquitinhos e pondo neles a benção... Mas, na estória... Como é mesmo a estória, Primo? Como é?...
- O senhor bem que sabe, Primo... Tem paciência, que não é bom variar...

- Mas, a estória, Primo!... Como é?... Conta outra vez...
- O senhor já sabe as palavras todas de cabeça... "Foi o moço-bonito que apareceu, vestido com roupa de dia-de-domingo e com a viola enfeitada de fitas... E chamou a moça p'ra ir se fugir com ele"...
- Espera, Primo, elas estão passando... Vão umas atrás das outras... Cada qual mais bonita... Mas eu não quero, nenhuma!... Quero só ela... Luísa...
- Prima Luísa...
- Espera um pouco, deixa ver se eu vejo... Me ajuda, Primo! Me ajuda a ver...
- Não é nada, Primo Ribeiro... Deixa disso!
- Não é mesmo não...
- Pois então?!
- Conta o resto da estória!...
- ..."Então, a moça, que não sabia que o moço-bonito era o capeta, juntou suas roupinhas melho-res numa trouxa, e foi com ele na canoa, descendo o rio..."

Guimarães Rosa, **Sagarana**.

38. (2018) Tendo como base o trecho "só a maleita é quem sobe e desce, olhando seus mosquitinhos e pondo neles a benção...", o termo em destaque foi empregado ironicamente por aludir ao inseto
- (a) causador da malária.
 - (b) causador da febre amarela.
 - (c) transmissor da doença de Chagas.
 - (d) transmissor da malária.
 - (e) transmissor da febre amarela.

39. (2018) Examine esta propaganda.



www.combustivellegal.com.br

Por ser empregado tanto na linguagem formal quanto na linguagem informal, o termo "legal" pode ser lido, no contexto da propaganda, respectivamente, nos seguintes sentidos:

- (a) lícito e bom.
- (b) aceito e regulado.
- (c) requintado e excepcional.
- (d) viável e interessante.
- (e) jurídico e autorizado.

4.1 Gabarito - Interpretação - 2010 a 2018

Gabarito

(1) B	(8) D	(15) E	(22) C	(29) B	(36) D
(2) B	(9) E	(16) D	(23) D	(30) B	
(3) D	(10) A	(17) A	(24) B	(31) A	(37) D
(4) A	(11) B	(18) E	(25) B	(32) E	
(5) C	(12) A	(19) A	(26) E	(33) B	(38) D
(6) E	(13) E	(20) E	(27) B	(34) E	
(7) A	(14) D	(21) A	(28) A	(35) B	(39) A

5 Literatura - 2000 a 2009

1. (2000) Considere as seguintes afirmações sobre a fala do velho do Restelo, em *Os Lusíadas*:

- (I) No seu teor de crítica às navegações e conquistas, encontra-se refletida e sintetizada a experiência das perdas que causaram, experiência esta já acumulada na época em que o poema foi escrito.
- (II) As críticas aí dirigidas às grandes navegações e às conquistas são relativizadas pelo pouco crédito atribuído a seu emissor, já velho e com um "saber só de experiências feito".
- (III) A condenação enfática que aí se faz à empresa das navegações e conquistas revela que Camões teve duas atitudes em relação a ela: tanto criticou o feito quanto o exaltou. Está correto apenas o que se afirma em

- (a) I.
- (b) II.
- (c) III.
- (d) I e II.
- (e) I e III.

Texto para a questão 2

Ossian o bardo é triste como a sombra
Que seus cantos povoa. O Lamartine
É monótono e belo como a noite,
Como a lua no mar e o som das ondas...
Mas pranteia uma eterna monodia,
Tem na lira do gênio uma só corda;
Fibra de amor e Deus que um sopro agita:
Se desmaia de amor a Deus se volta,
Se pranteia por Deus de amor suspira.
Basta de Shakespeare. Vem tu agora,
Fantástico alemão, poeta ardente
Que ilumina o clarão das gotas pálidas
Do nobre Johannisberg! Nos teus romances
Meu coração deleita-se... Contudo,
Parece-me que vou perdendo o gosto,
(. . .)

(Álvares de Azevedo, Lira dos vinte anos)

2. (2000) Considerando-se este excerto no contexto do poema a que pertence ("Idéias íntimas"), é correto afirmar que, nele,

- (a) o eu-lírico manifesta tanto seu apreço quanto sua insatisfação em relação aos escritores que evoca.

- (b) a dispersão do eu-lírico, própria da ironia romântica, exprime-se na métrica irregular dos versos.
- (c) o eu-lírico rejeita a literatura e os demais poetas porque se identifica inteiramente com a natureza.
- (d) a recusa dos autores estrangeiros manifesta o projeto nacionalista típico da segunda geração romântica brasileira.
- (e) Lamartine é criticado por sua irreverência para com Deus e a religião, muito respeitados pela segunda geração romântica.

3. (2000) Em *A ilustre Casa de Ramires*, a novela histórica escrita por Gonçalo apresenta traços dominantes de um tipo de narrativa e de um estilo praticados principalmente durante o

- (a) Arcadismo.
- (b) Romantismo.
- (c) Realismo.
- (d) Naturalismo.
- (e) Simbolismo.

Texto para a questão 4

Óbito do autor

Algun tempo hesitei se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim, isto é, se poria em primeiro lugar o meu nascimento ou a minha morte. Suposto o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método: a primeira é que eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor, para quem a campa foi outro berço; a segunda é que o escrito ficaria assim mais galante e mais novo.

(Machado de Assis, Memórias póstumas de Brás Cubas, Capítulo primeiro)

4. (2000) Considerando-se este fragmento no contexto da obra a que pertence, é correto afirmar que, nele,

- (a) o discurso argumentativo, de tipo racional e lógico, apresenta afirmações que ultrapassam a razão e o senso comum.
- (b) a combinação de hesitações e autocrítica já caracteriza o tom de arrependimento com que o defunto autor relatará sua vida improdutiva.

- (c) as hesitações e dúvidas revelam a presença de um narrador inseguro, que teme assumir a condução da narrativa e a autoridade sobre os fatos narrados.
- (d) as preocupações com questões de método e as reflexões de ordem moral mostram um narrador alheio às meras questões literárias, tais como estilo e originalidade.
- (e) as considerações sobre o método e sobre a lógica da narração configuram o modo característico de se iniciar o romance no Realismo
5. (2000) Comparando-se Brás Cubas e Macunaíma, é correto afirmar que, apesar de diferentes, ambos
- (a) possuem muitos defeitos, mas conservam uma ingenuidade infantil, isenta de traços de malícia e de egoísmo.
- (b) tiveram seu principal relacionamento amoroso com mulheres tipicamente submissas, desprovidas de iniciativa.
- (c) não trabalham, caracterizando-se pela ausência de qualquer demanda ou busca que lhes mobilize o interesse.
- (d) narram suas histórias diretamente ao leitor, em primeira pessoa, depois de mortos: Brás Cubas, como defunto autor; Macunaíma, utilizando-se do papagaio.
- (e) têm a vida avaliada, na parte final dos relatos, em um pequeno balanço, ou breve avaliação de conjunto, com resultado negativo.
6. (2000)
- (I) Em Vidas secas, a existência dos seres oprimidos e necessitados é apresentada como um mundo fechado, no qual os sonhos e esperanças são ilusões; já em Primeiras estórias, na vida de carências e opressões, algumas vezes abrem-se brechas que dão lugar à solidariedade, ao humor e aos sonhos realizáveis.
- (II) Em Primeiras estórias, o homem rústico, dotado de cultura oral-popular, já se encontra ausente; em Vidas secas, ele ainda ocupa o centro da narrativa.
- (III) Em Vidas secas, a visão de mundo das personagens infantis é parte importante da narrativa; já naqueles contos de Primeiras estória sem que elas surgem, a percepção da criança não se mostra importante ou reveladora.
- A oposição entre Vidas secas e Primeiras estórias está correta apenas em
- (a) I.
- (b) II.
- (c) I e II.
- (d) I e III.
- (e) II e III.
7. (2000) Em Vidas secas e em Morte e vida severina, os retirantes Fabiano e Severino
- (a) são quase desprovidos de expressão verbal, o que lhes dificulta a comunicação até mesmo com os mais próximos.
- (b) encontram na relação carinhosa com os filhos sua única fonte permanente de ternura em um meio hostil.
- (c) surgem como flagelados, que fogem das regiões secas, mas se decepcionam quando chegam ao Recife.
- (d) são homens rústicos e incultos, que não possuem habilidades técnicas ou ofícios que lhes permitam trabalhar.
- (e) aparecem como oprimidos tanto pelo meio agreste quanto pelas estruturas sociais.
8. (2000)
- (I) "..... o recebia cordialmente e o tratava como amigo; seu caráter nobre simpatizava com aquela natureza inculta."
- (II) "Em, o índio fizera a mesma impressão que lhe causava sempre a presença de um homem daquela cor; lembrara-se de sua mãe infeliz, da raça de que provinha."
- (III) "Quanto a, via em Peri um cão fiel que tinha um momento prestado um serviço à família, e a quem se pagava com um naco de pão."
- Nestes excertos, registram-se as reações de três personagens de O Guarani à presença de Peri, quando este começa a frequentar a casa de D. Antônio de Mariz. Apenas seus nomes foram omitidos. Mantida a ordem da sequência, essas três personagens são
- (a) D. Antônio; Cecília; Isabel.
- (b) Álvaro; Isabel; Cecília.
- (c) D. Antônio; Isabel; D. Lauriana.
- (d) D. Diogo; Cecília; D. Lauriana.
- (e) D. Diogo; Isabel; Cecília.

Texto para a questão 9

(...) e tudo ficou sob a guarda de Dona Plácida, suposta, e, a certos respeitos, verdadeira dona da casa.

Custou-lhe muito a aceitar a casa; farejara a intenção, e doía-lhe o ofício; mas afinal cedeu. Creio que chorava, a princípio: tinha nojo de si mesma. Ao menos, é certo que não levantou os olhos para mim durante os primeiros dois meses; falava-me com eles baixos, séria, carrancuda, às vezes triste. Eu queria angariá-la, e não me dava por ofendido, tratava-a com carinho e respeito; forcejava por obter-lhe a benevolência, depois a confiança. Quando obtive a confiança, imaginei uma história patética dos meus amores com Virgília, um caso anterior ao casamento, a resistência do pai, a dureza do marido, e não sei que outros toques de novela. Dona Plácida não rejeitou uma só página da novela; aceitou-as todas. Era uma necessidade da consciência. Ao cabo de seis meses quem nos visse a todos três juntos diria que Dona Plácida era minha sogra.

Não fui ingrato; fiz-lhe um pecúlio de cinco contos, - os cinco contos achados em Botafogo, - como um pão para a velhice. Dona Plácida agradeceu-me com lágrimas nos olhos, e nunca mais deixou de rezar por mim, todas as noites, diante de uma imagem da Virgem, que tinha no quarto. Foi assim que lhe acabou o nojo.

(Machado de Assis, Memórias póstumas de Brás Cubas)

9. (2001) Considerado no contexto da obra a que pertence, este excerto revela que
- (a) a dominação dos proprietários era abrandada por sua moralidade cristã, que os inclinava à caridade e à benevolência desinteressada.
 - (b) a dependência da proteção dos ricos podia forçar os pobres a transigir com seus próprios princípios morais.
 - (c) os brancos, mesmo quando pobres, na sociedade escravista do Império, demonstravam aversão ao trabalho, por considerá-lo próprio de escravos.
 - (d) os senhores mais refinados, mesmo numa sociedade escravista, davam preferência a criados brancos, mas, dada a escassez destes, eram obrigados a grandes concessões para conservá-los.
 - (e) os agregados, de que Dona Plácida é exemplo típico, consideravam-se membros da família proprietária e, por isso, tornavam-se indolentes, resistindo a aceitar os empregos que lhes eram oferecidos.

Texto para a questão 10

Só os roçados da morte
compensam aqui cultivar,
e cultivá-los é fácil:
simples questão de plantar;
não se precisa de limpa,
de adubar nem de regar;
as estiagens e as pragas
fazem-nos mais prosperar;
e dão lucro imediato;
nem é preciso esperar
pela colheita: recebe-se
na hora mesma de semear.

(João Cabral de Melo Neto, Morte e vida
severina)

10. (2001) Nos versos acima, a personagem da "reza-dora" fala das vantagens de sua profissão e de outras semelhantes. A sequência de imagens neles presente tem como pressuposto imediato a idéia de
- (a) sepultamento dos mortos.
 - (b) dificuldade de plantio na seca.
 - (c) escassez de mão-de-obra no sertão.
 - (d) necessidade de melhores contratos de trabalho.
 - (e) técnicas agrícolas adequadas ao sertão.
11. (2001) Assim, o amor se transformava tão completamente nessas organizações*, que apresentava três sentimentos bem distintos: um era uma loucura, o outro uma paixão, o último uma religião.desejava;amava;adorava.

(*organizações = personalidades)

(José de Alencar, O Guarani)

Neste excerto de O Guarani, o narrador caracteriza os diferentes tipos de amor que três personagens masculinas do romance sentem por Ceci. Mantida a sequência, os trechos pontilhados serão preenchidos corretamente com os nomes de

- (a) Álvaro / Peri / D. Diogo.
- (b) Loredano / Álvaro / Peri.
- (c) Loredano / Peri / D. Diogo.
- (d) Álvaro / D. Diogo / Peri.
- (e) Loredano / D. Diogo / Peri.

12. (2001)

Teu romantismo bebo, ó minha lua,
A teus raios divinos me abandono,
Torno-me vaporoso ... e só de ver-te
Eu sinto os lábios meus se abrir de sono.

(Álvares de Azevedo, "Luar de verão", Lira dos
vinte anos)

Neste excerto, o eu-lírico parece aderir com intensidade aos temas de que fala, mas revela, de imediato, desinteresse e tédio. Essa atitude do eu-lírico manifesta a

- (a) ironia romântica.
- (b) tendência romântica ao misticismo.
- (c) melancolia romântica.
- (d) aversão dos românticos à natureza.
- (e) fuga romântica para o sonho.

13. (2001) Um escritor classificou Vidas secas como "romance desmontável", tendo em vista sua composição descontínua, feita de episódios relativamente independentes e sequências parcialmente truncadas. Essas características da composição do livro

- (a) constituem um traço de estilo típico dos romances de Graciliano Ramos e do Regionalismo nordestino.
- (b) indicam que ele pertence à fase inicial de Graciliano Ramos, quando este ainda seguia os ditames do primeiro momento do Modernismo.
- (c) diminuem o seu alcance expressivo, na medida em que dificultam uma visão adequada da realidade sertaneja.
- (d) revelam, nele, a influência da prosa seca e lacônica de Euclides da Cunha, em Os sertões.
- (e) relacionam-se à visão limitada e fragmentária que as próprias personagens têm do mundo.

14. (2001)

Chega!
Meus olhos brasileiros se fecham saudosos.
Minha boca procura a "Canção do Exílio".
Como era mesmo a "Canção do Exílio"?
Eu tão esquecido de minha terra ...
Ai terra que tem palmeiras
onde canta o sabiá!

(Carlos Drummond de Andrade, "Europa, França e Bahia", Alguma poesia)

Neste excerto, a citação e a presença de trechos constituem um caso de
Os espaços pontilhados da frase acima deverão ser preenchidos, respectivamente, com o que está em:

- (a) do famoso poema de Álvares de Azevedo / discurso indireto.
- (b) da conhecida canção de Noel Rosa / paródia.
- (c) do célebre poema de Gonçalves Dias / intertextualidade.
- (d) da célebre composição de Villa-Lobos / ironia.
- (e) do famoso poema de Mário de Andrade / metalinguagem.

15. (2001)

Decerto a gente daqui
jamaiz envelhece aos trinta
nem sabe da morte em vida,
vida em morte, severina;

(João Cabral de Melo Neto, Morte e vida severina)

Neste excerto, a personagem do "retirante" exprime uma concepção da "morte e vida severina", idéia central da obra, que aparece em seu próprio título. Tal como foi expressa no excerto, essa concepção só NÃO encontra correspondência em:

- (a) "morre gente que nem vivia".
- (b) "meu próprio enterro eu seguia".
- (c) "o enterro espera na porta: o morto ainda está com vida".
- (d) "vêm é seguindo seu próprio enterro".
- (e) "essa foi morte morrida ou foi matada?"

16. (2001) Em Os Lusíadas, as falas de Inês de Castro e do Velho do Restelo têm em comum

- (a) a ausência de elementos de mitologia da Antiguidade clássica.
- (b) a presença de recursos expressivos de natureza oratória.
- (c) a manifestação de apego a Portugal, cujo território essas personagens se recusavam a abandonar.
- (d) a condenação enfática do heroísmo guerreiro e conquistador.
- (e) o emprego de uma linguagem simples e direta, que se contrapõe à solenidade do poema épico.

17. (2001) Apesar de muito diferentes entre si, as personagens Macunaíma (de Macunaíma) e Gonçalo Mendes Ramires (de A ilustre Casa de Ramires) apresentam como traço de semelhança o fato de que ambas

- (a) personificam o desejo brasileiro e português de modernizar-se, rompendo com as tradições e os costumes herdados.
- (b) são incorrigivelmente ociosas, recusando-se a vida toda a tomar parte em atividades produtivas.
- (c) simbolizam a indecisão típica do homem moderno, que as impede de levar adiante os empreendimentos começados.
- (d) representam a terra e a gente a que cada uma pertence, na medida em que a primeira é o "herói de nossa gente" e a segunda "lembra" Portugal.
- (e) encarnam o dilema próprio do homem do final do século XIX, dividido entre a vida rural e a vida urbana.
18. (2002) Neste excerto, o modo pelo qual é relatado o início do relacionamento entre Leonardo e Maria
- (a) manifesta os sentimentos antilusitanos do autor, que enfatiza a grosseria dos portugueses em oposição ao refinamento dos brasileiros.
- (b) revela os preconceitos sociais do autor, que retrata de maneira cômica as classes populares, mas de maneira respeitosa a aristocracia e o clero.
- (c) reduz as relações amorosas a seus aspectos sexuais e fisiológicos, conforme os ditames do Naturalismo.
- (d) opõe-se ao tratamento idealizante e sentimental das relações amorosas, dominante no Romantismo.
- (e) evidencia a brutalidade das relações raciais, própria do contexto colonial-escravista.

Texto para as questões 18, 19 e 20

Sua história tem pouca coisa de notável. Fora Leonardo algibebe¹ em Lisboa, sua pátria; aborrecera-se porém do negócio, e viera ao Brasil. Aqui chegando, não se sabe por proteção de quem, alcançou o emprego de que o vemos empossado, e que exercia, como dissemos, desde tempos remotos. Mas viera com ele no mesmo navio, não sei fazer o quê, uma certa Maria da hortaliça, quitandeira das praças de Lisboa, saloia² rechonchuda e bonitota. O Leonardo, fazendo-se-lhe justiça, não era nesse tempo de sua mocidade mal apessoado, e sobretudo era maganão³. Ao sair do Tejo, estando a Maria encostada à borda do navio, o Leonardo fingiu que passava distraído por junto dela, e com o ferrado sapatão assentou-lhe uma valente pisadela no pé direito. A Maria, como se já esperasse por aquilo, sorriu-se como envergonhada do gracejo, e deu-lhe também em ar de disfarce um tremendo beliscão nas costas da mão esquerda. Era isto uma declaração em forma, segundo os usos da terra: levaram o resto do dia de namoro cerrado; ao anoitecer passou-se a mesma cena de pisadela e beliscão, com a diferença de serem desta vez um pouco mais fortes; e no dia seguinte estavam os dois amantes tão extremosos e familiares, que pareciam sê-lo de muitos anos.

(Manuel Antônio de Almeida, *Memórias de um sargento de milícias*)

Glossário:

¹**algibebe**: mascate, vendedor ambulante.

²**salonia**: aldeã das imediações de Lisboa.

³**maganão**: brincalhão, jovial, divertido.

19. (2002) No excerto, o narrador incorpora elementos da linguagem usada pela maioria das personagens da obra, como se verifica em:
- (a) aborrecera-se porém do negócio.
- (b) de que o vemos empossado.
- (c) rechonchuda e bonitota.
- (d) envergonhada do gracejo.
- (e) amantes tão extremosos
20. (2002) No excerto, as personagens manifestam uma característica que também estará presente na personagem Macunaíma. Essa característica é a
- (a) disposição permanentemente alegre e bem-humorada.
- (b) discrepância entre a condição social humilde e a complexidade psicológica.
- (c) busca da satisfação imediata dos desejos.
- (d) mistura das raças formadoras da identidade nacional brasileira.
- (e) oposição entre o físico harmonioso e o comportamento agressivo.
21. (2002)

MACUMBA DE PAI ZUSÉ

Na macumba do Encantado
Nego véio pai de santo fez mandinga
No palacete de Botafogo
Sangue de branca virou água
Foram vê estava morta!

É correto afirmar que, neste poema de Manuel Bandeira,

- (a) emprega-se a modalidade do poema-piada, típica da década de 20, com o fim de satirizar os costumes populares.
- (b) usam-se os recursos sonoros (ritmo e metro regulares, redondilha menor) para representar a cultura branca, e os recursos visuais (imagens, cores), para caracterizar a religião afro-brasileira.
- (c) mesclam-se duas variedades linguísticas: uma que se aproxima da língua escrita culta e outra que mimetiza uma modalidade da língua oral-popular.
- (d) manifesta-se a contradição entre dois tipos de práticas religiosas, representadas pelas oposições negro x branco, macumba x pai de santo, negro véio x Encantado.
- (e) expressa-se a tendência modernista de encerrar a cultura popular como manifestação do atraso nacional, a ser superado pela modernização.

22. (2002) Como se sabe, Eça de Queirós concebeu o livro *O primo Basílio* como um romance de crítica da sociedade portuguesa, cujas "falsas bases" ele considerava um "dever atacar". A crítica que ele aí dirige a essa sociedade incide mais diretamente sobre

- (a) o plano da economia, cuja estagnação estava na base da desordem social.
- (b) os problemas de ordem cultural, como os que se verificavam na educação e na literatura.
- (c) a excessiva dependência de Portugal em relação às colônias, responsável pelo parasitismo da burguesia metropolitana.
- (d) a extrema sofisticação da burguesia de Lisboa, cujo luxo e requinte conduziam à decadência dos costumes.
- (e) os grupos aristocráticos, remanescentes da monarquia, que continuavam a exercer sua influência corruptora em pleno regime republicano.

23. (2002) A narração hesitante e digressiva, em constante auto-exame, não se limita apenas a registrar o sentimento de culpa do narrador, mas traduz, também, uma autocrítica radical, em que ele questiona sua própria posição de classe e, com ela, a própria literatura.

Esta afirmação aplica-se a:

- (a) *Memórias de um sargento de milícias*.
- (b) *Memórias póstumas de Brás Cubas*.
- (c) *Morte e vida severina*.

- (d) *O primo Basílio*.
- (e) *A hora da estrela*.

Texto para as questões 24 e 25

Talvez pareça excessivo o escrúpulo do Cotrim, a quem não souber que ele possuía um caráter ferozmente honrado. Eu mesmo fui injusto com ele durante os anos que se seguiram ao inventário de meu pai. Reconheço que era um modelo. Arguam-no de avareza, e cuidado que tinham razão; mas a avareza é apenas a exageração de uma virtude e as virtudes devem ser como os orçamentos: melhor é o saldo que o deficit. Como era muito seco de maneiras tinha inimigos, que chegavam a acusá-lo de bárbaro. O único fato alegado neste particular era o de mandar com frequência escravos ao calabouço, donde eles desciam a escorrer sangue; mas, além de que ele só mandava os perversos e os fujões, ocorre que, tendo longamente contrabandeado em escravos, habituara-se de certo modo ao trato um pouco mais duro que esse gênero de negócio requeria, e não se pode honestamente atribuir à índole original de um homem o que é puro efeito de relações sociais.

(Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas*)

24. (2002) Neste excerto, Brás Cubas discute as acusações dirigidas a seu cunhado Cotrim. A argumentação aí apresentada

- (a) faz com que, ao defender Cotrim, ele contribua, ironicamente, para confirmar essas acusações.
- (b) confirma a hipótese de que Machado de Assis, ao ascender socialmente, renegou suas origens e abandonou a crítica ao comportamento das elites.
- (c) visa demonstrar que as práticas de Cotrim não contavam com a conivência de Brás Cubas e da sociedade da época.
- (d) comprova a convicção machadiana de que os homens nascem bons, a sociedade é que os corrompe.
- (e) é moralmente impecável, pois distingue o lícito do ilícito, condenando explicitamente os desvios, como o contrabando e a tortura.

25. (2002) As relações entre senhores e escravos, referidas no excerto,

- (a) caracterizam-se por uma crueldade que, no entanto, constitui exceção no livro: nas demais ocorrências do tema, essas relações são bastante amenas e cordiais.

- (b) constituem o principal assunto das *Memórias póstumas de Brás Cubas*, ocupando o primeiro plano da narrativa.
- (c) aparecem poucas vezes, de maneira direta, no romance, mas caracterizam de modo decisivo as relações sociais nele representadas.
- (d) desenham o pano de fundo histórico do romance, mas não contribuem para a caracterização das personagens.
- (e) servem apenas para caracterizar o comportamento de personagens secundárias, não aparecendo no relato da formação do protagonista.

Texto para a questão 26

Antônio. Assim se chamava meu pai, vindo de Piracicaba, cidade do interior de São Paulo. (...) Foi saco de pancada quando pequeno, pois meu avô paterno levava ao exagero a filosofia do "quem dá o pão dá o ensino". No entanto nunca se referiu de maneira rancorosa a esses castigos, nem achou necessário desferrar-se em mim do tanto que havia apanhado. Quando as coisas não lhe agradavam, preferia gargalhar num jeito muito seu, que lembrava bola de pingue-pongue descendo lentamente uma escada. Duas vezes apenas botou de lado esse tipo de reação.

(Mário Lago, *Na rolança do tempo*)

26. (2002) Considere as seguintes afirmações:

- (I) A frase "quem dá o pão dá o ensino" é a que apresenta marcas mais visíveis do gênero narrativo, ao qual pertence o texto.
- (II) Em "nem achou necessário" expressa-se juízo subjetivo do narrador.
- (III) A expressão "duas vezes apenas", na última frase, aponta para exceções que confirmam a validade de uma regra habitual, formulada na frase anterior.

Em relação ao texto, está correto somente o que se afirma em

- (a) I.
- (b) II.
- (c) III.
- (d) I e II.
- (e) II e III.

27. (2002) Considere as seguintes comparações entre *Vidas secas* e *A hora da estrela*:

- (I) Os narradores de ambos os livros adotam um estilo sóbrio e contido, avesso a expansões emocionais, condizente com o mundo de escassez e privação que retratam.
- (II) Em ambos os livros, a carência de linguagem e as dificuldades de expressão, presentes, por exemplo, em Fabiano e Macabéa, manifestam aspectos da opressão social.
- (III) A personagem sinha Vitória (*Vidas secas*), por viver isolada em meio rural, não possui elementos de referência que a façam aspirar por bens que não possui; já Macabéa, por viver em meio urbano, possui sonhos típicos da sociedade de consumo.

Está correto apenas o que se afirma em

- (a) I.
- (b) II.
- (c) III.
- (d) I e II.
- (e) II e III.

Texto para as questões 28, 29 e 30

Os leitores estarão lembrados do que o compadre dissera quando estava a fazer castelos no ar a respeito do afilhado, e pensando em dar-lhe o mesmo ofício que exercia, isto é, daquele arranjei-me, cuja explicação prometemos dar. Vamos agora cumprir a promessa.

Se alguém perguntasse ao compadre por seus pais, por seus parentes, por seu nascimento, nada saberia responder, porque nada sabia a respeito. Tudo de que se recordava de sua história reduzia-se a bem pouco. Quando chegara à idade de dar acordo da vida achou-se em casa de um barbeiro que dele cuidava, porém que nunca lhe disse se era ou não seu pai ou seu parente, nem tampouco o motivo por que tratava da sua pessoa. Também nunca isso lhe dera cuidado, nem lhe veio a curiosidade de indagá-lo.

Esse homem ensinara-lhe o ofício, e por inaudito milagre também a ler e a escrever. Enquanto foi aprendiz passou em casa do seu... mestre, em falta de outro nome, uma vida que por um lado se parecia com a do fâmulos*, por outro com a do filho, por outro com a do agregado, e que afinal não era senão vida de enjeitado, que o leitor sem dúvida já adivinhou que ele o era. A troco disso dava-lhe o mestre sustento e morada, e pagava-se do que por ele tinha já feito.

(*)fâmulos: empregado, criado

- (Manuel Antônio de Almeida, **Memórias de um sargento de milícias**)
28. (2003) Neste excerto, mostra-se que o compadre provinha de uma situação de família irregular e ambígua. No contexto do livro, as situações desse tipo
- (a) caracterizam os costumes dos brasileiros, por oposição aos dos imigrantes portugueses.
 - (b) são apresentadas como consequência da intensa mestiçagem racial, própria da colonização.
 - (c) contrastam com os rígidos padrões morais dominantes no Rio de Janeiro oitocentista.
 - (d) ocorrem com frequência no grupo social mais amplamente representado.
 - (e) começam a ser corrigidas pela doutrina e pelos exemplos do clero católico.
29. (2003) A condição social de **agregado**, referida no excerto, caracteriza também a situação de
- (a) Juliana, na casa de Jorge e Luísa (**O primo Basílio**).
 - (b) D. Plácida, na casa de Quincas Borba (**Memórias póstumas de Brás Cubas**).
 - (c) Leonardo (filho), na casa de Tomás da Sé (**Memórias de um sargento de milícias**).
 - (d) Joana, na casa de Jorge e Luísa (**O primo Basílio**).
 - (e) José Manuel, na casa de D. Maria (**Memórias de um sargento de milícias**).
30. (2003) Um traço de estilo, presente no excerto, também se encontrará nas **Memórias póstumas de Brás Cubas**, onde assumirá aspectos de provocação e acinte. Trata-se
- (a) das referências diretas ao leitor e ao andamento da própria narração.
 - (b) do uso predominante da descrição, que confere maior realismo ao relato.
 - (c) do emprego de adjetivação abundante e variada, que dá feição opinativa à narração.
 - (d) da paródia dos clichês românticos anteriormente utilizados por José de Alencar e Álvares de Azevedo.
 - (e) da narração em primeira pessoa, realizada por um narrador-personagem, que participa dos eventos narrados.
31. (2003) Tanto Luísa (**O primo Basílio**) quanto Virgília (**Memórias póstumas de Brás Cubas**) praticaram o adultério
- (a) por influência direta do excesso de leituras romanescas.
 - (b) com parentes próximos, o que tornava mais grave a situação moral de ambas.
 - (c) com o fim de ascender socialmente, unindo-se a parceiros de classe social mais elevada.
 - (d) por sua própria iniciativa, seduzindo abertamente seus respectivos parceiros.
 - (e) com antigos namorados, que reencontraram depois de casadas.
32. (2003) Considere as seguintes afirmações sobre **Libertinagem**, de Manuel Bandeira:
- (I) O livro oscila entre um fortíssimo anseio de liberdade vital e estética e a interiorização cada vez mais profunda dos vultos familiares e das imagens brasileiras.
 - (II) Por ser uma obra do início da carreira do autor, nela ainda são raras e quase imperceptíveis as contribuições técnicas e estéticas do Modernismo.
 - (III) Em vários de seus poemas, a exploração de assuntos particulares e pessoais, aparentemente limitados, resulta em concepções muito amplas, de interesse geral, que ultrapassam a esfera pessoal do poeta.
- Está correto apenas o que se afirma em
- (a) I
 - (b) II
 - (c) I e II
 - (d) I e III
 - (e) II e III
33. (2003) A presença da temática indígena em **Macunáima**, de Mário de Andrade, tanto participa _____, quanto representa uma retomada, com novos sentidos, _____. Mantida a sequência, os trechos pontilhados serão preenchidos corretamente por
- (a) do movimento modernista da Antropofagia / do Regionalismo da década de 30.
 - (b) do interesse modernista pela arte primitiva / do Indianismo romântico.
 - (c) do movimento modernista da Antropofagia / do Condoreirismo romântico.
 - (d) da vanguarda estética do Naturalismo / do Indianismo romântico.

- (e) do interesse modernista pela arte primitiva / do Regionalismo da década de 30.
34. (2003) "A ação desta história terá como resultado minha transfiguração em outrem(...)". Neste excerto de **A hora da estrela**, o narrador expressa uma de suas tendências mais marcantes, que ele irá reiterar ao longo de todo o livro. Entre os trechos abaixo, o único que **NÃO** expressa tendência correspondente é
- (a) "Vejo a nordestina se olhando ao espelho e (...) no espelho aparece o meu rosto cansado e barbudo. Tanto nós nos introcamos".
 - (b) "É paixão minha ser o outro. No caso a outra".
 - (c) "Enquanto isso, Macabéa no chão parecia se tornar cada vez mais uma Macabéa, como se chegasse a si mesma".
 - (d) "Queiram os deuses que eu nunca descreva o lázaro porque senão eu me cobriria de lepra".
 - (e) "Eu te conheço até o osso por intermédio de uma encantação que vem de mim para ti".

Texto para as questões 35, 36 e 37

Uma flor, o Quincas Borba. Nunca em minha infância, nunca em toda a minha vida, achei um menino mais gracioso, inventivo e travesso. Era a flor, e não já da escola, senão de toda a cidade. A mãe, viúva, com alguma cousa de seu, adorava o filho e trazia-o amimado, asseado, enfeitado, com um vistoso pajem atrás, um pajem que nos deixava gazejar a escola, ir caçar ninhos de pássaros, ou perseguir lagartixas nos morros do Livramento e da Conceição, ou simplesmente arruar, à toa, como dous peraltas sem emprego. E de imperador! Era um gosto ver o Quincas Borba fazer de imperador nas festas do Espírito Santo. De resto, nos nossos jogos pueris, ele escolhia sempre um papel de rei, ministro, general, uma supremacia, qualquer que fosse. Tinha garbo o traquinas, e gravidade, certa magnificência nas atitudes, nos meneios. Quem diria que... Suspendamos a pena; não adiantemos os sucessos. Vamos de um salto a 1822, data da nossa independência política, e do meu primeiro cativo pessoal.

(Machado de Assis, **Memórias póstumas de Brás Cubas**)

35. (2004) A busca de "uma supremacia, qualquer que fosse", que neste trecho caracteriza o comportamento de Quincas Borba, tem como equivalente, na trajetória de Brás Cubas,

- (a) o projeto de tornar-se um grande dramaturgo.
 - (b) a idéia fixa da invenção do emplastro.
 - (c) a elaboração da filosofia do Humanitismo.
 - (d) a ambição de obter o título de marquês.
 - (e) a obsessão de conquistar Eugênia.
36. (2004) Considere as seguintes afirmações:
- (I) Excesso de complacência e falta de limites assinalam não só a infância de Brás Cubas e a de Quincas Borba, referidas no excerto, mas também a de Leonardo (filho), das **Memórias de um sargento de milícias**.
 - (II) Uma formação escolar licenciosa e indisciplinada, tal como a relatada no excerto, responde, em grande parte, pelas características de Brás Cubas, Leonardo (filho) e Macunaíma, personagens tipicamente malandras de nossa literatura.
 - (III) A educação caracterizada pelo desregramento e pelo excesso de mimo, indicada no excerto, também é objeto de crítica em **Liber-tinagem**, de Manuel Bandeira, e **Primeiras estórias**, de Guimarães Rosa.

Está correto apenas o que se afirma em

- (a) I.
 - (b) II.
 - (c) III.
 - (d) I e II.
 - (e) II e III.
37. (2004) É correto afirmar que as festas do Espírito Santo, referidas no excerto, comparecem também em passagens significativas de
- (a) **Memórias de um sargento de milícias**, onde contribuem para caracterizar uma religiosidade de superfície, menos afeita ao sentido íntimo das cerimônias do que ao seu colorido e pompa exterior.
 - (b) **O primo Basílio**, tornando evidentes, assim, as origens ibéricas das festas religiosas populares do Rio de Janeiro do século XIX.
 - (c) **Macunaíma**, onde colaboram para evidenciar o sincretismo luso-afro-ameríndio que caracteriza a religiosidade típica do brasileiro.
 - (d) **Primeiras estórias**, cujos contos realizam uma ampla representação das tendências mágico-religiosas que caracterizam o catolicismo popular brasileiro.
 - (e) **A hora da estrela**, onde servem para reforçar o contraste entre a experiência rural-popular de Macabéa e sua experiência de abandono na metrópole moderna.

38. (2004) Tendo em vista as diferenças entre **O primo Basílio** e **Memórias póstumas de Brás Cubas**, conclui-se corretamente que esses romances podem ser classificados igualmente como realistas apenas na medida em que ambos
- (a) aplicam, na sua elaboração, os princípios teóricos da Escola Realista, criada na França por Émile Zola.
 - (b) se constituem como romances de tese, procurando demonstrar cientificamente seus pontos de vista sobre a sociedade.
 - (c) se opõem às idealizações românticas e observam de modo crítico a sociedade e os interesses individuais.
 - (d) operam uma crítica cerrada das leituras romanescas, que consideram responsáveis pelas falhas da educação da mulher.
 - (e) têm como objetivos principais criticar as mazelas da sociedade e propor soluções para erradicá-las.

Texto para a questão 39

ORAÇÃO A TERESINHA DO MENINO JESUS

Perdi o jeito de sofrer.
Ora essa.
Não sinto mais aquele gosto cabotino da tristeza.
Quero alegria! Me dá alegria,
Santa Teresa!
Santa Teresa não, Teresinha...
Teresinha... Teresinha...
Teresinha do Menino Jesus.
(...)

(Manuel Bandeira, **Libertinagem**)

39. (2004) Sobre este trecho do poema, só **NÃO** é correto afirmar o que está em:
- (a) Ao preferir Teresinha a Santa Teresa, o eu-lírico manifesta um desejo de maior intimidade com o sagrado, traduzida, por exemplo, no diminutivo e na omissão da palavra "Santa".
 - (b) O feitio de oração que caracteriza estes versos não é caso único em **Libertinagem** nem é raro na poesia de Bandeira.
 - (c) Embora com feitio de oração, estes versos utilizam principalmente a variedade coloquial da linguagem.
 - (d) Em "do Menino Jesus", qualificativo de Teresinha, pode-se reconhecer um eco da predileção de Bandeira pelo tema da infância, recorrente em **Libertinagem** e no conjunto de sua poesia.
 - (e) Apesar de seu feitio de oração, estes versos manifestam intenção desrespeitosa e mesmo sacrílega em relação à religião estabelecida.
40. (2004) Identifique a afirmação correta sobre **A hora da estrela**, de Clarice Lispector:
- (a) A força da temática social, centrada na miséria brasileira, afasta do livro as preocupações com a linguagem, frequentes em outros escritores da mesma geração.
 - (b) Se o discurso do narrador critica principalmente a própria literatura, as falas de Macabéa exprimem sobretudo as críticas da personagem às injustiças sociais.
 - (c) O narrador retarda bastante o início da narração da história de Macabéa, vinculando esse adiamento a um autoquestionamento radical.

- (d) Os sofrimentos da migrante nordestina são realçados, no livro, pelo contraste entre suas desventuras na cidade grande e suas lembranças de uma infância pobre, mas vivida no aconchego familiar.
- (e) O estilo do livro é caracterizado, principalmente, pela oposição de duas variedades linguísticas: linguagem culta, literária, em contraste com um grande número de expressões regionais nordestinas.

Texto para as questões 41, 42 e 43

"Assim, pois, o sacristão da Sé, um dia, ajudando à missa, viu entrar a dama, que devia ser sua colaboradora na vida de Dona Plácida. Viu-a outros dias, durante semanas inteiras, gostou, disse-lhe alguma graça, pisou-lhe o pé, ao acender os altares, nos dias de festa. Ela gostou dele, acercaram-se, amaram-se. Dessa conjunção de luxúrias vadias brotou Dona Plácida. É de crer que Dona Plácida não falasse ainda quando nasceu, mas se falasse podia dizer aos autores de seus dias: - Aqui estou. Para que me chamastes? E o sacristão e a sacristã naturalmente lhe responderiam: - Chamamos-te para queimar os dedos nos tachos, os olhos na costura, comer mal, ou não comer, andar de um lado para outro, na faina, adoecendo e sarando, com o fim de tornar a adoecer e sarar outra vez, triste agora, logo desesperada, amanhã resignada, mas sempre com as mãos no tacho e os olhos na costura, até acabar um dia na lama ou no hospital; foi para isso que te chamamos, num momento de simpatia".

(Machado de Assis, **Memórias póstumas de Brás Cubas**)

41. (2005) No trecho acima, Brás Cubas reflete sobre a história de Dona Plácida, reconhecendo a extrema dureza de sua vida. No contexto do livro, esse reconhecimento revela que Brás Cubas, embora perceba com precisão o desamparo dos pobres, não faz mais que
- (a) procurar remediá-lo com soluções fantasiosas, como a invenção do emplasto, cuja finalidade era a de eliminar as desigualdades sociais.
 - (b) declarar sua impotência para saná-lo, tendo em vista a extensão desse problema na sociedade brasileira do Segundo Reinado.
 - (c) considerá-lo do ponto de vista de seus próprios interesses, interpretando-o conforme lhe é mais conveniente.
 - (d) transformá-lo em recurso retórico, utilizado por ele nos discursos demagógicos que proferia na Câmara dos Deputados.

- (e) interpretá-lo conforme a doutrina do Humanismo, segundo a qual os sofrimentos dos indivíduos servem para purgar os pecados cometidos em vidas passadas.
42. (2005) A vida de Dona Plácida, referida no excerto, é muito semelhante à vida de trabalhos duros e incessantes de Juliana (**O primo Basílio**), com a diferença de que a personagem de Eça de Queirós
- (a) não mais se fiava no favor dos patrões, passando a arquitetar um plano astucioso, embora indigno, para emancipar-se.
 - (b) não era uma agregada, como Dona Plácida, mas uma criada, condição que a tornava ainda mais desprovida de direitos legais.
 - (c) pautava sua conduta por uma rígida moral puritana, que a fazia revoltar-se contra os amores adúlteros da patroa.
 - (d) tinha menos motivos para revoltar-se, tendo em vista a consideração de que gozava na casa dos patrões.
 - (e) não temia miséria nem desamparo e, por isso, enfrentava os patrões de modo aberto e corajoso.
43. (2005) Tal como narradas neste trecho, as circunstâncias que levam ao nascimento de Dona Plácida apresentam semelhança maior com as que conduzem ao nascimento da personagem
- (a) Leonardo (filho), de **Memórias de um sargento de milícias**.
 - (b) Juliana, de **O primo Basílio**.
 - (c) Macunaíma, de **Macunaíma**.
 - (d) Augusto Matraga, de **Sagarana**.
 - (e) Olímpico, de **A hora da estrela**.

Texto para as questões 44, 45 e 46

Sim, que, à parte o sentido prisco, valia o ileso gume do vocábulo pouco visto e menos ainda ouvido, raramente usado, melhor fora se jamais usado. Porque, diante de um gravatá, selva moldada em jarro jônico, dizer-se apenas **drimir** ou **amormeuzinho** é justo; e, ao descobrir, no meio da mata, um anjelim que atira para cima cinquenta metros de tronco e fronde, quem não terá ímpeto de criar um vocativo absurdo e bradá-lo - Ó colossalidade! - na direção da altura?

(João Guimarães Rosa, "São Marcos", in **Sagarana**)

prisco = antigo, relativo a tempos remotos. **gravatá** = planta da família das bromeliáceas.

44. (2005) Neste excerto, o narrador do conto "São Marcos" expõe alguns traços de estilo que correspondem a características mais gerais dos textos do próprio autor, Guimarães Rosa. Entre tais características só **NÃO** se encontra
- (a) o gosto pela palavra rara.
 - (b) o emprego de neologismos.
 - (c) a conjugação de referências eruditas e populares.
 - (d) a liberdade na exploração das potencialidades da língua portuguesa.
 - (e) a busca da concisão e da previsibilidade da linguagem.
45. (2005) Comparando-se as concepções relativas à natureza presentes no excerto de Guimarães Rosa com as que se manifestam nos poemas de Alberto Caeiro, verifica-se que, em Rosa,, ao passo que, em Caeiro, Mantida a sequência, os espaços pontilhados podem ser preenchidos corretamente pelo que está em:
- (a) a observação da natureza provoca um desejo de nomeação e até de invenção linguística / o ideal seria o de que os elementos da natureza valessem por si mesmos, sem nome nenhum.
 - (b) a natureza é pura exterioridade, desprovida de alma / ela é um ente animado, dotado de interioridade e personalidade.
 - (c) a natureza vale por seus aspectos estéticos e simbólicos / ela tem valor prático e utilitário, ou seja, é valorizada na medida em que, transformada pela técnica, serve para suprir as necessidades humanas.
 - (d) a relação com a natureza é pessoal e até íntima / a natureza apresenta caráter hostil e, mesmo, ameaçador.
 - (e) a natureza é misteriosa e indecifrável / ela é portadora de uma mensagem mística que o homem deve decifrar servindo-se dos instrumentos da Razão.
46. (2005) Devo registrar aqui uma alegria. É que a moça num afetivo domingo sem farofa teve uma inesperada felicidade que era inexplicável: no cais do porto viu um arco-íris. Experimentando o leve êxtase, ambicionou logo outro: queria ver, como uma vez em Maceió, espocarem muitos fogos de artifício. Ela quis mais porque

é mesmo uma verdade que quando se dá a mão, essa gatinha quer todo o resto, o zé-povinho sonha com fome de tudo. E quer mas sem direito algum, pois não é?

(Clarice Lispector, **A hora da estrela**)

Considerando-se no contexto da obra o trecho sublinhado, é correto afirmar que, nele, o narrador

- (a) assume momentaneamente as convicções elitistas que, no entanto, procura ocultar no restante da narrativa.
- (b) reproduz, em estilo indireto livre, os pensamentos da própria Macabéa diante dos fogos de artifício.
- (c) hesita quanto ao modo correto de interpretar a reação de Macabéa frente ao espetáculo.
- (d) adota uma atitude panfletária, criticando diretamente as injustiças sociais e cobrando sua superação.
- (e) retoma uma frase feita, que expressa preconceito antipopular, desenvolvendo-a na direção da ironia.

Texto para as questões 47, 48 e 49

Ele se aproximou e com voz cantante de nordestino que a emocionou, perguntou-lhe:

- E se me desculpe, senhorinha, posso convidar a passear?

- Sim, respondeu atabalhoadamente com pressa antes que ele mudasse de idéia.

- E, se me permite, qual é mesmo a sua graça?

- Macabéa.

- Maca - o quê?

- Bea, foi ela obrigada a completar.

- Me desculpe mas até parece doença, doença de pele.

- Eu também acho esquisito mas minha mãe botou ele por promessa a Nossa Senhora da Boa Morte se eu vingasse, até um ano de idade eu não era chamada porque não tinha nome, eu preferia continuar a nunca ser chamada em vez de ter um nome que ninguém tem mas parece que deu certo - parou um instante retomando o fôlego perdido e acrescentou desanimada e com pudor - pois como o senhor vê eu vinguei... pois é...

- Também no sertão da Paraíba promessa é questão de grande dívida de honra. Eles não sabiam como se passeia. Andaram sob a chuva grossa e pararam diante da vitrine de uma loja de ferragem onde estavam expostos atrás do vidro canos, latas, parafusos grandes e pregos. E Macabéa, com medo de

que o silêncio já significasse uma ruptura, disse ao recém-namorado:

- Eu gosto tanto de parafuso e prego, e o senhor? Da segunda vez em que se encontraram caía uma chuva fininha que ensopava os ossos. Sem nem ao menos se darem as mãos caminhavam na chuva que na cara de Macabéa parecia lágrimas escorrendo.

Clarice Lispector, **A hora da estrela**.

- 47. (2006) Neste excerto, as falas de Olímpico e Macabéa
 - (a) aproximam-se do cômico, mas, no âmbito do livro, evidenciam a oposição cultural entre a mulher nordestina e o homem do sul do País.
 - (b) demonstram a incapacidade de expressão verbal das personagens, reflexo da privação econômica de que são vítimas.
 - (c) beiram às vezes o absurdo, mas, no contexto da obra, adquirem um sentido de humor e sátira social.
 - (d) registram, com sentimentalismo, o eterno conflito que opõe os princípios antagônicos do Bem e do Mal.
 - (e) suprimem, por seu caráter ridículo, a percepção do desamparo social e existencial das personagens.
- 48. (2006) Ao dizer: "(...) promessa é questão de grande dívida de honra", Olímpico junta, em uma só afirmação, a obrigação religiosa e o dever de honra. A personagem de **Sagarana** que, em suas ações finais, opera uma junção semelhante é
 - (a) Major Saulo, de "O burrinho pedrês".
 - (b) Lalino, de "Traços biográficos de Lalino Salâthiel ou A volta do marido pródigo".
 - (c) Primo Ribeiro, de "Sarapalha".
 - (d) João Mangolô, de "São Marcos".
 - (e) Augusto Matraga, de "A hora e vez de Augusto Matraga".
- 49. (2006) Considere as seguintes comparações entre a cena do primeiro encontro de Macabéa e Olímpico, figurada no excerto, e a célebre cena do primeiro encontro de Leonardo e Maria da Hortaliça (**Memórias de um sargento de milícias**), a bordo do navio:
 - (I) Na primeira cena, utiliza-se o diálogo verbal como meio privilegiado de representação, ao passo que, na segunda, a ausência notória desse diálogo responde, em grande parte, pelo efeito expressivo do texto.

- (II) Em ambas as cenas, a representação da pobreza vem acompanhada de forte sentimento de culpa que perturba o narrador e o leva a questionar a validade da própria literatura.
- (III) Ambas as cenas são construídas como paródias de modelos literários consagrados: na primeira, parodiam-se as cenas amorosas do Romantismo; na segunda, são parodiadas as cenas idílicas dos romances do Realismo.

Está correto apenas o que se afirma em

- (a) I.
(b) II.
(c) III.
(d) I e II.
(e) II e III.

Texto para a questão 50

Noite de S. João para além do muro do meu quintal.
Do lado de cá, eu sem noite de S. João.
Porque há S. João onde o festejam.
Para mim há uma sombra de luz de fogueiras na noite,
Um ruído de gargalhadas, os baques dos saltos.
E um grito casual de quem não sabe que eu existo.

Alberto Caeiro, **Poesia**.

50. (2006) Considerando-se este poema no contexto das tendências dominantes da poesia de Caeiro, pode-se afirmar que, neste texto, o afastamento da festa de São João é vivido pelo eu-lírico como
- (a) oportunidade de manifestar seu despreço pelas festividades que mesclam indevidamente o sagrado e o profano.
- (b) ânsia de integração em uma sociedade que o rejeita por causa de sua excentricidade e estranheza.
- (c) uma ocasião de criticar a persistência de costumes tradicionais, remanescentes no Portugal do Modernismo.
- (d) frustração, uma vez que não experimenta as emoções profundas nem as reflexões filosóficas que tanto aprecia.
- (e) reconhecimento de que só tem realidade efetiva o que corresponde à experiência dos próprios sentidos.

Texto para a questão 51

PROFUNDAMENTE

Quando ontem adormeci
Na noite de São João
Havia alegria e rumor
Estrondos de bombas luzes de Bengala
Vozes cantigas e risos
Ao pé das fogueiras acesas.

No meio da noite despertei
Não ouvi mais vozes nem risos
(...)
Onde estavam os que há pouco
Dançavam
Cantavam
E riam
Ao pé das fogueiras acesas?

- Estavam todos dormindo
Estavam todos deitados
Dormindo
Profundamente

*
Quando eu tinha seis anos
Não pude ver o fim da festa de São João
Porque adormeci

Hoje não ouço mais as vozes daquele tempo
Minha avó
Meu avô
Totônio Rodrigues
Tomásia
Rosa
Onde estão todos eles?

- Estão todos dormindo
Estão todos deitados
Dormindo
Profundamente.

Manuel Bandeira, **Libertinagem**.

51. (2006) No conhecido poema de Bandeira, aqui parcialmente reproduzido, a experiência do afastamento da festa de São João
- (a) é de ordem subjetiva e ocorre, primordialmente, no plano do sonho e da imaginação.
- (b) reflete, em chave saudosista, o tradicionalismo que caracterizou a geração modernista de 1922.
- (c) se dá predominantemente no plano do tempo e encaminha uma reflexão sobre a transitoriedade das coisas humanas.

- (d) assume feição abstrata, na medida em que evita assimilar os dados da percepção sensível, registrados pela visão e pela audição.
- (e) é figurada poeticamente segundo o princípio estético que prevê a separação nítida de prosa e poesia.
52. (2006) Costuma-se reconhecer que tanto **O primo Basílio** quanto as **Memórias póstumas de Brás Cubas** possuem notável conteúdo de crítica social. Apesar das muitas diferenças que separam os dois romances, em ambos essa crítica
- (a) fundamenta-se em minuciosa análise das relações sociais e tem como finalidade propor soluções construtivas para os problemas detectados.
- (b) dá a ver um conjunto de personagens que, com raras exceções, têm como traços mais marcantes a inconsistência, a pretensão, a veledade e outras características semelhantes, figurando assim uma sociedade globalmente medíocre.
- (c) assume a forma do romance de tese, próprio da estética realista, no qual se procura validar um conjunto de hipóteses científicas, verificando-se sua pertinência na vida social das personagens.
- (d) visa a demonstrar o prejuízo que o excesso de leituras romanescas pode trazer à formação moral dos indivíduos, em particular quando interfere na educação das mulheres, matrizes da família.
- (e) incide principalmente sobre as mazelas sociais derivadas da persistência da escravidão em um contexto já moderno, no qual ela não mais se justifica.

Texto para as questões 53 e 54

Já a tarde caía quando recolhemos muito lentamente.

E toda essa adorável paz do céu, realmente celestial, e dos campos, onde cada folhinha conservava uma quietação contemplativa, na luz docemente desmaiada, pousando sobre as coisas com um liso e leve afago, penetrava tão profundamente Jacinto, que eu o senti, no silêncio em que caíramos, suspirar de puro alívio.

Depois, muito gravemente:

- Tu dizes que na Natureza não há pensamento...

- Outra vez! Olha que maçada! Eu...

- Mas é por estar nela suprimido o pensamento que lhe está poupado o sofrimento! Nós, desgraçados, não podemos suprimir o pensamento, mas certamente o podemos disciplinar e impedir que ele se

estonteie e se esfalfe, como na fornalha das cidades, ideando gozos que nunca se realizam, aspirando a certezas que nunca se atingem!... E é o que aconselham estas colinas e estas árvores à nossa alma, que vela e se agita - que viva na paz de um sonho vago e nada apeteça, nada tema, contra nada se insurja, e deixe o mundo rolar, não esperando dele senão um rumor de harmonia, que a embale e lhe favoreça o dormir dentro da mão de Deus. Hem, não te parece, Zé Fernandes?

- Talvez. Mas é necessário então viver num mosteiro, com o temperamento de S. Bruno, ou ter cento e quarenta contos de renda e o desprazo de certos Jacintos...

Eça de Queirós, **A cidade e as serras**.

53. (2007) Considerado no contexto de **A cidade e as serras**, o diálogo presente no excerto revela que, nesse romance de Eça de Queirós, o elogio da natureza e da vida rural
- (a) indica que o escritor, em sua última fase, abandonara o Realismo em favor do Naturalismo, privilegiando, de certo modo, a observação da natureza em detrimento da crítica social.
- (b) demonstra que a consciência ecológica do escritor já era desenvolvida o bastante para fazê-lo rejeitar, ao longo de toda a narrativa, as intervenções humanas no meio natural.
- (c) guarda aspectos conservadores, predominantemente voltados para a estabilidade social, embora o escritor mantenha, em certa medida, a prática da ironia que o caracteriza.
- (d) serve de pretexto para que o escritor critique, sob certos aspectos, os efeitos da revolução industrial e da urbanização acelerada que se haviam processado em Portugal nos primeiros anos do Século XIX.
- (e) veicula uma sátira radical da religião, embora o escritor simule conservar, até certo ponto, a veneração pela Igreja Católica que manifestara em seus primeiros romances.
54. (2007) Entre os seguintes fragmentos do excerto, aquele que, tomado isoladamente, mais se coaduna com as idéias expressas na poesia de Alberto Caeiro é o que está em
- (a) "toda essa adorável paz do céu, realmente celestial".
- (b) "cada folhinha conservava uma quietação contemplativa".
- (c) "na Natureza não há pensamento".
- (d) "dormir dentro da mão de Deus".
- (e) "é necessário então viver num mosteiro".

55. (2007) Considere as seguintes afirmações:

- (I) Assim como Jacinto, de *A cidade e as serras*, passa por uma verdadeira "ressurreição" ao mergulhar na vida rural, também Augusto Matraga, de *Sagarana*, experimenta um "ressurgimento" associado a uma renovação da natureza.
- (II) Também Fabiano, de *Vidas secas*, em geral pouco falante, experimenta uma transformação ligada à natureza: a chegada das chuvas e a possibilidade de renovação da vida tornam-no loquaz e desejoso de expressar-se.
- (III) Já Iracema, quando debilitada pelo afastamento de Martim, não encontra na natureza forças capazes de salvar-lhe a vida.

Está correto o que se afirma em

- (a) I, somente.
(b) II, somente.
(c) I e III, somente.
(d) II e III, somente.
(e) I, II e III.

56. (2007) Um tipo social que recebe destaque tanto nas **Memórias de um sargento de milícias** quanto em **Dom Casmurro**, merecendo, inclusive, em cada uma dessas obras, um capítulo cujo título o designa, é o

- (a) traficante de escravos.
(b) malandro.
(c) capoeira.
(d) agregado.
(e) meirinho.

57. (2007)

Procura da Poesia

Não faça versos sobre acontecimentos.
Não há criação nem morte perante a poesia.
Diante dela, a vida é um sol estático,
não aquece nem ilumina.

(...)

Penetra surdamente no reino das palavras.
Lá estão os poemas que esperam ser escritos.
Estão paralisados, mas não há desespero,
há calma e frescura na superfície intata.
Ei-los sós e mudos, em estado de dicionário.

(...)

Carlos Drummond de Andrade, **A rosa do povo**.

No contexto do livro, a afirmação do caráter verbal da poesia e a incitação a que se penetre "no reino das palavras", presentes no excerto, indicam que, para o poeta de *A rosa do povo*,

- (a) praticar a *arte pela arte* é a maneira mais eficaz de se opor ao mundo capitalista.
(b) a procura da boa poesia começa pela estrita observância da variedade padrão da linguagem.
(c) fazer poesia é produzir enigmas verbais que não podem nem devem ser interpretados.
(d) as intenções sociais da poesia não a dispensam de ter em conta o que é próprio da linguagem.
(e) os poemas metalinguísticos, nos quais a poesia fala apenas de si mesma, são superiores aos poemas que falam também de outros assuntos.

Texto para a questão 58

Meses depois fui para o seminário de S. José. Se eu pudesse contar as lágrimas que chorei na véspera e na manhã, somaria mais que todas as vertidas desde Adão e Eva. Há nisto alguma exageração; mas é bom ser enfático, uma ou outra vez, para compensar este escrúpulo de exatidão que me aflige.

Machado de Assis, **Dom Casmurro**.

58. (2008) Considerando-se o contexto desse romance de Machado de Assis, pode-se afirmar corretamente que, no trecho acima, ao comentar o próprio estilo, o narrador procura

- (a) aprofundar a credibilidade do ponto de vista que lhe interessa sustentar.
(b) provocar o leitor, ao declará-lo incapaz de compreender o enredo do livro.
(c) demonstrar que os assuntos do livro são mero pretexto para a prática da metalinguagem.
(d) revelar sua adesão aos padrões literários estabelecidos pelo Romantismo.
(e) conferir autoridade à narrativa, ao basear sua argumentação na História Sagrada.

59. (2008) Considere as seguintes afirmações sobre três obras literárias:
Na primeira obra, o catolicismo apresenta-se como religião absoluta, cujos princípios sólidos mais sobressaem ao serem contrapostos às desordens humanas. Na segunda obra, diferentemente, ele aparece como religião relativamente maleável, cujos preceitos as personagens acabam por adaptar a seus desejos e conveniências, sem maiores problemas de consciência subsequentes. Já na terceira obra, o catolicismo comparece sobretudo como parte de um resgate mais amplo de valores familiares e tradicionais, empreendido pelo protagonista. Essas afirmações referem-se, respectivamente, às seguintes obras:
- (a) Dom Casmurro, Memórias de um sargento de milícias e Auto da barca do inferno.
 - (b) Memórias de um sargento de milícias, "A hora e vez de Augusto Matraga" e Vidas secas.
 - (c) "A hora e vez de Augusto Matraga", A cidade e as serras e Memórias de um sargento de milícias.
 - (d) Auto da barca do inferno, Dom Casmurro e A cidade e as serras.
 - (e) A cidade e as serras, Vidas secas e Auto da barca do inferno.
60. (2008) Considere as seguintes comparações entre Vidas secas e Iracema:
- (I) Em ambos os livros, a parte final remete o leitor ao início da narrativa: em Vidas secas, essa recondução marca o retorno de um fenômeno cíclico; em Iracema, a remissão ao início confirma que a história fora contada em retrospectiva, reportando-se a uma época anterior à da abertura da narrativa.
 - (II) A necessidade de migrar é tema de que Vidas secas trata abertamente. O mesmo tema, entretanto, já era sugerido no capítulo final de Iracema, quando, referindo-se à condição de migrante de Moacir, "o primeiro cearense", o narrador pergunta: "Havia aí a predestinação de uma raça?"
 - (III) As duas narrativas elaboram suas tramas ficcionais a partir de indivíduos reais, cuja existência histórica, e não meramente ficcional, é documentada: é o caso de Martim e Moacir, em Iracema, e de Fabiano e sinha Vitória, em Vidas secas.
- Está correto o que se afirma em
- (a) I, somente.
 - (b) II, somente.
 - (c) I e II, somente.
 - (d) II e III, somente.
 - (e) I, II e III.
61. (2008) Apesar de viver "um pouco ao sabor da sorte", "sem plano nem reflexão", "movido pelas circunstâncias", como uma espécie de "títere" (expressões de Antonio Candido), o protagonista das **Memórias de um sargento de milícias**, Leonardo (filho), como outras personagens do romance, mostra-se bastante determinado quando se trata de
- (a) estabelecer estratégias para ascender na escala social.
 - (b) assumir rixas, tirar desforras e executar vinganças.
 - (c) demonstrar afeto e gratidão por aqueles que o amparam e defendem.
 - (d) buscar um emprego que lhe garanta a subsistência imediata.
 - (e) conservar-se fiel ao primeiro amor de sua vida.
62. (2008) Entre os seguintes versos de Alberto Caieiro, aqueles que, tomados em si mesmos, expressam ponto de vista frontalmente contrário à orientação dominante que se manifesta em **A rosa do povo**, de Carlos Drummond de Andrade, são os que estão em:
- (a) "Se o que escrevo tem valor, não sou eu que o tenho: / O valor está ali, nos meus versos."
 - (b) "Eu nunca daria um passo para alterar / Aquilo a que chamam a injustiça do mundo."
 - (c) "Como o campo é grande e o amor pequeno! / Olho, e esqueço, como o mundo enterra e as árvores se despem."
 - (d) "Quando a erva crescer em cima da minha sepultura, / seja esse o sinal para me esquecerem de todo."
 - (e) "Quem me dera que eu fosse o pó da estrada / E que os pés dos pobres me estivessem pisando..."

Texto para as questões 63, 64 e 65

Vestindo água, só saído o cimo do pescoço, o burrinho tinha de se enqueixar para o alto, a salvar também de fora o focinho. Uma peitada. Outro tacar de patas. Chu-áa! Chu-áa... - ruge o rio, como chuva deitada no chão. Nenhuma pressa! Outra remada, vagarosa. No fim de tudo, tem o pátio, com os cochos, muito milho, na Fazenda; e depois o pasto: sombra, capim e sossego... Nenhuma pressa. Aqui, por ora, este poço doido, que barulha como

um fogo, e faz medo, não é novo: tudo é ruim e uma só coisa, no caminho: como os homens e os seus modos, costumeira confusão. É só fechar os olhos. Como sempre. Outra passada, na massa fria. E ir sem afã, à voga surda, amigo da água, bem com o escuro, filho do fundo, poupando forças para o fim. Nada mais, nada de graça; nem um arranco, fora de hora. Assim.

João Guimarães Rosa. O burrinho pedrês,
Sagarana.

63. (2009) Em trecho anterior do mesmo conto, o narrador chama Sete-de-Ouros de "sábio". No excerto, a sabedoria do burrinho consiste, principalmente, em

- (a) procurar adaptar-se o melhor possível às forças adversas, que busca utilizar em benefício próprio.
- (b) firmar um pacto com as potências mágicas que se ocultam atrás das aparências do mundo natural.
- (c) combater frontalmente e sem concessões as atitudes dos homens, que considera confusas e desarrazoadas.
- (d) ignorar os perigos que o mundo apresenta, agindo como se eles não existissem.
- (e) escolher a inação e a inércia, confiando inteiramente seu destino às forças do puro acaso e da sorte.

64. (2009) Quando nos apresentam os homens vistos pelos olhos dos animais, as narrativas em que aparecem o burrinho pedrês, do conto homônimo (**Sagarana**), os bois de "Conversa de bois" (**Sagarana**) e a cachorra Baleia (**Vidas secas**) produzem um efeito de

- (a) indignação, uma vez que cada um desses animais é morto por algozes humanos.
- (b) infantilização, uma vez que esses animais pensantes são exclusivos da literatura infantil.
- (c) maravilhamento, na medida em que os respectivos narradores servem-se de sortilégios e de magia para penetrar na mente desses animais.
- (d) estranhamento, pois nos fazem enxergar de um ponto de vista inusitado o que antes parecia natural e familiar.
- (e) inverossimilhança, pois não conseguem dar credibilidade a esses animais dotados de interioridade.

65. (2009) No conto de Guimarães Rosa a que pertence o excerto, a presença de um animal que é "sábio" e forma juízos supõe uma concepção da natureza

- (a) contrária àquela que é expressa pelo Anjo, no **Auto da barca do inferno**.
- (b) idêntica à de Jacinto (**A cidade e as serras**), que se converte ao culto da natureza virgem e intocável, quando escolhe a vida rural.
- (c) contrária à que, predominantemente, se afirma na poesia de Alberto Caieiro, heterônimo de Fernando Pessoa.
- (d) idêntica àquela que é exposta pelo autor de **Vidas secas**, no prefácio que escreveu para o livro.
- (e) semelhante à que se manifesta, sobretudo, nos capítulos finais de **Memórias de um sargento de milícias**.

Texto para a questão 66

Assim se explicam a minha estada debaixo da janela de Capitu e a passagem de um cavaleiro, um dandy, como então dizíamos. Montava um belo cavalo alazão, firme na sela, rédea na mão esquerda, a direita à cinta, botas de verniz, figura e postura esbeltas: a cara não me era desconhecida. Tinham passado outros, e ainda outros viriam atrás; todos iam às suas namoradas. Era uso do tempo namorar a cavalo. Relê Alencar: "Porque um estudante (dizia um dos seus personagens de teatro de 1858) não pode estar sem estas duas coisas, um cavalo e uma namorada". Relê Álvares de Azevedo. Uma das suas poesias é destinada a contar (1851) que residia em Catumbi, e, para ver a namorada no Catete, alugara um cavalo por três mil-réis...

Machado de Assis. **Dom Casmurro.**

66. (2009) Considerando-se o excerto no contexto da obra a que pertence, pode-se afirmar corretamente que as referências a Alencar e a Álvares de Azevedo revelam que, em **Dom Casmurro**, Machado de Assis
- (a) expôs, embora tardiamente, o seu nacionalismo literário e sua consequente recusa de leituras estrangeiras.
 - (b) negou ao Romantismo a capacidade de referir-se à realidade, tendo em vista o hábito romântico de tudo idealizar e exagerar.
 - (c) recusou, finalmente, o Realismo, para começar o retorno às tradições românticas que irá caracterizar seus últimos romances.
 - (d) declarou que o passado não tem relação com o presente e que, portanto, os escritores de outras épocas não mais merecem ser lidos.



(e) utilizou, como em outras obras suas, elementos do legado de seus predecessores locais,

alterando-lhes, entretanto, contexto e significado.



5.1 Gabarito - Literatura - 2000 a 2009

(1) E	(12) A	(23) E	(34) C	(45) A	(56) D
(2) A	(13) E	(24) A	(35) B	(46) E	(57) D
(3) B	(14) C	(25) C	(36) A	(47) C	(58) A
(4) A	(15) E	(26) E	(37) A	(48) E	(59) D
(5) E	(16) B	(27) B	(38) C	(49) A	(60) C
(6) A	(17) D	(28) D	(39) E	(50) E	(61) B
(7) E	(18) D	(29) C	(40) C	(51) C	(62) B
(8) C	(19) C	(30) A	(41) C	(52) B	(63) A
(9) B	(20) C	(31) E	(42) A	(53) C	(64) D
(10) A	(21) C	(32) D	(43) A	(54) C	(65) C
(11) B	(22) B	(33) B	(44) E	(55) E	(66) E

6 Literatura - 2010 a 2018

Texto para a questão 1

[José Dias] Teve um pequeno legado no testamento, uma apólice e quatro palavras de louvor. Copiou as palavras, encaixilhou-as e pendurou-as no quarto, por cima da cama. "Esta é a melhor apólice", dizia ele muitas vezes. Com o tempo, adquiriu certa autoridade na família, certa audiência, ao menos; não abusava, e sabia opinar obedecendo. Ao cabo, era amigo, não direi ótimo, mas nem tudo é ótimo neste mundo. E não lhe supunhas alma subalterna; as cortesias que fizesse vinham antes do cálculo que da índole. A roupa durava-lhe muito; ao contrário das pessoas que enxovalham depressa o vestido novo, ele trazia o velho escovado e liso, cerzido, abotoado, de uma elegância pobre e modesta. Era lido, posto que de atropelo, o bastante para divertir ao serão e à sobremesa, ou explicar algum fenômeno, falar dos efeitos do calor e do frio, dos polos e de Robespierre. Contava muitas vezes uma viagem que fizera à Europa, e confessava que a não sermos nós, já teria voltado para lá; tinha amigos em Lisboa, mas a nossa família, dizia ele, abaixo de Deus, era tudo.

Machado de Assis, **Dom Casmurro**.

1. (2010) No texto, o narrador diz que José Dias "sabia opinar obedecendo". Considerada no contexto da obra, essa característica da personagem é motivada, principalmente, pelo fato de José Dias ser
 - (a) um homem culto, porém autodidata.
 - (b) homeopata, mas usuário da alopatia.
 - (c) pessoa de opiniões inflexíveis, mas também um homem naturalmente cortês.
 - (d) um homem livre, mas dependente da família proprietária.
 - (e) católico praticante e devoto, porém perverso.
2. (2010) Por caminhos diferentes, tanto Pedro Bala (de **Capitães da areia**, de Jorge Amado) quanto o operário (do conhecido poema "O operário em construção", de Vinícius de Moraes) passam por processos de "aquisição de uma consciência política" (expressão do próprio Vinícius). O contexto dessas obras indica também que essa conscientização leva ambos à
 - (a) exclusão social, que arruína precocemente suas promissoras carreiras profissionais.
 - (b) sublimação intelectual do ímpeto revolucionário, motivada pelo contato com estudantes.
 - (c) condição de meros títeres, manipulados por partidos políticos oportunistas.
 - (d) luta, em associação com seus pares de grupo ou de classe social, contra a ordem vigente.
 - (e) cumplicidade com criminosos comuns, com o fito de atacar as legítimas forças de repressão.
3. (2010) - (...) É uma bela moça, mas uma bruta... Não há ali mais poesia, nem mais sensibilidade, nem mesmo mais beleza do que numa linda vaca turina. Merece o seu nome de Ana Vaqueira. Trabalha bem, digere bem, concebe bem. Para isso a fez a Natureza, assim sã e rija; e ela cumpre. O marido todavia não parece contente, porque a desanca. Também é um belo bruto... Não, meu filho, a serra é maravilhosa e muito grato lhe estou... Mas temos aqui a fêmea em toda a sua animalidade e o macho em todo o seu egoísmo...

Eça de Queirós, **A cidade e as serras**.

Neste excerto, o julgamento expresso por Jacinto, ao falar de um casal que o serve em sua quinta de Tormes, manifesta um ponto de vista semelhante ao do
 - (a) Major Vidigal, de **Memórias de um sargento de milícias**, ao se referir aos desocupados cariocas do tempo do rei.
 - (b) narrador de **Iracema**, em particular quando se refere a tribos inimigas e a franceses.
 - (c) narrador de **Vidas secas**, principalmente quando ele enfoca as relações sexuais de Fabiano e Sinhá Vitória.
 - (d) Anjo, do **Auto da barca do inferno**, ao condenar os pecados da carne cometidos pelos humanos.
 - (e) narrador de **O cortiço**, especialmente quando se refere a personagens de classes sociais inferiores.
4. (2010) Inimigo da riqueza e do trabalho, amigo das festas, da música, do corpo das cabrochas. Malandro. Armador de fuzuês. Jogador de capoeira navalhista, ladrão quando se fizer preciso.

Jorge Amado, **Capitães da areia**.

O tipo cujo perfil se traça, em linhas gerais, neste excerto, aparece em romances como **Memórias de um sargento de milícias**, **O cortiço**, além de **Capitães da areia**. Essa recorrência indica que
 - (a) certas estruturas e tipos sociais originários do período colonial foram repostos durante muito tempo, nos processos de transformação da sociedade brasileira.

- (b) o atraso relativo das regiões Norte e Nordeste atraiu para elas a migração de tipos sociais que o progresso expulsara do Sul/Sudeste.
- (c) os romancistas brasileiros, embora críticos da sociedade, militaram com patriotismo na defesa de nossas personagens mais típicas e mais queridas.
- (d) certas ideologias exóticas influenciaram negativamente os romancistas brasileiros, fazendo-os representar, em suas obras, tipos sociais já extintos quando elas foram escritas.
- (e) a criança abandonada, personagem central dos três livros, torna-se, na idade adulta, um elemento nocivo à sociedade dos homens de bem.
5. (2010) Mais do que a mais garrida a minha pátria tem
Uma quentura, um querer bem, um bem
Um "libertas quae sera tamen"
Que um dia traduzi num exame escrito:
"Liberta que serás também"
E repito!

Vinícius de Moraes, "Pátria minha", **Antologia poética**.

A frase em latim traduz-se, comumente, por "liberdade ainda que tardia".

Considere as seguintes afirmações:

- (I) O diálogo com outros textos (intertextualidade) é procedimento central na composição da estrofe.
- (II) O espírito de contradição manifesto nos versos indica que o amor da pátria que eles expressam não é oficial nem conformista.
- (III) O apego do eu lírico à tradição da poesia clássica patenteia-se na escolha de um verso latino como núcleo da estrofe.

Está correto o que se afirma em

- (a) I, apenas.
- (b) II, apenas.
- (c) I e II, apenas.
- (d) II e III, apenas.
- (e) I, II e III.

Texto para as questões 6 e 7

Todo o barbeiro é tagarela, e principalmente quando tem pouco que fazer; começou portanto a puxar conversa com o freguês. Foi a sua salvação e

fortuna. O navio a que o marujo pertencia viajava para a Costa e ocupava-se no comércio de negros; era um dos combóis que traziam fornecimento para o Valongo, e estava pronto a largar.

- Ó mestre! disse o marujo no meio da conversa, você também não é sangrador?

- Sim, eu também sangro...

- Pois olhe, você estava bem bom, se quisesse ir conosco... para curar a gente a bordo; morre-se ali que é uma praga.

- Homem, eu da cirurgia não entendo **muito**...

- Pois já não disse que sabe também sangrar?

- Sim...

- Então já sabe até demais.

No dia seguinte saiu o nosso homem pela barra fora: a fortuna tinha-lhe dado o meio, cumpria sabê-lo aproveitar; de oficial de barbeiro dava um salto mortal a **médico** de navio negreiro; restava unicamente saber fazer render a nova posição. Isso ficou por sua conta.

Por um feliz acaso logo nos primeiros dias de viagem adoeceram dois marinheiros; chamou-se o médico; ele fez tudo o que sabia... sangrou os doentes, e em pouco tempo estavam bons, perfeitos. Com isto ganhou imensa reputação, e começou a ser estimado.

Chegaram com feliz viagem ao seu destino; tomaram o seu carregamento de gente, e voltaram para o Rio. Graças à lanceta do nosso homem, nem um só negro morreu, o que muito contribuiu para aumentar-lhe a sólida reputação de entendedor do riscado.

Manuel Antônio de Almeida, **Memórias de um sargento de milícias**.

6. (2011) Neste trecho, em que narra uma cena relacionada ao tráfico de escravos, o narrador não emite julgamento direto sobre essa prática. Ao adotar tal procedimento, o narrador
- (a) revela-se cúmplice do mercado negreiro, pois fica subentendido que o considera justo e irrepreensível.
- (b) antecipa os métodos do Realismo-Naturalismo, o qual, em nome da objetividade, também abolirá os julgamentos de ordem social, política e moral.
- (c) prefigura a poesia abolicionista de Castro Alves, que irá empregá-lo para melhor expor à execração pública o horror da escravidão.
- (d) contribui para que se constitua a atmosfera de ausência de culpa que caracteriza a obra.
- (e) mostra-se consciente de que a responsabilidade pelo comércio de escravos cabia, principal-

mente, aos próprios africanos, e não ao tráfico negreiro.

7. (2011) Assim como faz o barbeiro, nesse trecho de **Memórias de um sargento de milícias**, também a personagem José Dias, de **Dom Casmurro**, irá se passar por médico (homeopata), para obter meios de subsistência. Essa correlação indica que
- (I) estamos diante de uma linha de continuidade temática entre o romance de Manuel Antônio de Almeida e o romance machadiano da maturidade.
- (II) agregados transgrediam com bastante desenvoltura princípios morais básicos, razão pela qual eram proibidos de conviver com a rígida família patriarcal do Império.
- (III) os protagonistas desses romances decalcam um mesmo modelo literário: o do pícaro, herói do romance picaresco espanhol.

Está correto o que se afirma em

- (a) I, apenas.
(b) II, apenas.
(c) I e II, apenas.
(d) II e III, apenas.
(e) I, II e III.
8. (2011) Considere a seguinte afirmação: *Ambas as obras criticam a sociedade, mas apenas a segunda milita pela subversão da hierarquia social nela representada.* Observada a sequência, essa afirmação aplica-se a
- (a) **A cidade e as serras** e **Capitães da areia**.
(b) **Vidas secas** e **Memórias de um sargento de milícias**.
(c) **O cortiço** e **Iracema**.
(d) **Auto da barca do inferno** e **A cidade e as serras**.
(e) **Iracema** e **Memórias de um sargento de milícias**.
9. (2011) Leia o trecho de Machado de Assis sobre **Iracema**, de José de Alencar, e responda ao que se pede. "..... é o ciúme e o valor marcial; a austera sabedoria dos anos; Iracema o amor. No meio destes caracteres distintos e animados, a amizade é simbolizada em Entre os indígenas a amizade não era este sentimento, que à força de civilizar-se, tornou-se raro; nascia da simpatia das almas, avivava-se com o perigo, repousava na abnegação recíproca; e são os dois amigos da lenda, votados à mútua estima e ao mútuo sacrifício".

Machado de Assis, **Crítica**.

No trecho, os espaços pontilhados serão corretamente preenchidos, respectivamente, pelos nomes das seguintes personagens de **Iracema**:

- (a) Caubi, Jacaúna, Araquém, Araquém, Martim.
(b) Martim, Irapuã, Poti, Caubi, Martim.
(c) Poti, Araquém, Japi, Martim, Japi.
(d) Araquém, Caubi, Irapuã, Irapuã, Poti.
(e) Irapuã, Araquém, Poti, Poti, Martim.

Texto para as questões 10 e 11

A ROSA DE HIROXIMA

Pensem nas crianças
Mudas telepáticas
Pensem nas meninas
Cegas inexatas
Pensem nas mulheres
Rotas alteradas
Pensem nas feridas
Como rosas cálidas
Mas oh não se esqueçam
Da rosa da rosa
Da rosa de Hiroxima
A rosa hereditária
A rosa radioativa
Estúpida e inválida
A rosa com cirrose
A antirrosa atômica
Sem cor sem perfume
Sem rosa sem nada.

Vinicius de Moraes, **Antologia poética**.

10. (2011) Neste poema,
- (a) a referência a um acontecimento histórico, ao privilegiar a objetividade, suprime o teor lírico do texto.
(b) parte da força poética do texto provém da associação da imagem tradicionalmente positiva da rosa a atributos negativos, ligados à ideia de destruição.
(c) o caráter politicamente engajado do texto é responsável pela sua despreocupação com a elaboração formal.
(d) o paralelismo da construção sintática revela que o texto foi escrito originalmente como letra de canção popular.

- (e) o predomínio das metonímias sobre as metáforas responde, em boa medida, pelo caráter concreto do texto e pelo vigor de sua mensagem.
11. (2011) Os aspectos expressivo e exortativo do texto conjugam-se, de modo mais evidente, no verso:
- (a) "Mudas telepáticas". (V. 2)
 - (b) "Mas oh não se esqueçam". (V. 9)
 - (c) "Da rosa da rosa". (V. 10)
 - (d) "Estúpida e inválida". (V. 14)
 - (e) "A antirrosa atômica". (V. 16)
12. (2012) Como não expressa visão populista nem elitista, o livro não idealiza os pobres e rústicos, isto é, não oculta o dano causado pela privação, nem os representa como seres desprovidos de vida interior; ao contrário, o livro trata de realçar, na mente dos desvalidos, o enlace estreito e dramático de limitação intelectual e esforço reflexivo. Essas afirmações aplicam-se ao modo como, na obra
- (a) **Auto da barca do inferno**, são representados os judeus, marginalizados na sociedade portuguesa medieval.
 - (b) **Memórias de um sargento de milícias**, são figuradas Luisinha e as crias da casa de D. Maria.
 - (c) **Dom Casmurro**, são figurados os escravos da casa de D. Glória.
 - (d) **A cidade e as serras**, são representados os camponeses de Tormes.
 - (e) **Vidas secas**, são figurados Fabiano, sinha Vitória e os meninos.

Texto para as questões 13, 14, 15, 16 e 17

Passaram-se semanas. Jerônimo tomava agora, todas as manhãs, uma xícara de café bem grosso, à moda da Ritinha, e tragava dois dedos de parati "pra cortar a friagem".

Uma transformação, lenta e profunda, operava-se nele, dia a dia, hora a hora, reviscerando-lhe o corpo e alando-lhe os sentidos, num trabalho misterioso e surdo de crisálida. A sua energia afrouxava lentamente: fazia-se contemplativo e amoroso. A vida americana e a natureza do Brasil patenteavam-lhe agora aspectos imprevistos e sedutores que o comoviam; esquecia-se dos seus primitivos sonhos de ambição, para idealizar felicidades novas, picantes e violentas; tornava-se liberal, imprevidente e franco, mais amigo de gastar que de

guardar; adquiria desejos, tomava gosto aos prazeres, e volvia-se preguiçoso, resignando-se, vencido, às imposições do sol e do calor, muralha de fogo com que o espírito eternamente revoltado do último tamoio entrincheirou a pátria contra os conquistadores aventureiros.

E assim, pouco a pouco, se foram reformando todos os seus hábitos singelos de aldeão português: e Jerônimo abraçara-se. (...)

E o curioso é que, quanto mais ia ele caindo nos usos e costumes brasileiros, tanto mais os seus sentidos se apuravam, posto que em detrimento das suas forças físicas. Tinha agora o ouvido menos grosseiro para a música, compreendia até as intenções poéticas dos sertanejos, quando cantam à viola os seus amores infelizes; seus olhos, dantes só voltados para a esperança de tornar à terra, agora, como os olhos de um marujo, que se habituaram aos largos horizontes de céu e mar, já se não revoltavam com a turbulenta luz, selvagem e alegre, do Brasil, e abriam-se amplamente defronte dos maravilhosos despenhadeiros ilimitados e das cordilheiras sem fim, donde, de espaço a espaço, surge um monarca gigante, que o sol veste de ouro e ricas pedrarias refulgentes e as nuvens toucam de alvos turbantes de cambraia, num luxo oriental de arábicos príncipes voluptuosos.

Aluíso Azevedo, **O cortiço**.

13. (2012) Considere as seguintes afirmações, relacionadas ao excerto de **O cortiço**:
- (I) O sol, que, no texto, se associa fortemente ao Brasil e à "pátria", é um símbolo que percorre o livro como manifestação da natureza tropical e, em certas passagens, representa o princípio masculino da fertilidade.
 - (II) A visão do Brasil expressa no texto manifesta a ambiguidade do intelectual brasileiro da época em que a obra foi escrita, o qual acatava e rejeitava a sua terra, dela se orgulhava e envergonhava, nela confiava e dela desesperava.
 - (III) O narrador aceita a visão exótico-romântica de uma natureza (brasileira) poderosa e transformadora, reinterpretando-a em chave naturalista.

Aplica-se ao texto o que se afirma em

- (a) I, somente.
- (b) II, somente.
- (c) II e III, somente.
- (d) I e III, somente.
- (e) I, II e III.

14. (2012) O papel desempenhado pela personagem Ritinha (Rita Baiana), no processo sintetizado no excerto, assemelha-se ao da personagem
- (a) **Iracema**, do romance homônimo, na medida em que ambas simbolizam o poder de sedução da terra brasileira sobre o português que aqui chegava.
 - (b) Vidinha, de **Memórias de um sargento de milícias**, tendo em vista que uma e outra constituem fatores decisivos para o desencaaminhamento de personagens masculinas anteriormente bem orientadas.
 - (c) Capitu, de **Dom Casmurro**, a qual, como a baiana, também lança mão de seus encantos femininos para obter ascensão social.
 - (d) Joaninha, de **A cidade e as serras**, pois ambas representam a simplicidade natural das mulheres do campo, em oposição à beleza artificial das mulheres das cidades.
 - (e) Dora, de **Capitães da areia**, na medida em que ambas são responsáveis diretas pela regeneração física e moral de seus respectivos pares amorosos.
15. (2012) Os costumes a que adere Jerônimo em sua transformação, relatada no excerto, têm como referência, na época em que se passa a história, o modo de vida
- (a) dos degredados portugueses enviados ao Brasil sem a companhia da família.
 - (b) dos escravos domésticos, na região urbana da Corte, durante o Segundo Reinado.
 - (c) das elites produtoras de café, nas fazendas opulentas do Vale do Paraíba fluminense.
 - (d) dos homens livres pobres, particularmente em região urbana.
 - (e) dos negros quilombolas, homiziados em refúgios isolados e anárquicos.
16. (2012) Um traço cultural que decorre da presença da escravidão no Brasil e que está implícito nas considerações do narrador do excerto é a
- (a) desvalorização da mestiçagem brasileira.
 - (b) promoção da música a emblema da nação.
 - (c) desconsideração do valor do trabalho.
 - (d) crença na existência de um caráter nacional brasileiro.
 - (e) tendência ao antilusitanismo.
17. (2012) No trecho "dos maravilhosos despenhadeiros ilimitados e das cordilheiras sem fim, donde, de espaço a espaço, surge um monarca gigante" (L. 35 a 37), o narrador tem como referência
- (a) a Chapada dos Guimarães, anteriormente coberta por vegetação de cerrado.
 - (b) os desfiladeiros de Itaimbezinho, outrora revestidos por exuberante floresta tropical.
 - (c) a Chapada Diamantina, então coberta por florestas de araucárias.
 - (d) a Serra do Mar, que abrigava originalmente a densa Mata Atlântica.
 - (e) a Serra da Borborema, caracterizada, no passado, pela vegetação da caatinga.
18. (2012) Tendo em vista o conjunto de proposições e teses desenvolvidas em **A cidade e as serras**, pode-se concluir que é coerente com o universo ideológico dessa obra o que se afirma em:
- (a) A personalidade não se desenvolve pelo simples acúmulo passivo de experiências, desprovido de empenho radical, nem, tampouco, pela simples erudição ou pelo privilégio.
 - (b) A atividade intelectual do indivíduo deve-se fazer acompanhar do labor produtivo do trabalho braçal, sem o que o homem se infelicitava e desviriliza.
 - (c) O sentimento de integração a um mundo finalmente reconciliado, o sujeito só o alcança pela experiência avassaladora da paixão amorosa, vivida como devoção irracional e absoluta a outro ser.
 - (d) Elites nacionais autênticas são as que adotam, como norma de sua própria conduta, os usos e costumes do país profundo, constituído pelas populações pobres e distantes dos centros urbanos.
 - (e) Uma vida adulta equilibrada e bem desenvolvida em todos os seus aspectos implica a participação do indivíduo na política partidária, nas atividades religiosas e na produção literária.

Texto para a questão 19

RECEITA DE MULHER

As muito feias que me perdoem
Mas beleza é fundamental. É preciso
Que haja qualquer coisa de flor em tudo isso
Qualquer coisa de dança, qualquer coisa de
[haute couture*]

Em tudo isso (ou então
Que a mulher se socialize elegantemente em azul,
[como na República Popular Chinesa].
Não há meio-termo possível. É preciso Que tudo
isso seja belo. É preciso que súbito
Tenha-se a impressão de ver uma garça apenas
[pousada e que um rosto
Adquira de vez em quando essa cor só encontrável
no
[terceiro minuto da aurora.

Vinicius de Moraes.

* "haute couture": alta costura.

19. (2012) No conhecido poema "Receita de mulher", de que se reproduziu aqui um excerto, o tratamento dado ao tema da beleza feminina manifesta a
- (a) oscilação do poeta entre a angústia do pecador (tendo em vista sua educação jesuítica) e o impudor do libertino.
 - (b) conjugação, na sensibilidade do poeta, de interesse sexual e encantamento estético, expresso de modo provocador e bem-humorado.
 - (c) idealização da mulher a que chega o poeta quando, na velhice, arrefeceu-lhe o desejo sexual.
 - (d) crítica ao caráter frívolo que, por associar-se ao consumo, o amor assume na contemporaneidade.
 - (e) síntese, pela via do erotismo, das tendências europeizantes e nacionalistas do autor.

Texto para as questões 20 e 21

V - O samba

À direita do terreiro, adumbra-se* na escuridão um maciço de construções, ao qual às vezes recortam no azul do céu os trêmulos vislumbres das labaredas fustigadas pelo vento.
(...)
É aí o quartel ou quadrado da fazenda, nome que tem um grande pátio cercado de senzalas, às vezes com alpendrada corrida em volta, e um ou dois portões que o fecham como praça d'armas.
Em torno da fogueira, já esbarrondada pelo chão, que ela cobriu de brasido e cinzas, dançam os pretos o samba com um frenesi que toca o delírio. Não se descreve, nem se imagina esse desesperado saracoteio, no qual todo o corpo estremece, pula, sacode, gira, bamboleia, como se quisesse desgrudar-se.
Tudo salta, até os criulinhos que esperneiam no

cangote das mães, ou se enrolam nas saias das raparigas. Os mais taludos viram cambalhotas e pincham à guisa de sapos em roda do terreiro. Um desses corta jaca no espinhaço do pai, negro fornido, que não sabendo mais como desconjuntar-se, atirou consigo ao chão e começou de rabanar como um peixe em seco. (...)

José de Alencar, **Til**.

(*) "adumbra-se" = delinea-se, esboça-se.

20. (2013) Ao comentar o romance **Til** e, inclusive, a cena do capítulo "O samba", aqui reproduzida, Araripe Jr., parente do autor e estudioso de sua obra, observou que esses são provavelmente os textos em que Alencar "mais se quis aproximar dos padrões" de uma "nova escola", deixando, neles, reconhecível que, "no momento" em que os escreveu, "algum livro novo o impressionara, levando-o pelo estímulo até superfetar a sua verdadeira índole de poeta". Alguns dos procedimentos estilísticos empregados na cena aqui reproduzida indicam que a "nova escola" e o "livro novo" a que se refere o crítico pertencem ao que historiadores da literatura chamaram de
- () "superfetar" = exceder, sobrecarregar, acrescentar-se (uma coisa a outra).
 - (a) Romantismo-Condoreirismo.
 - (b) Idealismo-Determinismo.
 - (c) Realismo-Naturalismo.
 - (d) Parnasianismo-Simbolismo.
 - (e) Positivismo-Impressionismo.
21. (2013) Considerada no contexto histórico a que se refere **Til**, a desenvoltura com que os escravos, no excerto, se entregam à dança é representativa do fato de que
- (a) a escravidão, no Brasil, tal como ocorreu na América do Norte e no Caribe, foi branda.
 - (b) se permitia a eles, em ocasiões especiais e sob vigilância, que festejassem a seu modo.
 - (c) teve início nas fazendas de café o sincretismo das culturas negra e branca, que viria a caracterizar a cultura brasileira.
 - (d) o narrador entendia que o samba de terreiro era, em realidade, um ritual umbandista disfarçado.
 - (e) foi a generalização, entre eles, do alcoolismo, que tornou antieconômica a exploração da mão de obra escrava nos cafezais paulistas.
22. (2013) Em **Viagens na minha terra**, assim como em

- (a) **Memórias de um sargento de milícias**, embora se situem ambas as obras no Romantismo, criticam-se os exageros de idealização e de expressão que ocorrem nessa escola literária.
- (b) **A cidade e as serras**, a preferência pelo mundo rural português tem como contraponto a ojeriza às cidades estrangeiras - Paris, em particular.
- (c) **Vidas secas**, os discursos dos intelectuais são vistos como "a prosa vil da nação", ao passo que a sabedoria popular "procede da síntese transcendente, superior e inspirada pelas grandes e eternas verdades".
- (d) **Memórias póstumas de Brás Cubas**, a prática da divagação e da digressão exerce sobre todos os valores uma ação dissolvente, que culmina, em ambos os casos, em puro niilismo.
- (e) **O cortiço**, manifestam-se, respectivamente, tanto o antibrasileirismo do escritor português quanto o antilusitanismo do seu par brasileiro, assim como o absolutismo do primeiro e o liberalismo do segundo.
23. (2013) Leia o seguinte texto.
O autor pensava estar romaneando o processo brasileiro de guerra e acomodação entre as raças, em conformidade com as teorias racistas da época, mas, na verdade, conduzido pela lógica da ficção, mostrava um processo primitivo de exploração econômica e formação de classes, que se encaminhava de um modo passavelmente bárbaro e desmentia as ilusões do romancista.
- Roberto Schwarz. Adaptado.
- Esse texto crítico refere-se ao livro
- (a) **Memórias de um sargento de milícias**.
(b) **Til**.
(c) **O cortiço**.
(d) **Vidas secas**.
(e) **Capitães da areia**.
24. (2013) Em quatro das alternativas abaixo, registram-se alguns dos aspectos que, para bem caracterizar o gênero e o estilo das **Memórias póstumas de Brás Cubas**, o crítico J. G. Merquior pôs em relevo nessa obra de Machado de Assis. A única alternativa que, invertendo, aliás, o juízo do mencionado crítico, aponta uma característica que **NÃO** se aplica à obra em questão é:
- (a) ausência praticamente completa de distanciamento enobecedor na figuração das personagens e de suas ações.
(b) mistura do sério e do cômico, de que resulta uma abordagem humorística das questões mais cruciais.
(c) ampla liberdade do texto em relação aos ditames da verossimilhança.
(d) emprego de uma linguagem que evita chamar a atenção sobre si mesma, apagando-se, assim, por detrás da coisa narrada.
(e) uso frequente de gêneros intercalados - por exemplo, cartas ou bilhetes, historietas etc. - embutidos no conjunto da obra global.
25. (2013) Os momentos históricos em que se desenvolvem os enredos de *Viagens na minha terra*, **Memórias de um sargento de milícias** e **Memórias póstumas de Brás Cubas** (quanto a este último, em particular no que se refere à primeira juventude do narrador) são, todos, determinados de modo decisivo por um antecedente histórico comum - menos ou mais imediato, conforme o caso. Trata-se da
- (a) invasão de Portugal pelas tropas napoleônicas.
(b) turbulência social causada pelas revoltas regionais.
(c) volta de D. Pedro I a Portugal.
(d) proclamação da independência do Brasil.
(e) antecipação da maioridade de D. Pedro II.

Texto para as questões 26 e 27

Morro da Babilônia

À noite, do morro
descem vozes que criam o terror
(terror urbano, cinquenta por cento de cinema,
e o resto que veio de Luanda ou se perdeu na língua
geral).

Quando houve revolução, os soldados se espalharam no morro,
o quartel pegou fogo, eles não voltaram.
Alguns, chumbados, morreram.
O morro ficou mais encantado.

Mas as vozes do morro
não são propriamente lúgubres.
Há mesmo um cavaquinho bem afinado
que domina os ruídos da pedra e da folhagem
e desce até nós, modesto e recreativo,
como uma gentileza do morro.

Carlos Drummond de Andrade, **Sentimento do mundo**.

26. (2013) Leia as seguintes afirmações sobre o poema de Drummond, considerado no contexto do livro a que pertence:

- (I) No conjunto formado pelos poemas do livro, a referência ao Morro da Babilônia - feita no título do texto - mais as menções ao Leblon e ao Méier, a Copacabana, a São Cristóvão e ao Mangue, - presentes em outros poemas -, sendo todas, ao mesmo tempo, espaciais e de classe, constituem uma espécie de discreta topografia social do Rio de Janeiro.
- (II) Nesse poema, assim como ocorre em outros textos do livro, a atenção à vida presente abre-se também para a dimensão do passado, seja ele dado no registro da história ou da memória.
- (III) A menção ao "cavaquinho bem afinado", ao cabo do poema, revela ter sido nesse livro que o poeta finalmente assumiu as canções da música popular brasileira como o modelo definitivo de sua lírica, superando, assim, seu antigo vínculo com a poesia de matriz culta ou erudita.

Está correto o que se afirma em

- (a) I, apenas.
- (b) I e II, apenas.
- (c) III, apenas.
- (d) II e III, apenas.
- (e) I, II e III.
27. (2013) Guardadas as diferenças que separam as obras a seguir comparadas, as tensões a que remete o poema de Drummond derivam de um conflito de
- (a) caráter racial, assim como sucede em **A cidade e as serras**.
- (b) grupos linguísticos rivais, de modo semelhante ao que ocorre em **Viagens na minha terra**.
- (c) fundo religioso e doutrinário, como o que agita o enredo de **Til**.
- (d) classes sociais, tal como ocorre em **Capitães da areia**.
- (e) interesses entre agregados e proprietários, como o que tensiona as **Memórias póstumas de Brás Cubas**.

Texto para a questão 28

Ora nesse tempo Jacinto concebera uma ideia... Este Príncipe concebera a ideia de que o "homem só é superiormente feliz quando é superiormente civilizado". E por homem civilizado o meu camarada entendia aquele que, robustecendo a sua força pensante com todas as noções adquiridas desde Aristóteles, e multiplicando a potência corporal dos seus órgãos com todos os mecanismos inventados desde Teramenes, criador da roda, se torna um magnífico Adão, quase onipotente, quase onisciente, e apto portanto a recolher [...] todos os gozos e todos os proveitos que resultam de Saber e Poder... [...] Este conceito de Jacinto impressionara os nossos camaradas de cenáculo, que [...] estavam largamente preparados a acreditar que a felicidade dos indivíduos, como a das nações, se realiza pelo ilimitado desenvolvimento da Mecânica e da erudição. Um desses moços [...] reduzira a teoria de Jacinto [...] a uma forma algébrica:

$$\left. \begin{array}{l} \text{Suma ciência} \\ \times \\ \text{Suma potência} \end{array} \right\} = \text{Suma felicidade}$$

E durante dias, do Odeon à Sorbona, foi louvada pela mocidade positiva a Equação Metafísica de Jacinto.

Eça de Queirós, **A cidade e as serras**.

28. (2014) O texto refere-se ao período em que, morando em Paris, Jacinto entusiasmava-se com o progresso técnico e a acumulação de conhecimentos. Considerada do ponto de vista dos valores que se consolidam na parte final do romance, a "forma algébrica" mencionada no texto passaria a ter, como termo conclusivo, não mais "Suma felicidade", mas, sim, Suma
- (a) simplicidade.
- (b) abnegação.
- (c) virtude.
- (d) despreocupação.
- (e) servidão.
29. (2014) Examine as seguintes afirmações relativas a romances brasileiros do século XIX, nos quais a escravidão aparece e, em seguida, considere os três livros citados:
- (I) Tão impregnado mostrava-se o Brasil de escravidão, que até o movimento abolicionista pode servir, a ela, de fachada.
- (II) De modo flagrante, mas sem julgamentos morais ou ênfase especial, indica-se a prática rotineira do tráfico transoceânico de escravos.

(III) De modo tão pontual quanto incisivo, expõe-se o vínculo entre escravidão e prática de tortura física.

A. Memórias de um sargento de milícias;

B. Memórias póstumas de Brás Cubas;

C. O cortiço.

As afirmações I, II e III relacionam-se, de modo mais direto, respectivamente, com os romances

(a) B, A, C.

(b) C, A, B.

(c) A, C, B.

(d) B, C, A.

(e) A, B, C

Texto para as questões 30 e 31

CAPÍTULO LXXI

O senão do livro

Começo a arrepende-me deste livro. Não que ele me cause; eu não tenho que fazer; e, realmente, expedir alguns magros capítulos para esse mundo sempre é tarefa que distrai um pouco da eternidade. Mas o livro é enfadonho, cheira a sepulcro, traz certa contração cadavérica; vício grave, e aliás ínfimo, porque o maior defeito deste livro és tu, leitor. Tu tens pressa de envelhecer, e o livro anda devagar; tu amas a narração direita e nutrida, o estilo regular e fluente, e este livro e o meu estilo são como os ébrios, guinam à direita e à esquerda, andam e param, resmungam, urram, gargalham, ameaçam o céu, escorregam e caem...

E caem! - Folhas misérrimas do meu cipreste, heis de cair, como quaisquer outras belas e vistosas; e, se eu tivesse olhos, dar-vos-ia uma lágrima de saudade. Esta é a grande vantagem da morte, que, se não deixa boca para rir, também não deixa olhos para chorar... Heis de cair.

Machado de Assis, **Memórias póstumas de Brás Cubas**.

30. (2014) Um leitor que tivesse as mesmas inclinações que as atribuídas, pelo narrador, ao leitor das **Memórias póstumas de Brás Cubas** teria maior probabilidade de impacientar-se, também, com a leitura da obra

(a) Memórias de um sargento de milícias.

(b) Viagens na minha terra.

(c) O cortiço.

(d) A cidade e as serras.

(e) Capitães da areia.

31. (2014) Nas primeiras versões das **Memórias póstumas de Brás Cubas**, constava, no final do capítulo LXXI, aqui reproduzido, o seguinte trecho, posteriormente suprimido pelo autor:

[... Heis de cair.] *Turvo é o ar que respirais, amadas folhas. O sol que vos alumia, com ser de toda a gente, é um sol opaco e reles, de e*

As duas palavras que aparecem no final desse trecho, no lugar dos espaços pontilhados, podem servir para qualificar, de modo figurado, a mescla de tonalidades estilísticas que caracteriza o capítulo e o próprio livro. Preenchem de modo mais adequado as lacunas as palavras

(a) ocaso e invernia.

(b) Finados e ritual.

(c) senzala e cabaré.

(d) cemitério e carnaval.

(e) eclipse e cerração.

32. (2014) Considere as seguintes comparações entre **Vidas secas**, de Graciliano Ramos, e **Capitães da areia**, de Jorge Amado:

(I) Quanto à relação desses livros com o contexto histórico em que foram produzidos, verifica-se que ambos são tributários da radicalização político-ideológica subsequente, no Brasil, à Revolução de 1930.

(II) Embora os dois livros comportem uma consciência crítica do valor da linguagem no processo de dominação social, em **Vidas secas**, essa consciência relaciona-se ao emprego de um estilo conciso e até ascético, o que já não ocorre na composição de **Capitães da areia**.

(III) Por diferentes que sejam essas obras, uma e outra conduzem a um final em que se anuncia a redenção social das personagens oprimidas, em um futuro mundo reconciliado, de felicidade coletiva.

Está correto o que se afirma em

(a) I, somente.

(b) I e II, somente.

(c) III, somente.

(d) II e III, somente.

(e) I, II e III.

Texto para as questões 33, 34 e 35

Revelação do subúrbio

Quando vou para Minas, gosto de ficar de pé, contra a
[vidraça do carro*,
vendo o subúrbio passar.
O subúrbio todo se condensa para ser visto de-
pressa,
com medo de não repararmos suficientemente
em suas luzes que mal têm tempo de brilhar.
A noite come o subúrbio e logo o devolve,
ele reage, luta, se esforça,
até que vem o campo onde pela manhã repontam
laranjais
e à noite só existe a tristeza do Brasil.

Carlos Drummond de Andrade, **Sentimento do Mundo**, 1940.

(*)carro : vagão ferroviário para passageiros.

33. (2014) Em consonância com uma das linhas temáticas principais de Sentimento do mundo, o vivo interesse que, no poema, o eu lírico manifesta pela paisagem contemplada prende-se, sobretudo, ao fato de o subúrbio ser
- (a) bucólico.
 - (b) popular.
 - (c) interiorano.
 - (d) saudosista.
 - (e) familiar.
34. (2014) No poema de Drummond, a presença dos motivos da velocidade, da mecanização, da eletricidade e da metrópole configura-se como
- (a) uma adesão do poeta ao mito do progresso, que atravessa as letras e as artes desde o surgimento da modernidade.
 - (b) manifestação do entusiasmo do poeta moderno pela industrialização por que, na época, passava o Brasil.
 - (c) marca da influência da estética futurista da Antropofagia na literatura brasileira do período posterior a 1940.
 - (d) uma incorporação, sob nova inflexão política e ideológica, de temas característicos das vanguardas que influenciaram o Modernismo antecedente.
 - (e) uma crítica do poeta pós-modernista às alterações causadas, na percepção humana, pelo avanço indiscriminado da técnica na vida cotidiana.

35. (2014) Segundo o crítico e historiador da literatura Antonio andido de Mello e Souza, justamente na década que presumivelmente corresponde ao período de elaboração do livro a que pertence o poema, o modo de se conceber o Brasil havia sofrido "alteração marcada de perspectivas". A leitura do poema de Drummond permite concluir corretamente que, nele, o Brasil não mais era visto como país
- (a) agrícola (fornecedor de matéria-prima), mas como industrial (produtor de manufaturados).
 - (b) arcaico (retardatário social e economicamente) mas, sim, percebido como moderno (equiparado aos países mais avançados).
 - (c) provinciano (caipira, localista) mas, sim, cosmopolita (aberto aos intercâmbios globais).
 - (d) novo (em potência, por realizar-se), mas como subdesenvolvido (marcado por pobreza e atrofia).
 - (e) rural (sobretudo camponês), mas como suburbano (ainda desprovido de processos de urbanização).

TEXTO PARA As QUESTÕES 36 e 37

Tornando da malograda espera do tigre, alcançou o capanga um casal de velhinhos, que seguiam diante dele o mesmo caminho, e conversavam acerca de seus negócios particulares. Das poucas palavras que apanhara, percebeu Jão Fera que destinavam eles uns cinquenta mil-réis, tudo quanto possuíam, à compra de mantimentos, a fim de fazer um moquirão*, com que pretendiam abrir uma boa roça.

- Mas chegará, homem? perguntou a velha.
- Há de se espichar bem, mulher!
Uma voz os interrompeu:
- Por este preço dou eu conta da roça!
- Ah! É nhô Jão!

Conheciam os velhinhos o capanga, a quem tinham por homem de palavra, e de fazer o que prometia. Aceitaram sem mais hesitação; e foram mostrar o lugar que estava destinado para o roçado. Acompanhou-os Jão Fera; porém, mal seus olhos descobriram entre os utensílios a enxada, a qual ele esquecera um momento no afã de ganhar a soma precisa, que sem mais deu costas ao par de velhinhos e foi-se deixando-os embaçados.

José de Alencar, Til.

* moquirão = mutirão (mobilização coletiva para auxílio mútuo, de caráter gratuito).

36. (2015) As práticas de Jão Fera que permitem ao narrador classificá-lo como "capanga" assemelham-se, sobretudo, às da personagem citadina do

- (a) valentão Chico-Juca, nas Memórias de um sargento de milícias.
- (b) malandro Prudêncio, nas Memórias póstumas de Brás Cubas.
- (c) arrivista Miranda, em O cortiço.
- (d) agregado Zé Fernandes, em A cidade e as serras.
- (e) soldado amarelo, em Vidas secas.
37. (2015) Considerada no contexto histórico-social figurado no romance Til, a brusca reação de João Fera, narrada no final do excerto, explica-se
- (a) pela ambição ou ganância que, no período, caracterizava os homens livres não proprietários.
- (b) por sua condição de membro da Guarda Nacional, que lhe interditava o trabalho na lavoura.
- (c) pela indolência atribuída ao indígena, da qual era herdeiro o "bugre".
- (d) pelo estigma que a escravidão fazia recair sobre o trabalho braçal.
- (e) pela ojeriza ao labor agrícola, inerente a sua condição de homem letrado.
38. (2015) Atente para o excerto, considerando-o no contexto da obra a que pertence. Nele, figura, primeiramente, o bilhete enviado a Brás Cubas por Virgília, na ocasião em que se torna patente que o marido da dama suspeita de suas relações adúlteras. Segue-se ao bilhete um comentário do narrador (cap. CVIII). Feito isso, considere a afirmação que segue:
No excerto, o narrador frisa aspectos cuja presença se costuma reconhecer no próprio romance machadiano da fase madura, entre eles,
- (I) o realce da argúcia, da capacidade de exame acurado das situações e da firmeza de propósito, ainda quando impliquem malignidade;
- (II) a relevância da observação das relações interpessoais e dos funcionamentos mentais correspondentes;
- (III) a operação consciente dos elementos envolvidos no processo de composição literária: narração, personagens, motivação, trama, intertextualidade, recepção etc.

TEXTO PARA AS QUESTÕES 38 e 39

Capítulo CVII
Bilhete

"Não houve nada, mas ele suspeita alguma coisa; está muito sério e não fala; agora saiu. Sorriu uma vez somente, para Nhonhô, depois de o fitar muito tempo, carrancudo. Não me tratou mal nem bem. Não sei o que vai acontecer; Deus queira que isto passe. Muita cautela, por ora, muita cautela."

Capítulo CVIII
Que se não entende

Eis aí o drama, eis aí a ponta da orelha trágica de Shakespeare. Esse retalhinho de papel, garatujado em partes, machucado das mãos, era um documento de análise, que eu não farei neste capítulo, nem no outro, nem talvez em todo o resto do livro. Poderia eu tirar ao leitor o gosto de notar por si mesmo a frieza, a perspicácia e o ânimo dessas poucas linhas traçadas à pressa; e por trás delas a tempestade de outro cérebro, a raiva dissimulada, o desespero que se constrange e medita, porque tem de resolver-se na lama, ou no sangue, ou nas lágrimas?

Machado de Assis, Memórias póstumas de Brás Cubas.

Está correto o que se indica em

- (a) I, somente.
- (b) II, somente.
- (c) I e II, somente.
- (d) II e III, somente.
- (e) I, II e III.
39. (2015) Os seguintes aspectos compositivos considerados pelo narrador do excerto: concentração e economia de meios expressivos, orientação realista e analítica, previsão do papel do leitor na construção do sentido do texto, suprindo o que, neste, é implícito ou lacunar, podem também caracterizar, principalmente, a obra
- (a) Viagens na minha terra, de Almeida Garrett.
- (b) Memórias de um sargento de milícias, de Manuel Antônio de Almeida.
- (c) Til, de José de Alencar.
- (d) Vidas secas, de Graciliano Ramos.
- (e) Capitães da Areia, de Jorge Amado.

TEXTO PARA AS QUESTÕES DE 40 - 43

E Jerônimo via e escutava, sentindo ir-se-lhe toda a alma pelos olhos enamorados.

Naquela mulata estava o grande mistério, a síntese das impressões que ele recebeu chegando aqui: ela era a luz ardente do meio-dia; ela era o calor vermelho das sestras da fazenda; era o aroma quente dos trevos e das baunilhas, que o atordoara nas matas brasileiras; era a palmeira virginal e esquiva que se não torce a nenhuma outra planta; era o veneno e era o açúcar gostoso; era o sapoti mais doce que o mel e era a castanha do caju, que abre feridas com o seu azeite de fogo; ela era a cobra verde e traçoieira, a lagarta viscosa, a muriçoca doida, que esvoaçava havia muito tempo em torno do corpo dele, assanhando-lhe os desejos, acordando-lhe as fibras embambecidas pela saudade da terra, picando-lhe as artérias, para lhe cuspir dentro do sangue uma centelha daquele amor setentrional, uma nota daquela música feita de gemidos de prazer, uma larva daquela nuvem de cantáridas que zumbiam em torno da Rita Baiana e espalhavam-se pelo ar numa fosforescência afrodisíaca.

Aluísio Azevedo, O cortiço.

40. (2015) Em que pese a oposição programática do Naturalismo ao Romantismo, verifica-se no excerto - e na obra a que pertence - a presença de uma linha de continuidade entre o movimento romântico e a corrente naturalista brasileira, a saber, a
- (a) exaltação patriótica da mistura de raças.
 - (b) necessidade de autodefinição nacional.
 - (c) aversão ao cientificismo.
 - (d) recusa dos modelos literários estrangeiros.
 - (e) idealização das relações amorosas.
41. (2015) Entre as características atribuídas, no texto, à natureza brasileira, sintetizada em Rita Baiana, aquela que corresponde, de modo mais completo, ao teor das transformações que o contato com essa mesma natureza provocará em Jerônimo é a que se expressa em:
- (a) "era o calor vermelho das sestras da fazenda".
 - (b) "era a palmeira virginal e esquiva que se não torce a nenhuma outra planta".
 - (c) "era o veneno e era o açúcar gostoso".
 - (d) "era a cobra verde e traçoieira".
 - (e) "[era] a muriçoca doida, que esvoaçava havia muito tempo em torno do corpo dele".
42. (2015) O efeito expressivo do texto - bem como seu pertencimento ao Naturalismo em literatura - baseiam-se amplamente no procedimento de explorar de modo intensivo aspectos biológicos da natureza. Entre esses procedimentos empregados no texto, só NÃO se encontra a
- (a) representação do homem como ser vivo em interação constante com o ambiente.
 - (b) exploração exaustiva dos receptores sensoriais humanos (audição, visão, olfação, gustação), bem como dos receptores mecânicos.
 - (c) figuração variada tanto de plantas quanto de animais, inclusive observados em sua interação.
 - (d) ênfase em processos naturais ligados à reprodução humana e à metamorfose em animais.
 - (e) focalização dos processos de seleção natural como principal força direcionadora do processo evolutivo.
43. (2015) Para entender as impressões de Jerônimo diante da natureza brasileira, é preciso ter como pressuposto que há
- (a) um contraste entre a experiência prévia da personagem e sua vivência da diversidade biológica do país em que agora se encontra.
 - (b) uma continuidade na experiência de vida da personagem, posto que a diversidade biológica aqui e em seu local de origem são muito semelhantes.
 - (c) uma ampliação no universo de conhecimento da personagem, que já tinha vivência de diversidade biológica semelhante, mas a expande aqui.
 - (d) um equívoco na forma como a personagem percebe e vivencia a diversidade biológica local, que não comporta os organismos que ele julga ver.
 - (e) um estreitamento na experiência de vida do personagem, que vem de um local com maior diversidade de ambientes e de organismos.

TEXTO PARA A QUESTÃO 44

O OPERÁRIO NO MAR

Na rua passa um operário. Como vai firme! Não tem blusa. No conto, no drama, no discurso político, a dor do operário está na sua blusa azul, de pano grosso, nas mãos grossas, nos pés enormes, nos desconfortos enormes. Esse é um homem comum, apenas mais escuro que os outros,

e com uma significação estranha no corpo, que carrega desígnios e segredos. Para onde vai ele, pisando assim tão firme? Não sei. A fábrica ficou lá atrás. Adiante é só o campo, com algumas árvores, o grande anúncio de gasolina americana e os fios, os fios, os fios. O operário não lhe sobra tempo de perceber que eles levam e trazem mensagens, que contam da Rússia, do Araguaia, dos Estados Unidos. Não ouve, na Câmara dos Deputados, o líder opositor vociferando. Caminha no campo e apenas repara que ali corre água, que mais adiante faz calor. Para onde vai o operário? Teria vergonha de chamá-lo meu irmão. Ele sabe que não é, nunca foi meu irmão, que não nos entenderemos nunca. E me despreza... Ou talvez seja eu próprio que me despreze a seus olhos. Tenho vergonha e vontade de encará-lo: uma fascinação quase me obriga a pular a janela, a cair em frente dele, sustar-lhe a marcha, pelo menos implorar-lhe que suste a marcha. Agora está caminhando no mar. Eu pensava que isso fosse privilégio de alguns santos e de navios. Mas não há nenhuma santidade no operário, e não vejo rodas nem hélices no seu corpo, aparentemente banal. Sinto que o mar se acovardou e deixou-o passar. Onde estão nossos exércitos que não impediram o milagre? Mas agora vejo que o operário está cansado e que se molhou, não muito, mas se molhou, e peixes escorrem de suas mãos. Vejo-o que se volta e me dirige um sorriso úmido. A palidez e confusão do seu rosto são a própria tarde que se decompõe. Daqui a um minuto será noite e estaremos irremediavelmente separados pelas circunstâncias atmosféricas, eu em terra firme, ele no meio do mar. Único e precário agente de ligação entre nós, seu sorriso cada vez mais frio atravessa as grandes massas líquidas, choca-se contra as formações salinas, as fortalezas da costa, as medusas, atravessa tudo e vem beijar-me o rosto, trazer-me uma esperança de compreensão. Sim, quem sabe se um dia o compreenderei?

Carlos Drummond de Andrade, Sentimento do mundo.

44. (2015) Embora o texto de Drummond e o romance Capitães da Areia, de Jorge Amado, assemelhem-se na sua especial atenção às classes populares, um trecho do texto que NÃO poderia, sem perda de coerência formal e ideológica, ser enunciado pelo narrador do livro de Jorge Amado é, sobretudo, o que está em:

- (a) "Na rua passa um operário. Como vai firme! Não tem blusa."
(b) "Esse é um homem comum, apenas mais escuro que os outros (...)."

- (c) "Não ouve, na Câmara dos Deputados, o líder opositor vociferando."
(d) "Teria vergonha de chamá-lo meu irmão. Ele sabe que não é, nunca foi meu irmão, que não nos entenderemos nunca."
(e) "Mas agora vejo que o operário está cansado e que se molhou, não muito, mas se molhou, e peixes escorrem de suas mãos."

Texto para as questões de 45 a 48.

Omolu espalhara a bexiga na cidade. Era uma vingança contra a cidade dos ricos. Mas os ricos tinham a vacina, que sabia Omolu de vacinas? Era um pobre deus das florestas d'África. Um deus dos negros pobres. Que podia saber de vacinas? Então a bexiga desceu e assolou o povo de Omolu. Tudo que Omolu pôde fazer foi transformar a bexiga de negro em alastrim, bexiga branca e tola. Assim mesmo morreria negro, morreria pobre. Mas Omolu dizia que não fora o alastrim que matara. Fora o lazareto*, Omolu só queria com o alastrim marcar seus filhinhos negros. O lazareto é que os matava. Mas as macumbas pediam que ele levasse a bexiga da cidade, levasse para os ricos latifundiários do sertão. Eles tinham dinheiro, léguas e léguas de terra, mas não sabiam tampouco da vacina. O Omolu diz que vai pro sertão. E os negros, os ogãs, as filhas e pais de santo cantam:

Ele é mesmo nosso pai
e é quem pode nos ajudar...
Omolu promete ir. Mas para que seus filhos negros não o esqueçam avisa no seu cântico de despedida:
Ora, adeus, ó meus filhinhos,
Qu'eu vou e torno a vortá...

E numa noite que os atabaques batiam nas macumbas, numa noite de mistério da Bahia, Omolu pulou na máquina da Leste Brasileira e foi para o sertão de Juazeiro. A bexiga foi com ele.

Jorge Amado, Capitães da Areia

*lazareto: estabelecimento para isolamento sanitário de pessoas atingidas por determinadas doenças.

45. (2016) Considere as seguintes afirmações referentes ao texto de Jorge Amado:
- (I) Do ponto de vista do excerto, considerado no contexto da obra a que pertence, a religião de origem africana comporta um aspecto de resistência cultural e política.
(II) Fica pressuposta no texto a ideia de que, na época em que se passa a história nele narrada,

o Brasil ainda conservava formas de privação de direitos e de exclusão social advindas do período colonial.

- (III) Os contrastes de natureza social, cultural e regional que o texto registra permitem concluir corretamente que o Brasil passou por processos de modernização descompassados e desiguais.

Está correto o que se afirma em

- (a) I, somente.
 - (b) II, somente.
 - (c) I e II, somente.
 - (d) II e III, somente.
 - (e) I, II e III.
46. (2016) Costuma-se reconhecer que *Capitães da Areia* pertence ao assim chamado "romance de 1930", que registra importantes transformações pelas quais passava o Modernismo no Brasil, à medida que esse movimento se expandia e diversificava. No excerto, considerado no contexto do livro de que faz parte, constitui marca desse pertencimento
- (a) o experimentalismo estético, de caráter vanguardista, visível no abundante emprego de neologismos.
 - (b) o tratamento preferencial de realidades bem determinadas, com foco nos problemas sociais nelas envolvidos.
 - (c) a utilização do determinismo geográfico e racial, na interpretação dos fatos narrados.
 - (d) a adoção do primitivismo da "Arte Negra" como modelo formal, à semelhança do que fizera o Cubismo europeu.
 - (e) o uso de recursos próprios dos textos jornalísticos, em especial, a preferência pelo relato imparcial e objetivo.
47. (2016) As informações contidas no texto permitem concluir corretamente que a doença de que se fala caracteriza-se como
- (a) moléstia contagiosa, de caráter epidêmico, causada por vírus.
 - (b) endemia de zonas tropicais, causada por vírus, prevalente no período chuvoso do ano.
 - (c) surto infeccioso de etiologia bacteriana, decorrente de más condições sanitárias.
 - (d) infecção bacteriana que, em regra, apresenta-se simultaneamente sob uma forma branda e uma grave.

- (e) enfermidade endêmica que ocorre anualmente e reflui de modo espontânea.

48. (2016) Apesar das diferenças notáveis que existem entre estas obras, um aspecto comum ao texto de *Capitães da Areia*, considerado no contexto do livro, e *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, é
- (a) a consideração conjunta e integrada de questões culturais e conflitos de classe.
 - (b) a reprodução fiel da variante oral-popular da linguagem, como recurso principal na caracterização das personagens.
 - (c) o engajamento nas correntes literárias nacionalistas, que rejeitavam a opção por temas regionais.
 - (d) o emprego do discurso doutrinário, de caráter panfletário e didatizante, próprio do "realismo socialista".
 - (e) o tratamento enfático e conjugado da mestiçagem racial e da desigualdade social.
49. (2016) Nesse livro, ousadamente, varriam-se de um golpe o sentimentalismo superficial, a fictícia unidade da pessoa humana, as frases piegas, o receio de chocar preconceitos, a concepção do domínio do amor sobre todas as outras paixões; afirmava-se a possibilidade de construir um grande livro sem recorrer à natureza, desdenhava-se a cor local; surgiram afinal homens e mulheres, e não brasileiros (no sentido pitoresco) ou gaúchos, ou nortistas, e, finalmente, mas não menos importante, patenteava-se a influência inglesa em lugar da francesa.

Lúcia Miguel-Pereira, *História da Literatura Brasileira - Prosa de ficção - de 1870 a 1920*.
Adaptado.

O livro a que se refere a autora é

- (a) *Memórias de um sargento de milícias*.
- (b) *Til*.
- (c) *Memórias póstumas de Brás Cubas*.
- (d) *O cortiço*.
- (e) *A cidade e as serras*.

Texto para as questões 50 e 51.

- Pois, Grilo, agora realmente bem podemos dizer que o sr. D. Jacinto está firme.
O Grilo arredou os olhos para a testa, e levantando para o ar os cinco dedos em curva como pétalas de uma tulipa:
- Sua Excelência brotou!
Profundo sempre e digno preto! Sim! Aquele ressequido galho da Cidade, plantado na Serra, pegara, chupara o húmus do torrão herdado, criara

seiva, afundara raízes, engrossara de tronco, atirara ramos, rebentara em flores, forte, sereno, ditoso, benéfico, nobre, dando frutos, derramando sombra. E abrigados pela grande árvore, e por ela nutridos, cem casais* em redor o bendiziam. Eça de Queirós, A cidade e as serras *casal: pequena propriedade rústica; pequeno povoado.

50. (2016) O teor das imagens empregadas no texto para caracterizar a mudança pela qual passara Jacinto indica que a causa principal dessa transformação foi
- (a) o retorno a sua terra natal.
 - (b) a conversão religiosa.
 - (c) o trabalho manual na lavoura.
 - (d) a mudança da cidade para o campo.
 - (e) o banimento das inovações tecnológicas.
51. (2016) Tal como se encontra caracterizado no excerto, o destino alcançado pela personagem Jacinto contrasta de modo mais completo com a maneira pela qual culmina a trajetória de vida da personagem
- (a) Leonardo (filho), de *Memórias de um Sargento de Milícias*.
 - (b) João Fera, de *Til*.
 - (c) Brás Cubas, de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.
 - (d) Jerônimo, de *O Cortiço*.
 - (e) Pedro Bala, de *Capitães da Areia*.

Texto para as questões de 52 a 53.

CONFIDÊNCIAS DO ITABIRANO

Alguns anos vivi em Itabira.
Principalmente nasci em Itabira.
Por isso sou triste, orgulhoso: de ferro.
Noventa por cento de ferro nas calçadas.
Oitenta por cento de ferro nas almas.
E esse alheamento do que na vida é porosidade e comunicação.

A vontade de amar, que me paralisa o trabalho,
vem de Itabira, de suas noites brancas, sem mulhe-
res
e sem horizontes.
E o hábito de sofrer, que tanto me diverte,
é doce herança itabirana.

De Itabira trouxe prendas que ora te ofereço:
este São Benedito do velho santeiro Alfredo Duval;

esta pedra de ferro, futuro aço do Brasil;
este couro de anta, estendido no sofá da sala de
visitas;
este orgulho, esta cabeça baixa...

Tive ouro, tive gado, tive fazendas.
Hoje sou funcionário público.
Itabira é apenas uma fotografia na parede.
Mas como dói!

Carlos Drummond de Andrade, Sentimento do
Mundo

52. (2016) Tendo em vista que o poema de Drummond contém referências a aspectos geográficos e históricos determinados, considere as seguintes afirmações:
- (I) O poeta é "de ferro" na medida em que é nativo de região caracterizada pela existência de importantes jazidas de minério de ferro, intensamente exploradas.
 - (II) O poeta revela conceber sua identidade como tributária não só de uma geografia, mas também de uma história, que é, igualmente, a da linhagem familiar a que pertence.
 - (III) A ausência de mulheres de que fala o poeta refere-se à ampla predominância de população masculina, na zona de mineração intensiva de que ele é originário.
- Está correto o que se afirma em
- (a) I, somente.
 - (b) III, somente.
 - (c) I e II, somente.
 - (d) II e III, somente.
 - (e) I, II e III.

53. (2016) No texto de Drummond, o eu lírico
- (a) considera sua origem itabirana como causadora de deficiências que ele almeja superar.
 - (b) revela-se incapaz de efetivamente comunicar-se, dado o caráter férreo de sua gente.
 - (c) ironiza a si mesmo e satiriza a rusticidade de seu passado semirural mineiro.
 - (d) dirige-se diretamente ao leitor, tornando assim patente o caráter confidencial do poema.
 - (e) critica, em chave modernista, o bucolismo da poesia árcade mineira.
54. (2017) Examine este cartaz, cuja finalidade é divulgar uma exposição de obras de Pablo Picasso.



Nas expressões "Mão erudita" e "Olho selvagem", que compõem o texto do anúncio, os adjetivos "erudita" e "selvagem" sugerem que as obras do referido artista conjugam, respectivamente,

- (a) civilização e barbárie.
- (b) requinte e despojamento.
- (c) modernidade e primitivismo.
- (d) liberdade e autoritarismo.
- (e) tradição e transgressão.

TEXTO PARA AS QUESTÕES DE 55 E 56

Nasceu o dia e expirou.

Já brilha na cabana de Araquém o fogo, companheiro da noite. Correm lentas e silenciosas no azul do céu, as estrelas, filhas da lua, que esperam a volta da mãe ausente. Martim se embala docemente; e como a alva rede que vai e vem, sua vontade oscila de um a outro pensamento. Lá o espera a virgem loura dos castos afetos; aqui lhe sorri a virgem morena dos ardentes amores.

Iracema recosta-se langue ao punho da rede; seus olhos negros e fúlgidos, ternos olhos de sabiá, buscam o estrangeiro, e lhe entram na alma. O cristão sorri; a virgem palpita; como o saí, fascinado pela serpente, vai declinando o lascivo talhe, que se debruça enfim sobre o peito do guerreiro.

José de Alencar, Iracema.

55. (2017) Atente para as seguintes afirmações, extraídas e adaptadas de um estudo do crítico Augusto Meyer sobre José de Alencar:
- I. "Nesta obra, assim como nos 'poemas americanos' dos nossos poetas, palpita um sentimento sincero de distância poética e exotismo, de coisa notável por estranha para nós, embora a rotulemos como nativa."
 - II. "Mais do que diante de um relato, estamos diante de um poema, cujo conteúdo se concentra a cada passo na magia do ritmo e na graça da imagem."

III. "O tema do bom selvagem foi, neste caso, aproveitado para um romance histórico, que reproduz o enredo típico das narrativas de capa e espada, oriundas da novela de cavalaria."

É compatível com o trecho de Iracema aqui reproduzido, considerado no contexto dessa obra, o que se afirma em

- (a) I, apenas.
 - (b) III, apenas.
 - (c) I e II, apenas.
 - (d) II e III, apenas.
 - (e) I, II e III.
56. (2017) No texto, corresponde a uma das convenções com que o Indianismo construía suas representações do indígena
- (a) o emprego de sugestões de cunho mitológico compatíveis com o contexto.
 - (b) a caracterização da mulher como um ser dócil e desprovido de vontade própria.
 - (c) a ênfase na efemeridade da vida humana sob os trópicos.
 - (d) o uso de vocabulário primitivo e singelo, de extração oral-popular.
 - (e) a supressão de interdições morais relativas às práticas eróticas.

TEXTO PARA AS QUESTÕES 57 E 58 CAPÍTULO LIII

.

Virgília é que já se não lembrava da meia dobra; toda ela estava concentrada em mim, nos meus olhos, na minha vida, no meu pensamento; - era o que dizia, e era verdade.

Há umas plantas que nascem e crescem depressa; outras são tardias e pecas. O nosso amor era daquelas; brotou com tal ímpeto e tanta seiva, que, dentro em pouco, era a mais vasta, folhuda e exuberante criatura dos bosques.

Não lhes poderei dizer, ao certo, os dias que durou esse crescimento. Lembra-me, sim, que, em certa noite, abotoou-se a flor, ou o beijo, se assim lhe quiserem chamar, um beijo que ela me deu, trêmula, - coitadinha, - trêmula de medo, porque era ao portão da chácara. Uniu-nos esse beijo único, - breve como a ocasião, ardente como o amor, prólogo de uma vida de delícias, de terrores, de remorsos, de prazeres que rematavam em dor, de aflições que desabrochavam em alegria, -

uma hipocrisia paciente e sistemática, único freio de uma paixão sem freio, - vida de agitações, de cóleras, de desesperos e de ciúmes, que uma hora pagava à farta e de sobra; mas outra hora vinha e engolia aquela, como tudo mais, para deixar à tona as agitações e o resto, e o resto do resto, que é o fastio e a saciedade: tal foi o livro daquele prólogo.

Machado de Assis, Memórias póstumas de Brás Cubas.

57. (2017) Considerado no contexto de Memórias póstumas de Brás Cubas, o "livro" dos amores de Brás Cubas e Virgília, apresentado no breve capítulo aqui reproduzido, configura uma

- (a) demonstração da tese naturalista que postula o fundamento biológico das relações amorosas.
- (b) versão mais intensa e prolongada da típica sequência de animação e enfado, característica da trajetória de Brás Cubas.
- (c) incorporação, ao romance realista, dos triângulos amorosos, cuja criação se dera durante o período romântico.
- (d) manifestação da liberdade que a condição de defunto-autor dava a Brás Cubas, permitindo-lhe tratar de assuntos proibidos em sua época.
- (e) crítica à devassidão que grassava entre as famílias da elite do Império, em particular, na Corte.

58. (2017) No último período do texto, o ritmo que o narrador imprime ao relato de seus amores corresponde sobretudo ao que se encontra expresso em

- (a) "prólogo de uma vida de delícias" (L. 13-14).
- (b) "prazeres que rematavam em dor" (L. 14-15).
- (c) "hipocrisia paciente e sistemática" (L. 16).
- (d) "paixão sem freio" (L. 17).
- (e) "o livro daquele prólogo" (L. 21-22).

59. (2017) Se pudesse mudar-se, gritaria bem alto que o roubavam. Aparentemente resignado, sentia um ódio imenso a qualquer coisa que era ao mesmo tempo a campina seca, o patrão, os soldados e os agentes da prefeitura. Tudo na verdade era contra ele. Estava acostumado, tinha a casca muito grossa, mas às vezes se arreliaava. Não havia paciência que suportasse tanta coisa.

- Um dia um homem faz besteira e se desgraça.

Graciliano Ramos, Vidas secas.

Tendo em vista as causas que a provocam, a revolta que vem à consciência de Fabiano, apresentada no texto como ainda contida e genérica, encontrará foco e uma expressão coletiva militante e organizada, em época posterior à publicação de Vidas secas, no movimento

- (a) carismático de Juazeiro do Norte, orientado pelo Padre Cícero Romão Batista.
- (b) das Ligas Camponesas, sob a liderança de Francisco Julião.
- (c) do Cangaço, quando chefiado por Virgulino Ferreira da Silva (Lampião).
- (d) messiânico de Canudos, conduzido por Antônio Conselheiro.
- (e) da Coluna Prestes, encabeçado por Luís Carlos Prestes.

Observe a imagem e leia o texto, para responder às questões de 60 a 62.



Amoreira africana.

O Comissário apertou-lhe mais a mão, querendo transmitir-lhe o sopro de vida. Mas a vida de Sem Medo esvaía-se para o solo do Mayombe, misturando-se às folhas em decomposição.

...

Mas o Comissário não ouviu o que o Comandante disse. Os lábios já mal se moviam.

A amoreira gigante à sua frente. O tronco destaca-se do sincretismo da mata, mas se eu percorrer com os olhos o tronco para cima, a folhagem dele mistura-se à folhagem geral e é de novo o sincretismo. Só o tronco se destaca, se individualiza. Tal é o Mayombe, os gigantes só o são em parte, ao nível do tronco, o resto confunde-se na massa. Tal o homem. As impressões visuais são menos nítidas e a mancha verde predominante faz esbater progressivamente a claridade do tronco da amoreira gigante. As manchas verdes são cada vez mais sobrepostas, mas, num sobressalto, o tronco da amoreira ainda se afirma, debatendo-se. Tal é a vida.

...

Os olhos de Sem Medo ficaram abertos, contemplando o tronco já invisível do gigante que para sempre desaparecera no seu elemento verde.

Pepetela, **Mayombe**.

60. (2017) Considerando-se o excerto no contexto de **Mayombe**, os paralelos que nele são estabelecidos entre aspectos da natureza e da vida humana podem ser interpretados como uma

- (a) reflexão relacionada ao próprio Comandante Sem Medo e a seu dilema característico entre a valorização do indivíduo e o engajamento em um projeto eminentemente coletivo.
- (b) caracterização flagrante da dificuldade de acessar ao plano do raciocínio abstrato, típica da atitude pragmática do militante revolucionário.
- (c) figuração da harmonia que reina no mundo natural, em contraste com as dissensões que caracterizam as relações humanas, notadamente nas zonas urbanizadas.
- (d) representação do juízo do Comissário a respeito da manifesta incapacidade que tem o Comandante Sem Medo de ultrapassar o dogmatismo doutrinário.
- (e) crítica esclarecida à mentalidade animista - que tende a personificar os elementos da natureza - e ao tribalismo, ainda muito difundidos entre os guerrilheiros do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA).

61. (2017) Consideradas no âmbito dos valores que são postos em jogo em **Mayombe**, as relações entre a árvore e a floresta, tal como concebidas e expressas no excerto, ensejam a valorização de uma conduta que corresponde à da personagem

- (a) João Romão, de *O cortiço*, observadas as relações que estabelece com a comunidade dos encortiçados.
- (b) Jacinto, de *A cidade e as serras*, tendo em vista suas práticas de beneficência junto aos pobres de Paris.
- (c) Fabiano, de *Vidas secas*, na medida em que ele se integrava na comunidade dos sertanejos, seus iguais e vizinhos.
- (d) Pedro Bala, de *Capitães da Areia*, em especial ao completar sua trajetória de politização.
- (e) Augusto Matraga, do conto "A hora e vez de Augusto Matraga", de Sagarana, na sua fase inicial, quando era o valentão do lugar.

62. (2017) **Mayombe** refere-se a uma região montanhosa em Angola, dominada por floresta pluvial densa, rica em árvores de grande porte, e localizada em área de baixa latitude (4º a 40ºS). Levando em conta essas características geográficas e vegetacionais, é correto afirmar que

- (a) esse tipo de vegetação predomina na maior parte do continente africano, circundando áreas de savana e deserto.
- (b) se trata da única floresta pluvial sobre áreas montanhosas, pois esse tipo de floresta não ocorre em outras áreas do mundo.
- (c) a vegetação da região é semelhante à da floresta encontrada, no Brasil, na mesma faixa latitudinal.
- (d) nessa mesma faixa latitudinal, no Brasil, há regiões áridas, de altas altitudes, em que predominam ervas rasteiras.
- (e) tais florestas pluviais só ocorrem no hemisfério sul, devido ao regime de chuvas e às altas temperaturas nesse hemisfério, onde ocupam todo tipo de relevo.

Considere as imagens e o texto, para responder às questões 63 e 64.



Fachada da igreja de São Francisco de Assis, em Ouro Preto.



Perspectiva da nave da mesma igreja.

II / São Francisco de Assis*

Senhor, não mereço isto.
Não creio em vós para vos amar.
Trouxestes-me a São Francisco
e me fazeis vosso escravo.

Não entrarei, senhor, no templo,
seu frontispício me basta.
Vossas flores e querubins
são matéria de muito amar.

Dai-me, senhor, a só beleza
destes ornatos. E não a alma.
Presente-se dor de homem,
paralela à das cinco chagas.

Mas entro e, senhor, me perco
na rósea nave triunfal.
Por que tanto baixar o céu?
por que esta nova cilada?

Senhor, os púlpitos mudos
entretanto me sorriem.
Mais que vossa igreja, esta
sabe a voz de me embalar.

Perdão, senhor, por não amar-vos.

Carlos Drummond de Andrade

*O texto faz parte do conjunto de poemas
"Estampas de Vila Rica", que integra a edição
crítica de **Claro enigma**. São Paulo: Cosac
Naify, 2012.

63. (2017) Analise as seguintes afirmações relativas à arquitetura das igrejas sob a estética do Barroco:

- I. Unem-se, no edifício, diferentes artes, para assaltar de uma vez os sentidos, de modo que o público não possa escapar.

- II. O arquiteto procurava surpreender o observador, suscitando nele uma reação forte de maravilhamento.
III. A arquitetura e a ornamentação dos templos deviam encenar, entre outras coisas, a preeminência da Igreja.

A experiência que se expressa no poema de Drummond registra, em boa medida, as reações do eu lírico ao que se encontra registrado em

- (a) I, apenas.
(b) II, apenas.
(c) II e III, apenas.
(d) I e III, apenas.
(e) I, II e III.

64. (2017) Um aspecto do poema em que se manifesta a persistência de um valor afirmado também no Modernismo da década de 1920 é o

- (a) destaque dado às características regionais.
(b) uso da variante oral-popular da linguagem.
(c) elogio do sincretismo religioso.
(d) interesse pelo passado da arte no Brasil.
(e) delineamento do poema em feitiço de oração.

TEXTOS PARA A QUESTÃO 65

Este último capítulo é todo de negativas. Não alcancei a celebridade do emplasto, não fui ministro, não fui califa, não conheci o casamento. Verdade é que, ao lado dessas faltas, coube-me a boa fortuna de não comprar o pão com o suor do meu rosto. Mais; não padei a morte de dona Plácida, nem a semidemência do Quincas Borba. Somadas umas coisas e outras, qualquer pessoa imaginará que não houve mingua nem sobra, e, conseqüentemente, que saí quite com a vida. E imaginará mal; porque ao chegar a este outro lado do mistério, achei-me com um pequeno saldo, que é a derradeira negativa deste capítulo de negativas: - Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria.

Machado de Assis, **Memórias póstumas de Brás Cubas**.

Não sei por que até hoje todo o mundo diz que tinha pena dos escravos. Eu não penso assim. Acho que se fosse obrigada a trabalhar o dia inteiro não seria infeliz. Ser obrigada a ficar à toa é que seria castigo para mim. Mamãe às vezes diz que ela até deseja que eu fique preguiçosa; a minha esperteza é que a amofina. Eu então respondo: "Se eu fosse preguiçosa não sei o que seria da senhora, meu pai e meus irmãos, sem uma empregada em casa".

Helena Morley, **Minha vida de menina**.

65. (2018) São características dos narradores Brás Cubas e Helena, respectivamente,
- (a) malícia e ingenuidade.
 - (b) solidariedade e egoísmo.
 - (c) apatia e determinação.
 - (d) rebeldia e conformismo.
 - (e) otimismo e pessimismo.

TEXTO PARA AS QUESTÕES 66 E 67

Voltada para o encanto da vida livre do pequeno núcleo aberto para o campo, a jovem Helena, familiar a todas as classes sociais daquele âmbito, estava colocada num invejável ponto de observação. (...) Sem querer forçar um conflito que, a bem dizer, apenas se esboça, podemos atribuir parte desta grande versatilidade psicológica da protagonista aos ecos de uma formação britânica, protestante, liberal, ressoando num ambiente de corte ibérico e católico, mal saído do regime de trabalho escravo. Colorindo a apaixonada esfera de independência da juventude, reveste-se de acentuado sabor sociológico este caso da menina ruiva que, embora inteiramente identificada com o meio de gente morena que é o seu, o único que conhece e ama, não vacila em o criticar com precisão e finura notáveis, se essa lucidez não traduzisse a coexistência íntima de dois mundos culturais divergentes, que se contemplam e se julgam no interior de um eu tornado harmonioso pelo equilíbrio mesmo de suas contradições.

Alexandre Eulálio, "Livro que nasceu clássico".
In: Helena Morley, **Minha vida de menina**.

66. (2018) O trecho do romance *Minha vida de menina* que ilustra de modo mais preciso o que, para o crítico Alexandre Eulálio, representa "a coexistência íntima de dois mundos culturais divergentes" é:
- (a) "Se há uma coisa que me faz muita tristeza é gostar muito de uma pessoa, pensando que ela é boa e depois ver que é ruim".
 - (b) "Eu tinha muita inveja de ver meus irmãos montarem no cavalo em pelo, mas agora estou curada e não montarei nunca mais na minha vida".
 - (c) "Já refleti muito desde ontem e vi que o único meio de ter vestido é vendendo o broche. Vou dormir ainda esta noite com isto na cabeça e vou conversar com Nossa Senhora tudo direitinho".

- (d) "Se eu não ouvir missa no domingo, como quando estou na Boa Vista onde não há igreja e não posso ouvir no Bom Sucesso, fico o dia todo com um prego na consciência me aferroando".
- (e) "Este ano saiu à rua a procissão de Cinzas que há muitos anos não havia. Dizem que não saía há muito tempo por falta de santos, porque muitos já estavam quebrados".

67. (2018) De acordo com Alexandre Eulálio, a protagonista do romance *Minha vida de menina*
- (a) vivencia um conflito - uma ideia fortalecida por "a bem dizer" (L. 5).
 - (b) apresenta certo vínculo com o protestantismo - uma ideia sintetizada por "ecos de uma formação britânica" (L. 7-8).
 - (c) formou-se num meio alheio ao trabalho escravo? um fato referido por "num ambiente de corte ibérico e católico" (L. 8-9).
 - (d) rejeita as influências do meio em que vive - uma característica revelada por "precisão e finura notáveis" (L. 14).
 - (e) tem a sua lucidez psicológica abalada pelas ambivalências de sua educação - um traço reiterado por "equilíbrio mesmo de suas contradições" (L. 17-18).

TEXTO PARA A QUESTÃO 68

O rumor crescia, condensando-se; o zunzum de todos os dias acentuava-se; já se não destacavam vozes dispersas, mas um só ruído compacto que enchia todo o cortiço. Começavam a fazer compras na venda; ensarilhavam-se* discussões e rezingas**; ouviam-se gargalhadas e pragas; já se não falava, gritava-se. Sentia-se naquela fermentação sanguínea, naquela gula viçosa de plantas rasteiras que mergulham os pés vigorosos na lama preta e nutriente da vida, o prazer animal de existir, a triunfante satisfação de respirar sobre a terra. Da porta da venda que dava para o cortiço iam e vinham como formigas; fazendo compras. Duas janelas do Miranda abriram-se. Apareceu numa a Isaura, que se dispunha a começar a limpeza da casa.
- Nhá Dunga! gritou ela para baixo, a sacudir um pano de mesa; se você tem cuscuz de milho hoje, bata na porta, ouviu?

Aluísio Azevedo, **O cortiço**.

* ensarilhar-se: emaranhar-se.

** rezinga: resmungo.

68. (2018) Uma característica do Naturalismo presente no texto é:
- (a) forte apelo aos sentidos.
 - (b) idealização do espaço.
 - (c) exaltação da natureza.
 - (d) realce de aspectos raciais.
 - (e) ênfase nas individualidades.

TEXTOS PARA AS QUESTÕES 69 E 70

(...) procurei adivinhar o que se passa na alma duma cachorra. Será que há mesmo alma em cachorro? Não me importo. O meu bicho morre desejando acordar num mundo cheio de preás. Exatamente o que todos nós desejamos. A diferença é que eu quero que eles apareçam antes do sono, e padre Zé Leite pretende que eles nos venham em sonhos, mas no fundo todos somos como a minha cachorra Baleia e esperamos preás. (...)

Carta de Graciliano Ramos a sua esposa.

(...) Uma angústia apertou-lhe o pequeno coração. Precisava vigiar as cabras: àquela hora cheiros de suçarana deviam andar pelas ribanceiras, rondar as moitas afastadas. Felizmente os meninos dormiam na esteira, por baixo do caritó onde sinha Vitória guardava o cachimbo.

(...)

Baleia queria dormir. Acordaria feliz, num mundo cheio de preás. E lamberia as mãos de Fabiano, um Fabiano enorme. As crianças se espojariam com ela, roliariam com ela num pátio enorme, num chiqueiro enorme. O mundo ficaria todo cheio de preás, gordos, enormes.

Graciliano Ramos, **Vidas secas**.

69. (2018) As declarações de Graciliano Ramos na Carta e o excerto do romance permitem afirmar que a personagem Baleia, em *Vidas secas*, representa
- (a) o conformismo dos sertanejos.
 - (b) os anseios comunitários de justiça social.
 - (c) os desejos incompatíveis com os de Fabiano.
 - (d) a crença em uma vida sobrenatural.
 - (e) o desdém por um mundo melhor.

70. (2018) A comparação entre os fragmentos, respectivamente, da Carta e de *Vidas secas*, permite afirmar que
- (a) "será que há mesmo" e "acordaria feliz" sugerem dúvida.
 - (b) "procurei adivinhar" e "precisava vigiar" significam necessidade.
 - (c) "no fundo todos somos" e "andar pelas ribanceiras" indicam lugar.
 - (d) "padre Zé Leite pretende" e "Baleia queria dormir" indicam intencionalidade.
 - (e) "todos nós desejamos" e "dormiam na esteira" indicam possibilidade.

TEXTO PARA A QUESTÃO DE 71

Sarapalha

- Ô calorão, Primo!... E que dor de cabeça exco-mungada!

- É um instantinho e passa... É só ter paciência...

- É... passa... passa... passa... Passam umas mulheres vestidas de cor de água, sem olhos na cara, para não terem de olhar a gente... Só ela é que não passa, Primo Argemiro!... E eu já estou cansado de procurar, no meio das outras... Não vem!... Foi, rio abaixo, com o outro... Foram p?r?os infernos!... - Não foi, Primo Ribeiro. Não foram pelo rio... Foi trem-de-ferro que levou...

- Não foi no rio, eu sei... No rio ninguém não anda... Só a maleita é quem sobe e desce, olhando seus mosquitinhos e pondo neles a benção... Mas, na estória... Como é mesmo a estória, Primo? Como é?...

- O senhor bem que sabe, Primo... Tem paciência, que não é bom variar...

- Mas, a estória, Primo!... Como é?... Conta outra vez...

- O senhor já sabe as palavras todas de cabeça... "Foi o moço-bonito que apareceu, vestido com roupa de dia-de-domingo e com a viola enfeitada de fitas... E chamou a moça p'ra ir se fugir com ele"...

- Espera, Primo, elas estão passando... Vão umas atrás das outras... Cada qual mais bonita... Mas eu não quero, nenhuma!... Quero só ela... Luísa... - Prima Luísa...

- Espera um pouco, deixa ver se eu vejo... Me ajuda, Primo! Me ajuda a ver...

- Não é nada, Primo Ribeiro... Deixa disso!

- Não é mesmo não...

- Pois então?!

- Conta o resto da estória!...

- ...”Então, a moça, que não sabia que o moço-bonito era o capeta, ajuntou suas roupinhas melhores numa trouxa, e foi com ele na canoa, descendo o rio...”

Guimarães Rosa, **Sagarana**.

71. (2018) A novela *Sarapalha* apresenta uma estória dentro de outra, por meio da qual a personagem masculina da narrativa principal (Primo Argemiro) alude a uma mulher da narrativa secundária (a moça levada pelo capeta). O mesmo procedimento ocorre em

- (a) *Duelo*, com Cassiano e Silivana.
- (b) *Minha gente*, com Ramiro e a filha de Emílio.
- (c) *A volta do marido pródigo*, com Lalino e Maria Rita.
- (d) *O burrinho pedrês*, com Raymundão e a namorada de Silvino.
- (e) *A hora e vez de Augusto Matraga*, com Ovídio e Dionóra.

TEXTO PARA A QUESTÃO 72

Os bens e o sangue

VIII

(...)

Ó filho pobre, e descorçoado*, e finito
ó inapto para as cavalladas e os trabalhos brutais
com a faca, o formão, o couro... Ó tal como
quiséramos
para tristeza nossa e consumação das eras,
para o fim de tudo que foi grande!

Ó desejado,

ó poeta de uma poesia que se furta e se expande
à maneira de um lago de pez** e resíduos letais...
És nosso fim natural e somos teu adubo,
tua explicação e tua mais singela virtude...
Pois carecia que um de nós nos recusasse
para melhor servir-nos. Face a face
te contemplamos, e é teu esse primeiro
e úmido beijo em nossa boca de barro e de sarro.

Carlos Drummond de Andrade, **Claro enigma**.

* "descorçoado": assim como "desacorçoado", é uma variante de uso popular da palavra "desacorçoado", que significa "desanimado".

** "pez": piche.

72. (2018) Considere as seguintes afirmações:

- I. Os familiares, que falam no poema, ironizam a condição frágil do poeta.
- II. O passado é uma maldição da qual o poeta, como revela o título do poema, não consegue se desvencilhar.
- III. O trecho "o fim de tudo que foi grande" remete à ruína das oligarquias, das quais Drummond é tributário.
- IV. A imagem de uma "poesia que se furta e se expande/à maneira de um lago de pez e resíduos letais..." sintetiza o pessimismo dos poemas de Claro enigma.

Estão corretas:

- (a) I e II, apenas.
- (b) I, II e III, apenas.
- (c) II e IV, apenas.
- (d) I, III e IV, apenas.
- (e) I, II, III e IV.



6.1 Gabarito - Literatura - 2010 a 2018

(1) D	(13) E	(25) A	(37) D	(49) C	(61) D
(2) D	(14) A	(26) B	(38) E	(50) D	(62) C
(3) E	(15) D	(27) D	(39) D	(51) C	(63) E
(4) A	(16) C	(28) E	(40) B	(52) C	(64) D
(5) C	(17) D	(29) B	(41) C	(53) D	(65) C
(6) D	(18) A	(30) B	(42) E	(54) E	(66) C
(7) A	(19) B	(31) D	(43) A	(55) C	(67) B
(8) A	(20) C	(32) B	(44) D	(56) A	(68) A
(9) E	(21) B	(33) B	(45) E	(57) B	(69) B
(10) B	(22) A	(34) D	(46) B	(58) D	(70) D
(11) B	(23) C	(35) D	(47) A	(59) B	(71) D
(12) E	(24) D	(36) A	(48) A	(60) A	(72) E